00046066

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 25 June, 2016

DA ASIA
DE
JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NO DESCUBRIMENTO, E CONQUISTA DOS MARES, E TERRAS DO ORIENTE.

DECADA SEGUNDA.

PARTE SEGUNDA.

Vol II
46066
Pte II
HH 6-

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

P08 915
Ba8 | 1151
46066

00046066

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÊM NESTA PARTE II.
DA DECADA II.

LIVRO VI.

CAP. I. *Em que se descreve o sitio do Reyno de Malaca: e o fundamento da primeira povoação da Cidade, do trato, e cousas della.* Pag. 1.
CAP. II. *Do que Affonso d'Alboquerque passou no caminho que fez de Cochij té a Ilha Çamatra, onde foi visitado dos Reys de Pedir, e Pacem: e do que mais fez té chegar a Malaca.* 27.
CAP. III. *Como Affonso d'Alboquerque foi visitado d'ElRey de Malaca: e das differenças que per recados entre elles houve sobre a entrega de Ruy d'Araujo, e dos outros cativos, té que vieram em rompimento de guerra.* 40.
CAP. IV. *Como Affonso d'Alboquerque sahio em terra, e á força de armas tomou a ponte com victoria que houve d'ElRey de Malaca: e depois se tornou recolher ás náos, e as causas porque.* 55.
CAP. V. *Como Affonso d'Alboquerque por alguns impedimentos que teve, em quanto a gente sarava do damno que recebeo*

na batalha, esteve recolheito em as náos, té que segunda vez tornou commetter a Cidade, e totalmente a tomou. 66.

CAP. VI. *Como depois que Affonso d'Alboquerque despejou a Cidade Malaca, sabendo que o Principe Alodim se fazia forte no lugar da Cidade Beitam, mandou sobre elle, e o fez ir dalli: e do mais que fez pera segurança, e governo da Cidade.* 80.

CAP. VII. *Como Utimutirája por algumas cousas que commetteo, foi julgado á morte com seus filhos: e dos movimentos de guerra que os seus por isso fizeram té Affonso d'Alboquerque se partir pera a India: é de algumas embaixadas que lhe vieram, e mandou a diversas partes ante que se partisse, e assi huma Armada a descubrir Maluco, e Banda.* 92.

CAP. VIII. *Como os Mouros das terras firmes de Goa, partido Affonso d'Alboquerque pera Malaca, lhe vieram fazer guerra, té hum Capitão do Hidalcão entrar na Ilha, em que o Capitão Rodrigo Rabello, e Manuel da Cunha foram mortos.* 110.

CAP. IX. *Como o Hidalcão mandou outro Capitão sobre Goa, e o modo que teve pera com nossa ajuda lançar Pulate Cān da fortaleza que começou fazer: e o*

mais que aconteceo no tempo que a Cidade esteve cercada, té se nella lançar João Machado hum Portuguez que andava entre os Mouros. 126.

CAP. X. *Como depois da vinda de João Machado á Cidade Goa, e principalmente com a chegada de Manoel de la Cerda, Diogo Fernandes, João Serrão que lá andavam, e depois com a chegada de Christovão de Brito, que deste Reyno partio com D. Aires da Gama, que eram da Armada de D. Garcia de Noronha, ella ficou livre dos grandes trabalhos que teve.* 141.

LIVRO VII.

CAP. I. *Como Affonso d'Alboquerque partido da Cidade Malaca, se veio perder em os baixos de Aru na costa de Çamatra: e salva sua pessoa, e gente, tornou a seu caminho, no qual tomou duas nãos té chegar a Cochij.* Pag. 152.

CAP. II. *Da viagem, que D. Garcia de Noronha fez com as nãos com que partio deste Reyno o anno de quinhentos e onze: e do que tambem passáram Jorge de Mello Pereira, e Garcia de Sousa o anno de doze com outra Armada de doze nãos, de que elles foram por Capi-*

tães móres : e o que todos fizeram em Moçambique, onde se ajuntáram. 161.

CAP. III. *Como Jorge de Mello, e Garcia de Sousa com D. Garcia partíram todos em conserva pera a India, onde chegáram, e o que fizeram té se ver com Affonso d'Alboquerque: e de algumas cousas que elle proveo ante de partir de Cochij pera Goa.* 170.

CAP. IV. *Como chegado Affonso d'Alboquerque á Cidade Goa, onde foi recebido com grande solemnidade, os Mouros do castello de Benestarij lhe corrêram, e elle os foi encerrar no mesmo: e por causa de querer commetter a entrada della, morrêram tres Capitães, e outra gente da nossa.* 180.

CAP. V. *Como Affonso d'Alboquerque, provídas algumas cousas a esta ida necessarias, assi pera mar, como pera terra, partio de Goa a pôr cerco ao castello, que os Mouros tinham feito no Passo de Benestarij.* 191.

CAP. VI. *De algumas cousas, que Affonso d'Alboquerque passou com Roztomocan, e assi da paz que assentou com o Çamorij de Calecut, e da vinda do Embaixador do Preste João, e do outro d'ElRey de Ormuz a este Reyno na Armada que aquelle anno partio da India.* 210.

CAP.

CAP. VII. *Do que Affonſo d'Alboquerque fez depois da tomada do Caſtello Beneſtarij : e como, aſſentadas as couſas de Goa, partio pera o eſtreito do mar Roxo com huma Armada de vinte vélas: e o que paſſou té chegar á Cidade Adem, e ſe determinar de a tomar per força de armas.* 220.

CAP. VIII. *Em que ſe deſcreve o ſitio, e poſtura da Cidade Adem, e as couſas della.* 233.

CAP. IX. *Como Affonſo d'Alboquerque commetteo tomar a Cidade Adem á eſcala viſta: e o que niſſo paſſou, per onde não houve effeito tomalla de todo.* 238.

CAP. X. *Como recolhido Affonſo d'Alboquerque ás náos, por algumas razões que importavam, leixou de ſegunda vez commetter a Cidade, e dahi ſe partio pera as portas do eſtreito, onde chegou.* 252.

LIVRO VIII.

CAP. I. *Em que ſe deſcreve o mar Roxo: e todalas povoações, e portos do maritimo delle.* Pag. 256.

CAP. II. *Como Affonſo d'Alboquerque entrou dentro no eſtreito, e o que paſſou té invernar na Ilha Camaram.* 278.

CAP. III. *Do que Affonſo d'Alboquerque paſ-*

passou em quanto invernou na Ilha Camaram: e depois que se partio della té chegar á Cidade Adem. 286.

CAP. IV. *Como chegado Affonso d'Alboquerque á Cidade Adem, esteve alguns dias sobre ella fazendo-lhe o damno que pode: e do mais que alli fez té se partir.* 294.

CAP. V. *Como Affonso d'Alboquerque partio de Adem, e chegou ao porto da Cidade Dio, onde se vio com Melique Az senhor delle: e dahi se partio pera Chaul, onde chegou, e achou Tristão de Gá, que elle tinha mandado a ElRey de Cambaya.* 301.

CAP. VI. *Como Affonso d'Alboquerque houve certas náos de Mouros, que com hum temporal carregadas de especiaria arribáram á costa da India, indo pera o estreito do mar Roxo: e partindo de Chaul, chegou a Goa, onde achou novas serem vindas náos deste Reyno, de que era Capitão mór João de Sousa de Lima, e o mais que fez té o despachar com carga de especiaria.* 310.

LIVRO IX.

CAP. I. *Como o Jao Pate Quetir, que vivia na povoação Upi, depois que Affonso d'Alboquerque partio da Cidade Malaca, continuando a guerra, mandou tomar certa artilheria, onde matáram Affonso Pessoa, que estava em guarda da tranqueira, donde se causou ir Fernão Peres d'Andrade sobre elle, e lhe queimou a povoação.* Pag. 321.

CAP. II. *Como Fernão Peres d'Andrade Capitão mór do mar foi commetter a fortaleza de Pate Quetir, e depois de ter vitoria delle, ao embarcar lhe matáram gente nobre: e do que passou com Lacsamana Capitão mór do mar d'El-Rey Mahamud.* 330.

CAP. III. *De algumas cousas que Fernão Peres fez, e passou: e da grande fome que houve em toda a terra: e como com o soccorro que Affonso d'Alboquerque mandou da India, Fernão Peres destruio Pate Quetir, o qual fugio pera a Jauba.* 342.

CAP. IV. *Em que se descreve a Ilha Jauba: e como hum Principe della chamado Pate Unuz fez huma mui grossa Armada pera vir sobre Malaca: e o que os nossos sobre isso fizeram.* 351.

CAP.

CAP. V. *Como Pate Unuz não ousando commetter a nossa Armada, nem menos sahir em terra, por conselho que teve, se partio: e Fernão Peres foi trás elle, e o desbaratou.* 359.

CAP. VI. *Como a fortaleza de Malaca per astucia de hum criado d'ElRey Mahamud esteve em termo de ser tomada: e do que se mais passou té chegada de Jorge d'Alboquerque, que foi servir de Capitão della.* 374.

CAP. VII. *Como Jorge d'Alboquerque Capitão de Malaca mandou per Abedelá Rey de Campar pera servir officio de Bendára: e quanto ElRey de Bintam trabalhou polo elle não ser, té que foi causa de sua morte.* 385.

LIVRO X.

CAP. I. *Como Affonso d'Alboquerque por algumas cousas o anno de quatorze esteve provendo as fortalezas, no qual tempo mandou Pero d'Alboquerque de Armada a Ormuz, e a Diogo Fernandes de Béja a ElRey de Cambaya, e a João Gonçalves de Castello-branco ao Hidalcão: e da Armada que deste Reyno partio, Capitão mór Christovão de Brito, que chegou a Goa em Setembro.* Pag. 396.

CAP.

CAP. II. *Como o anno de quatorze partíram deste Reyno cinco náos, Capitão mór Christovão de Brito, das quaes despachadas algumas, a que Affonso d'Alboquerque mandou dar carga, elle se partio com huma grossa Armada pera Ormuz, aonde chegou.* 406.

CAP. III. *De algumas cousas que entre ElRey de Ormuz, e Affonso d'Alboquerque passáram, té elle ser entregue da fortaleza, que tinha começado da primeira vez que alli veio.* 415.

CAP. IV. *Como Affonso d'Alboquerque recebeo hum Embaixador do Xeque Ismael com hum presente que lhe trazia, e o despacho que houve de sua Embaixada.* 423.

CAP. V. *Em que se diz que homem era Raez Hamed, que tinha sujeito a ElRey de Ormuz: e como Affonso d'Alboquerque se vio com ElRey, nas quaes vistas foi morto Raez Hamed tyranno, e Ormuz despejado de todolos seus parentes, e ElRey posto em sua liberdade.* 429.

CAP. VI. *Em que se escreve o fundamento da secta de Hamed, e a differença que tem os Mouros da Persia com os de Arabia ácerca della: e donde nasceo o principio das cousas do Xeque Ismael.* 448.

CAP. VII. *De algumas cousas que Affonso d'Alboquerque fez em Ormuz: e do rendimento, e estado que tem este Reyno: e a despeza que ElRey faz em sua pessoa, e casa.* 474.

CAP. VIII. *Como Affonso d'Alboquerque despachou D. Garcia de Noronha pera se vir pera este Reyno com a carga da especiaria: e depois de sua partida de Ormuz adoeceo Affonso d'Alboquerque de enfermidade, que conveio partir-se pera a India: e do que passou no caminho té o porto de Goa, onde faleceo.* 484.

DECADA SEGUNDA.

LIVRO VI.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: no qual se contém a tomada do Reyno de Malaca, e o mais que Affonso d'Alboquerque fez nos annos de onze, e doze.

CAPITULO I.

Em que se descreve o sitio do Reyno de Malaca: e o fundamento da primeira povoação da Cidade, e do trato, e cousas della.

EM a descripção geral que fizemos de toda a costa da India, e suas Comarcas, relatando todolos portos, e principaes povoações do maritimo della, se vio como esta Cidade Malaca, que Affonso d'Al-

d'Alboquerque hia conquiſtar, eſtava ſituada naquella parte da terra, a que os Geografos chamam Aurea Cherſonezo. E porque em as taboas da noſſa Geografia a olho ſe póde ver a ſituação deſta Cidade Malaca, aqui ſómente pera entendimento da hiſtoria trataremos da fundação, commercio, e couſas della, té o eſtado em que Affonſo d'Alboquerque chegou a ſeu porto, o mais breve que em nós for. Porém primeiro que entremos na relação deſtas couſas, porque como eſta hiſtoria vai em linguagem, e alguns, que a lerem, per ventura não entenderão eſte termo Cherſonezo uſado entre os Geografos: devem ſaber que he palavra Grega, e propriamente ſe toma per huma pequena particula de terra pegada per tão delgada couſa, como he o pé da folha da figueira pegada no ramo della; a qual figura tem a terra Peloponezo, a que ora chamamos Morea, que antigamente era a flor da Grecia, poſto que Plinio a quer comparar á folha do platano por a muita ſemelhança que tem com ella. Eſte nome Cherſonezo, peró que ſeja nome commum de todalas terras que tem eſta figura, pera propria denotação da terra, de que os Geografos querem fallar, ſempre lhe dam hum epitheto, aſſi como a eſta de que fallamos Aurea, e a que faz o rio Tanais, que divide

a Eu-

a Europa da Asia, a que elles chamam Taurica Chersonezo. Esta nossa de Malaca parece que houve este epitheto de Aurea por razão do muito ouro que se traz de Monancabo, e Barros, que são duas Comarcas onde se elle tira na Ilha Çamatra, que he a propria a que os antigos chamam Chersonezo, cuidando ser contínua a outra terra firme, em que ora está situada Malaca. O tempo certo em que se fundou esta Cidade, ácerca dos seus moradores não ha escritura que viesse á nossa noticia: sómente he fama commum entre elles que, ao tempo que nós entrámos na India, haveria pouco mais de duzentos e cincoenta annos que era povoada, e que a causa de sua fundação foi esta. Antigamente a mais célebre povoação que havia naquella terra de Malaca era huma chamada Cingapura, que em sua lingua quer dizer falsa demora, a qual estava situada em huma ponta daquella terra, que he a mais austral da Asia situada em altura de meio grão da parte do Norte, segundo nossa graduação. E se nesta parte havemos de dar credito á taboa de Ptholomeu, deve ser aquella terra a que elle chama o grande promontorio, onde situa a Cidade Zába, em que faz tanta computação de duas distancias, como cousa mui célebre; porque ante da fundação da Cida-

de Malaca nesta Cingapura, (que pelo sitio sería aquella Zába de Ptholomeu,) concorriam todolos navegantes dos mares Occidentaes da India, e dos Orientaes a ella, que são as regiões de Sião, China, Choampá, Cambója, e de tantas mil Ilhas, como jazem naquelle Oriente. As quaes duas partes os naturaes da terra chamam Dybananguim, e Ataz, Anguim que quer dizer abaixo dos ventos, e acima dos ventos, abaixo Ponente, e acima Levante. Porque como os principaes, com que se navegam aquellas partes, procedem de dous grandes golfãos, o de Bengala, e o outro que se vai estendendo contra as terras de China, furtando-se em grande altura do Norte, tem razão de chamar a esta parte, acima, e a estoutra, abaixo. E tambem porque quando o Sol lhe nasce, se alevanta; e quando se põe, desce, que parece imitarem o nosso modo, donde dizemos Levante, e Ponente; e quanto ao sitio desta grande Cidade Cingápura, onde todos vinham deferir como a hum geral emporio, e feira, a huns ficava hum mar Levante, e a outros Ponente. E segundo os póvos Malaios dizem, (de quem nós recebemos esta relação,) no tempo que a Cidade Cingápura florecia, era Senhor della hum Rey per nome Sangesinga, e neste mesmo tempo faleceo outro Rey

na

na Ilha Jaoa ſeu vizinho chamado Parárisſá, o qual leixou em tutoria dous filhos de mui pequena idade encommendados a hum ſeu irmão. Eſte tio dos moços, depois que começou governar a Jauha, com cubiça do Reyno matou o maior delles, que foi cauſa de ſe levantarem contra elle os Senhores da terra; e como a Fortuna ſempre favorece nos primeiros principios a maldade, houve elle tantas victorias delles, que muitos com temor começáram de ſe deſterrar, e buſcar novas povoações, entre os quaes foi hum per nome Paramiſóra. O qual vindo fugido deſte tyranno, que o queria matar por elle defender a juſtiça do ſeu Principe, e ſendo recebido com amor, e gazalhado d'ElRey Sangeſinga de Cingápura, que elle foi buſcar por amparo, e refugio de ſeu deſterro; commetteo contra elle outra maior maldade, que aquelle de quem elle vinha fugindo, porque não tardou muito tempo que lhe não pagaſſe a honra, e gazalhado que lhe fez, tendo modo como o matou, e ſe fez ſenhor da Cidade com o poder da gente Jauha que comſigo trouxe. Sabida eſta maldade per ElRey de Sião, Senhor, e ſogro deſte morto, mandou logo hum ſeu Capitão ſobre Paramiſóra; mas aſſi eſte, como outros que depois vieram, todos foram com a cabeça quebrada, té que o meſ-

o meſmo Rey de Sião per ſi com grande exercito de Elefantes, e poder de gente per terra, e frota per mar veio ſobre elle. Paramiſóra não ouſando eſperar a potencia d'ElRey, deſpejada a Cidade Cingápura, com dous mil homens veio ter ao rio de Muar, que ſería de Cingápura obra de quarenta e cinco leguas, e cinco donde ora eſtá ſituada a Cidade Malaca, no qual rio em hum lugar per elle acima, a que chamam Pago, fez huma força de madeira, onde ſe recolheo, temendo ainda o poder d'ElRey de Sião. Porque dado que ſe elle tornaſſe, leixou naquella Cidade Cingápura hum Capitão ſeu por Governador, ao qual podia mandar que o vieſſe alli buſcar, pois ainda eſtava em terras de ſeu eſtado, e ſenhorio, como era toda aquella coſta. E porque ao tempo que Paramiſóra fugio, eſte furor d'ElRey de Sião trouxe comſigo huma gente, a que elles chamam Cellates, homens que vivem no mar, cujo officio he roubar, e peſcar, com o favor, e ajuda dos quaes elle ſe fez ſenhor de Cingápura, e ſuſteve por eſpaço de cinco annos, quando veio a ſe recolher no rio Muar, como já eſtava com menos poder, temendo-ſe delles, não os quiz receber em ſua povoação de Pago; e dando a iſſo algumas razões ſimuladas, mandou que mais abaixo ſi-

fizessem sua povoação. Os Cellates, posto que sua vivenda he mais no mar, que na terra, e alli lhes nascem os filhos, alli os criam sem fazerem algum assento na terra; todavia porque ficáram em odio com os de Cingápura, e com todalas Ilhas de seu senhorio, não ousáram de tornar áquellas partes, e por então vieram fazer sua vivenda á borda de hum rio, onde ora está situada Malaca, que será cinco leguas do rio de Muàr, onde Paramisóra fez seu assento. E a primeira povoação que fizeram, foi em hum monte, que está sobre a fortaleza que alli temos, no qual achára alguma gente da propria terra quasi meios salvages no modo de seu viver, cuja lingua era a propria Malaia, de que toda aquella gente usava, e com quem estes Cellates se entendiam. Entre os quaes peró que logo no princípio huns se esquiváram dos outros pola differença do viver, todavia per meio das mulheres, de que os Cellates andavam desfalecidos, se vieram todos ajuntar em huma povoação, conservando-se entre si com o exercicio a que eram costumados, os Cellates trazendo do mar, e os Malaios dos frutos da terra. E como o lugar em que estavam por serem já muitos era estreito, mudáram-se dalli obra de huma legua per o rio acima a hum monte de compri-

men-

mento de meia legua, a que elles chamáram Beitam; na fralda do qual estava hum campo, a que tambem deram este nome, com o qual sitio, por ser grande, e espaçoso, e saberem que Paramisóra vivia em lugar estreito, o foram convidar, levando-lhe por mostra da fertilidade da terra algumas frutas. Entre as quaes foi huma, a que ora chamam duriões, cousa mui estimada, e tão golosa, que contam os mercadores de Malaca vir já áquelle porto mercador com huma náo carregada de muita fazenda, e comeo toda nestes duriões, e gastou em amores das moças Malaias. Finalmente visto este lugar per Paramisóra, leixou a vivenda do Pago, e veio povoar naquelle campo Beitam, onde viveo muitos annos, sempre assombrado dos Governadores, que por El-Rey de Sião estavam em Cingápura. Peró depois que este caso com o tempo foi esquecido, e hum filho de Paramisóra chamado Xáquem Darxá governava aquelle povo, por seu pai ser mui velho, por se aproveitarem do mar, que era o principal fundamento de que elle esperava vir ter a grande estado, veio fazer povoação de Malaca, a que elle deo este nome em memoria do desterro de seu pai, porque em sua propria lingua quér dizer homem desterrado, donde os póvos se chamam Malaios. E o

cam-

campo Beitam leixáram feito em pomares com algumas casas ao modo das nossas quintas, ás quaes elles chamam duções, onde em certos tempos do anno costumavam levar suas mulheres a folgar. E posto que os póvos Cellates era gente baixa, e vil, e os naturaes da terra meios salvages, Paramisóra, e seu filho Xaquem Darxá por os acharem fieis amigos em seus trabalhos, ou (por melhor dizer) nos males que com seu favor commettêram, e principalmente por se aproveitar muito delles na povoação, e nobrecimento de Malaca, lhe deram nobreza, casando com os mais nobres dos Jaios que elle trouxe da Jauha; e destes Cellates, e Malaios naturaes vem todolos Mandarijs, que ora são os Fidalgos de Malaca, em modo de privilegio dos Reys que ao diante foram, como a primeiros povoadores daquella Cidade, o qual titulo de Rey começou neste Xaquem Darxá. Porque fallecido o Rey de Sião, que seu pai temia, com Armadas de navios de remo, a que os Cellates eram mui costumados, começou de obrigar as náos que navegávam per aquelle estreito d'antre Malaca, e a Ilha Çamatra, que não fossem adiante a Cingápura, e as de Levante que viessem alli fazer com estas de Ponente suas commutações de mercadorias, segundo seu antigo uso; com a qual for-

força Cingápura começou de se despovoar de mercadores vindo habitar Malaca. ElRey de Sião sabendo parte do caso, em que elle perdia grande rendimento, por aquella sua Cidade ser escala geral de Levante, e Ponente, começou de mover guerra a este Xáquem Darxá. Finalmente vendo elle que pera viver seguro lhe convinha fazer-se vassallo d'ElRey de Sião, e governar a terra em seu nome, mandou-lhe sobre isso seus Embaixadores, pedindo-lhe que por quanto toda aquella costa era herma, e sem povoações, e seu pai, e elle tinham povoada aquella Cidade, a qual (segundo a commum opinião) estava situada em melhor lugar pera navegação de Levante a Ponente, que a Cidade Cingápura, lhe aprouvesse de o confirmar naquelle estado, limitando-lhe demarcação de terra, a qual elle queria governar em seu nome, e como vassallo pagar-lhe outro tanto tributo como elle havia dos rendimentos de Cingápura. Acceitada esta obediencia per ElRey de Sião, limitou-lhe por Comarca daquelle estado em que o constituio por Rey, começando do Oriente em Cingápura, entrando nisso as Ilhas de Sábam, e Bintam té huma Ilha chamada Pullocambilam, que he ao Ponente de Malaca obra de quarenta leguas, com a qual demarcação elle ficou senhor por cos-

ta

ta do mar té noventa leguas, que serão de Cingápura té Pullocambilam. E posto que este novo estado de Malaca desfez o outro tão antigo de Cingápura, a principal causa foram o curso dos temporaes, com que totalmente a Cidade se despovoou, porque do mez de Setembro em diante té entrada de Dezembro cursam os ventos Ponentes, e Noroestes, que entram per este canal que faz a Ilha Çamatra, e a costa da terra firme de Malaca. Peró não passam do mar do Ponente, a que Ptholomeu chama a enseada Sabarica, á outra Perimulica do Levante, mas moram os de cá obra de quarenta leguas de Malaca junto de huma Ilha, a que os nossos chamam a Polvoreira, e os da terra Barala, que quer dizer casa de Deos, por razão de hum antigo templo que alli esteve. E com estes taes tempos navegam pera lá de toda a India, e do Quelij, e isto da fim de Agosto té a fim de Octubro, porque como vem Novembro, correm Nortes, e Nordestes té a entrada de Abril, com os quaes vam de Bengála, Pegu, Tanaçarij, e de toda aquella costa, e servem tambem áquelles que vem de Malaca pera a India. Com estes mesmos tempos que cursam Dezembro, e Janeiro na outra costa da terra de Malaca da banda do Levante vem dos Reynos da China, Cho-

Choampá, Camboja, Sião, e das Ilhas de Burneo, com os quaes chegam ao Canal de Malaca per todo Março, e Abril, mas não passam de Cingápura por acalmarem alli, e com elles sahem de Malaca em modo de embate pera toda a Jauha, Timor, Maluco. E de Maio té a fim de Agosto, pela maior parte cursam os ventos Sul, Sueste, que servem pera vir de Çunda, e de tanto número de Ilhas como estam naquellas partes, com os quaes chegam té o canal de Polimbam, que he o derradeiro porto de Çamatra, quanto a nós os de Ponente, e primeiro aos de Levante; posto que algumas vezes são tão tesos que chegam quasi té Malaca; mas geralmente morrem neste canal ante de chegar a ella. Porém sempre de Çamatra, Ilhas de Bintam, e Sabam vizinhas a ella, per entre as quaes vem o canal da navegação da parte Oriental, serve vento, e maré que leva os navios té Malaca. De maneira, que ambas estas navegações, assi da parte abaixo do vento a que elles chamam Ponente, como acima do vento, que he a de Levante, ainda que as monções geraes acalmem quarenta, e cincoenta leguas ante de chegar á Cidade de Malaca, que está situada no meio daquelle estreito, basta pera tomarem o seu porto marés, e ventos terrenhos d'ambas as terras.

ras.

ras. E como estes temporaes do anno não serviam tanto a proveito dos navegantes quando Cingápura prosperava, de duas faziam huma, e esta era a mais commum; todolos que navegavam da parte do Ponente, hiam per fóra da Ilha Çamatra entrando per o canal que se faz entre ella, e a Jauha, ou entravam per entre ella, e a terra de Malaca. E por lhe os tempos não servirem todo aquelle estreito té vasarem da outra parte em Cingápura, forçadamente invernavam no meio delle; e per qualquer maneira que fosse, era esta viagem assi per fóra, como per dentro da Ilha Çamatra tão vagarosa, que não tornavam a suas terras em menos tempo que dous annos. O qual espaço de tempo tambem haviam mister os que navegavam o mar de Levante, porque haviam de esperar em Cingápura que fossem os de Ponente com suas mercadorias pera fazerem suas mutações. E porque geralmente todolos que navegavam per fóra da Ilha, por ser viagem mais segura ainda que comprida, estavam seguros de invernar, como indo por dentro, ao modo que ora vemos os nossos navegantes daqui pera a India, que quando partem tarde, vam per fóra da Ilha de S. Lourenço por terem os tempos mais largos; deste costume com algumas fabulas, que a antiguidade sempre tem,

tem, assi como os perigos de Scylla, e Charybdes no transito de Sicilia, bancos de Flandes entre a terra firme, e a Ilha Inglaterra, ou os baixos de Ceilão entre esta Ilha, e a terra do Cabo Comorij, haveria opinião na India não ter aquelle mar transito de Ponente a Levante, donde os Gregos, e Ptholomeu chamariam áquella terra Chersonezo. Peró povoada a Cidade Malaca em meio daquelle estreito, que pelas razões acima deo facil navegação pera se nella fazerem brevemente as commutações, e commercio dos de Ponente, e Levante; ficou manifesto este caminho, e havia a terra de Çamatra por Ilha, e não Chersonezo. Com a facilidade das quaes navegações em breve tempo assi engrossou a Cidade Malaca em trato, e cresceo em povoação por ser escala de Levante, e Ponente daquelle grande Mundo, que per commercio naquellas partes era a mais riquissima. O sitio da qual senão fora tão apaulado, e doentio aos estrangeiros, e mais tão vizinha da linha Equinocial, que está della pouco mais de dous gráos contra o Norte, fora huma das mais populosas, e de maior policia em edificios de todo o Mundo. A grandeza da qual deo animo aos Reys que succedêram a este Xáquem Darxá, que pouco, e pouco começáram de levantar a obediencia aos Reys de Sião,

Sião, principalmente depois que estes de induzidos por os Mouros Parseos, e Guzarates, (que alli vieram residir por causa do commercio,) de Gentios os convertêram á secta de Mahamed. Da qual conversão por alli concorrerem varias nações, começou lavrar esta infernal peste pela vizinhança de Malaca, assi como em Çamatra, Jauha, e outras Ilhas em torno destas. Finalmente com a potencia de tanta riqueza, e favor dos Mouros, que estes Reys de Malaca tinham, totalmente desobedecêram a ElRey de Sião; e ao tempo que Diogo Lopes de Sequeira, (como atrás escrevemos,) veio ter a esta Cidade, haveria nove annos que ElRey de Sião tinha mandado huma grossa Armada sobre ella, reinando Mahamed, o qual foi o derradeiro dos Reys daquella Cidade, que de todo lhe levantou a obediencia. ElRey de Sião vista a desobediencia deste Mahamed, posto que havia já annos que a dissimulava por andar occupado em guerra dos póvos Gucos, que per cima do Norte vem cercando todo o seu Reyno, como se vio desoccupado desta guerra, mandou fazer huma Armada de té duzentas vélas, quasi todas lancharas, e calaluzes, que são navios de remo, em que diziam vir perto de seis mil homens, da qual Armada era Capitão mór o Poyoá da Cidade Lugor, que

que he como Viſo-Rey no modo do officio, e governo. Ao qual Poyoá eſte Rey de Malaca, e os Governadores de Patane, Calantam, Pam, e outros de toda aquella coſta, eram obrigados acudir com os tributos que cada anno davam a ElRey de Sião, e a elle ſe pedia conta delles, e por eſta razão, como couſa da ſua governança, vinha por Governador deſta Armada. Mas como da Cidade Lugor a Malaca he caminho de duzentas leguas, ſempre ao longo da coſta, a qual he mui ſujeita a trovoadas, e temporaes, ante de chegar a Malaca lhe deo hum tempo, com que eſta frota ſe derramou, vindo ter alguns navios della a huma Ilha chamada Pulloçapata tres leguas de Malaca. ElRey Mahamed como ſoube que eſtes navios eram alli chegados, mandoulhe muito refreſco, moſtrando eſtar á obediencia d'ElRey como eſcravo que era ſeu: com as quaes ſimulações de palavras eſtes Capitães dos navios, ſem eſperar ſeu Capitão mór, ſe foram a Malaca em companhia dos que lhe trouxeram o refreſco, eſpedindo primeiro dous Calaluzes com recado ao Poyoá, per que lhe faziam ſaber como Mahamed ſómente da viſta delles eſtava ſobmettido a tudo o que elle mandaſſe; por tanto que vieſſe de vagar a ſeu prazer, que elles o hiam eſperar a Malaca. Peró ElRey

Ma-

Mahamed os mandou hospedar mui differente do que elles cuidavam, porque recebidos o dia de sua chegada com a face alegre, foram repartidos per todolos moradores de Malaca com recado, que cada hum hospedasse os que lhe coubessem em sorte, a qual sorte foi não ficar aquella noite nenhum com vida. E como a cousa estava cuidada pera aquelle fim, logo de noite, ante que em os seus navios houvesse remor deste feito pera irem avisar o Poyoá, se metteo muita gente vestida ao modo dos Siames, indo ao encontro delles: o qual como ainda não vinha com toda sua Armada junta, e a simulação destes lhe fez parecer serem os seus, em mui breve foi desbaratada sua frota, e elle escapou á força de remo. Quando ElRey de Sião soube parte desta maldade de Mahamed, com grande indinação, e pressa mandou fazer prestes outra Armada, e per terra grande exercito, em que entravam quatrocentos Elefantes, e assi per mar, como na terra haveria trinta mil homens. E porque na Cidade de Pam estava por Governador hum primo deste Rey Mahamed, que com seu favor tambem se tinha rebellado a ElRey de Sião, mandou elle a este Poyoá, que de caminho com a Armada em que elle havia de vir, e per terra o outro Capitão, tomassem este revel,

e lho levassem prezo, e em seu lugar puzesse o Capitão que melhor o fizesse naquelle feito. O qual negocio o Poyoá commetteo mui bem com obra de tres mil homens com que se achou, apertando tanto o Governador de Pam, que o tinha cercado em huma fortaleza, donde elle movia alguns partidos pera se entregar, os quaes o Poyoá hia entretendo té chegar o exercito per terra, ou a outra parte de sua frota; mas parece que ainda não era chegada a hora contra a d'ElRey Mahamed, ou (por melhor dizer) tinha ordenado que o castigo de suas culpas fosse dado per nós, e não pelos Siames. Porque vindo o exercito per terra hum pouco derramado, como por sua propria terra, acertou de vir ter huma parte delle á Cidade Calantam, que está entre Patane, e Pam; e como a gente da guerra he desmandada, e solta, e principalmente em ausencia de seu Capitão mór, começou de fazer algumas forças em roubar, e forçar mulheres, entre as quaes foram duas mui nobres casadas com dous filhos do Governador da Cidade. Os quaes como naquelle instante da força feita a suas mulheres não pudéram acudir, dissimulada a injúria, secretamente convocando mais de quinhentos homens, a maior parte dos quaes tambem eram injuriados, deram de noite nos Siames,

mes, em que matáram grande número delles. Feito este estrago nos que acháram pela Cidade, seguindo o caminho de Pam em busca do outro ramo de gente que hia já diante desta, foram matando nelles té chegar á Cidade Pam, onde o Governador estava cercado do Poyoá de Lugor, que (como dissemos) estava esperando por estes seus que ficavam mortos. Finalmente entrados estes de noite com o Governador, cercado a quem deram conta do que leixavam feito, sem mais detença todos em hum corpo, ante que o Poyoá fosse avisado, deram nelle, com que o fizeram recolher aos navios, ficando-lhe em terra a maior parte da gente morta, e parte dos navios tomados. O qual com esta tão grande perda, e mais com a nova da outra per terra, leixou a via de Malaca, tornando atrás per onde viera a recolher, e ordenar a gente que vinha per terra por se não perder de todo. ElRey de Sião, depois que per elle soube as causas de tanto damno, e que a principal causa era Mahamed, mandou mais de vagar fazer dous exercitos, hum que havia de vir per este caminho de Calantam, e per mar Armada grossa, e outro per estoutra costa de Tenaçarij, e Tavai, que he ao Ponente deste porto, por toda aquella terra ser sua, e per mar tambem outra Armada

pera totalmente destruir a este Rey Mahamed. Parte dos quaes apparatos víram em a Cidade Odiá metropoli deste Reyno de Sião, Antonio de Miranda d'Azevedo, e Duarte Coelho : quando Affonso d'Alboquerque, depois da tomada de Malaca sobre este negocio, os mandou com huma embaixada a este Rey de Sião, que estava nesta sua metropoli, (como adiante se verá,) per onde cessáram estes apparatos de vingança. ElRey Mahamed de Malaca como tinha per esta via indinado ElRey de Sião, e a nós pelo modo que teve com Diogo Lopes de Sequeira, e ante disto por reinar mortos a hum seu irmão, e hum primo, e tambem a sua propria mulher: com estes, e outros males tinha a vida que os tyrannos tem, andarem com assombramentos, e suspeitas, tudo temia, tudo receava, e finalmente tudo eram cautelas, e resguardos, temendo o dia que sobre elle havia de vir o juizo de Deos. Com o qual temor manhosamente trazia enganados por se ajudar delles em sua necessidade a ElRey de Pam seu parente, e a ElRey de Linga, e a outros Principes seus vizinhos com recados, e promessas que lhe queria dar huma filha por mulher, sabendo que cada hum a desejava por razão do dote, e mais ser sua filha, de maneira, que quando Affonso d'Albo-

quer-

querque chegou a Malaca, eſtava nella El-Rey de Pam vindo a eſte negocio do caſamento. Pera o qual acto tinha feita huma grande caſa de madeira ſobre trinta rodas, a qual toldada, e paramentada de pannos de ſeda, havia de ſer levada per Elefantes pela Cidade com os noivos, e as principaes peſſoas dentro por mais ſolemnizar eſta feſta, e porém elle hia dilatando eſtas vodas quanto podia a fim de ter comſigo muita gente, como homem a que o temor dava ſuſpeita, que mui cedo havia miſter todas eſtas ajudas. Além deſtes apparatos das vodas, tinha dentro na Cidade oito mil peças de artilheria; porque como ella eſtava toda ao longo do mar eſtendida á maneira de huma touca per comprimento de legua, e era toda de madeira ſem muro, nem cava, ſómente a defensão dos homens, como geralmente ſe vê nas grandes povoações: provia-ſe deſte grão número de peças de artilheria pera a pôr toda ao longo da ribeira, ſe alguma Armada alli foſſe ter, principalmente a noſſa que elle mais temia que outra alguma, por as maravilhas que víra fazer a artilheria que Diogo Lopes de Sequeira levava. Porém a mais deſta ſua artilheria tinha em ſeus armazens com grande cópia de munições, e a outra ordinariamente eſtava em certos lugares, onde a povoa-

ção

ção da Cidade era mais basta, que os cabos della ficavam em modo de arrabaldes. A hum da parte de Levante chamávam Ilher, e a outro do Ponente, Upi, nos quaes viviam dous Jáos homens mui grossos em fazenda, trato, e grande familia, e tanta, que por razão de não poderem caber no corpo da Cidade, acceitáram viver em baixo per si. Per meio da qual, (como já escrevemos,) entrava hum rio á maneira de esteiro de agua salgada, que lá bem dentro recebia alguma agua doce que vinha dos alagadiços, e bréjos do sertão, e quasi onde este rio se mettia no mar estava huma ponte mui grande de grossa madeira, per a qual se servia a Cidade do bairro onde ElRey vivia, que era contra Ilher, e alli estava tambem sua mesquita de pedra, e cal, e per derredor algumas casas de gente mais nobre. A causa de a povoação desta Cidade jazer toda ao longo do mar, era porque além de todos se servirem delle em seus tratos, e commercio pera carregar, e descarregar a menos custo sua fazenda: a mesma terra em si era per dentro tão alagadiça, e cuberta de arvoredo, que quasi com esta espessura queria vir fechar com a ribeira do mar. E não sómente o sitio da Cidade em si era alagadiço, mas ainda todalas terras daquella região, por serem vi-

zi-

zinhas á Linha Equinocial, clima que naturalmente he quente, e humida, e tão fertil na creação das cousas, que causava ser mui doentia, e mal povoada per dentro. Isto em tanta maneira, que começando da ponta de Cingápura até Pullocambilam, que he o comprimento deste Reyno de Malaca, (que como dissemos podem ser noventa leguas,) não ha outra povoação que tenha nome senão esta Cidade Malaca, sómente alguns portos habitação de pescadores, e per dentro mui poucas aldeas. E ainda a mais desta misera gente dorme em cima das mais altas arvores que acham, porque de altura de vinte palmos os preão de pulo os tigres; e se alguma cousa salva a esta pobre gente delles, he fogueiras de fogo de noite que elles muito temem. Dos quaes ha tão grande número, que muitos entram de noite a prear na Cidade; e já aconteceo, depois que os nossos a tomáram, saltar hum tigre em hum quintal cercado de madeira bem alta, e levou hum tronco de madeira com trez escravos que estavam prezos nelle, com os quaes saltou de claro em claro per cima da cerca. Assi que estes grandes arvoredos, na espessura dos quaes se cria muita diversidade de alimarias nocivas, faz que a terra seja mal povoada, e agricultada; sómente pegado com Malaca naquelle cam-

campo Beitam tem os Mandarijs, e gente nobre as quintas de ſeu prazer, a que elles chamam duções, (como diſſemos.) Porque eſta gente Malaya, como toda vive de trato, e não de outro uſo, em o negocio de recrear a vida, he a gente mais mimoſa daquellas partes, e a mais altiva em opinião: tudo he Fidalguia, e tão vã neſta parte, que ſe não acha hum homem natural Malayo, por pobre que ſeja, que queira levar ás coſtas couſa propria, ou alhea, por muito que lhe dem por iſſo, todo o ſerviço delles he per eſcravos. O exercicio em que gaſtam a vida, e fazenda, são doçuras, muſica, amores, veſtidos, e tratamento de ſua peſſoa, e ſobre tudo grande opinião de cavalleiros, a qual os faz tão atrevidos em commetter, que não temem a morte por ficar delles memoria daquelle feito; porém entre elles ſe traz em proverbio: *Malayos namorados, Jáos cavalleiros*, e aſſi he na verdade. As armas que uſam, são huns criſes de dous palmos e meio té tres de comprido, direitos, de dous gumes, e com elles arcos de fréchas, azagaias de arremeſſo, a que chamam zarguncho, zervatanas que lança huma frécha mui pequena iſcada com herva tão fina, que como venta ſangue logo derriba; porém ſe primeiro paſſa per o veſtido, parece que alim-

alimpa alli parte da peçonha, porque vai já mais branda, e estas zervatanas tomáram dos Jáos. Tem dous modos de escudos com que se cobrem, hum que parece pavez, e outro mais pequeno, e sómente com estas armas he gente mui determinada em commetter, e mui ligeira no acto da peleja, e todos pelejam em magotes de capitanías, cada Capitão per si com sua bandeira, tudo de opinião por se estremar, e que o vejam. Fóra deste acto de pelejar, tudo são rabolarias, e opinião de si, mui pouco fieis huns aos outros ácerca das mulheres, porque tambem ellas dão azo pera isso, por os mimos, e doçuras com que se tratam entre si. Ácerca da mercadoria he gente mui experta, e artificiosa pera seu proveito: cá ordinariamente tratam com estas nações, Jáos, Siames, Péguus, Bengálas, Quelijs, Malabares, Guzarates, Parseos, Arabios, e outras muitas nações, que os tem feito muito sagazes, por alli residirem, e a Cidade ser populosa com as náos que concorrem a ella, em que tambem soem vir os póvos Chijs, Lequios, Luçóes, e outros daquelle Oriente, trazendo todos tanta riqueza Oriental, e Occidental, que parecia hum centro a que concorria todo o natural que a terra creava, e artificial da mecanica dos homens; de maneira, que sendo a

ter-

terra em ſi eſteril, per a commutação que ſe alli fazia, era mais abaſtada de todas, que as proprias regiões donde ellas vinham. E poſto que alli havia grande cópia de todolos metaes, aſſi como ouro de Çamatra ſua vizinha, eſtanho da meſma terra, prata de Sião, cobre da China, e ferro de muitas partes derredor della, por tudo ſe alli ajuntar em modo de mercadoria; e muitos em levar qualquer couſa deſtas, por a não haver em ſua terra, ganhavam regularmente a trinta, e quarenta por cento, ante faziam ſeu emprego em eſpeciaria, drogaria aromatica, cheiros, ſeda, e mil generos de policia por ganharem dobrado. A qual groſſura do trato durou mui corrente té a noſſa entrada na India, que os Mouros Arabios, Parſeos, e Guzarates temendo noſſas Armadas, não ouſavam tão geralmente commetter eſte caminho; e ſe alguma náo ſua lá hia ter, era furtada da noſſa viſta, o que ElRey Mahamed de Malaca logo começou ſentir na perda dos direitos que levava deſte commercio que ſe alli fazia. O qual como era coſtumado com o grande número das náos ter cada anno grande rendimento, vendo quanto perdia por razão das poucas que já lá hiam com eſte temor, parece que neſtas poucas queria recompenſar a perda, fazendo tantos roubos, e tyrannias aos mer-

ca-

cadores residentes na Cidade, que começáram de a despejar. Porque tambem sabendo elles o que era feito a Diogo Lopes de Sequeira, e que nós eramos senhores do mar, e não soffriamos offensa, receavam que alguma Armada nossa lhe fosse pedir conta deste feito, a qual Affonso d'Alboquerque lhe foi tomar com a frota em que partio de Cochij, como veremos neste seguinte Capitulo.

CAPITULO II.

Dó que Affonso d'Alboquerque passou no caminho que fez de Cochij té a Ilha Çamatra, onde foi visitado dos Reys de Pedir, e Pacem: e do que mais fez té chegar a Malaca.

AFfonso d'Alboquerque partido de Cochij com sua frota toda em hum corpo, tanto que foi no golfão, que jaz entre a Ilha Ceilão, e as a que chamam de Gamispóla, deo-lhe hum temporal, com que o mar lhe comeo a galé Capitão Simão Martins; mas aprouve a Deos que se salvou toda a gente, por lhe logo acudir Fernão Peres. Em refeição da qual nesta travessa tomou cinco náos de Mouros Guzarates, que faziam sua viagem a Malaca, e a Çamatra, na qual Ilha foi o primei-

meiro porto que tomou em huma Cidade per nome Pedir, cabeça do Reyno assi chamado, dos muitos que ha nesta grande Ilha Çamatra, dos quaes, e della faremos relação em outra parte. Chegado Affonso d'Alboquerque a este porto, por a Cidade ser per hum rio assima, em que não podiam entrar náos grossas, veio a elle huma lanchara remada, em que vinham seis Mouros honrados da terra, e hum Portuguez, per o qual o Rey della o mandava visitar com offertas do que houvesse mister para provisão da frota, como quem entendia o fim daquella sua viagem a Malaca. Do qual Portuguez, que se chamava João Viegas, Affonso d'Alboquerque soube ser elle hum dos vinte e quatro homens, que ficáram cativos em Malaca do tempo de Diogo Lopes de Sequeira; e que elle, e outros oito homens houveram á mão huma lanchara, e se passáram áquella Ilha com esperança de se salvar; a qual soltura, e fugida sua fora per industria de huma filha do senhor, em cujo poder elles estavam, que trouxera comsigo. E vindo nesta lanchara defronte de Pacem, que he huma Cidade cabeça do Reyno assi chamado, que estava adiante, sahíram a elles certas manchuas, em que vinham Mouros da terra, com que houveram peleja, na qual foi morto hum João

Dias

Dias criado de Diogo Lopes de Sequeira, e elle com os outros mal feridos vieram ter áquelle porto de Pedir, onde foram mui bem recebidos d'ElRey, e os mandou curar. O qual gazalhado a elle parecia ſer-lhe feito, por elles dizerem, que tanto que o Capitão mór da India ſoubeſſe o que ſe fizera em Malaca a Diogo Lopes, ſem dúvida não tardaria muito a vir tomar vingança daquella traição. Affonſo d'Alboquerque, depois que ſe enformou mui particularmente de algumas couſas deſte João Viegas, per elle reſpondeo a ElRey, dandolhe agradecimentos de ſeus offerecimentos, e tambem do gazalhado que fez a elle João Viegas, e aos outros Portuguezes; e em dous dias que alli eſteve, foi viſitado d'ElRey com algumas couſas que lhe mandou de refreſco, e elle lhe concedeo a paz que Diogo Lopes tinha com elle aſſentada. E porque Affonſo d'Alboquerque ſoube per João Viegas, que eſtava alli hum Mouro honrado de Malaca per nome Nehodá Beguea, que fora hum dos principaes, que ordenáram a traição a Diogo Lopes, pedio elle a ElRey de Pedir que lho mandaſſe entregar, o que ElRey concedeo de palavra; mas per outra parte deo-lhe de mão em hum navio de remo, e que foſſe levar recado a ElRey de Malaca da ida del-

delle Affonſo d'Alboquerque. O qual recado deo a eſte Nehodá Beguea mais por lhe fazer bem pola amizade que com elle tinha, que por amor d'ElRey; mandando-lhe pedir per ſua carta, que lhe perdoaſſe o eſcandalo que delle tinha, porque não eſtava em tempo pera trazer ſeus vaſſallos fóra da ſua graça, e mais eſte ſendo peſſoa tão principal. A cauſa do qual eſcandalo que ElRey tinha delle, era, porque havia pouco tempo que mandára matar o ſeu Governador Bendára, por ſe dizer que andava copilando huma traição pera o matar, e ſe levantar com o Reyno, e que eſte Nehodá era na traição; e á força de remo veio fugindo da furia d'ElRey, e ſe acolheo a eſte de Pedir, por ſer grande ſeu amigo. Vendo Affonſo d'Alboquerque que ElRey lhe não entregava eſte Mouro, poſto que não ſoube logo deſtes ſeus artificios, como era coſtumado a diſſimular palavras de Mouros, não quiz eſperar mais recados, nem menos os partidos que lhe movia, promettendo de lhe dar vinte e cinco mil cruzados polas cinco náos que tomára dos Guzarates. Partido deſte porto de Pedir, chegou ao de Pacem, onde tambem foi viſitado d'ElRey, mandando-ſe deſculpar da culpa que lhe elle punha na morte do Portuguez, e ferimento dos outros da

com-

companhia de João Viegas; o que elle recebeo brandamente, porque não se queria ir detendo na satisfação destas cousas, esperando que á tornada de Malaca per aquelles portos faria huma correição de suas culpas. Espedido d'ElRey de Pacem, peró que elle muito desejou de o ter alli hum par de dias com festas, e refrescos por causa do que logo veremos; como já começava entrar na paragem dos baixos, segundo lhe diziam os Mouros Pilotos que levava, mandou ir diante todolos navios pequenos, huns ao longo da costa da Ilha, e outros mais ao mar por resguardo das outras náos de maior porte. Indo assi nesta ordenança, foi Aires Pereira de Berredo Capitão de huma Taforea pequena dar com huma pangajóa, que se hia furtando ao longo da terra com temor das náos, na qual hia Nehodá Beguea, o qual não sómente defendeo a entrada da sua pangajóa, mas ainda como homem de pessoa entrou á força da espada no batel de Aires Pereira; e assi apertou com elle, que não ficou algum do batel, que não fosse bem sangrado delle, e elle não de algum; té que mais cansado, que vencido, meio atassalhado cahio, onde foi tomado ás mãos, sem haver remedio de morrer, nem de verter sangue per quantas feridas tinha. Alguns dos mari-

ri-

rinheiros, como elle vinha bem tratado no vestido, começando de o esbulhar, acertáram de lhe achar huma manilha de osso encastoada em ouro da face de cima, e osso da banda da carne do braço donde a elle trazia, tirada a qual, se vasou todo em sangue, e espirou. Espantados os nossos de tão nova cousa, souberam dos Mouros que alli tomáram, que aquelle osso era de huma alimaria que havia na Jauha, a que elles chamavam Cabal, cousa mui estimada entre os Principes daquellas partes, o qual tinha virtude de reter o sangue da maneira que elles viam. Aires Pereira mais contente com a manilha que com a victoria, a levou a Affonso d'Alboquerque, que elle estimou em muito, e depois a perdeo com outras muitas joias á tornada de Malaca em a náo Flor de la mar, como se adiante verá. Passada esta afronta de Aires Pereira, que Affonso d'Alboquerque tomou per sinal de victoria que esperava ter de Malaca, pois já de caminho per tal acerto tomava vingança daquelle Mouro auctor do damno, que os nossos nella recebêram, foi com sua frota naquella ordem que diante levava; té que sendo tanto avante como a Ilha, a que os nossos chamam a Polvoreira, e os da terra Barelá, que será de Malaca quarenta leguas, vespera de S. João

Ba-

Baptiſta, houveram viſta de hum junco, náo que ſeria de ſeiscentos toneis, ao qual logo foram demandar os bateis das náos de D. João de Lima, Diniz Fernandes, Nuno Vaz de Caſtello-branco, e Affonſo Peſſoa na ſua fuſta. O junco não ſómente fez pouca conta dos requerimentos que lhe elles faziam que amainaſſe, mas ainda de ſe elles entremetterem a querer ſubir aſſima, eſpedindo-os de ſi com muito arremeſſo que fizeram de cima, de que Affonſo Peſſoa levou huma coixa atraveſſada com hum zarguncho. Pero d'Alpoem, que hia na eſteira do junco, quando o vio eſpedir de ſi os bateis, quiz abalroar; mas em prepaſſando per elle, tiveram os Mouros tanta induſtria no marear das vélas, que ficou Pero d'Alpoem contravento ſem poder tornar a elle. Affonſo d'Alboquerque, como iſto era ſobre a noite, tanto que amanheceo, por a ſua náo Flor de la mar ſer grande, quiz abalroar o junco; na qual chegada com a artilheria lhe fez tanto damno, que lhe matou quarenta homens de trezentos que trazia; os quaes como eram induſtrioſos na peleja do mar, puzeram fogo o junco, com que fizeram afaſtar Affonſo d'Alboquerque, daſaferrando-ſe delle a tempo que já a labareda do fogo lambia pelos caſtellos da ſua náo. Do qual perigo

Affonſo d'Alboquerque eſcapou ; porque como ſabia que os Mouros naquellas partes uſavam deſte artificio , levava o ſeu batel eſquipado pera iſſo , e á força de remo ſe afaſtou. Os Mouros tanto que o víram afaſtado , a grão preſſa começáram apagar o fogo , que ardia em hum certo oleo de terra , de que em Pedir ha grande quantidade , em huma fonte que mana , ao qual oleo os Mouros chamam Napta , couſa ácerca dos Medicos mui notavel , por ſer excellente pera algumas enfermidades , de que nós houvemos algum , e temos experiencia ſer mui appropriado pera couſas de frialdade , e compreſsão de nervos. Finalmente por não gaſtarmos tanto tempo , quanto o junco ſe defendeo , elle deo que fazer dous dias aos noſſos , donde depois entre elles ſe chamava o junco bravo : e per derradeiro mandou dizer per Fernão Peres ao Capitão que lhe perdoaſſe , que não ſabia ſer elle a peſſoa contra quem ſe defendia , e que lhe aprouveſſe de o receber não como imigo , mas como vaſſallo d'ElRey de Portugal , na eſperança da protecção , e amparo do qual elle ſe entregava. Na qual eſperança elle ſe não enganou ; cá ſabendo Affonſo d'Alboquerque ſua fortuna , elle o conſolou , offerecendo-ſe ao reſtituir em ſeu eſtado ; e ſegundo eſte Principe per nome

Grin-

Geinal lhe contou, elle era o verdadeiro Rey de Pacem, e não aquelle, que eſtava em poſſe do Reyno, mas ſeu parente, e fora Governador d'ElRey ſeu pai delle Geinal. No qual tempo por ſeu pai ſer homem de muita idade, eſte Governador no modo do governo ſe fez tyranno, e elle Geinal, em quanto foi moço, o ſoffreo: peró como teve idade, e quiz entender em ſuas couſas, eſtava já o tyranno tão ſenhor da terra, que em duas batalhas ficou elle Geinal desbaratado; e vendo-ſe ſem favor dos naturaes, e ſem forças pera reſiſtir a eſte tyranno, com alguns que o quizeram ſeguir hia á Jauha a alguns Principes da ſua linhagem, que o quizeſſem ajudar na reſtituição de ſeu eſtado. Affonſo d'Alboquerque tornando a ſeu caminho, não tardou muito que não tomáram dous juncos: o primeiro tomou D. João de Lima, Simão de Miranda, e Simão Affonſo, por lhe cahirem na eſteira em que elle hia pera Malaca, onde ſe houve mui groſſa preza; e outro mais adiante tomou Nuno Vaz, a gente do qual que vinha de Malaca ſe ſalvou em terra em hum batel por ſer já de noite; e como o mais que trazia era ouro, ſalváram quaſi todo; ſómente algum, que ſe achou com outro esbulho de fazenda que traziam pera Pacem. E de alguns Mou-

ros que se tomáram neste, soube Affonso d'Alboquerque como Ruy d'Araujo, e parte dos cativos que ficáram com elle, eram vivos; e assi o estado da terra, e o grande temor que lá havia daquella sua Armada, posto que á partida delles ainda não havia noticia della. Affonso d'Alboquerque assi pelo que soube destes Mouros, como por começar já entrar nos termos de Malaca, e não sabia se ElRey por andar temorizado, sabendo da sua ida, mandaria ao caminho entre aquelles baixos ao receber com algumas lancharas por lhe derrabar alguns navios mancos da véla que levava, começou recolher, e ajuntar toda sua frota, enfiando as vélas humas nas esteiras das outras por razão do canal, sem lhe acontecer algum daquelles grandes perigos, que os Mouros fabulavam haver naquelles baixos de Capaciá, como nos bancos do canal de Frandes, ou perigos de Scylla, e Charybdes entre Sicilia, e Napoles. Com a qual frota toda em hum corpo ancorou no porto de Malaca o primeiro dia de Julho do anno de quinhentos e onze, junto de huma ilheta, que era pouso das náos dos Chijs, onde achou tres juncos delles. A Cidade, posto que em as náos, que Diogo Lopes de Sequeira levou, tinham visto a feição dos nossos, e a mareagem dellas,

todavia quando víram o grande número de vélas, as bandeiras, estendartes, trombetas, e pompa da frota, e sobre tudo a trovoada da artilheria, que durou per espaço de meia hora, assi como lhe foi triste cousa a vista das vélas, assi a sua musica, e muito mais triste a imaginação em que havia de parar aquelle tão temeroso espectaculo a elles. Os nossos tambem ainda que não viam grande magestade de edificios de pedra, e cal, muros, torres, ou alguma outra defensão, e formosura das Cidades de Hespanha, viam huma povoação de comprimento de huma boa legua, coalhada a sua ribeira de muitas náos de carga, e outras vélas de carreto, e serviço della. E se a povoação era quasi toda de madeira, e as casas cubertas de olla, (como geralmente se usa naquellas partes,) tambem viam outras torres, muros, e arquitecturas de melhor parecer, e defensão, que era grosso povo, que enchia todolos lugares altos, e baixos, que estavam em vista da ribeira. Assi que se elles em nos viam que temer, os nossos em ver a grandeza da Cidade, e o grande número de povo, a multidão das náos, e navios, tambem tinham que cuidar, posto que pela grão fama da sua riqueza tudo se convertia em desejo de a conquistar. Affonso d'Alboquerque, depois

pois que repouſou da ſua primeira chegada, notando o ſitio, e poſtura da Cidade, vio que entre aquelle grande número de náos, e navios, algumas que eram de carga, a que elles chamam juncos, ſe ordenavam como quem ſe queria partir, e leixar o porto, temendo poder receber algum damno delle. Pera ſegurar a qual ſuſpeita, e moſtrar ſer ſenhor do mar, ſem temer o grande número delles, mandou correr per todos em alta voz hum mandado ſeu, que nenhuma náo de mercador eſtrangeiro ſe moveſſe, nem partiſſe ſem ſua licença: çá elle era Capitão mór d'ElRey de Portugal em todas aquellas partes da India, e vinha áquella Cidade buſcar certos Portuguezes, que alli ficáram de humas náos d'outro ſeu Capitão, por tanto elles podiam eſtar ſeguros té ſe elle ver com ElRey daquella Cidade. Os Chijs, cujos eram os juncos, que eſtavam junto da Ilha, onde elle Affonſo d'Alboquerque foi ſurgir, quando ouvíram eſta notificação, poſto que não foſſem dos que fizeram eſte movimento pera ſe partir, como eſtavam eſcandalizados d'ElRey Mahamed em alguns máos pagamentos de fazenda que lhes tomou, vieram os principaes ver Affonſo d'Alboquerque, por entenderem que aquella ſua vinda era a fim do eſcandalo, que o meſmo Mahamed tinha

ſei-

feito a Diogo Lopes, por ser já cousa mui notoria entre todolos mercadores que depois alli vieram. Aos quaes Affonso d'Alboquerque fez gazalhado, e folgou muito de praticar com elles pola fama que tinha da potencia do seu Rey, grandeza da terra, policia, e riquezas della, e no tratamento das pessoas delles vio parte do que se dizia. E por sinal do contentamento que tinha de os ver, mandou-lhes dar algumas peças, com que se espedíram delle mui alegres, principalmente polas offertas que lhe Affonso d'Alboquerque fez pera restituição do que lhe ElRey não pagava, segundo lhe elles contáram. Veio tambem a elle por causa desta notificação hum Mouro Guzarate de nação, que alli estava com huma grande, e rica náo, que disse ser de Melique Gupij Senhor de Baroche, aquelle grande competidor de Melique Az; ao qual Mouro Capitão, e Feitor da náo por amizade que Melique Gupij seu senhor mostrava ter a nossas cousas, e seguro que Affonso d'Alboquerque tinha dado pera suas náos navegarem, (como atrás escrevemos,) elle lhe fez honra, offerecendo-se a tudo o que houvesse mister delle.

CAPITULO III.

Como Affonſo d'Alboquerque foi viſitado d'ElRey de Malaca: e das differenças que per recados entre elles houve ſobre a entrega de Ruy d'Araujo, e dos outros cativos, té que vieram em rompimento da guerra.

AO ſeguinte dia, ſendo já boa parte delle paſſado, vieram ter á náo de Affonſo d'Alboquerque duas manchuas remadas, em que vinha alguma gente luzida em companhia de hum Mouro dos principaes da terra chamado Tuam Bandam, que vinha ver Affonſo d'Alboquerque per hum modo ſimulado. Ao qual Mouro elle mandou receber a bordo da náo per alguns cavalleiros, leixando-ſe eſtar aſſentado em huma cadeira de eſpaldas guarnecida de ſeda, e ouro, e todolos Capitães da frota aſſentados em bancos cubertos de alcatifas poſtos per ordem, todos veſtidos de paz, e de guerra, e outra gente d'armas em pé em boa ordenança com veneração á peſſoa delle Capitão mór. O qual como havia muito tempo que não fazia a barba, polo dito que elle trazia, que havia de ſer em Ormuz ſobre o corpo morto de Coge Atar, e por razão de ſua idade, era muito alva,

e el-

e elle neſtes actos por temorizar os Mouros moſtrava-ſe mui pomposo no trajo, no aſſento, e nos actos de ſua peſſoa, leixou-ſe eſtar com aquella mageſtade, té que o Mouro fez ſua cortezia, a que elles chamam çumbaia, zumbando todo o corpo té poerem o roſto nos giolhos, e ſe tornam a endireitar. Affonſo d'Alboquerque erguido em pé o recebeo com gazalhado, e tornando-ſe aſſentar, lhe mandou pôr humas almofadas de ſeda, em que ſe aſſentaſſe; e dadas as ſaudações que lhe ElRey de Malaca per elle mandava, começou Tuam Bandam praticar com elle na diſpoſição de ſua peſſoa, e ſe trouxera boa viagem, ſem tocar na cauſa della, nem perguntar a que era ſua vinda. Vendo Affonſo d'Alboquerque palavras tão derramadas, e fóra do ſeu intento, e a maneira das cautelas do Mouro com huma frieza da ſua vinda, fallando niſſo como couſa menos principal, e dando ainda a entender que ElRey o não mandava muito de propoſito que o vieſſe ver, ſómente que elle como Official ſeu vinha ſaber delle ſe queria alguma mercadoria, a qual ElRey lhe mandaria logo dar, por elle ſer Capitão mór d'ElRey de Portugal, com quem deſejava ter amizade, reſpondeo-lhe Affonſo d'Alboquerque a eſtas derradeiras palavras, dizendo: *Que quanto ao que lhe*

per-

perguntava, se queria alguma mercadoria, ao presente não queria outra senão certos Portuguezes, que alli ficáram de hum Capitão d'ElRey seu Senhor, que veio ter áquelle porto; e havida esta, que era a de maior preço, e que elle mais estimava, então lhe diria o mais que queria d'El-Rey, e daquella sua Cidade. Espedido Tuam Bandam, sem tirar outra palavra de Affonso d'Alboquerque, não tardou muito com resposta, na qual ElRey se desculpava do feito que se fez a Diogo Lopes, dando toda a culpa ao seu Governador Bendára, e que essa fora a principal causa porque elle o mandou matar. Affonso d'Alboquerque, posto que soubesse que a morte do Bendára fora per outro caso, não respondeo a isso, sómente ao que elle não fallava, que era na entrada de Ruy d'Araujo, e dos outros cativos, çarrando-se de todo na prática do Mouro, sem querer fallar em outra cousa. Em o qual negocio por aquelle dia, nem per outros dous, em que houve muitos recados d'ambalas partes, não se tomou mais conclusão, que ao terceiro mandar ElRey sahir fóra do rio muitas lancharas, e pangajaos, que são navios de remo, (Armada com que se elle servia per toda aquella costa,) e deram huma mostra de si em modo de escaramuça de prazer, e per

der-

derradeiro tornáram-se recolher ao lugar donde sahíram. Com isto ao longo do mar em partes que elles temiam poder desembarcar gente, tudo era fazer paliçadas, e repairos, asséstando nelles artilheria, como quem mostrava querer-se defender vindo o caso pera isso, e tambem a fim de temorizar os nossos nestes apercebimentos. Affonso d'Alboquerque vendo estas mostras, e rebolarias, e que não lhe vinha recado dos cativos, que elle com tanta instancia pedia; mandou estes quatro Capitães, Bastião de Miranda, Fernão Peres d'Andrade, Aires Pereira, e Jorge Nunes de Leão, que em bateis armados fossem dar huma vista ao longo da Cidade, como que queriam notar alguma parte per onde pudessem sahir em terra. Aos quaes bateis sahio a Armada d'ElRey de dentro do rio, e sobre ella Affonso d'Alboquerque dobrou outros bateis, mas não houve entre elles mais que mostrarem-se huns aos outros; e com tudo obrou a vista dos bateis tanto, que ao dia seguinte veio Tuam Bandam novamente perguntar que era o que queria, que quanto aos Portuguezes se leixáram de vir, era por lhe estarem fazendo de vestir. O qual recado Affonso d'Alboquerque não quiz ouvir, nem menos ver Tuam Bandam, sómente lhe mandou dizer a bordo da náo, que os

Por-

Portuguezes não tinham mais que hum rosto, huma palavra, hum Rey, e hum Deos, e desta vez per artificio trouxe este Tuam Bandam hum moço chamado Bastião, que estava com Ruy d'Araujo, e era aquelle, que Diogo Lopes achou na Ilha de S. Lourenço, como atrás fica. O qual moço este Mouro leixou em a náo de Affonso d'Alboquerque, quasi como que o moço se viera com elle, tudo a fim de contar os grandes apparatos de guerra, e número de gente que havia dentro na Cidade, porque o temor destas cousas lhe faria tomar outro conselho naquella vinda com algum bom concerto. Havia a este tempo dentro na Cidade, além dos Mouros naturaes Malayos, como dissemos, outros de mui varias nações, e entre os Guzarates, que eram os mais destes estrangeiros, hum que servia entre elles de Xabandar, officio como entre nós os Consules da nação. Este, como homem principal, era presente aos conselhos que ElRey tinha sobre a chegada daquella nossa frota, e na prática que se teve sobre este derradeiro recado que levou Tuam Bandam, insistio muito que não houvesse comnosco concerto, e entre outras offertas, que fez por sua parte, e de todolos mercadores Guzarates que alli estavam, assi de suas fazendas, como pessoas pera defendimento

da Cidade, disse, que logo mandava tirar toda a artilheria das náos, e com ella seiscentos homens. Contra o voto do qual houve outros, que eram remirem este negocio por alguma boa somma de dinheiro, dizendo, que entregues os cativos com mais este dinheiro em recompensa do damno que era feito ao primeiro Capitão que alli veio, seriamos satisfeitos. Finalmente huns per huma parte, outros per outra era repartido o parecer em hum genero de confusão, sem saber tomar huma boa conclusão, com que a Cidade ardia, não se sabendo determinar. Affonso d'Alboquerque tambem per sua parte estava confuso; porque vindo em rompimento de guerra, podia perder aquelles homens cativos, e principalmente Ruy d'Araujo, que particularmente desejava muito tirar daquelle cativeiro, que recebeo por amor delle; porque, como atrás vimos, o Viso-Rey D. Francisco nas differenças que teve com elle Affonso d'Alboquerque, entregou a este Ruy d'Araujo prezo a Diogo Lopes de Sequeira em modo de degredado. Per outra parte havia já seis, ou sete dias que não podia tomar conclusão alguma com ElRey, e dissimular tanto artificio, como com elle queria ter, pera sua condição era hum grave tormento, porém tudo soffria por ver se podia ter algum modo

de

de ſalvar Ruy d'Araujo. Elle tambem, ſegundo lhe Affonſo d'Alboquerque eſcrevia, vendo que a dilação deſte caſo era por amor delle, e de ſeus companheiros, reſpondeolhe, beijando-lhe as mãos pelo deſejo que tinha de os ſalvar; mas porque ſegundo o que via, e ſentia nos apercebimentos, e fortificação da Cidade, tudo havia de parar em rompimento de guerra, e que quanto mais tardaſſe, tanto lugar dava a ſe a Cidade mais fortalecer, e aquella ſua frota começava já perder credito entre os Mouros nos motes que ſobre iſſo lhes davam, todos lhe pediam que por elles não leixaſſe de fazer o que cumpria ao ſerviço d'El-Rey, e á conſervação do nome Portuguez, por quanto elles eſtavam offerecidos a Deos pera receber martyrio de morte, ſe cumpriſſe. Havido eſte recado, e poſto em prática com todolos Capitães, aſſentou Affonſo d'Alboquerque com elles, que primeiro que ſahiſſem em terra, irem ao ſeguinte dia, quando agua eſtiveſſe eſtofa, dez bateis a queimar alguns baileus, que são como varandas ſobre o mar, de algumas caſas nobres que eſtavam ſobre elle, e aſſi as tres náos dos Guzarates, que deram a artilheria a ElRey pera defenſa da Cidade; e acudindo alguma gente, fizeſſem quanto damno pudeſſem. O qual commettimento apro-

voi-

veitou muito, porque com eſte damno que fizeram ás náos dos Guzarates, e aſſi a algumas caſas, andando ainda os noſſos neſte acto de pôr o fogo, mandou ElRey em huma lanchara a Ruy d'Araujo, e aos outros com elle. Por honra da vinda dos quaes, eſtes Capitães que andavam neſta obra, não foram mais avante com ella, e vieram-ſe com elles a Affonſo d'Alboquerque, que os recebeo com grande prazer; e por feſta da ſua vinda, mandou tirar toda a artilheria das náos, e que naquelle dia não ſe fizeſſe mais damno na Cidade, porque todo ſe havia miſter pera ouvir a Ruy d'Araujo, e ſeus companheiros. Os quaes entre muitos trabalhos que contavam de ſeu cativeiro, o maior era as tentações que tiveram, humas por bem, e outras por mal, que ſe fizeſſem Mouros, e que em nenhuma outra couſa acháram conſolação, e amparo, ſenão em hum mercador Gentio, que alli eſtava de aſſento, natural do Quelim, a que chamavam Nina Chetu, porque eſte mitigava com peitas os authores do mal que elles recebiam, e aſſi lhe matava a fome, e ſoccorria em quanto podia. A qual couſa lhe os Mouros ſoffriam, por ſaberem que os Gentios por preceitos de caridade são geraes em ſe condoer de qualquer miſero, em tanto que vem uſar eſta ſua maneira de pie-

da-

dade té com os animaes; e ora que esta sua obra fosse por esta causa, ora por alguma esperança de galardão, que por isso podia haver de nós, elle o fez sempre com que os cativos diziam delle muito bem. E verdadeiramente que na esperança, se a elle teve de galardão, não se enganou comnosco, porque tomada a Cidade, Affonso d'Alboquerque lhe pagou esta sua obra com honra, e mercê que lhe fez, a qual foi causa de sua morte voluntaria, (como adiante veremos em seu lugar.) Estando Affonso d'Alboquerque nesta prática com Ruy d'Araujo, ex-aqui Tuam Bandam a bordo da náo, dizendo que queria fallar ao Capitão mór. Affonso d'Alboquerque, posto que da outra vez o não quiz ouvir, desta o mandou entrar, fazendo-lhe mais gazalhado que os dias passados as vezes que ante elle foi. E per fim das desculpas que deo, e cousas que disse da parte d'ElRey, a conclusão da resposta de Affonso d'Alboquerque foi, que ElRey pera entre elles haver paz, lhe havia de dar naquella Cidade lugar pera fazer huma casa forte ao modo das que ElRey seu Senhor tinha na India, pera nella leixar gente com Feitor, e Officiaes pera negocearem a fazenda do dito Senhor, que os Capitães móres da India alli mandassem em suas náos. A qual casa logo havia de

ser

ser feita ante que elle Affonso d'Alboquerque se partisse, e mais lhe havia de entregar toda a fazenda, que fora tomada aos Portuguezes das náos de Diogo Lopes, ou sua justa valia pelos preços da terra, a liquidação da qual se faria ao tempo da entrega: e bem assi lhe havia de pagar toda a despeza que era feita assi na Armada de Diogo Lopes, como naquella sua, que passava de trezentos mil cruzados. Porque a primeira se fez por causa de o virem buscar, e tratar amizade com elle, e aquella não vinha a mais que pedir os cativos, que forçosamente, e com máo tratamento havia tanto tempo que retinha, e assi as outras cousas que naquelle insulto dos seus os Portuguezes perdêram. E quanto ao máo tratamento, e outras cousas que se fizeram a Diogo Lopes, ora fossem feitas per o seu Bendára morto, (segundo elle dizia,) ora per qualquer outra pessoa, a elle pertencia a satisfação, pois era Rey, e Senhor da terra; e não querendo conceder estas cousas, elle o havia por imigo de fogo, e sangue, isto podia elle Tuam Bandam dizer a seu Rey. E a resposta fosse logo, e qual destas duas mais quizesse acceitar, a paz com satisfação do que dizia, ou a guerra como a fortuna de cada hum ordenasse, porque os Portuguezes nunca foram buscar alguem

que se lhe partissem dante a porta senão com alguma peça na mão por sua honra, e por seu trabalho, e mais tão longe da sua patria; com as quaes palavras, sem ouvir réplica a Tuam Bandam, o espedio. O Mouro assombrado com esta resposta, foi-se a ElRey, e segundo se depois soube no Conselho d'ElRey, houve grande confusão; porque os homens, cuja vida era negocio, e trato, seu voto era o que sempre disseram, que se remisse tudo per qualquer somma de dinheiro. O Principe herdeiro do Reyno chamado Alodim, e ElRey de Pam, que, (como dissemos,) era vindo pera casar com sua irmã, e outros da sua valia, reprovavam este voto dos mercadores da terra, confiando no grande apparato que tinham pera se poder defender, que eram trinta mil homens, muita artilheria, Elefantes, e que hum homem em sua casa valia por dez. Quanto mais que, segundo o número das vélas dos imigos, o mais que nellas poderia haver, seriam té mil homens, os quaes ante de dous mezes não tinham vida, porque haviam de comer, e beber, e finalmente a doencia da terra, segundo ella tratava os estrangeiros, ante de poucos dias, ou os lançaria de si, ou os consumiria de todo. Que entregar-se a palavras de homem soberbo, como parecia aquelle Capitão, sem

ve-

verem que temer, era mais conſelho, e temor de mulheres, que prudencia de homens; e mais que conta daria de ſi a gente Malaya tão temida, e eſtimada por cavalleiroſa per todas aquellas partes, e que per tantas vezes reſiſtio á potencia de tamanho Rey, como o de Sião, com quem havia tanto tempo que contendiam? ElRey Mahamed, por não moſtrar eſpirito de homem fraco, peró que o ſeu animo eſtava atribulado, prognoſticando-lhe no temor do caſo ſua total deſtruição, e tambem por comprazer a ElRey de Pam, que era vindo ás feſtas das vodas, (como diſſemos,) o qual eſtava na opinião do filho; determinou-ſe em defender a Cidade, e quando o ſucceſſo foſſe contra o que elle eſperava, concederia alguma parte dos apontamentos de Affonſo d'Alboquerque. Todavia em modo de amoeſtação diſſe áquelles dous filhos, que elle lhe entregava a Cidade, que a defendeſſem como diziam, porque elle não tinha já mais forças que as do conſelho, e que eſte naturalmente nos homens de tanta idade, como elle era, ſempre ſe inclinava ao repouſo da paz; e pois a elles parecia melhor o eſtado da guerra, que tambem podiam fazer conta que forças, e conſelho tudo ficava nelles, e que Deos os ajudaſſe. Porém por lhe não parecer que elle totalmente ſe queria

lançar de tudo, a elle lhe parecia que a defensão da Cidade se havia de ordenar per tal, e tal maneira: então começou de a repartir em quartos, e estancias per os principaes. E pera melhor entendimento do modo desta defensão da Cidade, he necessario saber-se que havia nella dous mercadores Jáos de nação, que vieram alli assentar vivenda havia muitos annos, os quaes per trato se tinham feito tão grossos em fazenda, familia, e náos, que de não haver já na Cidade onde se pudessem agazalhar, deo-lhe ElRey a cada hum seu bairro nos arrabaldes della. A hum per nome Utimutiraja deo hum lugar da Cidade chamado Upi, o qual agazalhava naquella sua povoação todolos Jáos, que alli concorriam destas Cidades Tubam, Japara, Cunda, Polimbam, e de todas suas Comarcas, por serem encommendados a elle em modo de consulado da nação, e neste tempo era já homem de oitenta annos, e depois d'El-Rey elle era a primeira pessoa em substancia de fazenda, familia de escravos de seu serviço: cá entre elle, e seus genros, e filhos, assi dos que traziam pelo mar em a navegação de suas náos, como alli em Malaca teriam mais de dez mil, e a sua povoação Upi em força, e tráfego era huma Villa muito nobre. Este porque no seu peito

não

não tinha boa vontade a ElRey, como homem ſagaz, tanto que vio a noſſa Armada no porto, e ſentio que a ſua vinda podia ſer cauſa da deſtruição d'ElRey, em quanto Affonſo d'Alboquerque não rompeo de todo com elle, ſecretamente mandou-lhe pedir ſeguro pera ſua peſſoa, filhos, e genros com ſua familia, o que lhe Affonſo d'Alboquerque concedeo ſabendo ſer elle Jáo, e não Malayo, e tambem por ter menos imigos, e mais eſte que era tão poderoſo. Peró quando veio a eſta repartição, que ElRey fez da guarda, e defensão da Cidade, coube-lhe parte della contra onde elle vivia, que era a mais povoada. Na outra parte contra o Oriente, que era da banda onde ElRey vivia, no fim della havia outro lugar chamado Ilher, que per eſte meſmo modo de Utimutirája, deo ElRey a outro Jáo per nome Tuam Colaſcar, ao qual concorriam os Jáos da Cidade Agacij, e ſuas Comarcas, que era a ſua patria, e a elle entregou ElRey a guarda, e defensão daquella parte pelo modo de Utimutirája; e aſſi como eſte Senhor de Upi era mais poderoſo que o outro, aſſi tinham differença em o nome. Porque onde entra eſta palavra *Raja*, que he derivado do nome Real, fica na peſſoa a quem o Rey dá, como ácerca de nós o titulo de Conde, e eſta de-

denotação *Tuam* como cá dizemos Dom, e este se põe ante do nome proprio da pessoa, e o outro no fim delle, segundo vemos nestes dous Jáos Utimuti Raja, e Tuam Colascar. Estes cada hum em sua povoação tinha jurdição absoluta sobre aquelles que viviam nella, posto que não fossem seus escravos, sem ElRey nisso poder entender. A ponte do rio, que divide a Cidade em duas partes, por ser lugar mais suspeitoso, onde os nossos podiam desembarcar, fez ElRey nella huma força de madeira com muita artilheria em lugar de fortaleza, a capitanía da qual deo a Tuam Bandam, que era o Mouro que andava nos recados entre elle, e Affonso d'Alboquerque, por ser pessoa principal. E ao longo do mar nos lugares de suspeita poz outros Capitães com artilheria necessaria, e o Principe seu filho, e o genro, cada hum com seu corpo de gente haviam de acudir onde vissem maior pressa, e elle ficava pera quando o mal fosse muito acudir com outro corpo de gente, que havia de estar com elle em guarda de sua pessoa com os Elefantes de seu estado. E porque com esta determinação de pelejar, os mercadores víram suas fazendas postas em ventura de as perder, posto que El-Rey mandou lançar pregões, que ninguem tirasse cousa alguma da Cidade; de noite se-

secretamente vasavam seus gudões, que são humas loges quasi mettidas debaixo do chão por guarda do fogo ao longo da ribeira, onde tinham recolhido suas fazendas, e per o rio acima, e esteiros recolhiam tudo no sertão nas quintas, a que elles chamam duções.

CAPITULO IV.

Como Affonso d'Alboquerque sahio em terra, e á força de armas tomou a ponte com victoria que houve d'ElRey de Malaca: e depois se tornou recolher ás nãos, e as causas porque.

EM quanto estas cousas se faziam em terra, no mar Affonso d'Alboquerque começou poer em ordem as suas, repartindo o combate da Cidade per esta maneira. Depois que em conselho com os Capitães se determinou sahir em terra, elle com hum corpo de gente havia de ir commetter a ponte com estes Capitães, Duarte da Silva, Jorge Nunes de Leão, Simão d'Andrade, Aires Pereira, João de Sousa, Antonio d'Abreu, Pero d'Alpoem, Dinis Fernandes de Mello, Nuno Vaz de Castellobranco, Simão Martins, e Simão Affonso. Em outro corpo de gente, que havia de tomar a parte da Cidade, onde estava huma mesquita grande, e era junto das casas d'El-

d'ElRey, iriam D. João de Lima, Fernão Peres d'Andrade, Baſtião de Miranda, Gaſpar de Paiva, Jemes Teixeira, com aviſo, que tomada terra, logo vieſſem buſcar a ponte per huma rua direita que vinha dar nella, pera ſe alli fazerem fortes; por quanto os bateis, que haviam de ficar debaixo da ponte, ficavam por ſargentes do que houveſſem miſter de huma, e de outra parte, querendo entrar na Cidade a de dentro da ponte. E tambem porque vinham abocar as principaes ruas naquella ponte, onde de força havia de concorrer o pezo da gente, dando-lhe N. Senhor poſſe deſta ponte, alli fariam ſua força pera o mais que o tempo moſtraſſe de ſi. Os Chijs, que Affonſo d'Alboquerque tinha por vizinhos, como todolos dias o vinham viſitar, vendo ſua determinação em querer entrar na Cidade, como homens eſcandalizados d'El-Rey, offerecêram-ſe a elle pera ſahir em terra em ſua companhia, o que lhe elle agradeceo, e não acceitou; dizendo que os Portuguezes nunca contra Mouros coſtumavam tomar ajudas, porque Deos lhas mandava pelo ſeu Apoſtolo, cujo nome elles invocavam ao tempo de dar a batalha, e cujo dia era dahi a dous, em que por reverencia delle havia de commetter a Cidade. Sómente lhe pedia que por quanto elle não tinha

tan-

tantos pera poiar a gente em terra, que lhe emprestassem os seus; e tambem folgaria que elles quizessem ir com elle no seu batel pera dalli verem como pelejavam os Portuguezes, e o dizerem ao seu Rey pera folgar de os ter por amigos, do que aprouve aos Chijs, e assi se fez. Quando veio o outro dia, que era vespera de Sant-Iago, ante manhã ao tocar de huma trombeta, todos em seus bateis foram demandar a náo do Capitão mór; e recebida absolvição geral do Vigario, puzeram o peito em terra, Affonso d'Alboquerque abocando o rio por tomar a ponte, e os outros Capitães a parte que lhes era limitada. Dado per Affonso d'Alboquerque Sant-Iago, que as trombetas deram sinal de peleja, levantou-se huma grita entre os nossos, respondendo-lhe alguma artilheria que hia nos bateis, que varejou per cima da ponte, onde os Malayos estavam; a qual cousa assi rompia os ares em confusão de vozes, que nem se ouviam trombetas, nem grita, nem artilheria, e tudo era ouvido sem distinção do que era, sendo nos ouvidos, e vista de todos hum dia do juizo de terror, e espanto. E começando a obra de vir rosto a rosto, em ambas as partes, assi na ponte, como na outra encommendada a D. João de Lima, acudio a estes dous lugares grande pezo de gen-

gente; e não vinha tão ſurda, que os ſeus alaridos, atabaques, e outros inſtrumentos de guerra a ſeu modo não eſtrugiſſem as orelhas dos noſſos, peró que já tiveſſem em coſtume aquelle uſo dos Mouros. Finalmente paſſadas aquellas duas primeiras ſalvas, e eſtrondo de vozes, que o negocio ficou na mão, e no ferro, Affonſo d'Alboquerque, a pezar dos Mouros, tomou poſſe da ponte, onde eſtava Tuam Bandam, e á lança teſa os levou pera a rua larga, que hia contra a povoação Upi, onde era a maior povoação da Cidade. E poſto que elles faziam largo campo a que Affonſo d'Alboquerque os ſeguiſſe per aquella largura da rua, elle os não quiz ſeguir, porque não via ainda os outros Capitães, que foram com D. João, acudirem á ponte, como lhes tinha mandado; e temendo que eſte alargar dos Mouros era querer mettello na Cidade, pera que lhe tomaſſem as coſtas da ponte, eſpedio de ſi Aires Pereira, e Antonio d'Abreu com hum garfo de gente, que foſſem fazer roſto aos Mouros, que começavam abocar a outra parte da ponte, e elle ficou entretendo aquelles que levava diante ſi. Os Mouros que vinham pera tomar a ponte, a cujo encontro eſtes dous Capitães acudíram, como vinham folgados, no primeiro impeto de ſua entrada os leváram

dian-

diante de si, tomando-lhes mais de dous terços da ponte; com a qual furia eram tantos huns sobre outros, que atocháram a ponte sem pelejarem mais que os dianteiros. Aires Pereira, e Antonio d'Abreu tornando sobre si, começáram de escalar nelles de maneira, que não lhes dando lugar os seus que os apertavam detrás pera poderem arrecuar, víram-se tão desesperados, que começáram de se lançar na agua da ponte abaixo com esperança de se salvar a nado; mas elles fugindo hum perigo, foram cahir nas mãos da gente do mar que estavam debaixo nos bateis, que os alanceáram bem, levando a montante da agua seus corpos per o rio assima. Ao qual tempo acudio Affonso d'Alboquerque por não perder posse da ponte, onde se fez forte: por defender a qual, morrêram tres Capitães d'El-Rey, e Tuam Bandam, a quem ella era encommendada, Bengala de nação, e homem mais sagaz, e manhoso em malicias que cavalleiro. D. João de Lima, e os outros Capitães tambem andavam em outro trabalho, e maior do que tiveram os que tomáram a ponte; e esta foi a causa de logo não acudirem a ella, como lhe Affonso d'Alboquerque tinha mandado. Porque ao sahir em terra, acudio hum grande pezo de gente, em que entrava o Principe

Alo-

Alodim, e ſeu cunhado; os quaes vendo que o roſto dos noſſos era ir demandar a ponte, como força que queriam tomar, mettêram-ſe entre elles, e ella, onde houve huma peleja bem travada; e encaminhando os noſſos com elles per huma rua, ſahio-lhe ElRey per outra, como que lhe queria tomar as coſtas. O qual vinha com hum eſquadrão de gente de té ſetecentos homens em cima de hum Elefante mui armado, e arraiado, e outros dous, que em modo de ſua guarda vinham diante, a cujo amparo alguns Mouros, que fugiam dos noſſos, ſe acolhiam. Sobre os quaes dous Elefantes, além de andarem homens em ſeus caſtellos, de que pelejavam com fréchas, trazia cada hum ſeu Governador, que o adeſtrava a huma, e outra parte, ſegundo a neceſſidade que tinham. Os noſſos vendo tão grande pezo da gente, e temendo mais tomarem-lhes as coſtas que aquelles feras de peleja, repartíram-ſe: huns ficando com a gente do Principe que levavam de vencida, e outros acudíram a entreter á furia deſtas feras; e os principaes que puzeram as lanças, foram D. João de Lima, Baſtião de Miranda, Fernão Peres d'Andrade, Gaſpar de Paiva, Jemes Teixeira. O ferro dos quaes aſſi foi ſentido dos Elefantes, que dando dous urros, fizeram volta

ra em redondo; e sem darem polos Governadores que traziam em cima, foram esmagando quantos dos seus achavam; com tamanho curso de corrida, que pareciam ginetes, sendo tão pezados á vista, de maneira que não os puderam os nossos seguir. ElRey com o seu Elefante, ao tempo que os outros voltáram em fugida, por se guardar do impeto delles, tomou a boca d'outra rua, afastando-se hum pouco do concurso dos nossos; e tornando sobre elles, quasi como que lhes queria tomar as costas, veio dar de rosto com Fernão Gomes de Lemos, Vasco Fernandes Coutinho, Martim Guedes, e outros que os conseguiam. Os quaes vendo a furia do Elefante, furtando o corpo, deram-lhe lugar; e em perpassando, puzeram-se tão teso ás lanças, que ellas mesmas, e a gente que se afastava por não ser trilhada do Elefante, deo com elles arrimados a huma paliçada de madeira, que com ella cahir por carregarem muita sobre ella, passou o Elefante sem delle receberem damno. O qual pela maneira dos outros, como se sentio ferido, tambem fez volta per hum teso de huma rua assima, que os nossos não quizeram seguir, porque tinham o sentido na ponte que lhe Affonso d'Alboquerque mandou que tomassem. Finalmente tanto que estes Capitães se víram

ram desapressados dos Mouros, vieram-se recolhendo per onde Affonso d'Alboquerque estava, o qual como os teve comsigo, começou de se fechar d'ambalas partes da ponte com paliçadas de madeira da que os Mouros alli tinham. E como veio a viração do mar, mandou a Gaspar de Paiva com cem homens per huma parte; e a Simão Martins com outro cento per outra, que fossem queimar as casas que estavam mais vizinhas da ponte, por ficar mais desabafada. Porque além de lhe fazerem praça, dos cirados recebiam muito damno com as fréchas, e zervatanas hervadas, que lhe os Mouros tiravam, onde se não perdia tiro, por elles estarem todos em pé sobre a ponte. O qual damno tanto que estes Capitães chegáram a ellas, logo cessou; porque como eram de madeira, e cubertas daquella sua olla, assi assoprou a viração no fogo, que em mui breve lavrou nellas, em que entráram alguns gudões, onde estava muita mercadoria, e parte da mesquita, e aquella nova casa armada sobre rodas, de que atrás fizemos menção, que estava pera celebrar as vodas da filha d'ElRey. Acabado este feito ás duas horas depois de meio dia, acudindo sempre os nossos aos rebates de Mouros, que commettiam per ambalas partes da ponte, com que andavam

bem

tem cansados, sem lhes darem vagar a que acabassem de se fechar nas tranqueiras que faziam, susteve-se Affonso d'Alboquerque hum pouco em prática com os Capitães assi em pé como estavam, dando-lhe graças do que tinham feito, e tambem representando-lhe algumas cousas que por então contrariavam suster a posse daquella ponte. Porque visto como a gente, depois que se esfriou da furia do pelejar, não se chegava bem á obra daquellas tranqueiras que queria fazer, assi por razão do trabalho ser mui grande, como o ardor do Sol, com que os que andavam em pé eram já no espirito tão decepados, e mortos como aquelles que o foram naquella peleja, e sobre tudo nenhum tinha comido aquelle dia; e vistos tambem outros inconvenientes pera temer, que era poderem os Mouros por o rio a baixo de noite na ajusante da maré lançar algumas balsas de fogo com que os queimasse, e que neste tempo poderia vir huma Armada grossa, que ElRey tinha mandado fóra, segundo dizia Ruy d'Araujo, de que era Capitão mór hum valente homem de sua pessoa chamado Lacsamana, o qual poderia queimar a nossa frota; postas todas estas cousas em prática, assentou com elles de ir dormir ás náos, por ser mais seguro estado pera tanta gente ferida, e can-

e canſada como tinha, e aſſi ſe fez. Porém primeiro que ſe partiſſe, porque a gente ſe embarcava mal contente por irem com as mãos vazias, e mais tendo diante dos olhos dous gudões d'ElRey, os quaes ſe dizia eſtarem cheios de fazenda, e elle os não podia entreter neſte impeto, deo-lhes trella té os gudões, com que ſe tornáram carregados do esbulho, que foi para elles leve: poſto que ao embarcar a alguns foi carga pezada por acudirem os Mouros, que lhes deram aſſás trabalho, ſendo já Sol poſto. E aſſi neſte recolher, como na peleja do dia, dos noſſos foram feridos ſetenta, os mais delles com herva de que os Mouros uſam muito naquella parte; e por lhe ainda não ſaberem a cura, depois em as náos falecêram dez, ou doze; e outros que houveram ſaude della, ſempre ficáram com aquella parte da ferida enferma, e quaſi hum tremor naquelle membro da maldade da peçonha. A qual tinha propriedade, que a hum certo tempo acudia á peſſoa ferida della huma raiva, mordendo a ſi meſmo, como ſe foſſe mordido de cão damnado: o que ſe vio em hum Cavalleiro da Villa Eſtremoz chamado Lopo de Villalobos, e em outros que alli foram feridos. A cura da qual herva quizeram alguns fazer com theriaga, e não lhes aprovei-

[r]eitou; e outros mais á mingua de azeite que não tinham, que por ſaber que era antidoto daquella peçonha, queimavam as fréchadas com toucinho velho, que lhes deo ſaude. Peró depois pelo tempo em diante os meſmos Malayos amoſtráram aos noſſos huma herva, que havia na terra contra eſta peçonha, com a qual, como o homem era ferido, baſtava pera ſer ſeguro de morrer maſtigar huma folha della: tão maravilhoſa he a Natureza na antipathia das couſas, que não leixou alguma ſem remedio, nem o poz mui longe do ſeu contrato, ſe o nós ſoubeſſemos conhecer. Dizem os Malayos que a invenção deſta peçonha he dos moradores da Ilha Çamátra, a qual ſe compõe com a eſpinha do peixe, a que neſte Reyno chamamos Bágre: e os Malayos officiaes deſta compoſição foram os póvos Cellates que vivem no mar, de que atrás fallámos. O número dos feridos entre os Mouros, por ſer grande, não ſe pode ſaber, nem menos dos mortos: baſte que não houve caſa na Cidade ſem lagrimas de morte de pai, filho, irmão, &c. ElRey de Pam, que era vindo ás ſuas vodas, quando as vio celebradas com ſangue de muita gente que lhe feríram, e matáram, e ſobre tudo ſer queimada a caſa pera aquelle ſolemne dia dellas, que elle tomou por

mui máo prognostico, recolheo-se per terra em seus Elefantes, dizendo que hia buscar gente, e ajudas pera vir com maior poder á defensão daquella Cidade, a qual tornada elle não fez.

CAPITULO V.

Como Affonso d'Alboquerque por alguns impedimentos que teve, em quanto a gente sarava do damno que recebeo na batalha, esteve recolheito em as náos, té que segunda vez tornou commetter a Cidade, e totalmente a tomou.

REcolhido Affonso d'Alboquerque ás náos, mandou logo ElRey Mahamed com grão diligencia reformar suas estancias, e dobrallas em artilheria, e resistencia. E porque vio que no dia da entrada dos nossos começáram seguir a rua larga, além de novamente fazer na boca della huma tranqueira, mandou minar toda a rua, e enterrar nella humas canas grossas cheas de polvora, e semealla de abrolhos de ferro com peçonha, e assi os lugares per onde podiam os nossos fazer entrada, pera os encravar, e queimar. Fez tambem além desta huma cousa mui nova, que em sua vida, em quantas guerras teve nunca fez, pagar soldo aos Jáos, porque soube que naquella entra-

da

da que os noſſos fizeram na Cidade, não pelejáram tambem como elles coſtumam, e puderam fazer. Mas a cauſa de não pelejarem como deviam não foi por razão de ſoldo, mas por cauſa de lhes ter mandado Utimutirája que não aventuraſſem a vida por defensão do alheio, o qual preceito que deo aos ſeus, foi pelos concertos em que andava com Affonſo d'Alboquerque; e com tudo elle ſe mandou queixar a elle Utimutirája deſta ajuda que deo a ElRey, ſabendo que a ſua gente fora no dia da entrada. Ao que elle Utimutiraja reſpondeo que era verdade da ajuda que dizia, a qual foi mais apparecer a ſua gente no feito, que pelejar; e eſte pouco que fazia, não era por ſua vontade, mas por ſer homem eſtrangeiro, e viver na terra alhea, que ſe aſſi o não fizeſſe, não paſſaria bem, e por iſſo não lhe devia eſtranhar o que tinha feito, que fora tão pouco que obrigára a ElRey mandar dar ſoldo a todolos Jáos, vendo que não ſe chegavam bem a pelejar com a ſua gente. A qual deſculpa lhe Affonſo d'Alboquerque recebeo, por ſer tempo pera diſſimular todos eſtes artificios que com elle eſte Mouro uſava, té que vieſſe ſeu tempo, e mais por ſaber ſer verdade que a ſua gente não ſe chegava bem, não ſabendo ſe era preceito ſeu, ou não. Neſtes

dias mandou tambem Affonſo d'Alboquerque recado a todolos mercadores eſtrangeiros, por lhe ganhar a vontade, que por ſua cauſa não queimou a Cidade, nem conſentio fazer-ſe-lhe mais damno; que quem ſe quizeſſe ir em boa hora pera ſua terra, que livremente o podia fazer; e querendo ficar, elle os ſegurava, não tomando armas contra Portuguezes, por quanto elle não contendia ſenão com ElRey de Malaca, e ſeus naturaes té lhe darem ſatisfação do mal que lhe tinham feito. A qual notificação aproveitou muito em noſſo favor: cá eſtes mercadores ſe ajuntáram, e foram a ElRey, requerendo-lhe que acceitaſſe qualquer condição de paz; e que ſe era por dinheiro, já lhe tinham dito que todos contribuiriam groſſamente niſſo, que melhor era que o pagaſſe a fazenda, que perecer tanta gente. Mas como o negocio eſtava já cevado com furia de vingança, tudo ſe quiz leixar no juizo das armas, e não em concerto de paz, com que todolos mercadores ficáram indignados contra ElRey, e diziam entre ſi, que tinham os noſſos cauſa de fazer todo o mal. Vendo Affonſo d'Alboquerque que de dia, e de noite tudo era repairar os lugares ſuſpeitoſos, e que a ponte eſtava feita huma fortaleza em artilheria, e defenſão de dobrada madeira, ordenou

hum

hum junco o mais forte que tinha dos que tomou, mui bem armado de artilheria, e com ſuas arrombadas, que ſe foſſe por o mais que pudeſſe junto da ponte, pera dalli varejar aos Mouros, que andavam fazendo a obra de a fortalecer. Porque ſua tençáo era não tanto ir impedir a obra., que os Mouros faziam na ponte, quanto per elle meſmo ſondar o lugar ſe poderia com outro maior ſubir tanto aſſima, que puzeſſe a barba ſobre a ponte; porque quando houveſſe de commetter outra vez a Cidade, per elle eſperava entrar na ponte, e lhe ficaria em lugar de fortaleza, por ſer de bom gazalhado, e a gente ficava ampadada da artilheria, e fréchas. Mandado eſte junco, por razão de huma corôa que fazia o rio ante de chegar á ponte, não pode paſſar, nem outro navio mais pequeno, que a eſte fim mandava na ſua eſteira, e iſto por as aguas ſerem mui quebradas, de maneira, que foi neceſſario eſperar que vieſſem as vivas com a Lua nova. No qual tempo os Chijs, que tinha junto de ſi, lhe pedíram licença pera ſe ir; e porque por razão da guerra eſtavam mal provídos de mantimento, Affonſo d'Alboquerque lhes mandou dar muitos fardos de arroz, e algumas peças deſtas partes da Europa, que elles muito eſtimáram. E por fazerem ſua

via-

viagem per o Reyno de Sião, ſegundo elles diziam, Affonſo d'Alboquerque lhes pedio houveſſem por bem de lhes levar em ſua companhia hum homem, que queria mandar com cartas a ElRey de Sião, o que elles acceitáram de boa vontade. Per o qual homem, que era hum Duarte Fernandes alfaiate, que fora cativo com Ruy d'Araujo, e ſabia já a lingua Malaya, elle Affonſo d'Alboquerque fez ſaber a ElRey de Sião o eſtado em que Malaca ficava, e que não ſe havia de partir dalli com aquella Armada d'ElRey de Portugal ſeu Senhor, ſem totalmente deſtruir aquelle tyranno, e quantos Mouros o ajudavam, que elle lho fazia ſaber em tanto que Noſſo Senhor lhe acabaſſe de dar victoria delle. Por tanto elle Rey poderia mandar povoar a Cidade de ſeus vaſſallos da nação dos Siames, por ſer gente com quem os Portuguezes haviam muito de folgar: cá ſua tenção era não leixar alli Mouro algum. E a cauſa por que Affonſo d'Alboquerque fazia eſta diligencia, e cumprimento com ElRey de Sião era, por ter ſabido o modo de como eſte Rey Mahamed lhe levantou a obediencia, e com eſte recado ſeu entreteria os apparatos da Armada, que lhe tinham dito que eſte Rey de Sião fazia contra elle, porque per ventura contentar-ſe-hia com totalmente o ver deſtrui-

truido per qualquer mão que fosse. Partidos estes Chijs, entreteve-se Affonso d'Alboquerque esperando pelas aguas pera mandar levar o junco á ponte; e tambem dava aquelle tempo pera ElRey tomar melhor conselho, e vir com algum partido que elle podesse acceitar, por levar com elle o modo que tivera com ElRey de Ormuz. Cá segundo lhe dizia Ruy d'Araujo, na terra não havia huma só pedra pera fazer fortaleza, por ter tudo á maneira de çapal; e pera se fazer de madeira, dando-lhe Deos a Cidade, havia-se toda de cortar no mato ás lançadas, e fréchadas. Tambem em as náos não havia tantas munições, e sómente com huma forja, que todo dia estava occupada em repairar as armas dos homens, não se podia fazer tanta obra como havia mister huma fortaleza de madeira, e mais a terra era tão pestifera, que não poderiam os homens aturar hum trabalho tão apressado como convinha no fazer daquella fortaleza, e adoecendo-lhe no meio da obra, ficava sem gente, e sem fortaleza. D'outra parte contendia quanto importava ao serviço d'ElRey tomar aquella Cidade, e quamanho descredito era do nome que os Portuguezes tinham naquellas partes, leixar aquelle tyranno sem castigo dos damnos que delle tinham recebido. Tambem tomar

a Ci-

a Cidade, e tornalla a leixar, era mui pequeno fructo pera tamanha despeza, como se fizerá naquella Armada; e mais, segundo a Cidade se tornava a fortalecer, parecia que não se poderia tomar sem custo de muita gente, que não se devia de aventurar pera tão leve fim. Finalmente em algumas consultas que Affonso d'Alboquerque teve com os Capitães, assi por parte delles, como sua, occorriam tantas cousas humas em contrario de outras, té que per derradeiro vieram a concluir, que acabassem de ver o fim desta empreza, que foram buscar per tão comprido caminho. Porque Deos não moveo o animo delle Affonso d'Alboquerque pera acabar no que tinham feito, e nos inconvenientes que punham, mas pera fim, e gloria de sua Sancta Fé, porque dalli se fosse estendendo, e dilatando por aquellas grandes regiões Orientaes tão çafaras dos meritos de sua Redempção, e a pagar aquelle fogo de Mahamed, que se começava accender per todas aquellas partes, da communicação que o Gentio dellas tinha com os Mouros daquella Cidade, a qual era já feita huma casa de abominação de infernal doctrina. Vindo as aguas com a Lua nova, que Affonso d'Alboquerque desejava per effeito de tomar a ponte com o junco que pera isso ordenava, mandou nelle Antonio d'A-

d'Abreu, filho de Garcia d'Abreu hum Fidalgo morador em Avís, com todolos mantimentos, e munições necessarias pera os dias do combate, e gente pera sua guarda, e com elle mandou Duarte da Silva em huma galé, e Simão Affonso em huma caravella. O qual junco tanto que passou o banco d'arêa, e foi surto hum pedaço da ponte, começou a artilheria dos Mouros descarregar nelle; alguma da qual lançava pelouro de chumbo do tamanho de hum tiro de espera, que passava ambos os costados do junco, fazendo muito damno na gente; na qual furia de fogo com hum espingardão foi Antonio d'Abreu ferido pelas queixadas, levando-lhe a maior parte dos dentes, e o queixo, depois que houve saude, lhe ficou não muito em seu lugar. Ao qual logo Affonso d'Alboquerque acudio, mandando Diniz Fernandes de Mello, que como especial cavalleiro que era, soffreo este trabalho nove dias contínuos com suas noites; não que Antonio d'Abreu consentisse ser levado dalli ás náos pera o curarem, dizendo, que se tinha as forças perdidas pera pelejar, e a lingua impedida pera mandar, ainda lhe ficava vida pera não perder o lugar em que era posto, e com isto ficou Diniz Fernandes em quanto elle havia saude. E o que mais atormentava a gente o tempo

po que eſteve neſte lugar, era o fogo que lançavam pelo rio abaixo pera queimar eſte junco, porque com a ſua artilheria os Mouros não o podiam metter no fundo, por eſtar affaſtada hum pouco alta, e todo o damno della era pelas obras mortas. O qual fogo ordinariamente ao deſcer da maré cada noite havia de vir em tres barcos mui compridos carregados de madeira iſcada com breu, e azeite, e paſſada per baixo da ponte ſem fogo, por a não queimar, ao ſahir della lhe era poſto de maneira, que quando emparavam com o noſſo junco, vinha huma balſa de fogo que alumeava toda aquella ribeira. Sobre o qual trabalho de apagar eſte fogo, tinham outro maior perigo: ca com a claridade grande que elle fazia, eram viſtos nos bateis em que andavam com goroupezes compridos, e arpéos encadeados pera governar o fogo pela vea que não tocaſſe com o junco; aſſi que ſe a luz do fogo lhe fazia proveito pera verem o que faziam, tambem dava viſta a que os Mouros varejaſſem com ſua artilheria nelles. Affonſo d'Alboquerque vendo quanto damno a gente com iſto recebia, e quão deſvelada, e canſada andava de tão contínuo trabalho, poſto que muitos dos que ficáram feridos da entrada da Cidade, não eram ainda ſãos, temendo que ſe eſta obra da-

quel-

quelle fogo duraſſe por reſguardo daquelle junco, toda a gente lhe ficaſſe ferida; com eſſes poucos que tinha, huma ſeſta feira oito de Agoſto, havendo dezeſeis que commettêra a Cidade, em amanhecendo a pezar dos Mouros tomou a ponte, onde o junco naquella preamar eſtava já poſto. O qual junco em chegando não fez pequena obra, porque ainda que levava os caſtellos damnificados da artilheria, como eram ſoberbos ſobre a ponte, delles, e da gavea ſómente ás pedradas deſpejáram a entrada da ilharga da ponte da parte da meſquita per onde Affonſo d'Alboquerque queria tomar terra, todo em hum corpo, e não em dous como da primeira vez, que lhe ſuccedeo mui bem eſte conſelho. Porque como a Cidade eſtava repartida em duas partes com o rio pelo meio, cujo ſerviço de huma a outra era a ponte, e os Mouros a tinham fortalecido, cuidando que Affonſo d'Alboquerque ſe havia de querer fazer ſenhor della, como fez da primeira vez; com a chegada do junco ficou elle ſenhor daquella paſſagem de maneira, que a gente da maior povoação da Cidade, que era da parte de Upi, não podia paſſar a outra onde ElRey vivia, que Affonſo d'Alboquerque tomou. E poſto que iſto eſtava aſſi pejado per nós, muito mais pejado achou Affonſo d'Albo-

querque o caminho que commetteo com muitas bombardas, efpingardões, fréchas, zervatanas, e zargunchos de arremeffo, com os quaes foi recebido, e na primeira chegada lhe feríram mais de oitenta homens, pelejando os Mouros como gente que queria defender mulher, filhos, fazenda, pór ser mais sujeita a eftas coufas, que quantas havia naquellas partes, e fobre iffo grande opinião de cavalleiros, e em companhia, onde eram viftos por fe moftrar mui oufados em commetter, e conftantes em efperar. Mas como os noffos eram coftumados áquelle officio de foffrer fogo, e ferro, ainda que á cufta do feu fangue, quebráram-lhes aquella furia, ferindo nelles tão mortalmente, que lhes fizeram alargar as eftancias. As quaes eftancias tanto que lhes foram tomadas, repartio Affonfo d'Alboquerque o corpo da gente em duas partes: elle tomou huma, com que foi tomar poffe da ponte, e fegurar que da outra parte da Cidade não paffaffem per ella á outra por acudir á que elle tomou, que era onde ElRey vivia: cá efta tinha encommendada a eftes quatro Capitães, Jorge Nunes de Leão, Diniz Fernandes, Jemes Teixeira, e a Nuno Vaz de Caftello-branco, e mandou-lhes que não paffaffem da mefquita, e que nella fe fizeffem fortes té elle tornar a elles. Efpedidos

ef-

eſtes Capitães, foram ferindo, e recebendo feridas per o caminho que hiam a tomar a meſquita, a qual lhe os Mouros deſpejáram como gente que os queria metter em cilada, e nella houvera Diniz Fernandes de cahir com toda a gente de ſua capitanía que o acompanhava, e sómente huma couſa lhe deo a ſuſpeita della. E foi, que abocando elle huma rua larga, que era das principaes ſerventias, atraveſſou-ſe ElRey diante delle com té mil e quinhentos homens, e leixou-ſe eſtar quedo como que queria que Diniz Fernandes foſſe a elle per aquella rua, na qual eſpera que ElRey fazia, e ver elle Diniz Fernandes huma tão principal rua deſpejada, entendeo o que era, de que logo víram ſinal eſtar ſemeada de abrolhos, e eſterpes de peçonha, a fóra outro maior damno que elle não vio, que era minada de polvora, com que não ficára homem vivo. Paſſado deſta rua a outra, per que via correr o fio da gente, veio Affonſo d'Alboquerque ter a eſte meſmo lugar; mas parece que inſpirou Deos em hum homem que hia diante, que tornou a elle, dizendo: *Tende-vos, Senhor, não paſſeis per aqui, porque neſta rua eſtá algum perigo: cá ſendo tão principal, não a vejo trilhada de gente.* Affonſo d'Alboquerque quando cahio no caſo, porque podia algum dos

Ca-

Capitães vir cahir naquelle perigo, leixou alli hum com gente pera dar aviso, e passou adiante té se ajuntar com os quatro, que tinham já tomado posse da mesquita; e o mais que se deteve com elles, foi mandar-lhes que entretivessem os Mouros pera que não chegassem á ponte, em quanto elle dava ordem de se fortalecer nella, por não lhe impedirem a obra. Tornado á ponte achou já muita parte da munição, que tinha no junco posta em terra, que era enxadas, cestos, machados, madeira, e pipas vazias, com as quaes cheias de terra, e madeira das paliçadas que os Mouros tinham feitas na parte da mesquita, mandou fazer hum repairo que encerrava no seu circuito toda a boca da entrada da ponte, e huma serventia que vinha beber na agûa, pera lhe ficar o serviço do mar seguro. E ao longo deste repairo da parte de dentro mandou tambem fazer de altura de hum homem hum lanço de parede ensoça de tijolo de huma somma delle que alli estava per ventura guardado pera outra obra de mais contentamento de seu dono que aquella em que alli servio: a guarda da qual estancia deo a Jorge Nunes de Leão, Aires Pereira, Bastião de Miranda, Nuno Vaz de Castello-branco, e Jemes Teixeira, com a gente de suas capitanías. Per o qual modo

do na outra parte da ponte, ainda que não foi com tijolo, fez outro tal repairo, e a guarda della deo a D. João de Lima, Duarte da Silva, Fernão Peres d'Andrade, e Simão d'Andrade seu irmão. Na frontaria das quaes duas estancias mandou estar certos bateis grandes com artilheria, que varejavam pela banda de fóra todo o panno das paliçadas, por os Mouros não virem per entre a madeira de noite ferir os que as guardavam. E por causa do ardor do Sol, que assava os homens, fréchas, e zervatanas hervadas, que os Mouros tiravam de alguns eirados das casas mais vizinhas á ponte, mandou-a Affonso d'Alboquerque toldar com vélas das náos, que deo vida a todos. Porque não sómente a véla impedia o Sol, mas ainda como a viração quando corria vinha enfiada pelo rio, fazia duas obras, refrescar a gente com o movimento, e abanar da véla, e mais rebatia as fréchas, que não viessem ferir a gente.

CAPITULO VI.

Como depois que Affonſo d'Alboquerque deſpejou a Cidade Malaca, ſabendo que o Principe Alodim ſe fazia forte no lugar da Cidade Beitam, mandou ſobre elle, e o fez ir dalli: e do mais que fez pera ſegurança, e governo da Cidade.

ACabado eſte feito da tomada de Malaca, que ſe fez com oitocentos homens d'armas Portuguezes, e duzentos Malabares da eſpada, e adarga, por aquelle dia não fez Affonſo d'Alboquerque mais que fortalecer-ſe neſta ponte; e ao ſegundo, porque de duas caſas grandes vizinhas a ella toda a noite lhe tiráram com mil modos de tiros, que faziam muito damno, mandou a ellas eſtes Capitães, Jorge Botelho, Affonſo Peſſoa, e Simão Martins. Os quaes tanto que as tomáram, puzeram em os eirados alguma artilheria miuda, com que fizeram a praça franca ante aquella parte da ponte, donde recebiam o maior damno; e trás elles mandou aos Capitães das eſtancias que foſſem dar huma viſitação á Cidade na parte que tinham por fronteria, com limitação té onde haviam de chegar. O que elles fizeram, dando hum varejo de lançadas a eſſes que achavam na Cidade,

em

em que se fizeram honrados feitos ; e isto por continuação de nove dias, que estiveram recolhidos naquella força da ponte. E posto que este jogo de lançadas não era muito aprazivel aos nossos, por ser á custa do seu sangue, por menos perigo haviam estes dos dias, que o das noites, com o commettimento dos Mouros, que elles não podiam afastar da ponte: té que no fim destes dias era já tanto o damno que os Mouros tinham recebido, que dos mortos, feridos, e fugidos ficou a Cidade meia despejada, recolhendo-se pelos matos, e nos seus duções aquelles que os tinham. Porém era entre elles tamanha a fome, que antes queriam aventurar o corpo ao ferro dos nossos, por vir furtar hum pouco de arroz á Cidade pelas casas onde sabiam que ficava, que perder a vida por não comer. A gente forasteira com a mesma necessidade, (posto que tinham tomado armas contra nós, mais por temer receberem por isso máo tratamento d'ElRey, que por lhe defender a sua Cidade,) confiados no que Affonso d'Alboquerque mandou notificar, que aquella guerra não fazia a mercadores, senão aos naturaes, mandáram-lhe pedir seguro pera se tornarem á Cidade, e estarem nella té se embarcar pera suas terras. E a primeira nação que isto mandou requerer,

foi a dos Péguus, aos quaes em geral elle, Affonſo d'Alboquerque mandou ſegurar, e per elles mandou notificar lá per onde andavam outros, que não dizia aos eſtrangeiros, mas ainda aos proprios Malayos, como foſſem mercadores, elle os ſegurava, querendo-ſe ſometter á bandeira d'ElRey de Portugal, como a Senhor daquella Cidade, que já era ganhada per força das armas daquelles ſeus Capitães, e criados que nella eſtavam. Os quaes Malayos podiam tornar pera ſuas caſas, e ſeguramente vender ſuas mercadorias, cá lhes ſeria guardada tanta juſtiça como a hum Portuguez vaſſallo d'ElRey ſeu Senhor: por quanto elle os receberia naquelle amparo, e defensão, e que dava eſpaço de quinze dias pera o poderem fazer; e paſſado eſte tempo, todos ſeriam perſeguidos como mortaes imigos. A qual notificação, pera maior ſolemnidade, além de o dizer a eſtes Péguus, e eſtrangeiros, que logo começáram de ſe recolher á Cidade, a mandou fazer com trombetas, e pregões na linguagem da terra pera ſer notorio a todos: com a qual notificação, e gazalhado, com que Affonſo d'Alboquerque recebia a todos, não ficou eſtrangeiro no mato, e dos Malayos muitos que ſe não tornaſſem á Cidade. E o principal foi o grande Uti-

mu-

mutirája Senhor da povoação Upi, que, (como dissemos,) tinha já com Affonso d'Alboquerque, ante da Cidade tomada, intelligencias de paz, posto que estes seus tratos sempre foram de homem malicioso, o que lhe elle perdoou, simulando que não era sabedor disso; porque nas duas entradas, principalmente no derradeiro, elle o pagou bem com muita gente sua, que alli foi morta, e ferida, e hum seu filho bem acutilado, que era aquelle que esteve com o cris na mão pera matar Diogo Lopes de Sequeira, segundo escrevemos em seu lugar. Porém ante que esta gente se tornasse á Cidade, tinha Affonso d'Alboquerque dado tres dias de cevadura á gente d'armas no despojo della; e Ruy d'Araujo foi estar em guarda das casas de Nina Chetu o Gentio, de quem tanto beneficio tinha recebido. E segundo a Cidade era rica, foi o despojo de roupa, e alfaias de casa pouco mais de cincoenta mil cruzados, porque o mais os Mouros o tinham salvo per esses matos nos dias que tiveram tempo, que foram muitos pera despejar quanto tinham. E da artilheria não se acháram mais de tres mil peças das oito que Ruy d'Araujo dizia haver na Cidade, parte da qual El-Rey mandou levar comsigo; e entre estas peças se acháram algumas mui grossas, e

huma mui formosa, que havia pouco tempo que lhe mandára ElRey de Calecut. Acabado este despojo, e tornada muita parte da gente á Cidade, por dar ordem ao governo della, fez Affonso d'Alboquerque duas principaes cabeceiras, a quem entregou a justiça, e governança, segundo seus costumes: a Utimutirája o governo dos Mouros, e a Nina Chetu o dos Gentios, que foi causa de o povo se recolher de melhor vontade dos matos per onde andava comendo fruitas bravas. E porque Affonso d'Alboquerque soube que o dia da batalha, quando se ElRey recolheo, fora pera o lugar chamado Beitam, onde tinham seus duções, e que dalli se passára mais longe, leixando naquelle lugar o Principe, o qual se fazia forte com grandes estacadas, e cerca de madeira em modo de fortaleza com sua artilheria posta ao longo do rio, que vinha ter a Malaca, mandou fazer prestes em bateis té quatrocentos homens, e estes Capitães: Fernão Peres d'Andrade, Simão d'Andrade, Jorge Nunes de Leão, Gaspar de Paiva, Aires Pereira, Francisco Serrão, e Ruy d'Araujo, que estivera cativo, pera darem todos sobre aquella obra que fazia o Principe, e o lançarem dalli, em cuja companhia Utimutirája mandou tambem té setecentos homens de sua familia,

e os

e os mercadores Péguus trezentos. Os quaes Capitães chegados ao lugar de estancia do Principe Alodim, alevantou o arraial, e foi buscar seu pai, no qual lugar os nossos não tiveram mais que fazer, que mandar queimar aquella madeira que alli achában, e tornar-se á Cidade, e por despojo trouxeram sete Elefantes do serviço do Principe todos sellados, e as guarnições dos assentos eram de marfim lavrados de ouro, e côres, em que suas mulheres caminhavam, que parece não puderam tomar com a pressa da fugida, e no lavramento, e riqueza da guarnição dellas mais mostravam o estado da paz que da guerra. Com a qual ida dos nossos se alargou ElRey mais outra jornada, não se havendo ainda por seguro estar tão perto de Malaca, e nesta mudada começou alguma gente de o leixar; vendo que Affonso d'Alboquerque não se contentava de tomar a Cidade, mas ainda mandava perseguir ElRey pelos matos per onde andava: e principalmente como entre o pai, e o filho houve desavenças, dando ElRey a culpa ao Principe daquelle estado em que andava, por elle, e seu cunhado, e outros de sua valia serem causa de mover a guerra. As quaes differenças entre o pai, e filho fizeram que se apartassem hum do outro, cada hum bus-

car

car lugar onde se pudesse sustentar da fome, que já começava entre elles; e assi lhe fugíram pera Malaca quatro, ou cinco mercadores ricos, que ElRey quizera reter comsigo pera se aproveitar de suas fazendas na restituição de seu estado. Aos quaes Affonso d'Alboquerque ao tempo de sua chegada recebeo com honra, e gazalhado, e per elles houve do estado d'ElRey, e como hia tão desbaratado, que o não seguiam mais que té cincoenta homens, e cem mulheres, e fazia seu caminho em Elefantes na volta de Pam em busca do genro que houvera de ser. E que esta determinação tomára depois que vio que elle Capitão mór começava fazer fortaleza na Cidade: cá em quanto lhe pareceo que sua tenção era tomar a Cidade, e rouballa, e a todo mais damno poer-lhe o fogo á partida, sempre andou per alli derredor pairando, e soffrendo grandes trabalhos naquelles matos. Finalmente com esta nova da partida d'ElRey, e desavenças d'antre elle, e seu filho, começou a Cidade tomar alguma maneira de repouso dos grandes trabalhos que os dias passados teve: no qual tempo Affonso d'Alboquerque tambem começou a entender na fortaleza que queria fazer. E posto que Ruy d'Araujo o tinha desesperado de poder achar na terra pedra pera isso,

co-

como homem cativo que não vê, nem sabe mais da terra, que os trabalhos da casa do Senhor que o tem, veio Affonſo d'Alboquerque achar na meſma terra pedra pera cal, e muita cantaria lavrada em humas ſepulturas antigas de Gentios, e dos primeiros que alli foram, que eſtavam no monte que diſſemos, onde os Cellates primeiros vieram povoar aquella povoação de Malaca. Ao pé do qual monte em mui breve tempo fez huma mui nobre fortaleza, que depois de acabada, por eſte monte lhe não ficar por padraſto, ficou a torre de menagem della em altura de cinco ſobrados, com hum curucheo cuberto de chumbo com todalas outras officinas, que reſpondia á mageſtade della, á qual poz nome a *Famoſa*, porque o merecia ella por a viſta, e lugar tão remoto onde era fundada. E aſſi fundou huma Igreja da vocação de N. Senhora da Annunciada, a Capella da qual mandou cubrir com hum curucheo da ſepultura de hum Rey, que mandou trazer com Elefantes, obra de páo muito bem lavrada. No trabalho das quaes obras ſe aproveitou Affonſo d'Alboquerque de huma gente do povo de Malaca chamada Ambarages, que quer dizer eſcravos d'ElRey, como em verdade o eram d'ElRey, e elle lhe mandava dar ração de mantimento; e quan-

quando não, elles o ganhavam, mantendo a si, e a suas mulheres, e filhos, dos quaes escravos ElRey teria passante de tres mil. E porque Affonso d'Alboquerque em começando as obras soube parte destes escravos, e delles andavam ainda pelos matos, outros ficáram nos duções, e outros estavam na Cidade sem elle saber quaes eram, mandou lançar pregões, que todo escravo que fora d'ElRey Mahamed, se viesse a elle pera lhe mandar dar seu mantimento, e ficaria no foro da vida, e liberdade que d'ante tinha; e qualquer pessoa que lhe trouxesse hum escravo destes por andar fugido, ou se elle apresentasse pera ser assentado por escravo d'ElRey, que elle lhe mandaria dar hum tanto. O qual pregão foi causa que muita gente livre ficou cativa; porque como os homens tinham premio, dos duções, e matos traziam do povo pobre hum livre; e tanto que o apresentava por escravo d'ElRey, era assentado na matricula delles, ficando com nome de escravo elle, sua mulher, e filhos. E o peior era, que como hum homem queria mal a outro, denunciando ser escravo com duas testemunhas, não havia mais mister, o qual negocio destes Ambarages foi ao diante causa de muito mal, como se verá. Feitas estas, e outras obras pera segurança da Cidade, fez

Af-

Affonſo d'Alboquerque outra pera o nobrecimento, e commercio della, quaſi a requerimento do povo. A qual obra foi mandar lavrar moeda, poſto que na terra o ouro, e prata geralmente correſſe por mercadoria, e em vida d'ElRey Mahamed não houveſſe outra moeda lavrada ſenão de eſtanho, a qual ſervia pera as couſas da praça; porque as outras de maior ſubſtancia, e valia corria o commercio dellas per via de commutação de huma couſa per outra; e quando niſto entrava prata, ou ouro, tinham o proprio modo, tomando eſtes dous metaes ao preço que então corria pela terra; e a moeda não, por a não haver na terra, nem os Mouros a coſtumavam, ſómente de eſtanho pelo haver muito, e fino que ſe achava na propria terra: e deſte pera pagamento de jornaes, e couſas da praça, lavrou duas ſortes: a huma chamou dinheiro; e a outra, que continha dez dinheiros, chamou ſoldo; e a outra de dez ſoldos, baſtardo. De prata de lei de onze dinheiros fez ſómente huma moeda per nome malaquezes, a qual prata vinha alli de Pégu, e de Sião muito fina de lei de doze dinheiros, havida de huns póvos chamados Láos, que jazem ao Norte deſtes dous Reynos. E de ouro fez huma ſó moeda chamada catholico, de valia de mil reaes

mui

mui formosa de vinte e quatro quilates de lei, de muito ouro que alli vem da Ilha Çamátra, e assi do que traziam os povos Lequios das Ilhas chamadas Lequios, que jazem fronteiras á costa da China. Feita esta moeda, em o dia da notificação per que mandou que corresse, foi arraiado hum Elefante de pannos de ouro, e seda com seu castello, e em cima delle levava a bandeira real das armas deste Reyno Antonio de Sousa, filho de João de Sousa de Santarem; e adiante delle no mesmo castello hia hum filho de Nina Chetu o Governador dos Gentios, com grande somma de toda esta moeda; e diante do Elefante hiam outros dous não tão arraiados, e nelles trombetas deste Reyno, e tangeres, e mulheres cantadeiras da terra que vivem por este officio, todos acompanhados do povo da terra, e assi dos Portuguezes com boa ordenança per esses lugares públicos com grande festa. E de quando em quando faziam huma pausa, em que hum Malayo dos principaes da terra pregoava na propria lingua aquella moeda, e hum Portuguez na sua; e dados os pregões, o filho de Nina Chetu derramava hum golpe dellas per o povo. Acabado este acto houve logo na Cidade quem tomou o feitio, e cambo della, e começou correr sem referta alguma, por ser mais favoravel a to-

a todos, que a dos Mouros: com ella mandava Affonſo d'Alboquerque pagar os jornaes áquelles que vinham ao ſerviço da obra, principalmente aos Péguus, que folgavam de andar ao ganho dos jornaes. E eram tão contentes do modo deſte ganho, que partidos alguns juncos delles pera ſua terra, ſe leixou alli ficar hum filho de hum Piloto em modo de Capitão de té cem delles a ganhar ſua vida naquellas obras, por ſer mancebo que com a communicação dos noſſos tomou a lingua, e folgava com a converſação delles. Com o qual ganho, que todos achavam em nós, e bom tratamento que geralmente recebiam, guardando-lhe verdade, e juſtiça, a qual elles não achavam em ElRey, ante era já havido por tyranno, aſſi correo a nova de nós per toda a terra, que ante que Affonſo d'Alboquerque ſe partiſſe de Malaca, entráram nelle mais de quarenta juncos carregados de mantimentos, e outras mercadorias da terra; e aſſi partíram outros dos mercadores naturaes a ir fazer ſuas fazendas aos portos coſtumados, com que a Cidade começou ennobrecer.

CA-

CAPITULO VII.

Como Utimutirája por algumas cousas que commetteo, foi julgado á morte com seus filhos: e dos movimentos de guerra que os seus por isso fizeram té Affonso d'Alboquerque se partir pera a India: e de algumas embaixadas que lhe vieram, e mandou a diversas partes ante que se partisse, e assi huma Armada a descubrir Maluco, e Banda.

ESTando as cousas de Malaca neste estado, veio nova como depois que ElRey Mahamed, e o Principe Alodim seu filho se desavieram por as cousas que atrás dissemos, cada hum fazia cabeça per si, buscando parentes, e amigos pera com sua ajuda ver se poderia per algum modo tornar-se a restituir na posse daquella Cidade, que perdêram. E entre algumas pessoas com que este Principe se carteava pera este fim, era o Jáo Utimutirája Senhor da povoação Upi, o qual polo odio em que estava com ElRey Mahamed, folgou de acceitar esta amizade com o filho; porque como ainda estava inteiro na sua povoação Upi, desejava metter o negocio em revolta, pera ver se poderia ficar por Senhor da Cidade, que elle mui bem poderia sustentar com gran-

grande familia, e ſubſtancia de fazenda que tinha. Do qual trato que elle trazia, veio ter á mão de Affonſo d'Alboquerque huma carta per meio de alguns imigos do proprio Utimutirája, por ſer mui mal quiſto: e a cauſa era por elle com o favor do officio fazer algumas tyrannias aos Mouros, e mercadores da ſua jurdição; a huns tomando-lhes as mercadorias pelos preços que queria, e a outros naturaes de Malaca, os ducções, e propriedades: e ſobre tudo todolos eſcravos que podia haver á mão, como entravam na ſua povoação, nunca dalli ſahiam, os quaes logo mandava metter no ſerviço da obra que fazia, que era fortalecer-ſe. Além diſto por mais deſcubrir a maldade do ſeu peito, mandou atraveſſar quanto arroz havia na terra, com que o povo clamava por não ſe achar a vender, ſenão o ſeu a pezo de ouro: e com iſto mandava na ſua povoação que não correſſe a noſſa moeda novamente feita, mas a do Rey Mahamed, ſendo elle tão grande ſeu imigo, ſómente a fim que com eſta neceſſidade de não haver eſta moeda na terra, venderia melhor o ſeu; e ao tempo que Affonſo d'Alboquerque mandou pregoar aquella nova moeda, elle, nem couſa ſua foram preſentes. Finalmente chegou a ouſadia deſte Jáo a tanto, que indo hum Naire

re já feito Chriſtão dos da terra Malabar ſua povoação, elle o mandou prender; porque o Meirinho da Cidade foi a elle que lhe mandaſſe entregar aquelle homem; não lho quiz dar, e ſobre iſſo diſſe ainda mais palavras ao Meirinho chamado Franciſco de Figueiredo. E aſſi injuriou hum mercador Gentio o mais honrado dos Quelijs, per nome Midele Alrája, indo á ſua povoação Upi a lhe requerer pagamento de certa fazenda, que lhe tomára; e quaſi eſcapou de o não matarem os ſeus eſcravos, que o apedrejáram com pães de eſtanho, que eſtavam em huma caſa, que era ſeu almazem, por não haver pedras na terra, o qual mercador ſe veio logo queixar a Affonſo d'Alboquerque. Sobre as quaes couſas praticando elle com Ruy d'Araujo, que ſervia de Feitor, e outros Officiaes que alli haviam de ficar na fortaleza, aſſentáram, viſto como eſte Jáo diante dos ſeus olhos todolos dias fazia mil forças, e os ſinaes de ſuas obras eram, que como vieſſe tempo, os havia de metter em revolta, ſeu voto era que ante de proceder mais em outras maldades, que não tiveſſem remedio, devia de morrer por o melhor modo que ahi houveſſe pera iſſo, e de menos eſcandalo. Neſte meſmo tempo ſoube mais Affonſo d'Alboquerque, que eſte Jáo todolos

dos dias mandava contar quantas covas havia dos nossos que faleciam; porque além daquelles que morrêram a ferro, começou a terra de os apalpar, e morriam alguns dos muitos que adoeciam: e pera mais confirmação de sua soberba per vezes que Affonso d'Alboquerque o mandou chamar, elle, nem o filho nunca quizeram vir, simulando doença, e outras cousas. Andando Affonso d'Alboquerque mui cheio das suas, aconteceo, que hum Coge Habraem Mouro, Parseo de nação, grande amigo deste Utimutirája veio pedir a elle Affonso d'Alboquerque o officio de Quetual da Cidade; ao qual respondeo, que os taes officios não os havia de dar sem conselho dos homens principaes da Cidade, que os ajuntasse elle a hum certo dia, e que per ante elles lho daria. Coge Habraem como teve esta palavra, houve logo que tinha o officio, pois não estava em mais que ajuntar os Mouros principaes ante elle Affonso d'Alboquerque; e teve logo maneira, pola amizade que tinha com Utimutirája, como ajuntou a elle, e a Patiáco, e Patiprá seu filho, e genro, e a Tuam Colascar Governador dos Jáos da povoação de Ilher, Nina Chetu Governador dos Gentios, Pate Quetir Jáo, e a outros dos mais principaes da terra. Affonso d'Alboquerque tanto que soube a vin-

vinda delles, ajuntou-ſe com os Officiáes e Capitães em modo que os queria ouvir, e elles ouvíram outra prática mui differente; porque ante que fallaſſem, mandou a Ruy d'Araujo que leſſe os capitulos das couſas que Utimutirája tinha commettido, e a carta que tinha eſcrito ao Principe Alodim; muitas das quaes couſas elle confeſſou, dando algumas mais razões de ſua deſculpa. Finalmente daquella feita, elle, o filho, e genro, e hum neto já homem ficáram prezos, e Pate Quetir que era preſente, entregue do officio delle Utimutirája, ſobre o qual caſo Affonſo d'Alboquerque mandou proceder judicialmente, tirando-ſe teſtemunhos de Mouros, e Gentios. E a primeira execução que fez ſobre ſuas culpas, foi mandar-lhe reſtituir o roubado, em que entráram mais de quinhentos eſcravos de partes, e dos d'ElRey chamados Ambarages, que diſſemos: e ſobre iſſo mandáram-lhe desfazer as tranqueiras que novamente tinha feito, e encher de terra as cavas: a execução das quaes couſas fazia Pate Quetir, como official que já era daquella parte de Upi, e per derradeiro deoſe ſentença que morreſſe elle, o filho, e genro, e neto. A mulher ſabendo parte deſta ſentença, mandou pedir a Affonſo d'Alboquerque houveſſe por ſatisfação deſte caſo

ſo

ſo elles com toda ſua familia ſe irem viver a Jáoa, pois Malaca os havia por odioſos; e que daria por ſuas vidas tantos mil pezos de ouro, que da noſſa moeda paſſariam de cem mil cruzados. Ao que Affonſo d'Alboquerque reſpondeo, que elle era Miniſtro da juſtiça d'ElRey D. Manuel de Portugal ſeu Senhor, o qual não coſtumava vender juſtiça por dinheiro, por ſer a mais precioſa couſa do Mundo; e por iſſo que ſe conſolaſſe, porque elle padecia conforme a vida que teve, e enſinou a ſeus filhos té os trazer áquelle eſtado. E parece que permittio ainda Deos que a maior parte do cadafalſo, que per ſeu conſelho, e do Bendara, que aſſi acabou, ſe fez na praça em que elles eſperavam banquetear com crua morte a Diogo Lopes de Sequeira, (como eſcrevemos,) eſte ſervio pera eſta ſentença que ſe deo contra elle; porque foi degollado nelle, e ſeu filho Patiáco, que tambem ao tempo que Diogo Lopes jogava o enxadrez eſteve com o cris pera o matar, e aſſi os outros que eram os mais chegados a elles por ſangue, com pregões que denunciavam ſuas culpas. A qual juſtiça foi a primeira que per noſſas leis, e ordenações, e proceſſada ſegundo fórma de Direito, ſe fez naquella Cidade a vinte e ſete dias de Dezembro de quinhentos

e onze, havendo dezeſeis dias que era preſo. Com o qual feito o povo de Malàca ficou mui deſaſſombrado daquelle tyranno, e houveram ſermos gente de muita juſtiça, e que a não vendiamos por tão pouco preço, como ſe naquellas partes entre elles uſa, pois dando a mulher de Utimutirája tanta ſomma de ouro, ante Affonſo d'Alboquerque lhe quiz mandar entregar os corpos pera lhes dar ſepultura, que as peſſoas ſem nelle ſe executar o que deviam por ſuas culpas. Eſta mulher movida com a dor deſtes filhos, e marido, determinou, pois Affonſo d'Alboquerque lhos não quiz dar polo ouro que mandava prometter, de gaſtar todo eſte ouro na vingança de ſua morte, e pera iſſo não achou melhor meio, que dar a Pate Quetir ſeis, ou ſete mil pezos de ouro, que fizeſſe quanto mal nos pudeſſe fazer, porque ella lhe entregaria pera iſſo toda ſua familia; e mais dando-lhe eſta vingança, que o caſaria com huma filha ſua. Pate Quetir, como era homem poderoſo na terra, ainda que em vida de Utimutirája não eſtava bem com elle, com cubiça do premio de que logo via boa entrada, e tambem com eſperança que podia Malaca com eſta revolta vir a termos que ſería elle ſenhor della, por a grande familia de Utimutirája, e riqueza que ficára delle, e que niſ-

nisto não aventurava cousa alguma, pois era á custa alhea; huma ante manhã veio queimar toda aquella parte da Cidade contra a povoação Upi, por alli viverem os Chatijs do Quelim, dos quaes se ella queixava, dizendo serem authores da morte de seu marido, e filhos, por os queixumes que delles foram fazer a Affonso d'Alboquerque. O qual insulto tanto que o elle soube, andando já os Jáos com as mãos tintas do sangue dos mortos, mandou alguns Capitães que acudissem a isso, os quaes fizeram recolher a Pate Quetir na povoação Upi. Mas elle não contente com esta vez, mandava daquella gente que tinha per esses duções de Quelijs, com que fazia grão damno, e assi naquella parte da Cidade, dando de subito alguns rebates, de que os Malaios andavam assombrados, por temerem muito a estes Jáos como a gente desesperada que não temem morrer com tanto que satisfação sua vingança. A qual furia durou per dez dias, té que o mesmo Pate Quetir veio assentar paz com Affonso d'Alboquerque, mostrando que por ganhar sua amizade, e desejar o serviço d'ElRey de Portugal, amansára os corações daquella gente, á qual se lhe não fora concedido aquelle modo de vingança, quasi como choro nos casos tão tristes, como foi o de seu

Senhor, ſegundo a gente dos Jáos he furioſa naquelles actos, ſempre fizeram maior damno; mas com aquella cevadura, que foi artificio de os amanſar, elle os tinha já pacificos, e obedientes a ſeu mandado. Affonſo d'Alboquerque porque ſoube que eſte Jáo deſejava muito caſar com a filha de Utimutirája, que lhe ſua mãi promettia, pareceo-lhe que por comprazer á mulher delle pera effeito daquelle caſamento fizera aquelles commettimentos, que cauſou diſſimular o melhor que pode com elle, levando-lhe em conta ſuas deſculpas. E porque via tambem que começava elle ter credito entre os Jáos, gente a mais principal, e poderoſa da terra, e dando-lhe de todo o officio que fora de Utimutirája, ficava mais honrado pera a mulher delle lhe dar ſua filha em caſamento, com que ficaria de todo aſſocegado, deo-lhe o officio, com que per eſte modo ficou em paz ſobmettido á noſſa obediencia. Mas iſto durou mui poucos dias; cá a meſma honra que lhe Affonſo d'Alboquerque fez na dada do officio, cauſou tornar-ſe a rebellar; porque vendo-ſe caſado com a filha de Utimutirája, com que ficou ſenhor daquella ſua grão familia, e fazenda, ficou logo vingador de ſua morte, porque com eſta condição lhe deo a ſogra a filha. Porém logo no princi-

ci-

cipio não ſe moſtrou mais que revel aos mandados de Affonſo d'Alboquerque ſem fazer guerra, eſperando que ſe foſſe elle pera a India, que ſería tanto que a monção vieſſe. Eſtando as couſas neſte eſtado, ElRey de Campar, cujo Reyno he na Ilha Çamatra obra de vinte e ſeis leguas ao Levante de Malaca, porque fora caſado com huma filha d'ElRey de Malaca, de que era viuvo, donde entre elles houve deſavença, determinou de ſe metter em noſſa graça pera eſte fim. Sabendo elle como Affonſo d'Alboquerque á mingua de homens nobres per morte de Utimutirája provêra do officio que elle tinha a Pate Quetir, o qual ſe rebellava, determinou de lhe mandar pedir que o leixaſſe vir a Malaca a ſervir a ElRey de Portugal, cujo vaſſallo queria ſer, parecendo-lhe que os Malayos por razão da nobreza de ſua peſſoa, como o viſſem em Malaca, pelas intelligencias que já ſobre iſſo tinham, pediriam a Affonſo d'Alboquerque que lhe déſſe o officio que tinha Pate Quetir. Com a qual entrada, de duas o tempo lhe podia dar huma, ficar ſenhor de Malaca, ou provocar todolos moradores della a ſe paſſarem a viver ao ſeu rio de Campar. Pera effeito do qual propoſito ſe veio a huma Ilha, a que os naturaes da terra chamam Çapáta,

46066

ta,

ta, e os noſſos da Aguada, pola que alli fazem quando navegam, ou dos Limões, polos muitos que tem: da qual Ilha mandou hum preſente a Affonſo d'Alboquerque de certos fardos de lenho aloe, e de huma maſſa da eſpecie de lacre, que entre elles ſerve de verniz; dizendo que aquella era a fruta da ſua terra; e poſto que nella foſſe livre, que ſeu deſejo era fazerſe vaſſallo d'ElRey de Portugal, e vir viver a Malaca ao ſervir, ſe aprouveſſe á elle Capitão mór. A qual vinda por então não houve effeito, por Affonſo d'Alboquerque lhe não conceder algumas couſas de ſuas capitulações; porém depois em tempo de Jorge d'Alboquerque, ſendo Capitão daquella Cidade Malaca, ſe veio elle a eſta com Pero de Faria, que andava naquelle eſtreito de Sabam de Armada, (como ſe verá em ſeu tempo.) Tambem vieram neſte tempo Embaixadores de hum Rey Gentio da Ilha Jauha com hum preſente, e offerecimentos de grande amizade a Affonſo d'Alboquerque, ao qual elle reſpondeo, e mandou hum dos Elefantes que alli foram tomados, por ſerem lá de muita eſtima; e aſſi lhe veio hum Embaixador d'ElRey de Sião em companhia de Duarte Fernandes, que elle lá tinha enviado com os Chijs. E a cauſa de ſua vinda era querer

El-

ElRey per ſua peſſoa ſaber ſe era verdade do eſtado em que eſtava Malaca, e que gente era aquella, que lhe dava tal vingança daquelle tyranno, porque não o podia crer, e diſſo mandava agradecimentos a Affonſo d'Alboquerque, offerecendo-ſe por grande amigo d'ElRey de Portugal, pera o qual mandava cartas, e preſente, e aſſi a elle Affonſo d'Alboquerque. Com o qual á tornada elle mandou, por mais ſegurar o eſtado de Malaca, ſua embaixada per Antonio de Miranda d'Azevedo, e Duarte Coelho bem acompanhados com algumas couſas deſtas partes: a ſubſtancia da qual embaixada era liança de amizade, e que pois elle tinha deſtruido aquelle tyranno, que tanto tempo lhe fora revel, e nunca pudera caſtigar, que dalli em diante podia mandar os ſeus póvos de Sião viver áquella Cidade; porque ſeríam tratados nella como os proprios Portuguezes. E neſte meſmo tempo mandou outra embaixada a ElRey de Pégu per Ruy da Cunha; e aſſi elle, como Antonio de Miranda foram em navios que alli vieram de Pégu, e porém Antonio de Miranda ficou em Tanaçarij, que era d'ElRey de Sião, por o ſeu ſenhorio ſer de mar, e per alli entrou per terra té Sião. Ruy d'Araujo, e Nina Chetu, porque ſouberam de Affonſo d'Alboquerque como de-

desejava tambem de mandar descubrir as Ilhas de Maluco, e Banda, donde nascia o cravo, noz, e maça, em quanto os navios se faziam prestes, ordenáram hum junco seu com alguma mercadoria, de que era Capitão hum Mouro per nome Nehodá Ismael, que fosse diante, ao qual Affonso d'Alboquerque deo regimento que fosse per todolos principaes portos da Jauha, denunciando o feito de Malaca, e que podiam ir a ella fazer seus proveitos mais seguramente, que em tempo d'ElRey Mahamed, porque achariam todalas mercadorias destas partes Occidentaes, de que elle levava mostra. E dahi fosse ás Ilhas de Maluco, e Banda carregar, e fizesse outra tal denunciação, a fim que a navegação de Malaca, que naquellas partes era tão geral, não se perdesse, ouvindo que estava em nosso poder; e tambem que os nossos navios que elle esperava mandar logo, quando chegassem a algum porto destes, fossem bem recebidos. O qual Nehodá não levou de ventage a tres navios, que Affonso d'Alboquerque mandou a este descubrimento, mais que dous, ou tres dias, dos quaes foi por Capitão mór Antonio d'Abreu o que foi ferido com o espingardão no junco; e dos outros dous eram Capitães Francisco Serrão, e Simão Affonso cavalleiros da casa d'El-

d'ElRey; e Feitor das mercadorias João Freire criado da Rainha D. Lianor, e Escrivão Diogo Borges, e Pilotos Luiz Botim, Gonçalo de Oliveira, e Francisco Rodrigues: com regimento, que em nenhuma maneira fizessem preza, nem tomadia, ante procurassem paz, dando do seu per onde quer que fossem, e assentassem padrões, e as terras nas cartas, e outros muitos avisos, e resguardos, que convinham pera tão novo descubrimento. Espedidos estes Embaixadores, e navios que Affonso d'Alboquerque mandou, começou entender em sua partida pera a India, leixando primeiro assentado todalas cousas da Cidade o melhor que se pudesse fazer em tão breve tempo, e em negocio tão revolto como se tratou depois que chegou a ella té sua partida. Por Capitão da qual fortaleza, (que ficava já em altura que se podia bem defender,) leixou a Ruy de Brito Patalim, hum Fidalgo da Villa de Santarem, pessoa de quem elle confiou o governo, e defensão daquella Cidade com té trezentos e tantos homens d'armas; e a Ruy de Araujo por Alcaide mór, e Feitor, em pagamento de seu cativeiro; e por Escrivães de seu cargo, Francisco de Azevedo, Pero Salgado, e João Jorge; Almoxarife dos mantimentos Jacome Fernandes, e seu Escrivão Francisco Cardoso;

e Al-

e Almoxarife do armazem Braz Affonso; e Provedor dos defuntos, e hospital Diogo Camacho com seus Escrivães, e outros officiaes, cujos nomes não vieram á nossa noticia, todos criados d'ElRey, e pessoas de merecimento, segundo seu cargo; e por Xebandar, e Governador dos Gentios Nina Chetu, e dos Mouros Malayos hum seu Caciz, e dos Jáos da parte de Upi, por Pate Quetir estar alevantado, hum Mouro honrado per nome Aragemut Rája, e dos da parte Ilher Tuam Colascar; e Ruy de Araujo por já saber a lingua da terra, e seus costumes, interviesse com elles Xebandares em os negocios da governança de seus officios, pera dar disso razão ao Capitão Ruy de Brito, porque o povo não recebesse algum aggravo dos Xebandares. No mar leixou huma Armada de dez vélas, em que ficariam trezentos homens de armas, e mareantes, da qual Armada era Capitão mór Fernão Peres de Andrade, e Sota-capitão Lopo de Azevedo; e os outros Capitães eram João Lopes Alvim, Vasco Fernandes Coutinho, Christovão Garces, Jorge Botelho, Aires Pereira de Berredo, Pero de Faria, Christovão Mascarenhas, e Antonio de Azevedo, todos homens Fidalgos, e bons cavalleiros. E aos que novamente fez Capitães, deo parte dos

na-

navios que levou da India, com fundamento que tanto que a elle chegasse, prover de melhores vasilhas áquelles a que tomára as em que andavam, por as dar aos que ficavam nesta Armada. E Fernão Peres Capitão mór della havia de esperar a monção do tempo em que vem os juncos de Maluco, Banda, Timor, e daquellas partes Orientaes a Malaca, pera carregar de drogas, e de outra fazenda as náos dos armadores, que Diogo Mendes de Vasconcellos levava, e dahi se vir pera o Reyno; e em lugar delle Fernão Peres, como dissemos, havia de ficar Lopo de Azevedo. Provídas estas cousas, e as mais que convinham á governança, e defensão de Malaca, e assi as necessarias á partida de Affonso d'Alboquerque, vieram-se a elle os moradores que alli ficavam de assento, assi Gentios do Quelij, Pégu, Jauha, como os Mouros destas, e de outras partes, fazendo-lhe huma falla pública em modo de requerimento. Trazendo-lhe á memoria como as cousas daquella Cidade estavam ainda mui frescas, e os animos de muitos pouco quietos, e seguros no serviço d'ElRey de Portugal, e outros publicamente assi como Malayos, e Jáos andavam levantados; e posto que elle Capitão mór leixava pera defensão daquella Cidade mui bons Capitães,

e Ca-

e Cavalleiros, ella era tamanha cousa, que requeria sempre presente a pessoa delle Capitão mór, principalmente naquelle tempo. Por tanto elles como bons, e fieis vassallos d'ElRey de Portugal, os quaes elle Capitão mór tinha ganhado per armas, e depois per amor de boas obras, e mercê que delle recebêram, lhe requeriam que por então não se partisse pera a India, ao menos té a outra monção; e que se per ventura na feitoria d'ElRey havia alguma necessidade pera pagamento da gente de armas, elles a suppririam com suas fazendas. Affonso d'Alboquerque, posto que estes moradores o apertavam muito, quasi imputando a elle o mal que ao diante succedesse com sua breve partida, todavia este zelo que vio naquellas pessoas tão principaes, de quem dependia a governança, e assocego da terra, o segurou mais em sua ida; e dando-lhe por isso muitas graças, e as razões que obrigavam acudir ao estado da India, os espedio, e dahi a tres, ou quatro dias se partio com quatro vélas. Elle em huma, e nas tres vinham Jorge Nunes de Leão, Pero d'Alpoem, que era nas em que foram da India, e Simão Martins em hum junco, que tomou naquelle caminho, todo amarinhado de Jáos, em que entravam muitos carpinteiros, calafates, e offi-

ciaes

ciaes mecanicos, que Affonſo d'Alboquerque levava em grande eſtima, por eſtes Jáos ſerem grandes homens deſte miſter do mar, os quaes ſeriam quaſi ſeſſenta peſſoas, a fóra mulheres, e filhos, que elles coſtumam trazér comſigo. E ao tempo que Affonſo d'Alboquerque ſe embarcou, o Principe Geinal, que elle tomou em o junco Bravo, deſappareceo: parece que deſconfiou de poder ſer reſtituido em ſeu Reyno, como lhe Affonſo d'Alboquerque tinha promettido, vendo que levava elle comſigo poucas vélas, e gente. E poſto que Affonſo d'Alboquerque mandou fazer diligencia em ſua buſca, nunca o puderam achar: e depois ſe ſoube ſer ido pera ElRey Mahamed, que fora de Malaca por tratos que andáram entre elles, onde eſteve alguns annos, té que per ſéu favor veio cobrar o Reyno de Pacem, em que durou pouco, como veremos em ſeu tempo. E neſte de ſeu deſterro, o tyranno que o lançou do Reyno, temendo que Affonſo d'Alboquerque lhe pediſſe conta daquella obra, e mais do que era feito a João Viegas no ſeu porto de Pacem, trabalhou ſempre de o contentar, e ganhar a vontade com boas obras; porque alguns homens que foram ter ao ſeu porto da náo Flor de la mar, que naquella viagem que Affonſo d'Alboquerque fez pera a India, ſe

ſe perdeo, (como veremos,) elle os agazalhou, e mandou com davidas em as náos de Choromandel, que hiam carregar ao ſeu porto, pera dahi ſe irem a Cochij. E leixando Affonſo d'Alboquerque a viagem, do qual eſcrevemos adiante, convem, primeiro que entremos em o anno de doze, darmos conta do que paſſou na India, e principalmente em Goa, em quanto elle andou fóra.

CAPITULO VIII.

Como os Mouros das terras firmes de Goa, partido Affonſo d'Alboquerque pera Malaca, lhe vieram fazer guerra, té hum Capitão do Hidalcão entrar na Ilha, em que o Capitão Rodrigo Rabello, e Manuel da Cunha foram mortos.

COmo muitas terras firmes de Goa não eſtavam de todo aſſentadas, nem o animo de ſeus moradores mui fieis na obediencia noſſa, tanto que víram partido Affonſo d'Alboquerque pera Malaca, lugar tão remoto da India, e terra pera que os noſſos não tinham navegado, e mais mui duvidoſa pelo que nella aconteceo a Diogo Lopes de Sequeira, como gente que não temia ſua tornada, começou de ſe rebellar, não querendo acudir com o rendimento das tana-

da-

darias ao Capitão Melrao, a quem Affonſo d'Alboquerque as tinha dado pela maneira que diſſemos. E poſto que com a gente da guerra que elle trazia ordenada pera defensão daquellas tanadarias, ás vezes fazia a arrecadação dellas com trabalho, muito maior o teve tanto que com força de gente veio ſobre elle hum Capitão do Hidalcão chamado Pulate Can, té que per derradeiro vindo eſte Pulate Can a lhe dar huma batalha, Melrao lhe ſahio, e o desbaratou com quatro mil peães, e quarenta de cavallo que tinha, tendo Pulate Can muito maior número de gente. Seguindo o alcanço do qual hum ſeu Capitão delle Melrao per nome Içarao, quiz tanto perſeguir os imigos, que quaſi deſeſperados de ſalvação em hum lugar eſtreito tornáram ſobre ſi, onde Içarao foi morto, e a maior parte da gente que levava, com o impeto da qual victoria vieram dar com Melrao, que eſtava repouſado daquelle feito, e foi alli desbaratado. E porque lhe tomáram o caminho de Goa, e elle ſer homem de honra, e ſaber, que ácerca de nós he injúria perder o campo, não ouſou vir ante o Capitão Rodrigo Rabello naquelle eſtado de vencido, e foi-ſe pera ElRey de Narſinga, levando comſigo Timoja, que (como vimos) elle tinha tomado ſobre ſi por cauſa do roubo

das

das náos, os quaes damnos se os não pagou com a fazenda, foram pagos com sua morte lá em Narsinga de sua chegada a poucos dias. Com a qual nova sua mulher, e filhos fugíram de Onor onde estavam, e se vieram a Goa buscar nosso amparo, aos quaes Affonso d'Alboquerque depois de sua vinda de Malaca, (posto que elle Timoja era travesso,) por memoria dos serviços que fez na tomada de Goa, e exemplo ao Gentio daquella terra, que as mulheres, e filhos daquelles que militavam, e morriam por nós, eram amparados, lhes mandou ordenar certa cousa de que se mantivessem. Melrao depois que foi em Narsinga, não tardou muito que não foi chamado por o povo do Reyno de Onor, por ser morto o irmão, com que tinha guerra sobre a sucçessão do Reyno. E como era homem grato, tanto que soube que Affonso d'Alboquerque era vindo de Malaca, lhe mandou algumas peças de serviço, em que entrou hum assento forrado de ouro ao modo de tripeça, que lhe ElRey de Narsinga deo quando se delle espedio por vir herdar, e sempre foi grande amigo de Portuguezes em quanto viveo. Ficando as terras de Goa desamparadas com esta batalha, em que Melrao foi desbaratado, sem Rodrigo Rabello lhe poder soccorrer, por a pouca gente que

ti-

tinha, levantou-se nesta conjunção hum Mouro coixo, e com prégações per modo de religião começou de induzir, e convocar muito povo dos Mouros dos que lançaramos da Ilha de Goa, e de outros a ella vizinhos que viessem sobre ella, promettendo com seus sermões de Satanaz restituição della, de maneira, que com a gente que este Mouro ajuntou, e outra que Pulate Can tinha se fez hum corpo de mais de oito mil homens, com que elle Pulate Can algumas vezes vinha dar mostra derredor da Ilha, e do successo tomar conselho do modo que teria em commetter a entrada della. A qual elle não commettêra, se Rodrigo Rabello fizera a torre, e baluarte, que lhe Affonso d'Alboquerque leixou ordenado que fizesse no passo Beneslarij na parte da Ilha onde estava hum muro velho largo, e soberbo sobre o rio, com huma porta como que já em outro tempo se fizera alli aquella defensão por guarda da entrada da Ilha. Porque como toda era cercada de rio largo, segurado este passo, por ser o mais corrente da terra firme, ficava o mais da Ilha guardado com pouca vigia; e quando per qualquer outra parte fosse entrada, pera sahir della depressa, não podia ser senão per aqui, o qual lugar tomado, ficava a gente desta entrada perdida, e isto era o

que Affonso d'Alboquerque lamentava depois da sua vinda. A qual obra Rodrigo Rabello por então houve por escusada, por ter outras da Cidade a que acudir, e mais vendo que Melrao andava com gente de guerra nas terras firmes, e que não havia nellas Mouros de que temer a entrada da Ilha, depois que Melique Agrij perdeo estas terras firmes, e o Hidalcão com suas occupações da guerra que tinha no sertão não acudia a ellas. Peró depois que elle Rodrigo Rabello vio Melrao desbaratado com a vinda de Pulate Can, e que com elle se ajuntáram os Mouros do outro prégador, com que lhe vinha dar mostras derredor da Ilha, e podia em jangadas, como da outra vez, commetter a entrada della, ordenou navios de guarda, porque té então a vigia dos passos era encommendada ao Tanadar Cogequij homem de guerra, e mui fiel servidor. O qual com certos Naiques, que são Capitães da gente de pé, segundo uso da terra, de noite, e de dia roldavam os passos de suspeita; porque como elles eram do Gentio Canarij da Ilha, que tinham nella mulher, e filhos, tanto importava a elles a guarda da Ilha, por lhes não destruirem sua pobre aldea onde viviam, como aos nossos a Cidade onde estavam mais seguros; e sobre tudo sempre o Adail Dio-

go

go Fernandes ordinariamente com a gente de cavallo, e pé a elle ordenada, a gyros visitava todolos passos. E porque os de Benestarij, e Agacij eram de maior suspeita, tanto que Pulate Can deo mostra de si, mandou Rodrigo Rabello a hum Pero Preto morador da Cidade, que estivesse com hum batel grande com alguns homens, e duas peças de artilheria em o passo de Benestarij, e no de Agacij outros dous bateis, em hum delles Aires Dias, e no outro Aires da Silva por Capitão de todos tres, dando vista a huma, e outra parte. E elle Rodrigo Rabello per muitas vezes cavalgava com té quarenta de cavallo, e gente de pé da terra, e andava favorecendo as aldeas, e dava tambem alguma mostra a Pulate Can, que apparecia da outra banda do rio. Havendo já dias que a guarda da Ilha procedia per esta maneira, como Pulate Can era homem de guerra, e de industria, ordenou humas jangadas per huns esteiros dentro do rio de Antrux, que vinham dar no passo de Agacij, mostrando que per aquella parte havia de fazer a entrada, e pera isto tinha suas intelligencias com alguns Gentios moradores na Ilha, que como fosse dentro, que leixassem os nossos, e se ajuntassem com elle. Do qual commettimento que fez ao Gentio da terra Crisná hum

Capitão delles o descubrio a Rodrigo Rabello; e passando alguns dias que elle Pulate Can andou com elles neste trato, tudo industriosamente pera que Rodrigo Rabello o soubesse, mandou dizer a estes principaes que tinha convocado pera o negocio, que pera huma tal noite o viessem esperar ao passo de Agacij. Rodrigo Rabello como foi avisado desta noite de sua entrada per aquella parte, mandou a Pero Preto, que estava em Benestarij, que se viesse ajuntar com Aires da Silva. Pulate Can como não esperava outra cousa, tinha no passo Benestarij gente prestes, e a nado passáram a Ilha sobre as adargas, e cestos obra de trezentos homens, que vieram logo ao longo da ribeira té o passo de Agacij tomar a gente da terra, que estava alli em guarda do passo Agacij. A qual como tinha os olhos no mar, e o descuido na terra, quando sentíram o ferro em si, houveram que a Ilha era entrada per muitas partes, e não de gente que os convocava em sua ajuda, mas que lhes queria tirar a vida, e por isso começou cada hum acudir a sua aldea a poer em cobro mulher, e filhos. Aires da Silva, que estava defronte na terra firme vigiando a sahida das jangadas, quando ouvio os alaridos dos Mouros, e arder a aldea dos Gentios, que estavam em guarda do passo, pare-

recendo-lhe que algumas jangadas das que elle esperava eram passadas da banda dalém, foi demandar a Ilha pera ver se as via; e não as achando, nem menos o Naiquè que estava sobre o passo, tornou-se ao lugar que ante tinha, que era aquelle per onde esperava que haviam de sahir as jangadas, segundo o aviso de Rodrigo Rabello, parecendo-lhe que a grita, e arder da aldea era alguma maldade dos Gentios da terra feita per a industria de Pulate Can, pera que em quanto acudisse alli com os bateis, sahir elle com suas jangadas. A qual suspeita era assi, porque não sería Aires da Silva tornado a este lugar quando sentio o rumor da gente que vinha nas jangadas; e porque o escuro da noite, e chuva lhe não dava vista pera as commetter, converteo-se a mandar tirar com artilheria a esmo, onde sentíram o rumor, que causou não se mudarem os Mouros donde estavam, o que aproveitou muito pera se salvarem. Porque quando veio pela manhã com a maré vasia, e o mar espraiar muito, por serem aguas vivas, estavam todos em secco huns sobre coroas de arêas, outros em vasa, de maneira, que os nossos bateis não podiam ir a elles, e estavam hum pouco affastados pera com artilheria lhes fazer algum damno. Aires da Silva em quanto os tinha alli pre-

zos

zos té vir a maré, deo huma volta aos passos da Ilha, e achou que verdadeiramente os alaridos, e fogo, que ouvio, e vio de noite, eram dos Mouros, e que entráram per Benestarij, onde já da banda da terra firme vio muita gente que queria passar per huma jangada pequena, que estavam fazendo, a qual obra impedio que não fosse mais avante. Peró isto aproveitava já bem pouco, porque ante de sua vinda eram passados alguns Mouros de cavallo com hum golpe de gente de pé, que se ajuntáram com os peães que passáram de noite, os quaes como não acháram defensão na terra, mettéram-se per essas aldeas ferindo, e matando os lavradores, muitos dos quaes que podiam escapar daquelle primeiro impeto, em fio a grão corrida vinham buscar o amparo da Cidade. Quando o Capitão Rodrigo Rabello os vio entrar, delles banhados em sangue das feridas que já traziam, e as mulheres, e crianças de peito postas em hum vivo choro, mandou a grão pressa ao Adail Diogo Fernandes, que lhe fosse saber se era muita gente entrada. O qual tanto que sahio hum pedaço da Cidade, topou muitos destes lavradores que vinham fugindo, e disseram-lhe que seriam té quinhentos Mouros, e sobre estes veio o Tanadar Cogequij, que elle mandou ir ao Capi-

pi-

pitão pera lhe dar razão do que ſabia, em quanto elle Adail dava huma volta pera haver mais viſta da terra. Chegado eſte Cogequij a Rodrigo Rabello, contou-lhe o modo do desbarato do Naique, que eſtava em guarda do paſſo, e que lhe parecia, (ſegundo o que de noite ſe podia eſtimar,) os Mouros poderiam ſer té duzentos; e porém pela nova que lhe davam os lavradores das aldeas, per toda a Ilha andava muita gente eſpalhada como quem vinha a roubar o campo, e não commetter a Cidade. Rodrigo Rabello com eſta informação cavalgou com té trinta e ſeis de cavallo, e ſeſſenta peães que ſe alli acháram com o Tanadar; mas em ſahindo da Cidade, foi recolhendo os que vinham fugindo té o Adail vir dar com elle, que lhe deo a meſma nova de Cogequij. Ao qual Adail o Capitão logo eſpedio com quatro de cavallo que lhe foſſe atalhando, e deſcubrindo a terra pera ſaber a que parte andavam os Mouros. Partido o Adail, vieram ter com o Capitão dous lavradores, e diſſeram-lhe que, (ſegundo tinham ſabido,) aquella noite pelo paſſo de Agacij entráram té duzentos Mouros, que ſe mettêram per eſſas aldeas a roubar, e matar, e que os Gançares da terra ſe ajuntáram, e os tinham cercado em hum covão em Goa a velha, os

quaes

quaes aguardavam por sua mercê pera os tomar alli ás mãos. O Capitão por lhe parecer que esta era a verdade de todo aquelle alvoroço da terra, e não perder aquella prea, tomou hum meio galope, e chegando a hum teso, onde o Adail veio ter com elle, que vinha atalhando a terra, viram os Mouros que lhe ficavam debaixo no valle em hum corpo de gente de té mil e quinhentos homens, como que houveram vista dos nossos, e hiam tomando hum teso. Quando elle vio que o número da gente era mais, e não estava no estado que lhe os lavradores disseram, disse contra os que o acompanhavam: *Parece-me que mal soube contar quem nos cá fez vir, que vos parece, senhores, que devemos fazer?* Ao que respondeo Pero Quaresma: *Nós temos a Cidade longe, e aqui não ha mais que bebella, e não vertella.* Com a qual palavra hi não houve mais conselho, (por não darem em a detença delle animo aos Mouros,) que dizer o Capitão em nome de Deos, *Sant-Iago.* Eram com Rodrigo Rabello neste feito estes Fidalgos, e Cavalleiros: Manuel da Cunha filho de Tristão da Cunha, Duarte de Mello, que ficáram doentes quando Affonso d'Alboquerque partio pera Malaca, Pero Quaresma, que depois foi Provedor dos fornos d'ElRey, Fer-

não

não Correa, e Balthazar da Silva ambos irmãos, Mem d'Affonso hum especial Cavalleiro de Tangere, Braz Bocarro Almoxarife da Cidade, o Adail Diogo Fernandes, Bastião Rodrigues, que depois foi Juiz da Balança da Moeda de Lisboa, Fernão Chanoca, Lopo d'Abreu Almoxarife dos mantimentos, e Francisco de Madureira filho de Antão Diz do chafariz de Arroios, Gonçalo Rabello, Fernão Caldeira, Antonio Correa, Mestre Affonso Çurgião, e outros cujos nomes não vieram á nossa noticia, que per todos fariam número de té quarenta de cavallo, e peães da terra té cento e trinta, que se ajuntáram com o Tanadar. Os Mouros todos vinham a pé, e o Capitão delles era hum Turco valente de sua pessoa, que por honra de Capitão era trazido em hum andor ao hombro de quatro homens, de cima dos quaes mandava a gente como se andasse a cavallo. O qual naquella pequena demora que fizeram os nossos em se determinar, vendo que sería consulta, e por poucos não ousariam de os commetter, cobrou coração de maneira, que quando o Capitão deo *Sant-Iago*, já elle com os seus o recebêram com alaridos, despendendo o seu armazem de fréchas contra os nossos. E foi a cousa assi rompida, e favorecida de Deos, que no primeiro impe-

to

to dos nossos os Mouros se puzeram em fugida em busca do mar, parecendo-lhe que podiam achar algum favor dos seus; e foi tanta a matança nelles nesta fugida, que alguns que escapáram foi por serem tantos, e os nossos tão poucos, que em quanto se detinha com huns, se puzeram os outros em salvo. E os que mais seguíram este alcanço, foram o Capitão Manuel da Cunha, Fernão Correa, Pero Quaresma, e Braz Bocarro, e assi lhe ficou o braço mais cansado. Tornando o Capitão desta vitoria, chegou a elle hum homem da terra, e disse que per huma tal parte entravam Mouros, com o qual elle mandou o Adail a ver vista da gente; e sobre este homem chegou outro, e disse que em outra parte mais perto víra alguns homens que se recolhiam a hum teso junto da agua, como gente que não ousava de sahir dalli, a qual toda em seu trajo eram dos principaes, que lhe parecia poderem logo ser tomados. O Capitão favorecido da vitoria, ou porque o chamava o seu derradeiro dia, sem mais consideração, com esses que tinham os cavallos menos cansados, poz-se logo na dianteira; e como era homem de sua pessoa, e desejoso de honra, entrando primeiro que todos pela entrada per que servia a recolhimento, onde se os Mouros quizeram pôr

em

em defensão, que era hum lugar ingreme, e torneado de paredes de edificios, que já alli estiveram, foi-lhe logo derribado o cavallo com hum zarguncho de arremesso, e elle morto primeiro que se pudesse desembaraçar, e per o mesmo modo Manuel da Cunha, que vinha enfiado nas ancas delle. Porque dentro estavam mais de setenta Mouros todos gente limpa a pé com o seu Capitão Pulate Can, o qual buscou modo de passar da terra firme, e estava alli recolhido, porque soube do desbarato da sua gente; e a fortuna foi-lhe tão favoravel, que estando perdido, e quasi tomado ás mãos, veio a ser vencedor de quem não havia meia hora que vencêra mil e quinhentos homens. E este perigo de morte houveram de passar os outros que vinham trás estas duas tão notaveis pessoas; mas quando os acháram atravessados naquella entrada, e víram o que hia dentro, tornáram a voltar por não ser lugar em que pudessem vingar sua morte, e trazerem os cavallos taes, que sómente pera aquelle feito em andar sobre elles andavam mortos; e se Pulate Can não estivera tão temorizado, parecendo-lhe que no campo andava gente grossa, de que aquelles seriam alguns desmandados, primeiro que elles chegassem á Cidade, hum, e hum os matáram. Chegada esta triste nova á Cida-

da-

dade da morte de taes pessoas, houve nella grande confusão; porque ainda que tinham sabido da vitoria que d'ante houveram, com sua morte tudo esqueceo; e mais vendo que o Gentio da terra atassalhando grande número delle entrava clamando que a Ilha era entrada de muitos Mouros. E posto que per Regimento d'ElRey os Alcaides móres succedem aos Capitães, por o negocio da defensão da Cidade estar em grande risco, e pera o governo della havia mister hum homem de madura idade, e de muita experiencia nas cousas da guerra, a maior parte da gente foi, que a capitanía delle se désse a Diogo Mendes de Vasconcellos, em que concorriam as qualidades que convinham pera isso, visto tambem como Francisco Pantója Alcaide mór quasi desistio do direito da succesão. E por elle Diogo Mendes ficar prezo no castello pelo caso que atrás fica, Francisco Corvinel Feitor, e os Officiaes da Camara da Cidade, e outras pessoas principaes lhe foram com acto solemne levantar a menage de prezo, e lhe entregáram o governo da Cidade com nome de Capitão della. Aires da Silva, que foi dar no passo Benestarij sem ser sabedor destas cousas, andou a huma, e a outra parte ver se era alguma gente entrada na Ilha; e tornado ao passo de Agacij, onde lei-

leixára os Mouros em ſecco, achou que com a vinda da maré muita parte delles eram recolhidos, e outros eſtavam em tal lugar, que lhes não podia fazer damno. Andando na qual diligencia, veio ſaber per gente da terra que deſciam á ribeira buſcar amparo do mal que ſe fazia nas aldeas, que a terra era cheia de Mouros de Pulate Can, que entrára de noite, e ante manhã per o paſſo Beneſtarij. Com a qual nova, de que foi logo mais certificado com o grande número de Mouros, que acudiam ao porto de Agacij ver ſe poderiam paſſar em jangadas, determinou-ſe que ſua eſtancia alli era eſcuſada, pois os Mouros tinham tantas partes per onde entrar, e mais que da Cidade não lhe vinha recado, como occupada em alguma grande neceſſidade. E com eſte fundamento ſe foi a ella, onde achou os trabalhos que diſſemos, e a partida delle fez que a gente de Pulate Can paſſaſſe mais preſtes, e á ſua vontade, por lhe não ſer defendida a paſſagem. O qual Pulate Can como homem que fazia fundamento de pôr em cerco a Cidade, quiz ſegurar a entrada, e ſahida na Ilha, fazendo no paſſo Beneſtarij cavas, e vallos pera de vagar fazer huma fortaleza, tomando parte de hum outeiro, por lhe não ficar aquelle padraſto ſobre a cabeça, donde poderia receber

ber damno, e com pouca artilheria lhe podiam defender a serventia da terra firme, donde esperava todo seu provimento.

CAPITULO IX.

Como o Hidalcão mandou outro Capitão sobre Goa, e o modo que teve pera com nossa ajuda lançar Pulate Can da fortaleza que começou fazer: e o mais que aconteceo no tempo que a Cidade esteve cercada, té se nella lançar João Machado hum Portuguez que andava entre os Mouros.

O Hidalcão como foi certificado desta entrada da Ilha sem ser per carta de Pulate Can, e da fortaleza que fazia no passo, e outras cousas como homem izento, começou de tomar presumpção que não estava muito fiel nas cousas de seu serviço, porque já dantes não lhe respondia com o rendimento das terras firmes, dizendo despender tudo com a gente que trazia a soldo pera as defender de nós. Com a qual suspeita ante que elle Pulate Can se fizesse mais poderoso, ordenou de mandar outro Capitão, e foi hum seu cunhado per nome Roztomocan, a que os nossos chamam Ruzçalcão, porque por ser pessoa tão principal, e mais por levar té sete mil homens, em que entravam muitos Mouros brancos de

toda nação, Pulate Can lhe obedeceria. A qual cousa succedeo pelo contrario: cá Pulate Can se mostrou mui aggravado, dizendo que o Hidalcão lhe tomava sua honra em mandar a elle Roztomocan, pois com tanto sangue vertido tomára aquella Ilha, de que o mandava tirar, não tendo delle Hidalcão recebido mais ajudas pera este feito, que huns poucos de homens que per seu mandado trouxera logo no principio daquella guerra, e que tudo o mais té aquelle estado era industria, e trabalhos delle Pulate Can. Roztomocan quando o vio tão indinado, e solto em palavras, confirmou o que se delle suspeitava, estar meio alevantado, e como homem prudente, e manhoso fez a este negocio dous rostos, que lhe muito aproveitáram pera tudo lhe ficar na mão. O primeiro foi a Pulate Can, dizendo-lhe, que não se podia negar elle Pulate Can ter commettido aquelle feito como cavalleiro que era, por o qual merecia mercê ao Hidalcão, e que elle lhe escreveria como as cousas estavam em melhor estado do que lhe fora dito; que a culpa de elle alli vir fora delle mesmo Pulate Can não escrever ao Hidalcão o que tinha feito, e havia mister pera acabar de levar de todo aquella empreza na mão. Que entretanto como companheiros fizessem o que convinha ao servi-

ço de ſeu Senhor, fortalecendo bem aquella fortaleza que tinha começado té vir recado do Hidalcão, e que elle confiava ſer tal, qual convinha a ſua honra. O outro roſto que eſte Roztomocan fez por acatar eſte Mouro tão alevantado, foi diſſimular ſuas couſas por não virem á noticia de todos, e mandou ſecretamente a Diogo Mendes de Vaſconcellos Capitão da Cidade hum Portuguez per nome Duarte Tavares, que do outro cerco paſſado fora alli cativo, e andava lá com outros que foram tomados com Fernão Jacome. Per o qual lhe mandou dizer, que o Hidalcão eſtava em propoſito mais de ter paz, e amizade com ElRey de Portugal, que andar com ſeus Capitães em contínua guerra, e que com eſta tenção elle não mandára mais gente ſobre aquella Cidade, poſto que era huma das couſas mais principaes do ſeu eſtado; porque mais eſtimava a amizade d'ElRey de Portugal, que a propria Cidade em ſi, com tanto que a renda das terras firmes ficaſſe com elle Hidalcão da maneira que entre elle, e Affonſo d'Alboquerque eſtava aſſentado. E porque ao preſente elle era em Malaca, o Hidalcão ſeu Senhor o mandava a duas couſas: a primeira lançar dalli Pulate Can como perturbador deſta paz, mui encarniçado nos roubos da terra, per onde

ſem

ſem licença do Hidalcão commettêra entrar naquella Ilha; e a ſegunda aſſentar eſta paz com elle Capitão. A qual ſegundo tinha entendido, Pulate Can contrariava, e todo o ſeu negocio era ir avante com aquella guerra, como homem que ſe via rico, e honrado depois que a começou. E que a lhe deſcubrir o que paſſava em verdade, elle o achava rebel aos regimentos, e mandados do Hidalcão, a qual couſa elle diſſimulava té ſaber delle Diogo Mendes o que determinava ſobre o negocio deſta paz, que lhe o Hidalcão mandava dizer. Porque querendo elle aſſentar nella, convinha primeiro dar-lhe huma certa ajuda, que havia miſter pera lançar Pulate Can daquella fortaleza, e todolos ſeus ſequazes que eram contrarios a eſta paz, a qual ajuda era de alguns bateis, e artilheria nelles, que foſſem ao paſſo Beneſtarij em favor delle Roztomocan. Diogo Mendes quando vio eſte recado, havido conſelho com os principaes da Cidade, e com o meſmo Duarte Tavares, o qual enganado de Roztomocan não ſómente promettia liberdade dos outros cativos, mas ainda dava grandes eſperanças de outros negocios ácerca do Hidalcão ſoltar de todo as terras firmes, como todolos da Cidade eſtavam neceſſitados de ſeu provimento, e do que convinha á defensão

delle, pareceo-lhe vir aquelle requerimento de Roztomocan ordenado per Deos, e juntamente todos foram, que logo se lhe devia dar a ajuda que pedia ante que ambos se concertassem, e assentar a paz com elle Roztomocan té a vinda de Affonso d'Alboquerque, que a confirmaria, e mais pois era conforme ao que elle já movêra. Finalmente sem mais cautela Diogo Mendes o favoreceo per mar, como elle pedia, com que lançou Pulate Can fóra da fortaleza; o qual indo-se aggravar ao Hidalcão daquella injúria, tendo-lhe tanto serviço feito, lá lhe deram secretamente peçonha, com que acabou. Roztomocan como ficou desassombrado delle, em lugar de desfazer a fortaleza, começou novamente a se fortalecer mais com dezeseis mil homens que tinha comsigo, dos que elle trouxe, e de outros que ficáram de Pulate Can, que lhe logo obedecêram por ser pessoa tão notavel, e pera isso amostrou os grandes poderes que trazia do Hidalcão seu cunhado. Posto em paz seu arraial, a primeira cousa em que mostrou a Diogo Mendes que tratára com elle cautelosamente, como homem de guerra, foi mandar-lhe dizer que elle tinha já despejado a fortaleza daquelle trédo Pulate Can, que dahi por diante não lhe ficava mais por fazer, que despejar a elle daquel-

quella Cidade, cabeça, e principal assento de seu Senhor o Hidalcão; que como amigo lhe pedia, e aconselhava que assi o fizesse, e logo, senão que o iria elle fazer. Havería neste tempo dentro na Cidade Goa té mil duzentos e cincoenta homens de peleja, os quatrocentos e cincoenta Portuguezes, em que entravam trinta, que logo com o novo cerco de Pulate Can Diogo Correa Capitão de Cananor mandou em soccorro, de que vinha por Capitão Francisco Pereira de Berredo, e todolos mais eram Canarijs da terra. Os quaes na entrada que os Mouros fizeram na Ilha, se recolhêram á Cidade com suas mulheres, e filhos, e pelo tempo em diante foram mui proveitosos; porque como o cerco da Cidade durou muito, e os combates eram a miude, elles, e as mulheres ajudavam bem, não lhes sahindo da cabeça de dia, e de noite os cestos da terra, e os cochos de barro, acudindo a rapar, e repairar com hum fervor, como se foram os proprios Portuguezes; temendo os nossos, logo quando se acolhêram á Cidade, que com a entrada desta gente, além de não ser mui fiel, haviam de padecer á fome, por os poucos mantimentos que havia nella, e elles foram causa de virem de fóra nos mezes do inverno, que foram de maior trabalho. Porque como os

moradores das Ilhas Divar, e Choran eram ſeus parentes, e muitos delles já liados com os Portuguezes per via das filhas, que eram caſadas com elles, acudiam com grande perigo de ſuas peſſoas furtadamente por antre dos Mouros com quanto podiam haver pera provisão da Cidade, não ſómente como vaſſallos fieis, mas como parentes, que foi huma das maiores ajudas que os noſſos tiveram. Diogo Mendes vendo-ſe enganadō de Roztomocan, algum tanto ſe conſolou em ſer per commum conſelho de todos; e peró que neſte primeiro ardil delle não teve muita cautela, dahi em diante teve grande cuidado, e dobrada diligencia, por recompenſar huma couſa por outra, repartindo a vigia da Cidade em eſtancias per eſſas peſſoas mais principaes. E poſto que os Mouros logo nos primeiros dias vieram dar viſta á Cidade, ſempre daquelle commettimento leváram a peor, por ſer per entre os vallos que foram dos arrabaldes que Affonſo d'Alboquerque mandou desfazer por deſabafar a Cidade. Peró depois que Roztomocan entrou em o noſſo modo de pelejar, não curou mais daquella ordem de travar eſcaramuça por os tirar a campo, como era ſua tenção; mas de propoſito veio com grande corpo de gente á eſcala viſta combater os muros da Cidade, dando-lhe com-

combates mui apressados, e continuos, por ter tanta gente comsigo, que a repartia em quadrilhas pera de dia, e noite; e querendo entrar per cima do muro novo, que Affonso d'Alboquerque fizera, tomáram algumas lanças, que os nossos tinham postas ao longo delle, e começáram commetter a porta da entrada com vai, e vem; e entre todos quem se naquelle dia mais mostrou em fazer cousas fóra do que se póde esperar do alento de hum homem, foi hum Francisco de Madureira, que era casado na Cidade. Nos quaes tres combates não sómente vieram com os nossos a mão tenente, mas ainda com bombas de fogo houveram de fazer grande damno, senão fora no inverno, que tolhia as casas palhaças dos moradores não tomarem fogo; e se pegava, dava lugar a que o apagassem, com que a gente da terra tinha assás de trabalho; porque como este era o seu aposento, não havia outro amparo senão aquella pouca de olla, de que as casas eram cubertas, e defendia a elles do Sol, e chuva, porque ambas estas cousas escaldava aquella pobre gente da terra. Além destes dous fogos, que lhe escaldavam as carnes, havia outros dous artificios que os matava, e trazia mui assombrados, que eram as bombas de fogo, e hum tiro grosso de metal
dos

dos noſſos, que no cerco paſſado nos tomáram, o qual Roztomocan mandou pôr ſobre hum teſo, que deſcubria a Cidade, e tão vizinho aos muros, que não podiam andar per aquella parte ſem perigo de morte, e dentro nas caſas os hia matar. Sobre eſte trabalho, e outros, que por ſerem muitos os paſſamos per ſomma, tiveram o maior, e que os mais atormentou, que foi falecerem-lhes os mantimentos; porque chegou a tanto, que hum fardo de arroz, que ſeria obra de dous alqueires dos noſſos, valia vinte pardáos de ouro, que são da noſſa moeda ſete mil e duzentos reaes. De maneira, que todalas neceſſidades ficavam ſobre a vida deſta gente pobre da terra, e aſſi de alguns dos noſſos que não tinham aquella poſſibilidade pera dar tanto por hum fardo de arroz, que era o commum mantimento de que todos naquelle tempo ſe mantinham, porque ao preſente já a maior parte dos noſſos uſam de pão amaſſado, como neſte Reyno, de trigo que lhes vai de fóra. Finalmente houve tanto aperto de fome, que muita gente da terra ſe achava morta pelas ruas, e alguns homens baixos dos noſſos entre fome, e deſeſperação, parecendo-lhes que a Cidade havia de ſer entrada dos Mouros, lançarem-ſe com elles; porque além de fugirem eſ-

tes

tes trabalhos do cerco, fome, e temor, que os mais atormentava, eram provocados per outros que andavam com Roztomocan, e ſabiam ſerem eſtimados dos Mouros, dando-lhes bom ſoldo, ſem fazer eleição da lei, ou ſecta que profeſſava, ſómente que foſſe cavalleiro de ſua peſſoa. Por cauſa do qual coſtume daquellas partes ſe acham nos ſeus arraiaes todo genero de homens, ora ſejam Chriſtãos, ora Gentios, Judeos, ou Mouros, como pelejam bem, não querem mais delles; e ſe acertam de ſerem Mouros, recebem gráo de honra em lhes dar cargo da gente. E o que mais animava a eſta noſſa gente deſeſperada, além de ſaberem o uſo dos Mouros pera os fazer fugir pera elles, era ſaberem que andava lá, havia muito tempo, hum Portuguez per nome João Machado, que Roztomocan trouxe comſigo por ſer homem eſtimado entre elles, e a quem o Hidalcão pelos feitos de ſua peſſoa dera a capitanía de certa gente, e cargo de todolos lançados noſſos; e com eſta fama foi a couſa em tanto creſcimento, que ſendo já lá dezoito homens de gente vil, começou entrar no coração de algumas peſſoas de mais qualidade. Finalmente havendo já entre eſtes da Cidade, e os outros que eram idos, intelligencias do modo que haviam de ter pera ſe paſ-

ſar

ſar huns poucos delles, porque o Capitão Diogo Mendes trazia grande vigia niſſo, elegêram os da Cidade hum delles, que ſe chamava Pero Bacias, homem valente de ſua peſſoa, e fraco na fé, ſendo já caſado em Goa, que naquelle cerco o tinha feito mui bem. O qual poſto a cavallo, huma quinta feira de Endoenças ſahio da Cidade a eſpora fita publicamente a ſe lançar com os Mouros, com eſte ardil conſultado pelos outros que ficavam, que logo á ſeſta feira ſeguinte, a tempo que a repartição da guarda, e ſerviço da Cidade cabia a eſtes da conſulta daquella infernal obra, Roztomocan mandaſſe gente pera os recolher ao tempo da ſua ſahida, porque a gente de cavallo da Cidade havia logo de ſahir trás elles. Partido Pero Bacias per aquella maneira, como levava bom cavallo, poſto que houve repique á ſua ſahida, e o demonio dá melhores pés neſte caminho pera ſalvar o corpo, com tanto que ſe condemne a alma, foi logo alongado dos noſſos, e mettido entre os Mouros. João Machado, que lá andava, como homem que trazia o penſamento no que adiante fez, e via que os noſſos ſe lançavam, aſſi por razão de lhe ſer dada a capitanía delles, como por os aviſar de não dizerem o trabalho que hia na Cidade, foi logo receber Pero Bacias;

cias; e apartando-ſe com elle pelo campo, diſſe-lhe: *Que couſa he eſta? Tanto mal ha lá; que já começa entrar pela gente de cavallo?* *Senhor*, reſpondeo Pero Bacias, *fome, e trabalhos com deſeſperação de remedio faz commetter eſtas couſas, e o principal he na confiança da voſſa eſtada cá.* Então começou de propôr o caſo a que era ido, o que lhe João Machado foi reprendendo como Catholico, e cavalleiro; e dizendo taes palavras, repreſentando-lhe a verdade que tinham da Fé, e o dia que era, com que Pero Bacias começou chorar como homem arrependido daquelle commettimento ſeu. E porque no feito, que João Machado no dia ſeguinte fez, que foi ſeſta feira da Redempção noſſa, ſalvou a Cidade Goa de ſer tomada pelo que eſtava ordenado per alguns máos Chriſtãos, e delle fizemos já menção, por memoria de tão catholico barão, e esforçado cavalleiro, como elle moſtrou ſer neſte dia, peró que per fortuna de degredo foi áquellas partes, diremos a cauſa deſte trabalho, que o poz em eſtado de andar tanto tempo entre os Mouros. Eſte João Machado era natural da Cidade Braga, homem de boa linhagem, e ſendo mancebo eſtava em caſa de hum Abbade ſeu tio, onde ſe veio namorar de huma ſobrinha deſte Abbade d'outra

tra parte, sem elle ser parente della; e porque o caso chegou a ella emprenhada, temendo João Machado a indinação do tio, fogio com ella huma noite, alongando-se da Abbadia quanto puderam, té que a moça por não ser costumada andar a pé não podia dar hum passo. Chegando ambos com este trabalho a hum casal, era o lavrador tão caridoso, que nem os quiz agazalhar, nem alugar huma besta. João Machado andando em hum alpendere, que o lavrador tinha ante a porta, apalpando onde se agazalharia com a moça por ser de noite, foi dar com huma albarda, e todo seu aviamento, per os quaes sinaes sentindo que andaria a besta fóra a pacer, caladamente a foi buscar; e tanto que a achou, veio pela albarda, e partíram ambos. O lavrador quando veio a manhã, sendo já alto dia, que não achou a besta, andou de huma a outra parte té que pola albarda que não vio, entendeo o caso, e metteo-se em caminho jornada por jornada, té que veio dar com João Machado á entrada da Cidade de Coimbra, o qual pagando-lhe mui bem o aluguer de sua besta, e dias que poz no caminho, e mais a entrega della, pedindo-lhe perdão, porque a necessidade o obrigára a fazer o que fez, per outra parte foi-se á justiça, e fez prender a João Macha-

do,

do, que estava com sua amiga em huma estalagem. Finalmente elle foi accusado de ladrão por razão da besta, e de forçador por causa da moça; e a lhe valerem ordens, foi degredado pera S. Thomé pera sempre. No qual tempo ElRey D. Manuel mandando Pedralvares Cabral pera a India, lhe deo este, e outros degredados pera os lançar nas terras, perque fossem pera descubridores; e aconteceo a sorte a João Machado ficar em Melinde, como escrevemos; e porque não achou entrada pera ir pelo sertão ao Reyno do Preste João, andou per toda aquella costa, té que se foi em huma náo á Cambaya, sendo já a este tempo morto outro seu companheiro, que houvera de entrar com elle ás terras do Preste João Rey da Abexia. No qual Reyno de Cambaya esteve hum tempo, depois passouse ao Reyno Decan por ouvir dizer que pera lá poderia mais facilmente chegar a nossas Armadas que andavam naquella costa; e que em quanto isto não pudesse fazer, andaria ganhando soldo com aquelles senhores do Reyno Decan, onde andava muita gente das partes da Christandade. No qual tempo que elle andou nas guerras, que o Sabayo Senhor de Goa tinha com seus vizinhos, ganhou tanto credito, que o fez Capitão d'alguma gente; e com este credi-

to

to o Hidalcão, morto ſeu pai, o tratou, e por iſſo, como homem que lhe podia muito ſervir ao que vinha Roztomocam, o enviou com elle. E poſto que a tenção de João Machado ſempre foi vir-ſe pera nós, parece que permittio Deos que não foſſe ſenão neſte tempo, pera moſtrar duas couſas: que elle meſmo Deos o mandava em tal eſtado, como a Cidade eſtava, por Anjo de ſalvação, e cuſtodia; e a outra, que niſſo ſe moſtraria a fé, e virtude delle João Machado, que ſe vinha pera nós, não em tempo de noſſa proſperidade, mas quando muitos deſeſperados, por razão das couſas que lhe iriam contar, ſe ſahiam della, as quaes ſeriam muito peores da ſua boca, do que paſſava em verdade, a fim de abonarem a maldade que commettêram. Finalmente elle veio ao outro dia, que era ſeſta feira de Endoenças, com alguns Portuguezes que pode provocar, ſalvando-ſe a unha de cavallo por os Mouros virem trás elle: com a vinda do qual foram prezos alguns daquelles, que eram na conſulta de Pero Bacias, lançando o Capitão fama ſer por outra couſa, por não alvoroçar a Cidade com número de tantas, e taes peſſoas, como entravam neſta maldade.

CAPITULO X.

Como depois da vinda de João Machado á Cidade Goa, e principalmente com a chegada de Manuel de la Cerda, Diogo Fernandes, João Serrão que lá andavam, e depois com a chegada de Christovão de Brito, que deste Reyno partio com D. Aires da Gama, que eram da Armada de D. Garcia de Noronha, ella ficou livre dos grandes trabalhos que teve.

COm a vinda de João Machado, e dos que vieram com elle, que foram nove pessoas, em que entravam parte dos cativos que tomáram com Fernão Jacome, houve na Cidade muito prazer; porque sentindo em si as necessidades que padeciam, e verem hum homem que havia tantos annos que andava entre os Mouros tão favorecido, e estimado delles, lançar-se na Cidade em tempo que muitos fogiam della, animou não sómente o coração daquelles que estavam em máo proposito de se passar aos Mouros, mas ainda toda a outra gente. Porque como era homem prudente, e sabia bem representar as cousas, assi fallava nos Mouros, e máo modo que os nossos tinham de pelejar com elles segundo seu costume, que pareceo a todos, que este ho-

nem assi polo modo de sua vinda, como polas razões que dava, era vindo per Deos pera salvação daquelle seu povo; a qual cousa logo começáram ver; porque como os Mouros corrêram á Cidade na sahida que os nossos fizeram, logo leváram a melhor pela doutrina de João Machado, de maneira, que dahi por diante já se não chegavam aos Mouros, como faziam; porque como elles usavam de fréchas, e espingardas a cavallo, e os nossos queriam-lhes resistir a bote de lança, primeiro que chegassem a elles, era o Mouro posto em salvo, e elles ficavam com as fréchadas; e pelouros mettidos no corpo, o que tudo se mudou com a vinda de João Machado. Porém em dia de S. João Baptista houveram os nossos de se perder, porque como já andavam favorecidos em algumas vezes que se revolvêram em peleja com os Mouros, neste dia por reverencia do Santo, e mais por serem costumados segundo o uso de Hespanha de cavalgar, e escaramuçar nelle; vindo Roztomacan correr com té duzentos de cavallo, sahíram a elle que se poz em hum teso, detrás do qual estavam em cilada obra de setecentos peães, que em os nossos se igualando no alto com os de cavallo, tomáram-lhes as costas por lhes não ficar acolheita pera a Cidade. O qual feito as-

assi aos Mouros, como aos nossos custou muito sangue, e da nossa parte morrêram dezeseis, e delles ficáram no campo muitos mortos, assi ás lançadas, como da artilheria que lhe tirou do muro ao recolher dos nossos. E este foi o derradeiro trabalho dos muitos de peleja, que per espaço de tres mezes tiveram, que foram na força do inverno, sómente lhes ficou o trabalho da fome, pera que foi necessario, ainda que era nos mezes de Junho, e Julho, em que o inverno cursava, cada hum per sua vez irem Francisco Pereira de Berredo em huma fusta a Baticalá buscar mantimentos, a qual com muitos paráos trouxe carregados delles, e depois em outra fusta foi Bastião Rodrigues. E porque quando elle tornou com elles, entrou com a fusta toldada, e embandeirada mostrando muito prazer, houveram os Mouros que aquella festa não era por mantimentos, mas que levava nova que náos do Reyno eram chegadas a algum porto daquella costa, que os desconsolou muito, vendo ser passado todo o inverno sem ter levado nas mãos a Cidade como cuidáram no princípio da entrada da Ilha. Peró ainda que não vieram náos do Reyno, veio dahi a poucos dias a Armada de Manuel de la Cerda, que ficou por Capitão do mar, e invernára em Cochij, que restituio

tuio a vida a todos em ſua chegada, porque não ſómente lhes trouxe mantimentos, que era o principal que então haviam miſter, mas ainda elle, e outros Capitães com a gente que traziam folgada do repouſo do inverno, tomáram logo ſobre ſi a defensão da Cidade. No qual tempo tambem veio Diogo Fernandes de Béja, que (como diſſemos) Affonſo d'Alboquerque tinha mandado desfazer a fortaleza de Çocotorá, e dahi ir a Ormuz buſcar as pareas, o qual negocio elle acabou mui bem. E ao tempo que chegou a Ormuz, era ElRey ido com huma groſſa Armada ſobre a Ilha Barem, (da qual ida adiante diremos a cauſa,) e com elle o ſeu Governador Coge Atar, com que a Cidade eſtava tão ſó de gente, que bem a pudéra Diogo Fernandes tomar; peró elle não quiz mais della, que as pareas que lhe entregou Raez Nordim Guazil d'El-Rey, que ficou em ſeu lugar. E neſtes caminhos que Diogo Fernandes fez té chegar a Goa, tomou algumas náos de preza de Mouros, com que elle, e os de ſua companhia vieram bem pagos do trabalho do caminho, e trouxeram provimento de muitas couſas, de que a Cidade eſtava desfalecida. Aſſi que com a vinda deſtes dous Capitães começáram os noſſos tomar algum animo, com que fizeram ſahidas contra os

Mou-

Mouros, em huma das quaes recebêram muito damno, porque matáram D. Antonio de Lima filho de D. Rodrigo de Lima, e Antonio de Sá Capitão do navio Rosairo, natural d'Alhandra, e outros dous, e ferîram Manuel de Sousa Tavares, Diogo Fernandes de Béja, e outros. Donde dahi por diante por conselho que Diogo Mendes teve, assentou com os outros Capitães não sahirem mais ás corridas dos Mouros, pois nellas recebiam damno por causa de não terem cavallos, e mais não tinham poder de gente para lançar Roztomocan da fortaleza que tinha, sómente procurassem de defender a Cidade, e provella de mantimentos, que naquelle tempo era a cousa de que mais careciam. E de todolos portos a que os mandavam buscar de Mergeu, Onor, e Baticalá foram sempre bem provídos, por a qual causa té ora os moradores destes lugares tem privilegio, que não paguem direitos alguns em Goa dos mantimentos que lá levarem a vender. Não havendo muitos dias que estes Capitães eram chegados a Goa, quando chegou João Serrão, e Payo de Sá, que o anno de dez (como escrevemos) partíram deste Reyno a oito d'Agosto, com fundamento de ir descubrir a Ilha de S. Lourenço em hum porto chamado Antepára no Reyno de Turubaya, que está na ponta do

Ponente desta Ilha da banda de fóra della, que he á do Sul além do cabo, a que os nossos chamam de Sancta Justa. Os quaes, (por darmos razão do que fizeram,) seguindo sua viagem com tempos contrarios, foram ter á Ilha de S. Thomé, onde se repairáram de alguns mastos, que lhe quebráram com hum temporal; e partidos dalli, chegáram ao porto de Antepára, onde foram bem recebidos com refresco que lhe os da terra trouxeram, e assi algum pouco de gengivre, porque como não tinham sahida delles, não se davam os cafres muito ao semear. Daqui correndo a costa foram ter fóra da Ilha aos ilheos, a que ora chamamos de Sancta Clara, que são além deste porto Antepára obra de doze leguas, onde estiveram muitos dias com levante, té que partidos dalli por a nova que levaram de haver gengivre naquelle rio, chegáram a hum chamado Maneibo, que sería da Ilha donde partíram trinta leguas. Surtos em o qual, tendo enviado o batel a terra, deo hum tempo nelles por davante, que os fez tornar aos Ilheos de Sancta Clara, e o batel foi acapellado com a grande maresia, e quatro homens que escapáram delle foram ter a terra a poder dos Negros. A qual nova o Capitão depois soube per outro batel seu, que tornando elles a seu caminho lançáram

fó-

fóra em hum rio per nome Manatápa junto do outro Monaibo, que tambem com outro tempo lhe ficou alli, com que ficáram sem bateis. Tornados outra vez com levantes aos ilheos de Sancta Clara, onde estiveram vinte dias, veio ter com elles em huma almadia hum André Velho marinheiro, que era da companhia daquelles que se perdéram em o batel da náo de João Gomes d'Abreu, que foi na Armada de Tristão da Cunha o anno de quinhentos e seis. Finalmente João Serrão não fez mais per aquelles portos, que ora tomar hum, ora outro, em que gastou o inverno daquellas partes sem achar gengivre que hia buscar, e com este desengano se fez á véla caminho da India, e com hum temporal que lhe deo, Payo de Sá tomou a costa de Moçambique, e dahi foi ter á India em companhia da Armada que partio deste Reyno aquelle anno, e João Serrão tomou Goa, (como ora dissemos.) O qual não se deteve muitos dias na Cidade, porque foi assentado per Diogo Mendes, e pelos outros Capitães que fosse a Cochij á feitoria tomar carga de especiaria, e dahi a Dio com cartas a Melique Az, que de lá fazia muitas offertas per via de Cide Alle o torto, e de Fr. Antonio do Loureiro, que foi cativo com os que escapáram do navio de D. Af-

 fon-

fonſo de Noronha, que ſe perdeo, (como eſcrevemos,) da vinda do qual Fr. Antonio adiante daremos razão. João Serrão como a principal couſa a que hia a Dio era buſcar mantimentos a troco da eſpeciaria que levava, em breve tempo tornou com elles, e no caminho á vinda topou Chriſtovão de Brito filho de João de Brito, que partíra deſte Reyno o anno de onze em companhia de D. Aires da Gama irmão do Almirante D. Vaſco da Gama. Os quaes partíram aquelle anno a vinte d'Abril oito dias depois de ſer partido D. Garcia de Noronha filho de D. Fernando de Noronha, debaixo da bandeira do qual elles hiam, e fizeram ambos tão boa navegação, que elles ſómente paſſáram aquelle anno á India, e D. Garcia por má pilotage invernou em Moçambique com mais quatro nãos que levou, da viagem do qual adiante eſcreveremos. A de Chriſtovão de Brito, ainda que té o Cabo de Santo Agoſtinho, que he na Provincia de Santa Cruz, foi em companhia de D. Aires, alli ſe apartou delle com hum temporal, e chegado a Moçambique achou Gonçalo de Sequeira Capitão mór da Armada do anno de dez, que invernára já da vinda da India, (ſegundo eſcrevemos.) O qual recebendo alguns mantimentos, e couſas que havia miſter de Chriſtovão de

Bri-

Brito, cada hum se partio seguindo sua viagem, Gonçalo de Sequeira pera este Reyno, onde chegou a salvamento, e Christovão de Brito pera a India, e a primeira terra della que tomou foi Cananor, dia de N. Senhora de Setembro, onde soube de Diogo Correa Capitão da fortaleza o trabalho em que Goa estava posta. Christovão de Brito como levava em a náo Belém, (que foi huma das mais formosas que o mar vio,) té quatrocentos homens, toda gente limpa e fresca daquella breve viagem, e bem provído de mantimentos, recolheo mais comsigo alguns Fidalgos que alli estavam, assi como Bernaldim Freire filho de Nuno Fernandes Freire, e Ruy Galvão filho de Duarte Galvão, e outras pessoas nobres com mais quatro navios da terra carregados de mantimentos, e trinta e sinco cavallos, que eram de mercadores vindos pera se venderem em Goa, e por estar de guerra, se foram a Cananor. Com o qual soccorro chegado a Goa, foi mui festejado; e por quebrar o animo aos Mouros, e tambem por honra de sua pessoa, posto que tinham assentado não sahirem a elles té a vinda de Affonso d'Alboquerque, deram huma mostra obra de mil peães, e sessenta de cavallo que lhe vieram correr, sahindo Diogo Mendes a elles, dando a dianteira

a Chri-

a Christovão de Brito; na qual sahida querendo-se os Mouros revolver com os nossos, foram tão escarmentados, ficando alguns mortos no campo, que se passáram muitos dias sem virem correr a Cidade na face dos nossos, como dantes faziam. Christovão de Brito leixando alli a gente d'armas que levava ordenada pera andar na India, com a necessaria á sua navegação se partio pera Cochij a tomar carga de especiaria já em Novembro, e na paragem de Baticalá achou D. Aires da Gama, que com a nova que teve do estado de Goa, tambem hia ao soccorro della. Porém sabendo per Christovão de Brito como já ficava provída, tornáram a tomar sua carga de especiaria, e com ella se vieram via deste Reyno, onde chegáram a salvamento a vinte e seis de Junho do anno de quinhentos e doze. E do caminho passando pela Aguada de Saldanha, onde estavam os ossos daquelle illustre Capitão D. Francisco d'Almeida, e dos outros que com elle perecêram, esquecidos de seus herdeiros, e tão mal galardoados do Mundo, por reverencia delles quiz Christovão de Brito ver o lugar onde jaziam, por alli ir com elle por mestre da sua náo Diogo d'Unhos, que o fora tambem da náo do Viso-Rey, e sabia onde o seu corpo, e o de Lourenço de Brito foram enterrados. Chegado

Chri-

Christovão de Brito a este lugar, por não achar nelle magestade de campa, ou final de quem alli jazia, lamentando o desamparo daquelles corpos, e maldizendo o lugar a que a fortuna trouxe tanta pessoa, tanta virtude, e tanta cavalleria como D. Francisco teve; pois já em mais lhe não podia aproveitar, disse por sua alma, e de Lourenço de Brito hum responso, e cubrio seus ossos com huns poucos de seixos da praia, e em cima huma Cruz de páo. E posto que taes sinaes, segundo o uso commum delles, mais servem pera encaminhar os caminhantes, que de memoria de alguma notavel pessoa, aqui bem nos podemos tambem servir este morouço de seixos, e Cruz pera encaminharmos nossas obras ao fim pera que fomos creados, pois assi os que andam nesta carreira da India, como os que seguimos outros caminhos de vida, todos param em huma triste sepultura. E praza a Deos que quanto for melhor lavrada ante elle per gloria, e ácerca dos homens per fama, seja tão lembrada, como he a destes desterrados corpos entre aquelles barbaros, segundo já per nós atrás fica dito em outra tal lamentação. Mas parece que pera maior gloria destas tão notaveis pessoas permittio Deos tanto esquecimento em seus herdeiros, porque o descuido seu fosse causa desta nossa repetição.

DE-

DECADA SEGUNDA.

LIVRO VII.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente depois que Affonso d'Alboquerque partio de Malaca, té entrar no estreito do mar Roxo.

CAPITULO I.

Como Affonso d'Alboquerque, partido da Cidade Malaca, se veio perder em os baixos de Aru na costa de Çamatra: e salva sua pessoa, e gente, tornou a seu caminho, no qual tomou duas nãos té chegar a Cochij.

ENtre muitas cousas de grande admiração, que esta nossa conquista Oriental tem, e muito pera ponderar com discurso de prudencia, he, que além de contendermos accidentalmente per armas com homens de tão varias nações, e séctas, como nella ha, temos perpétua contenda com os elementos, sendo cousa mais bruta, féra, e impetuosa, que Deos creou, o que té nosso tempo não temos visto em al-

alguma gente. Porque se lemos guerras de Persas, Gregos, Romanos, ou de outras nações desta nossa Europa, nas quaes houve grandes perigos no rompimento de exercito com exercito, trabalhos de fome, e sede, e vigilia na continuação de algum compridó cerco, frio, e ardor do Sol na variação dos tempos, e climas, grandes enfermidades per corrupção dos ares, ou mantimentos, e outros mil generos de accidentes que chegam a estado da morte, todos estes perigos, e trabalhos passa a nossa gente Portuguez em suas navegações, e conquistas. E sobre tudo peleja com a furia do vento, impeto do mar, dureza da terra, temendo seus baixos, e encontros; e finalmente tem posta a vida, e morte em tão breve termo, como são tres dedos de taboa ás vezes comesta do Busano, e no descuido de cahir em huma pevide de candea em lugar onde se possa atear, e em outros mui particulares, e miudos casos, de que resulta tão grande cousa, como vemos em tanto número de náos que são perdidas. Em cada huma das quaes podemos affirmar, que se perde huma mui nobre Villa deste Reyno em substancia de fazenda, e em nobreza de gente. E o que mais devemos lamentar por parte delle, he, que vem os homens daquellas Orientaes regiões salvos

do

do fogo, e ferro de tanto Mouro, e Gentio, como nellas habitam, trazendo as náos carregadas dos ſeus deſpojos; e hum tão pequeno perigo, como eſtes que apontamos, confunde tudo no abyſmo do grande Oceano, principal ſepultura dos Portuguezes depois que começáram ſeus deſcubrimentos. Da qual verdade ora veremos hum notavel exemplo em Affonſo d'Alboquerque, o qual partido de Malaca com as náos carregadas dos triunfos que houve della, ſendo tanto avante como o Reyno de Aru, onde chamam a ponta de Timia, que he na Ilha Çamatra, veio a ſua náo huma noite tomar aſſento ſobre huma lagea lavada de agua, onde ſe logo fez em duas partes, a popa a huma, e a proa a outra, por a náo ſer mui velha, e os mares groſſos. Eſtando no qual perigo ſem os de huma parte ſe communicarem em ajuda dos outros, nem terem ſoccorro das outras náos por ſer de noite, e mais cada hum tinha bem que fazer em ſi, ordenou Diniz Fernandes de Mello huma jangada, em que ſe recolhêram té o outro dia, que com muito trabalho Pero d'Alpoem, que hia na eſteira do Capitão mór, em hum batel o ſalvou, e aos que com elle ſe recolhêram, com muito trabalho, e perigo. No qual tempo Affonſo d'Alboquerque, poſto que tiveſſe

en-

enfeitos outros Commentarios que guardar, como Cesar fez no seu naufragio, sómente salvou huma menina filha de huma escrava sua, que lhe veio ter á mão, dizendo, que pois aquella innocente se viera pegar a elle por se salvar, que elle tomava a innocencia della por salvação; e estando sempre em pé, elle a teve nos braços sem salvar outra cousa de quanto despojo das riquezas de Malaca vinham naquella náo. E o que elle mais lamentava de todalas perdas daquella náo, eram dous leões de ferro vasados, obra mui prima, e natural, que ElRey da China enviára de presente a ElRey de Malaca, os quaes por honra ElRey Mahamed tinha á porta dos seus Paços, e Affonso d'Alboquerque os trazia por a mais principal peça de seu triunfo da tomada daquella Cidade; e dizia por elles, que em os perder perdêra toda sua honra, porque não quizera em sua sepultura outro letreiro, nem outra memoria de seus trabalhos. Por haver os quaes, nos primeiros navios que da India, depois de elle lá ser, partíram pera Malaca, particularmente escreveo a Jorge Botelho Capitão de huma caravella, encommendandolhe muito que viesse áquelle lugar, e visse se per algum modo de mergulho com gente da terra costumada pescar aljofre, lhe podiam

diam tirar aquelles leões, e que despendesse nisso quanto quizesse, que elle lho mandaria pagar; porque já que perdia a fazenda, não queria perder a honra. Mas parece que permittio Deos que estes leões, de que elle fazia tanta conta pera memoria de seus feitos por serem mudos, e os anneis de diamantes, e rubijs que elle mandava a Ruy de Pina Chronista mór deste Reyno, (como nós vimos em cartas que lhe elle escrevia,) porque podiam ser suspeitos, não lhe servissem pera a memoria, que elle desejava de si; mas que ficassem sumidos os leões nos baixos de Aru, e os anneis no esquecimento delle Ruy de Pina. E que eu murmurado de muitos, por não ser professo em nome deste officio de escrever, e occupado no de minha profissão, aqui, e na Chronica d'ElRey D. Manuel a mi impropriamente commettida, passados trinta annos de seu falecimento, viesse dar conta dos leões, e dos anneis, como se os eu tivera em receita, ou algum premio que me obrigára soffrer os trabalhos desta escritura, que, segundo me carrega a ingratidão delles, não sei se fora mais justo leixar os leões, e os anneis em poder de quem os consumio. Porém porque os mortos não tem culpa, e aos que estam por vir póde ser que lhes seja mais acceito este meu traba-

ba-

balho, que a muitos prefentes, não quero que Affonfo d'Alboquerque perca os leões, e a Ruy de Pina faça-lhe boa prol os feus anneis: nos quaes leões, e anneis, e affi em todo o mais que ante defta minha efcritura eftava fepultado no defcuido de meus naturaes, eu efpero ter aquella parte, que tem aquelles que acham coufa perdida, e a dam a feu dono. Teve Affonfo d'Alboquerque, além da perda defta náo, outra que elle tambem muito fentio, que foi o junco que vinha em companhia de Jorge Nunes de Leão; onde, fegundo differnos, vinham treze Portuguezes, e trinta Malabares dos foldados de Cochij, com o qual fe alevantáram os Jaos que o mareavam, vendo a náo Flor de la mar perdida, e as outras em trabalho do tempo. E como elles não queriam mais que falvar fuas peffoas de cativeiro, não curáram da mareagem do junco, e deram com elle no porto de Aru, onde logo foi roubado per elles, e pelos da terra, e os Portuguezes poftos em poder dos Mouros, no qual alevantamento morreo Simão Martins, e outros. Por haver os quaes, e affi alguns que do naufragio de Flor de la mar a nado em taboas foram á cofta, ElRey de Pacem trabalhou muito por ganhar a vontade a Affonfo d'Alboquerque, té que havidos, lhos

man-

mandou depois em huma náo, que partio do ſeu porto pera Choromandel. Affonſo d'Alboquerque recolhido em a náo Trindade Capitão Pero d'Alpoem, fez ſua viagem caminho da India; e na traveſſa daquelle golfam té Ceilão tomou duas náos de Mouros, huma de Dabul, e outra de Chaul, que vinham bem carregadas de Çamatra. E porque na de Chaul teve alguma dúvida, por eſtar naquelle tempo comnoſco em amizade, e nos pagar parcas, não ſe houve per tomada de preza, e mandou recolher comſigo as principaes peſſoas da náo, e a Simão d'Andrade com quinze Portuguezes que foſſem em guarda della, por de noite não ſe acolher. Mas com todo eſte reſguardo o Piloto, e officiaes da náo a mettêram nas correntes das Ilhas de Maldiva, e foram dar com ella em huma, a que chamam Candaluz; e no porto com favor de Mouros de Calecut que alli eſtavam, tratáram mal os noſſos, tomando-lhes o que levavam, ſem ouſarem de lhes fazer mais damno, com temor do que poderiam receber em ſuas peſſoas os mercadores que levava Affonſo d'Alboquerque comſigo. O qual ſeguindo ſua viagem, chegou a Cochij, onde foi recebido com ſolemnidade, e grão prazer de todos; porque além de celebrarem com feſtas a vitoria que houve

na

na tomada de Malaca, parecia-lhe, (segundo os Mouros tinham dito per toda a terra que eram perdidos,) que Nosso Senhor os resuscitava naquella chegada sua; porque tinha o demonio tanta communicação com o Gentio daquellas partes, que geralmente todos diziam que Affonso d'Alboquerque se perdêra na sua náo: parece que por não perder o credito este mestre de enganos, sempre se quer salvar em parte de algum aquecimento, como foi a perda da náo. Affonso d'Alboquerque a primeira cousa em que entendeo, como poz os pés em Cochij, polo estado em que Goa estava, (segundo teve nova por Patamares, que hiam, e vinham com assás perigo por terra,) porque o tempo não servia pera navios grandes, foi mandar gente em oito caturos a remo, que em seis dias chegáram a Goa. A chegada dos quaes deo tanto prazer aos nossos, como tristeza aos Mouros; e muito maior recebêram depois que Affonso d'Alboquerque em Cochij mandou soltar dez, ou doze Mouros dos cativos que tomou em Malaca; parte dos quaes vieram ter ao arraial de Roztomocan, que estava sobre Goa, e como testemunhas de vista, contáram o que passáram naquelle feito, e a fortaleza que lá tinhamos, que lhes quebrou muito os corações de quão sober-

berbos eſtavam com as más novas que tinham ſemeado daquella ida. E per eſtes capitures mandou Affonſo d'Alboquerque Provisão, em que havia por ſerviço d'ElRey que Manuel de la Cerda ſerviſſe de Capitão da fortaleza, e Manuel de Souſa de Alcaide mór, e Diogo Fernandes de Béja ficaſſe por Capitão da Armada que Manuel de la Cerda ſervia. E porque elle eſcreveo a eſtes Capitães, e aſſi á Cidade, que logo, como o tempo lhe ſerviſſe, ſeria com elles, reſpondêram-lhe que em nenhuma maneira o fizeſſe com tão pequena Armada, como tinha; porque ainda que ſua peſſoa importava tanto como a meſma ſalvação áquella Cidade, ao preſente ella ficava com ſeiscentos homens, e quinhentos peães Canarijs pera poder reſiſtir a todo o poder do Hidalcão, ainda que vieſſe ſobre ella. Porém pera ir lançar do caſtello Beneſtarij hum tal imigo como nelle eſtava, artilhado, e defendido com baluarte, torres, e grande número de gente, que, ſegundo tinham ſabido, paſſavam de vinte mil homens, não ſe podia fazer com tão pouca gente, como então eſtava na India: que prazeria a Deos que traria a ſeu ſobrinho D. Garcia de Noronha; porque, ſegundo a eſperança que Chriſtovam de Brito dera de ſua viagem, devia invernar em Mo-

Moçambique, e assi viria a outra Armada daquelle anno, que tambem se esperava do Reyno, com que lançariam aquelle imigo soberbo daquelle lugar que tomou por elle Affonso d'Alboquerque ser ausente. E como a conta destas duas Armadas, em que estes Capitães apontavam, era mui regular, e verdadeira; neste seguinte Capitulo faremos relação dellas, e quanto maior foi a segunda que a primeira, por a nova que ElRey D. Manuel teve da navegação que D. Garcia fez té a Ilha de S. Thomé, donde lhe escreveo.

CAPITULO II.

Da viagem, que D. Garcia de Noronha fez com as náos com que partio deste Reyno o anno de quinhentos e onze: e do que tambem passáram Jorge de Mello Pereira, e Garcia de Sousa o anno de doze com outra Armada de doze náos, de que elles foram por Capitães móres: e o que todos fizeram em Moçambique, onde se ajuntáram.

DOm Garcia de Noronha filho de Dom Fernando de Noronha partio deste Reyno por Capitão de seis náos o anno de quinhentos e onze, duas que partíram depois delle doze dias, Capitães Christovão de Brito, e D. Aires da Gama, que, (co-

mo fica neste precedente Livro,) passáram á India aquelle anno, e tornáram o seguinte com sua carga de especiaria. E os Capitães das outras quatro vélas eram Pero Mascarenhas filho de João Mascarenhas, e Jorge de Brito filho de João de Brito, e Manuel de Castro Alcoforado. O qual D. Garcia seguindo sua viagem, não podendo dobrar o Cabo de Sancto Agostinho, que he na terra de Sancta Cruz vulgarmente chamada Brasil, quiz o seu Piloto fazer-se na volta de Guiné, pera tomar outra mais larga sobre o mesmo Cabo. Na qual travessa se houvera de perder em hum penedo que acháram no meio daquelle golfão, no qual de noite foi dar a náo S. Pedro, Capitão Jorge de Brito, que fez forol ás outras que vinham na sua esteira, por razão do qual perigo o penedo houve nome S. Pedro, que hoje tem ácerca dos nossos navegantes. Seguindo mais o caminho na volta da terra de Guiné, foram ter á Ilha de S. Thomé, onde Fernão de Mello Capitão della os proveo do que havia na terra, e daqui per dous navios avisou D. Garcia a ElRey D. Manuel da má navegação que fizera com tempos contrarios, a qual nova causou o anno seguinte mandar ElRey doze náos, como veremos. O Piloto por emendar este erro de não dobrar o Cabo de Santo Agosti-

ti-

tinho, veio a cahir em outro maior, que foi pôr-se em altura de quarenta gráos, como houvera de passar per fóra da Ilha de S. Lourenço, que ainda se não costumava tal navegação, como ora fazem alguns Pilotos, quando partem tarde deste Reyno. Na qual paragem eram tamanhos os frios, que não podiam os navegantes marear as vélas, e os dias tão pequenos, que o jantar lhes ficava em lugar de cêa, té que havendo tres mezes que eram partidos da Ilha de S. Thomé, vindo demandar a terra, e parecendo ao Piloto que tinham dobrado o Cabo de Boa Esperança, veio a ré delle metter-se em huma angra, que milagrosamente tornáram a sahir della com baixos, e restingas, e correntes, que os mettia no sacco da enseada. Donde per espaço de hum mez e meio, fazendo caminho ao longo da costa, dobráram o Cabo, no qual tempo lhes adoeceo a gente de maneira, que por muitos dias se lançavam ao mar quatro e cinco homens. E ainda depois destes trabalhos, que o puzeram em não ter quem lhes mareasse a náo, andou entre as Ilhas de Çofala, e S. Lourenço meio perdido, e com a primeira terra que tomáram, que foi a ré de Moçambique trinta leguas, por a dúvida que tinham em que paragem eram, foi Pero Mascarenhas com hum batel a terra,

e levou comſigo hum degredado pera o mandar tomar lingua. Porém como elle não ſabia nadar, e o mar andava bravo, com promeſſas de Pero Maſcarenhas lançáram-ſe no rolo delle hum Marinheiro, e hum Negro, e da prática que o marinheiro teve com Mouros que achou da terra, ſoube onde eſtavam. Tornados pera dar eſta nova a Pero Maſcarenhas, andava o mar de maneira, que não os pode recolher, e eſcaſſamente ouvir o que lhe diſſeram, e mandou-lhes que foſſem abaixo onde ſe moſtrava huma ponta, em que parecia podellos recolher, e nunca mais apparecêram, e ſuſpeitáram que os Cafres, ou alguns animaes da terra os matariam; mas depois houve mais certa ſuſpeita que os matáram os Mouros. D. Garcia partido dalli caminho de Moçambique com eſta nova de quão perto eſtava delle, topou Antonio de Saldanha, que vinha de lá com dous navios, e hia pera Çofala, onde eſtava por Capitão, o qual ſe tornou com elle polo agazalhar, onde o leixou, como quem ficava no paraiſo terreal, tão deſejoſos vinham os homens de terra, e em tal diſpoſição, como quem havia ſete mezes, e onze dias que era partido da Ilha de S. Thomé, porque elle chegou a Moçambique a onze dias de Março do anno de quinhentos e doze, e partio da Ilha o

pri-

primeiro de Agosto de onze. E alli em Moçambique achou hum criado de D. Aires da Gama, que da torna viagem da India ficou doente, per o qual soube todalas novas da India, assi do estado do cerco de Goa, como da ida de Affonso d'Alboquerque a Malaca, e a má suspeita que havia delle ser partido, as quaes novas puzeram a D. Garcia em muita confusão. Por a qual razão, posto que o tempo era mui perigoso pera navegar, e a gente vinha mui anojada do mar, e outra enferma, provído o melhor que pode, espedio a Pero Mascarenhas que fosse tomar qualquer porto das nossas fortalezas da India pera esforçar a gente, sabendo ser elle vivo: cá pelas novas que D. Aires, e Christovão de Brito lá deram, tambem o haviam por perdido. Partido Pero Mascarenhas, ficou D. Garcia com as outras tres náos, e segundo elle achou a terra alevantada contra a nossa gente, se a que elle tinha estivera em outra disposição, elle houvera de castigar os Mouros das Ilhas de Angoxa, que tinham feito este mal; e o princípio delle foi este. Estando Duarte de Mello por Capitão, e Alcaide mór daquella fortaleza de Moçambique, com hum navio que tinha alli pera o trato de Çofala, mandava algumas vezes buscar mantimento a estas Ilhas de Angoxa, e como os

os moradores são Mouros, matáram, e feríram alguns dos nossos, que hiam n... batel do navio a terra. E porque Duarte de Mello não podia emendar este damno sem licença de Affonso d'Alboquerque escreveo-lhe havia dias, cuja resposta na Armada de Gonçalo de Sequeira houve Antonio de Saldanha, mandando-lhe que se viesse a Moçambique, e com a gente, e navios que pudesse haver, fosse áquellas Ilhas, e as destruisse. Da qual ida Antonio de Saldanha vinha, quando D. Garcia o topou, e o caso de sua ida não succedeo tão bem como elle a houve por leve, porque Duarte de Mello foi morto com outros, e muitos feridos, e não se fez mais damno aos Mouros, que queimarem-lhes o lugar, e dous, ou tres zambucos que estavam no porto, e trouxe cativo hum Xeque da terra, que por ácerca dos Mouros ser homem religioso, foi causa de se levantarem todolos Mouros daquellas Comarcas contra nós. E daqui veio, (segundo se depois soube,) que os dous homens, que Pero Mascarenhas lançou em terra, foram mortos per Mouros da terra, o qual Xeque foi logo resgatado a troco de Francisco Nogueira, e de dous filhos seus, que se perdêram em a náo Santo Antonio, de que elle hia por Capitão, em os baixos de Angoxa. Na qual perda

mor-

morreo quaſi toda a gente, e elle como não ſ[illegible] nadar leixou-ſe ficar em o que apparecia da náo com os filhos, e na baixamar, ficando a náo toda deſcuberta, eſpraiou tanto que a pé enxuto ſe recolheo a huma das Ilhas de Angoxa, onde os Mouros o tomáram, e depois deram pelo ſeu Xeqüe. Eſte Franciſco Nogueira partíra aquelle anno de doze em huma groſſa Armada de doze vélas, que deſte Reyno partíram, em que ElRey mandou dous mil homens; e a cauſa de eſte anno ir tanta gente foi por a nova que ElRey teve do eſtado da India, em que ſe preſumia que Affonſo d'Alboquerque era perdido, e principalmente por as cartas que houve de D. Garcia de Noronha feitas na Ilha de S. Thomé ao primeiro dia d'Agoſto, quando ſe elle dalli partio, que eſtava certo, a lhe Deos fazer muita mercê, invernar em Moçambique. A qual Armada partio ElRey em duas capitanías, huma de oito náos deo a Jorge de Mello Pereira filho de Vaſco Martins de Mello, o qual hia pera ficar na India por Capitão da fortaleza de Cananor, e das outras quatro hia por Capitão Garcia de Souſa. E por não eſperarem humas per outras pera irem em hum corpo, ordenou ElRey que como ſe foſſem apercebendo, de duas em duas partiſſem, e em Moçambique eſpe-

perassem té hum certo tempo por seu Capitão; e não indo, se fossem na conserva do outro, e todas em hum corpo. Porque como as cousas da India estavam fracas por a nova que se tinha do estado em que ficava, e per via de Levante tinha ElRey nova que o Soldão mandava novamente fazer outra Armada pera enviar lá, por razão da outra que lhe desbaratou o Viso-Rey D. Francisco, havia suspeita que podiam tambem haver Rumes na India. E posto que ElRey deo esta ordem á partida das náos daqui, ellas se fizeram tão prestes, que a maior parte dellas partíram deste porto de Lisboa dia de N. Senhora da Annunciação, que he a vinte e sinco de Março. Os Capitães da qual frota eram estes: Jorge d'Alboquerque filho de João d'Alboquerque, Gonçalo Pereira filho de Gonçalo Pereira, Jorge da Silveira filho bastardo de Diogo da Silveira, Simão de Miranda filho de Diogo d'Azevedo, o qual havia de ficar por Capitão em Çofala em lugar de Antonio de Saldanha, D. João d'Eça filho de D. Pedro d'Eça, Francisco Nogueira o que se perdeo filho de Francisco Nogueira, Lopo Vaz de Sampaio filho de Diogo de Sampaio, Pero d'Alboquerque filho de Jorge d'Alboquerque, Antonio Raposo de Béja, Gaspar Pereira, que hia pera servir de

Se-

Secretario de Affonſo d'Alboquerque, como ſervio com D. Franciſco d'Almeida, ſegundo atrás eſcrevemos. E em treze de Julho deſte anno de doze partio hum Cavalleiro per nome João Chanoca em hum navio a buſcar a carga da náo Gallega, que vindo da India por a náo não ſer pera navegar, deſcarregou em Moçambique. E de todas eſtas náos Franciſco Nogueira perdeo a ſua, e Jorge da Silveira paſſou á India per fóra da Ilha de S. Lourenço, e foi ter ſobre a barra de Goa a oito de Julho; e por o tempo ſer mui verde, não ouſando de entrar, paſſou adiante a Anchediva, onde eſperou perto de dous mezes té ſe ir a Cochij, onde achou Affonſo d'Alboquerque. Toda a outra Armada de Jorge de Mello, e Garcia de Souſa, ainda que não juntamente, quando veio dia de S. João eſtavam já em Moçambique, onde acháram D. Garcia, que alli invernára com tres náos. E porque (como vimos) Simão de Miranda Capitão de huma náo vinha pera Capitão da fortaleza de Çofala, Jorge de Mello o eſpedio, e mandou Proviſões a Antonio de Saldanha que naquella náo ſe vieſſe, e paſſaſſe per a fortaleza de Quiloa, onde eſtava por Capitão Franciſco Pereira Peſtana, e o recolheſſe com toda a gente della, por ElRey D. Manuel não haver

por

por bem ter alli aquella fortaleza, por as causas que no fim da primeira Decada escrevemos, e assi os trabalhos em que Francisco Pereira estava no tempo que Antonio de Saldanha chegou, e o que fez té a partida della.

CAPITULO III.

Como Jorge de Mello, e Garcia de Sousa com D. Garcia partíram todos em conserva pera a India, onde chegáram, e o que fizeram té se ver com Affonso d'Alboquerque: e de algumas cousas que elle proveo ante de partir de Cochij pera Goa.

JOrge de Mello, e D. Garcia, tanto que o tempo lhes servio, partíram caminho da India, e a primeira terra que tomáram foi a barra de Goa dia da Assumpção de N. Senhora, que he a quinze dias de Agosto; a vista da qual frota como era de treze náos mui grossas, em que hiam mais de mil e oitocentos homens, foi tão alegre aos nossos, quão triste aos Mouros: cá bem viam nellas que se lhes apparelhava algum triste fim de sua estada alli, que causou a Roztomocan repairar, e fortalecer de novo a fortaleza. Jorge de Mello, posto que Affonso d'Alboquerque não era vindo de Cochij, e D. Garcia por razão de sua ausen-

ſencia não quiz ſahir da náo, mandou armar ſeus bateis, e aſſi por mar, como per terra quiz com a gente da Cidade, (que por honra de ſua chegada o acompanhou,) dar huma viſta á fortaleza de Beneſtarij, e por fruta do Reyno mettêram-lhes huns poucos de pelouros dentro com as bombardas pera iſſo que levavam, fazendo tambem recolher os Mouros á fortaleza, não ouſando andar no campo tão vagos, como faziam ante de ſua vinda. Dada eſta viſta, e leixando alli as munições que ſerviam á Cidade, ſe foram eſtes dous Capitães móres a Cochij, em companhia dos quaes foram os cativos que eſtavam em Cambaya, e aſſi João Machado com os outros que com elle ſe vieram, por os mandar chamar Affonſo d'Alboquerque, que queria praticar com elle João Machado ſobre as couſas daquelle Mouro Roztomocan: peró primeiro que mais procedamos, pois ora fallamos nelles, convem dizer per que modo ſahíram eſtes cativos, que ſe perdêram com D. Affonſo de Noronha. Ante que Affonſo d'Alboquerque partiſſe pera Malaca, tendo já recados delles que eſtavam em poder d'ElRey de Cambaya, vendo que não acudia aos mandar tirar, deo ElRey de Cambaya licença que foſſe a eſte negocio de ſeu requerimento hum, ou dous, porque vendo-

do-os Affonſo d'Alboquerque ante ſi, mais em couſa tão juſta, tomaria logo con-clusão no deſpacho dos outros; e os que vieram a eſte negocio, como já eſcrevemos, foram Diogo Correa, e Franciſco Pereira de Berredo, os quaes chegáram a tempo que Affonſo d'Alboquerque eſtava de caminho pera Malaca, e deo a Diogo Correa a capitanía de Cananor, em que ficou em lugar de Manuel da Cunha; e quanto ao deſpacho dos outros, eſpaçou té ſua vinda por não poder ſer então. Os cativos vendo que Diogo Correa não tornára, nem tinham per via alguma recado de ſua liberdade, tornáram pedir a Melique Gupi que lhe alcançaſſe d'ElRey que houveſſe por bem conſentir que outro delles foſſe requerer ao Capitão mór que os reſgataſſe. Ao qual requerimento reſpondeo ElRey, que hum, e hum lhe parecia que aquelles Portuguezes per bom modo ſe queriam todos acolher: peró como Melique Gupi era homem mui acceito a ElRey, e deſejava noſſa amizade por lhe importar á navegação de ſuas náos, tanto trabalhou niſſo, que aprouve a ElRey dar licença a Fr. Antonio do Loureiro por ſer Religioſo. O qual em fé de ſua verdade prometteo, que quando o Capitão mór não o deſpachaſſe, elle ſe tornaria a ſe metter em ſeu poder;

e em

e, em penhor desta palavra leixou o cordão do habito que trazia, dizendo, que naquella corda estava grão parte da religião do seu habito, que por qualquer maneira que fosse, elle tornaria ao desempenhar. A qual constancia de palavra aprouve muito a ElRey, e muito mais o effeito della; porque vindo Fr. Antonio, e não achando Affonso d'Alboquerque em Goa por ser em Malaca, o mais que pode acabar com Diogo Mendes de Vasconcellos, que servia de Capitão, foi mandar com elle hum Gonçalo Homem a ElRey de Cambaya, dizendo, que Affonso d'Alboquerque era ido a Malaca, e ao tempo de sua partida chegára Diogo Correa, ao qual logo não despachou com fundamento, que quando embora tornasse, elle o tornaria a mandar com recado de sua liberdade, e dos outros; e que se Diogo Correa se leixou de tornar a cumprir sua verdade, fora por elle Affonso d'Alboquerque lhe encommendar a fortaleza de Cananor, em que estava por Capitão. E por quanto elle Capitão mór não era ainda vindo, e esperavam por elle naquella primeira monção, lhe pedia por mercê que por então lhe tomasse por desculpa a ausencia de seu Capitão mór; e que o Padre Fr. Antonio tomava desempenhar seu cordão, e o tratamento de suas pessoas fos-

ſe como té então todos tinham recebido; pois era natural dos Principes tão grandes, como elle era, condoer-ſe das miſerias da gente a que a fortuna puzera naquelle eſtado. Com o qual recado mandou-lhe Diogo Mendes algumas couſas deſte Reyno em preſente, e aſſi a Melique Gupi, as quaes poſto que eſtimadas foſſem delles, muito mais eſtimáram o cumprimento que Fr. Antonio fez, e aſſi as deſculpas dos noſſos em não ter cumprido. A qual obra açreditou tanto noſſas couſas, que não tardou muito vermos quanto aproveitou com elles, havendo ſermos homens que tinhamos duas partes, huma pera muito temor, e outra pera grandemente amar; por mal, ſermos mui eſquivos vingadores de offenſas; e por bem, em extremo fieis na amizade, e cumpridores de noſſa palavra. Parte das quaes couſas elles viam nas que tinhamos feito naquellas partes, e principalmente duas, que então muito notáram, eſta de Fr. Antonio, e a outra a nova que veio de Malaca do que lá fizera Affonſo d'Alboquerque, a qual deo a náo de Melique Gupi, que (como diſſemos) elle tratou como ſe fora noſſa, quando ſoube ſer ſua. E como eſta nova favorecia muito noſſas couſas na India, quando ella veio, que foi muito ante da chegada de Affonſo d'Alboquerque,

ca-

caláram o que lá víram, e andava entre elles em grande ſegredo; e eſta boa obra obrigou muito a Melique Gupi, e aſſi a Melique Az temer offender-nos, e procurar noſſa amizade, pois a maior parte de ſuas fazendas eſtava em navegação, de que eramos ſenhores per armas, e potencia. Finalmente com eſtas couſas deſpacháram a todolos cativos liberalmente, e bem veſtidos, e tratados os mandáram a Goa ante que Affonſo d'Alboquerque vieſſe, por achar eſta obra feita em ſua auſencia, e ſer mais agradecida ante elle. Eſte foi o modo da liberdade delles, porque huma de duas couſas pera todas haverem effeito ácerca dos homens os enfrea, amor, ou temor. A chegada dos quaes cativos a Cochij com toda a frota de D. Garcia, e Jorge de Mello, foi hum dos maiores prazeres que Affonſo d'Alboquerque vio, e que mais contentamento lhe deo que quantas vitorias teve: cá eſta groſſa Armada em ſeu animo acabou de as confirmar, e tirar de muitas ſuſpeitas que elle tinha, como adiante veremos. Porque ver elle ante ſi D. Garcia de Noronha ſeu ſobrinho, a que elle muito queria por ſuas qualidades, com aquella honra de Capitão mór de ſeis náos que naquelle tempo, e naquella idade que elle tambem tinha, parecia fazer-lhe ElRey
D.

D. Manuel aquella ventage por razão delle Affonſo d'Alboquerque, poſto que em D. Garcia havia meritos de ſua peſſoa pera iſſo, além da morte de ſeus irmãos; e ver tambem tanta gente, e tão nobre Fidalguia como elle D. Garcia, e Jorge de Mello levavam, e ver aquelles cativos, e João Machado com ſeus companheiros, os quaes elle tanto trazia no animo, deſejando modo pera os haver, e Deos lhos trouxe aſſi a huns, como a outros per caminho de mais ſeu contentamento, e ver que as couſas do eſtado da India, (peró que em Goa houve aſſás trabalho,) todas eſtavam melhor do que as elle lá onde andava temia; e ſobre tudo concorrerem todas quaſi em elle chegando, de prazer não lhe parecia que as via, mas ſonhava. Porque ſobre eſtes Capitães chegáram eſtoutros que ficáram detrás, Gonçalo Pereira, com o qual vinhã Franciſco Nogueira, e a gente que com elle ſe ſalvou da náo perdida em Angoxa; e aſſi chegou Antonio de Saldanha com toda a gente de Quiloa que eſtava com Franciſco Pereira. Além delles, chegáram mais duas peſſoas que elle muito eſtimou, ambos Embaixadores do Xeque Iſmael Rey da Perſia, hum delles poſto que não vinha ordenado a elle Affonſo d'Alboquerque per modo de Embaixador, ſómente aos Prin-
ci-

cipes Mouros do Reyno Decan, que quizessem acceitar a carapuça, e oração da sua secta de Alle, de que ao diante faremos larga menção, todavia Affonso d'Alboquerque., por ser de tal Principe, e elle Embaixador o visitar de sua parte, lhe fez muita hónra, e gazalhado. E depois quando este Embaixador se foi pera Ormuz, havendo embarcação em Goa, per ordenança de Affonso d'Alboquerque, mandou com elle hum Miguel Ferreira homem honrado, e de bom saber natural de Béja com recado seu ao Xeque Ismael Rey da Persia. O outro Embaixador, que chegou depois deste, mandava ElRey de Ormuz a ElRey D. Manuel a este Reyno com requerimentos, o qual Embaixador veio aquelle anno em as náos da carga; e entre algumas cousas que lhe trouxe de presente, foi huma Onça de caça, com que naquellas partes da Persia costumam montear, trazendo-as o caçador prezas nas ancas do cavallo. E por serem alimarias mui esquivas, e que esfarrapam muito com as unhas, e dentes a prea; e os cavallos as não recebem bem nas ancas onde as trazem no monte, fazem-lhe pera aquelle lugar huma maneira de coprão de cubertas de armas, por não escandalizar com as unhas o cavallo; e ainda porque ella aferra com ellas na cousa

que tem debaixo pera se suster, quando o cavallo anda, aquelle coprão não he bornido, mas á maneira de cortiça aspera. Do qual Embaixador, e assi do outro com que foi Miguel Ferreira, adiante faremos relação. Affonso d'Alboquerque assi pela carta que tinha do Capitão, e Cidade de Goa, como pela informação que lhe deram Jorge de Mello, e D. Garcia, e principalmente João Machado do estado della, ficou algum tanto descançado, e determinou não ir lá senão com a carga da especiaria feita, a qual em mui breve tempo fez. Porque ainda que as náos fossem muitas, como o anno passado não tomáram carga mais que as náos de D. Aires da Gama, e Christovão de Brito, havia tanta pimenta da que sobejava daquelle anno, que se fez levemente: no qual tempo, posto que Pero Mascarenhas estava por Capitão de Cochij, de que fora provído de cá do Reyno por El-Rey, elle o levou comsigo a Goa, e lhe deo a capitanía daquella Cidade, por ser cousa de mais importancia, que a capitanía de Cochij: e as pessoas como Pero Mascarenhas queria elle empregar em parte onde fizessem mais fruto, que estar por olheiro de huma fortaleza. E como as náos foram de todo prestes, e elle das cousas que havia mister pera os combates do castello

de

de Beneſtarij, partio pera Goa, e de paſſagem leixou Jorge de Mello na fortaleza de Cananor, de que tambem hia provído per ElRey, e levou comſigo Diogo Correa: parece que o chamava o ſeu derradeiro dia, porque acabou como cavalleiro ao pé dos muros do caſtello Beneſtarij, como veremos. E aſſi paſſou per Baticalá, e Onor, onde proveo algumas couſas, e lhe veio fallar Melrao Rey da Cidade, que o aconſelhou que déſſe grão preſſa a tomar a fortaleza de Beneſtarij, por quanto tinha nova certa que o Hidalcão em propria peſſoa lhe havia de vir ſoccorrer, pera que ſe fazia preſtes com groſſo exercito, que cauſou a que Affonſo d'Alboquerque ſe apreſſaſſe mais, chegando a Goa, onde eram ſeus deſejos.

CAPITULO IV.

Como chegado Affonſo d'Alboquerque á Cidade Goa, onde foi recebido com grande ſolemnidade, os Mouros do caſtello de Beneſtarij lhe corrêram, e elle os foi encerrar no meſmo: e por cauſa de querer commetter a entrada della, morrêram tres Capitães, e outra gente da noſſa.

CHegado Affonſo d'Alboquerque á barra de Goa com toda ſua frota, leixou em baixo as náos grandes da carga, e levou acima ao porto de Goa as de pequeno porte, que podiam levemente ir pelo rio. Na ſahida do qual em terra a Cidade lhe tinha feito hum ſolemne recebimento; e quando foi á entrada da porta da Cidade, hum Meſtre Affonſo homem letrado Fyſico, que ſervia de Juiz ordinario, lhe fez huma Oração. A ſubſtancia da qual era, como elle ganhára aquella Cidade aos Mouros, com que ácerca dos Reys, e Principes da India, por ella ſer huma das mais notaveis daquellas partes, a nação Portuguez não ſómente tinha ganhado grão nome, mas ainda em ſer ſua era hum duro jugo, que cada hum deſtes Principes tinha ſobre ſeu peſcoço. Porque os Capitães, e Principes do Reyno Decan perdiam aquella

da porta per que lhe entrava, e ſahia todo o eſſencial que os ſuſtentava, e mantinha em ſeus eſtados: ElRey de Narſinga ſenhor de todo o Canará pela meſma maneira não tinha vida, por razão dos cavallos, que eram as principaes armas com que ſe defendia dos Mouros. Finalmente aſſi eſtes por razão de ſeus eſtados, como os outros Mouros de toda a coſta da India por cauſa de ſeus commercios, eſtavam mui aſſombrados em ver que a gente Portuguez, que té li não fizera conta de habitar na India, com ter tomada aquella Cidade, começava de lançar raizes de ſua vivenda. A qual couſa, depois que o Hidalcão cahio nella, aſſi o atormentou, além de perda de tamanho eſtado, e de tanta injúria como nella recebeo per duas vezes, que partido elle Capitão mór pera Malaca, mandou cercar aquella Cidade, cujos lares ainda eſtavam quentes da habitação que nella fizeram alguns dos que alli vinham. A dor, e mágoa da qual perda vinha tão viva no animo de todos, que deſejando reſtituir-ſe nella, muitas vezes com o grande número da gente que eram, e eſterilidade do inverno, per combates, per fome, ſede, e continuação de vigilias, e trabalhos, todos aquelles Fidalgos cavalleiros, e gente d'armas padecêram grandes affrontas. E pois N. Senhor a todos fizera tan-

tanta mercê, que naquelle lugar ante seus olhos vissem a elle seu Capitão mór, do qual dependia todo o seu governo, forças, industria, e vitorias, com muito prazer, e esperança de tirar aquelle imigo, que tinham ante de sua face, lhe entregavam a posse daquella Cidade, pera que a remisse de seus trabalhos, pois per duas vezes a tinha ganhada a Mouros. E em dizendo estas palavras, o Capitão da Cidade lhe entregou as chaves della, e elle depois lhas tornou a dar, e de si foi á Sé dar graças a Deos da mercê que lhe tinha feito em o trazer áquella Cidade, onde estavam todos seus desejos, e dahi a seu aposento. Passados dous dias de sua chegada, começou elle entender nas cousas de sua obrigação, e officio, pedindo razão a cada hum do que tinha feito, começando primeiro naquelles a que ante da sua partida tinha mandado alguma cousa, assi como a Diogo Fernandes de Béja, que mandára desfazer a fortaleza de Çocotorá. O qual lhe deo razão disso como ficava desfeita, e trazia as pareas de Ormuz, onde tambem o enviára, com todo o mais que tinha sabido da ida d'ElRey á Ilha Baharem, por estar alevantada contra elle, e assi o que tinha sabido daquelle Reyno. E com a nova destas cousas lhe entregou tres mil e tantos pardaos, e al-

e algumas peças do quinto das prezas, que elle Diogo Fernandes fez naquelle caminho, (como atrás apontámos,) os quaes Affonſo d'Alboquerque logo diſtribuio per elle Diogo Fernandes, e per outros Capitães. Finalmente depois que perguntou, e deo audiencia a outros de tanto tempo como havia que dalli era partido, contentando a todos delles com mercê em nome d'ElRey, outros com palavras, e a muitos com eſperança de ſeus requerimentos, começou entender em o modo que havia de ter no commettimento daquella fortaleza Beneſtarij: cá ſegundo a informação que teve, era couſa mui dura de commetter. Porque ella era huma fortaleza feita aſſi per ſitio da terra, como per o trabalho da muita gente que tinham quaſi té as ameas per dentro o muro entulhado, e maciſſo, e as torres, e baluartes outro tanto, ſómente hum lanço do muro ao longo, do qual corria hum eſteiro da parte do Paſſo ſecco, onde elles tinham mettido alguns barcos de que ſe ſerviam pera terra firme, por razão deſte eſteiro impedir poder-ſe alli dar bateria, leixáram aquelle pedaço por entulhar. E porque elles ſabiam que per mar não havia couſa que ſe nos tiveſſe, temendo que os poderianſos commetter per aquella parte, por a fortaleza ter hum lanço grande de muro pe-

pegado no mar, e ainda que per alli não foſſem commettidos, podiam-lhe com navios que ſe puzeſſem entre a fortaleza, e a terra firme tomar a ſerventia della, que era toda ſua vida, pois de lá lhe vinha todo o neceſſario; ordenáram de atraveſſar o rio com duas eſtacadas, huma da parte donde chamam o Paſſo ſecco, e outra de Goa a velha. Cada huma das quaes eſtacadas ſería de comprimento de hum tiro de eſpingarda; e porém a da parte de Goa a velha era muito mais forte, e dobrada, que a outra, entre as quaes ficava a fortaleza mettida hum pouco affaſtada dellas, com que tinham larga, e ſegura ſerventia pera terra firme, ſem alguem lha poder impedir. Tinham mais neſta banda da eſtacada contra Goa a velha hum baluarte, onde além de outra muita artilheria miuda, eſtava hum baſaliſco de ferro, aſſi ordenado, que com maré cheia, e vaſia peſcava hum batel por pequeno que foſſe. Porque como deſta parte de Goa a velha té a ſua fortaleza o rio era largo, e de fundo que poderia ir acima huma náo, punham neſte lugar toda ſua defensão, e artilheria; e aſſi na face da terra contra a Cidade, e da outra parte contra o Paſſo ſecco, não ſe temiam tanto por ſer tão baixo principalmente neſte paſſo, que per elle na baixamar ſe podia paſſar a pé

pé de huma a outra parte. Affonſo d'Alboquerque, poſto que logo ao preſente não ſoube parte do que hia dentro do caſtello, nem de algumas couſas deſtas, ſómente polo que lhe diſſe João Machado do que leixava feito ao tempo que de lá veio, ordenou ſuas couſas, como quem havia de ir poer cerco a eſta fortaleza per terra, e per mar, com fundamento que não ſe havia de levantar de ſobre ella té que a não houveſſe ás mãos. Porém ante que neſte negocio foſſe avante, não paſſáram ſeis dias de ſua chegada que huma ſeſta feira, dia que os Mouros ſolemnizam como nós o Domingo, vieram correr á Cidade obra de duzentos de cavallo, e quatro mil de pé, com tenção, que dando aquella moſtra de ſi, poderia ſahir gente a elles, com que deſcubririam o que haveria na Cidade, pois nella eſtava Affonſo d'Alboquerque; e ainda de induſtria corrêram o campo derramados em modo que pudeſſem convidar os noſſos a ſahir a elles. Affonſo d'Alboquerque poſto já fóra dos muros em hum lugar, onde ſe incorporou com toda a gente que ſahio ao repique, aſſi de cavallo, como de pé, vendo o modo em que os Mouros andavam, affaſtou-ſe hum pouco do corpo da gente chamando os Capitães, e a João Machado, ao qual perguntou, que como andava aquella gente

tão

tão mal ordenada, ſe vinha alli Roztomocan. Ao que João Machado reſpondeo, que por aquelle dia ſer o que os Mouros ſolemnizavam, lhe parecia virem elles mais a folgar, que a outra couſa; e quanto alli vir Roztomocan, não via bandeira ſua; porém porque elles coſtumavam incorporar-ſe ás duas Arvores, tanto que os viſſe em hum corpo, onde ſe haviam de ajuntar os de cavallo com os de pé, ſaberia dizer ſe vinha alli. Eſtando Affonſo d'Alboquerque neſta prática, foi tanta a furia da noſſa gente, havendo por injúria aquella ſoltura dos Mouros em ſua face, que com impeto de vingança começou a correr huma voz per todos: *A elles, a elles*; e foi eſte alvoroço tão ſolto na boca, e pés de todos, que quando Affonſo d'Alboquerque acudio aos entreter, eram já tanto na viſta dos Mouros, que por lhes não dar ſuſpeita que os temiam, largou a trella aos noſſos, tomando por ſinal de vitoria o impeto que nelles via. Os Mouros como víram a corrida que levavam, começáram os de cavallo rodear a ſua pionagem, e pola ante ſi, recolhendo-ſe em boa ordem; porém Pero Maſcarenhas Capitão da Ordenança da gente de pé, da qual Ordenança eram Capitães João Fidalgo, e Ruy Gonçalves, começou de os apreſſar de maneira, que muitos

tos delles desampararam a pionagem, e começáram de se recolher apressadamente. Porque como com esta nossa gente hiam muitos Gentios do Malabar, e dos Canarijs, homens mui leves em commetter, com o favor dos nossos que levavam nas costas, derribavam pelo caminho muitos, té que chegados ao sob pé de hum teso já pegado nos muros da fortaleza, onde os Mouros tinham muitas casas palhaças á maneira de arrabalde, elles mesmos por entreter os nossos, puzeram fogo ás casas. A qual detença deo algum folego aos Mouros pera se poder recolher; porque era tanta a pressa, e o lugar per onde entravam na fortaleza tão estreito, e o rolo delles tamanho, que de não terem os de cavallo lugar pera entrar leixavam os cavallos de fóra. E ainda chegou o temor a tanto, que temendo que os nossos juntamente com elles entrassem, como aconteceo na tomada de Goa, fecháram a porta hum pouco cedo, com que muitos ficáram de fóra. Parte dos quaes, por fugir o ferro dos nossos que os sangrava, se lançáram a huma alagoa a nado; outros se mettiam nos barcos que tinham no esteiro, que eram do serviço da fortaleza; e muitos subidos em hum cubello baixo de cima do muro, que ficava sobre elle, por toucas que lhes lançavam

se

ſe queriam ſalvar. Ao qual lugar, (poſto que a fortaleza toda foi logo torneada dos noſſos, buſcando entrada,) como era o de maior preſſa, e hum pouco eſtreito, acudio muita gente nobre dos noſſos; e vendo alguns o trabalho que os Mouros tinham pera ſe alar pelas toucas ao muro, começáram ſubir ao baluarte, por ſer baixo, com tenção de entreter os Mouros, e ver ſe teriam modo de poder ſubir em cima do muro; e o primeiro que ſubio a eſte baluarte, foi Triſtão de Ataíde hum Fidalgo de Loulé, dando a mão a outros que o quizeram ſeguir. E porque no chão deſte baluarte no muro da fortaleza eſtava huma porta fechada de pedra, e barro, couſa feita de poucos dias, como que ſe fechára por não haver tantas ſerventias, onde concorria muita gente, começáram os Mouros, por o lugar ſer azado pera os entrarem per elle, de cima lançar panellas de polvora, fogo de alcatrão, e quantas couſas achavam pera o defender, no qual por ſer eſtreito os noſſos recebêram aſſás damno. Ao qual trabalho acudio Pero Maſcarenhas, Duarte de Mello, Aires da Silva, Lopo Vaz de Sampaio, Manuel de la Cerda, Ruy Galvão, e outros Fidalgos com João Machado, que como homem que eſtivera dentro daria algum conſelho per

on-

onde podiam entrar, que ao descer fosse a elle possivel. Peró como na companhia não havia escada, nem cousa mais azada que aquella porta, e o baluarte pera entrar na fortaleza, carregáram os Mouros tanto, que matáram Diogo Correa, que fora Capitão de Cananor, e Jorge Nunes de Leão, e feríram Lopo Vaz de Sampaio, Manuel de la Cerda, Ruy Galvão, e outros. Na qual persia de querer trepar, e subir, Pero Mascarenhas se mostrou mais desejoso, que outro algum, commettendo a subida per os piques da gente de Ordenança, o qual trabalho lhe não fundio a seu proposito. Affonso d'Alboquerque vendo que na parte em que elle estava, e assi nesta em que morreo a mais gente, todo o damno era seu, pois estavam por barreira de quanta fréchada, e artilheria tiravam os Mouros, mandou hum recado a Pero Mascarenhas que se recolhesse; o que elle fez com assás perigo, porque desabrigado do muro, nenhum tiro perdêram os Mouros. Finalmente daquella sahida ficáram aquellas pessoas principaes; e toda a mais gente que chegou áquelle lugar do muro, o maior damno que recebeo, foi do fogo, e azeite fervente, e alcatrão que lançavam de cima. Passado este perigo dos Mouros, veio Affonso d'Alboquerque cahir em outro, que el-

elle mais ſentio; porque como a natureza do Portuguez he conceder a poucos a gloria do ſeu braço, acertou Affonſo d'Alboquerque, por moſtrar quão contente ficou do que Pero Maſcarenhas fez na chegada daquelle muro, de o ir beijar na face, chegando a elle com palavras de louvor daquelle feito que Affonſo d'Alboquerque mui bem ſabia dizer, como grande official que era diſſo. A qual couſa foi em tal hora, que ſaltou entre toda aquella Fidalguia hum rumor de palavras, como ſe todos naquelle louvor de Pero Maſcarenhas recebiam alguma injúria. E porque o author deſta revolta fora Franciſco Pereira Peſtana, que nas couſas de cavalleria era de huma condição forte, e lingua aſpera pola confiança que tinha de ſi, vio-ſe Affonſo d'Alboquerque tão agaſtado, que uſou dos ſeus artificios com que elle ſabia apagar eſte fogo de paixão entre partes. Arremettendo contra Franciſco Pereira não per modo iroſo, e chegando a elle, começou raſgar a veſtidura dos peitos, dizendo: *Que quereis, Franciſco Pereira? Quereis ver o meu coração? Vede-lo aqui puro, limpo, todo cheio de amor; e aquelle, que menos parte tem nelle, he quem iſto não crê: An oculus tuus nequam eſt, quia ego bonus ſum?* Com o qual modo, e palavras, e eſta ulti-

tima tirada da Escritura metteo toda a murmuração em prazer, e festa da vitoria, em que (segundo se logo soube) dos Mouros morrêram cento e tantos, e perdêram alguns cavallos, que com pressa não pudéram recolher, que os nossos trouxeram, e assi muita boiada, que lhes foi bom refresco. E por espedida puzeram fogo ao arrabalde, que os Mouros tinham feito junto da fortaleza; e em quanto elle ardia, Affonso d'Alboquerque á vista della se poz a fazer alguns cavalleiros: acabado o qual acto, se recolheo pera a Cidade.

CAPITULO V.

Como Affonso d'Alboquerque, providas algumas cousas a esta ida necessarias, assi pera mar, como pera terra, partio de Goa a pôr cerco ao castello, que os Mouros tinham feito no Passo de Beneśtarij.

PAssado este dia, em que Affonso d'Alboquerque tomou per si experiencia da força daquella fortaleza de Benestarij, e quão trabalhosa cousa havia de ser o cerco que lhe elle queria pôr, e a causa era as estacadas com que tinham atravessado o rio que lhe impediam poder-se aproveitar do mar, aqui foi todo o seu estudo do modo que teria pera se servir, assi do mar, como

da

da terra. Porque como elle passasse além das estacadas alguns navios que pudessem estar entre ambas, pera impedir com artilheria o serviço, que a fortaleza tinha da terra firme, donde lhe vinha todo o necessario, logo ficava sem forças pera não poder soffrer o cerco, que lhes havia de pôr per terra. Porém achava a este seu fundamento dous grandes inconvenientes, e taes, que quando com elles fosse avante, seria á custa de muita gente; e o somenos delles era, que mandando navios pela parte do Passo secco, ás vezes em aguas vivas ficava o váo de maneira, que se passava a pé, donde houve nome Passo secco. Pela outra parte de Goa a velha, posto que era de mais fundo, aqui estava o maior perigo; porque segundo dissemos, como parte mais suspeitosa, que os podiam commetter com entrada de náos, e abalroar com a fortaleza, além de terem a estacada dobrada hum pouco larga da fortaleza, tinham hum basalisco com a mais da artilheria; e commetter pera aqui era cousa mui trabalhosa o arrincar das estacas, e grande perigo da gente. Finalmente buscados todolos modos pera a não metter a tanto risco, depois que sobre isso houve muitos conselhos, não achou outro mais conveniente pera poder tomar aquella fortaleza, que commettella

per

per mar, e per terra juntamente. Pera o qual negocio, em quanto se ordenavam as outras munições de enxadas, picões, cestos, padiolas, mantas, escadas, e outras cousas pera ir assentar o arraial em cerco da fortaleza per terra, mandou aperceber pera entrarem pelo Passo secco hum navio, e huma caravella. O navio sería de té cem toneis, o qual fora daquelles que tomáram alli dos que tinham feito os Rumes, mui azado por não ser de quilha como os nossos, que daquelle porte demandam muita mais agua, do qual era Capitão Duarte de Mello, e da caravella João Gomes de alcũnha Cheira-dinheiro, que sería de té quarenta e cinco toneis, ambos cubertos de taboado per cima de longo a largo, armado sobre antenas á maneira de cumieira de casa baixa, pera que a gente pudesse per baixo trabalhar sem receber damno, e além disso suas arrombadas; e o navio Rume hia tão artilhado, que parecia levar em si mais ferro, que madeira. Pera entrarem pela parte de Goa a velha, ordenou quatro peças, a náo S. Pedro, Capitão Tristão de Miranda, e hum navio, Capitão Pero d'Affonseca filho de Gonçalo d'Affonseca, e huma caravella, e huma fusta, de que eram Capitães Mendafonso, e Affonso Pessoa, todos quatro repairados pela

maneira de eſtoutros com arrombadas, e artilhados, e cubertos. Concertados eſtes ſeis navios com a gente ordenada pera o trabalho de arrincar as eſtacadas, e laborar da artilheria, que tudo havia de ſer gente do mar, e bombardeiros, os dous foram pela parte de Daugij, e tendo já paſſado o Paſſo ſecco á força de cabreſtante, indo o navio per cima da vaſa, foi cahir em outro maior perigo; porque por ſe afaſtar da terra firme, tanto ſe encoſtou á Ilha, que foi dar em hum penedo, o qual alevantou o animo per huma parte; e como elle hia carregado de artilheria, encoſtou-ſe pera a banda da agua pera onde toda correo de maneira, que o pezo della fez que tomou agua per bordo, com que ſe foi ao fundo, por o penedo ſer a pique, e o navio não aſſentar per todo nelle; mas aprouve a Deos que toda a gente ſe ſalvou. Em lugar do qual navio mandou Affonſo d'Alboquerque hum grande batel aſſi cuberto com algumas peças de artilheria que elle podia ſoffrer; e com ajuda delle João Gomes, a pezar dos Mouros, á força de cabreſtante tirou tantas eſtacas, té que fez lugar per que metteo a ſua caravella, onde eſperou que vieſſem pela outra parte os outros navios. Aos quaes o caminho foi mais empidoſo com o baſaliſco, e artilheria

ria grossa com que lhe tiravam, e detiveram-se em subir assima per tantos dias, atoando-se de vagar pouco, e pouco em espaço de huma legua sem chegar á estacada, que cansado Affonso d'Alboquerque dos recados que lhe mandava, e desculpas de não poderem mais, determinou per si ir ver este vagar. Pera a qual ida, posto que havia de sahir á barra do rio, e tornar a entrar pela outra de Goa a velha, não quiz escolher maior vasilha pera sua pessoa, que hum catur da terra. Chegado aos navios, depois que vio o que podiam fazer, e ouvio as desculpas dos Capitães do que não tinham feito, quasi tanto polos envergonhar, e assi a toda a gente, do receio que tinham em chegar á estacada, como por de mais perto notar o sitio da artilheria, e que entrada haveria per alli á fortaleza, mandou remar o catur que chegasse á estacada o mais perto da fortaleza que elle pode. Notado o lugar, e estancia da artilheria, em se tornando parece que hum bombardeiro Gallego arrenegado, que nos fazia todo aquelle damno, enfiou o basalisco no catur, e espedaçou o corpo de hum Canarij que hia ao leme de maneira, que parte dos miollos envoltos em sangue vieram dar nas barbas de Affonso d'Alboquerque. O qual todolos do catur houveram por

morto, porque o vento do pelouro o sombrou com que cahio; e assi assinalado daquella ousadia chegou aos navios, onde logo mandou lançar hum pregão, que qualquer bombardeiro que lhe quebrasse aquelle basalisco, lhe dava cem cruzados. E como o premio as cousas que ante delle se tem por impossiveis elle as faz leves, e finalmente acaba tudo, assi ordenou hum bombardeiro o ponto de hum tiro grosso, que metteo o pelouro pelo cano do basalisco, com que o quebrou, e o bombardeiro arrenegado foi morto. Com a qual obra elle levou os seus cem cruzados, e Affonso d'Alboquerque ficou vingado do sangue, com que o borrifáram; e mais tirou o pejo da náo S. Pedro, e aos outros navios pera chegarem á estacada. Com que logo aquella noite na baixamar em as estacas fizeram ao machado grandes prezas, onde amarráram cabos de linho grosso; e vinda a maré, que alevantou a náo, e navios, a força da agua fez arrincar as estacas sem mais cabrestante, e per este modo fizeram lugar com que entráram, e foram-se ajuntar com a caravella, e batel de João Gomes. Feita a qual obra, em que Affonso d'Alboquerque tinha tanta esperança do que desejava, quanto os Mouros de receio, parece que estava assi provído per elles, que

que ao seguinte dia da entrada dos nossos navios entre as estacadas acudio logo hum Capitão, que estava ao pé da serra chamado Çufo Larij, que depois em accrescentamento de honra houve nome Çadacan, de que ao diante faremos maior relação por causa das contendas que com elle tivemos sendo Senhor de Bilgam. O quál trouxe comsigo té sete mil homens com muitas munições em soccorro da fortaleza, assentando seu arraial hum pouco emparado das nossas caravellas na parte da terra firme, por não receber damno da sua artilheria, no qual lugar esteve per alguns dias, parecendo-lhe que poderia fazer algum proveito á fortaleza. Porém depois que vio que sua estada era ociosa, e que mais damnava a si, do que aproveitava aos outros, tornou-se a recolher com perda de alguma gente, que lhe a artilheria dos navios matou. Neste tempo como Affonso d'Alboquerque estava apercebido pera ir pôr cerco a esta fortaleza Benestarij, havendo perto de vinte dias que passára esta vitoria que houve dos Mouros, partio de Goa com té quatro mil homens, tres mil delles Portuguezes, que foram os mais que té aquelle tempo se víram na India, e os mil da terra, em que entravam estes Capitães, Dom Garcia de Noronha, Pero Mascarenhas,

Ma-

Manuel de la Cerda, Antonio de Saldanha, Jorge d'Alboquerque, Pero d'Alboquerque, Jorge da Silveira, Francisco Pereira Pestana, Garcia de Sousa, Gaspar Pereira, Diogo Mendes de Vasconcellos, Lopo Vaz de Sampayo, Jeronymo de Sousa, Ruy Galvão, Gonçalo Pereira, Francisco Pereira de Berredo, Antonio Ferreira, Antonio de Sá, e João Fidalgo, Ruy Gonçalves, ambos Capitães da Ordenança, os quaes neste uso andáram muito tempo em Italia, donde trouxeram honrado nome. Além destes Capitães, hiam muitos Fidalgos cavalleiros, e criados d'ElRey, toda gente mui escolhida, e limpa, a qual Affonso d'Alboquerque repartio em dous corpos, hum tomou pera si, e outro deo a D. Garcia de Noronha seu sobrinho; e a gente da terra Canarij, e Malabares que de Cochij vieram a soldo, ficou com Pero Mascarenhas Capitão mór da Ordenança. Partido Affonso d'Alboquerque com este exército huma tarde, foi dormir ás duas Arvores meia legua da Cidade, e ao outro dia chegou á fortaleza Benestarij, onde assentou seu arraial em huma parte encuberta a gente, por causa dos tiros que tinham no muro, e baluartes. E porque de dia se não pode assestar a artilheria nos lugares, onde convinha pera dar bateria á fortaleza,

tan-

tanto que foi a noite, ficando elle Affonſo d'Alboquerque com a gente que tomou pera ſi naquelle lugar onde ſe poz, que era em hum outeiro á maneira de padraſto ſobre a fortaleza, mandou a D. Garcia, e a Pero Maſcarenhas que foſſem mais abaixo aſſeſtar toda a artilheria detrás de hum repairo de pipas cheas de terra obra de trinta paſſos do muro, em que toda aquella noite trabalháram com aſſás perigo. Porque como os Mouros ſentíram o bater, e cavar que elles faziam neſta obra, deſcarregavam alli toda ſua artilheria, e armazem; e com tudo quando veio ao outro dia, a fortaleza da terra eſtava toda torneada deſtas noſſas eſtancias, das quaes, e aſſi dos navios do mar, tanto que lhes foi dado ſinal, começáram com aquella furia de fogo picar o muro da fortaleza per todo. Porém eſte trabalho per alguns dias aproveitou pouco, e tudo foi gaſtar peſouros, e polvora, aſſi da noſſa parte, como da fortaleza, a qual furia parecia huma ſemelhança do inferno, porque todo o ſitio daquella fortaleza era fumo, e fogo. Em tanto que té os lagartos da agua, que no circuito daquella Ilha andavam, (como atrás eſcrevemos,) os quaes eram viſtos dos noſſos navios, que tolhiam a paſſagem da terra firme, ás vezes ſobre a agua, e outras na

mar-

margem da praia, tanto que começou a bateria, assi foi espantoso aquelle acto a elles, que se recolhêram pelos esteiros, sem mais apparecer na fronteria da fortaleza. Porém neste acto do combater muito maior damno recebêram os nossos, que o muro; porque como per dentro era maciço té quasi as ameas, toda nossa artilheria embaçava nelle, e nos baluartes onde elles tinham assestado a sua, que varejava bem em as nossas estancias, e navios. Vendo Affonso d'Alboquerque que gastava tempo, que era honra nossa em se deter tanto, sem fazer mais que despender, e quebrar suas munições, mandou mudar huma das estancias junto de hum esteiro, que era já pegado no mar, e que apalpassem per aquelle canto o muro. Na qual parte, posto que a nossa artilheria não era de bateria de campo, com os primeiros tiros furiosos os nossos víram a luz da outra parte por naquella não ter entulho, sómente a grossura da parede, a qual cousa deo logo muito alvoroço em todo o arraial, e pelo contrario aos Mouros. Roztomocan vendo esta obra, e sentindo o prazer dos nossos pela grita que deram com ella, determinou-se em mais que defender, porque logo aquella noite, ante que os nossos procedessem mais nella, teve conselho com os principaes

paes Capitães que tinha, e assentou que per huma porta que vinha dar na estancia, que lhe fazia este damno, sahissem té duzentos homens escolhidos, e trabalhassem por fazer algum feito, ao menos que houvessem a artilheria, e polvora, de que elle muito carecia. No tempo da qual sahida, que havia de ser ao quarto derradeiro da noite, quando as vigias estam menos prontas na guarda, elle estaria á porta da fortaleza pera lhe acudir, sendo necessario. Assentado este commettimento, quanto por parte delles ainda foi melhor commettido, em tanto, que muitos Turcos vieram a braços com os nossos, servindo-se mais das adagas, e punhaes, que de outras armas; e pelo tempo em que foi metteo os nossos em tanta revolta naquella estancia, per onde commettêram esta entrada, a qual tinha Manuel de Sousa Tavares, que acudindo-lhe D. Garcia, ainda se não podiam defender deste impeto delles, té que sobreveio Pero Mascarenhas com os seus Capitães, e gente de Ordenança, que os fizeram recolher tão apressados como sahíram. E sobre este trabalho, como cousa industriada pera aquelle feito por recebermos maior damno, tanto que foram mettidos pela porta do muro de cima delle, foi tanto o tiro sobre os nossos, que maior foi a obra

em

em ferir, e eſcalavrar do muro, que da mão dos Mouros; de maneira, que fez deſfazer o corpo da noſſa gente, que eſtava alli apinhoada por acudir áquelle commettimento dos Mouros, recolhendo-ſe cada Capitão á ſua eſtancia. Affonſo d'Alboquerque por lhe não virem dar outro tal rebate, quando veio a noite ſeguinte, mandou dobrar outras pipas cheas de arêa, que vieram de Goa per duzentos Canarijs, que deo a Baſtião Rodrigues pera as trazerem ás coſtas, por não haver beſtas de ſerviço; e além das pipas, mandou fazer huma cava de maneira que ficáram as eſtancias mais ſeguras. Neſte tempo os Mouros eſtavãm já neceſſitados de muitas couſas, principalmente de mantimentos, e aſſi de polvora, e pelouros, porque todas eſtas os noſſos navios, que davam á bateria por mar, lhe impediam a não virem da terra firme. Da qual neceſſidade os noſſos tiveram noticia por dous ſinaes: hum, que tiravam poucas vezes, e já fracamente, e alguns pelouros de pedra, que vinham cahir entre os noſſos, eram de pedra branca os proprios que lhe a noſſa artilheria tirava, como que lhes faleciam já os ſeus, que eram de pedra negra ferrenha, ſegundo tinham viſto per todolos outros dias. Sobre eſta ſua neceſſidade ſobrevieram dous caſos, que acabáram

de

de rematar o fim defte cerco ; o primeiro foi , que eftando Roztomocan em huma torre., que vinha tomar parte do outeiro, que ficava em lugar de padrafto da fortaleza, a qual torre era á maneira de cunhal de dous pannos de muro que corriam em revés ; acertou de tirarem com hum camelo da eftancia de Affonfo d'Alboquerque , e deo em hum cunhal da torre , que a fez toda eftremecer por não fer maciça, e trás efte foram outros dous de maneira , que quando elle Roztomocan fe apartou da janella , onde eftava em prática com alguns dos noffos arrenegados, já foi bem cheio de caliça do grande tremor da torre. O outro cafo que fuccedeo logo fobre efte foi accender-fe fogo em huns barris de polvora em huma das noffas eftancias; e porque ifto foi com hum pelouro da artilheria dos Mouros, que logo matou dous bombardeiros, vendo elles a revolta que fobre nós houve entre os noffos, foi tão grande a grita delles, que acudio Affonfo d'Alboquerque áquelle lugar , parecendo-lhe fer outra coufa. No qual abalo fe alvoroçou tanto a gente, que não oufando ante defte cafo chegar ao muro , como fe a vitoria os chamára, todos fe puzeram em furia de o commetter á efcala vifta. Roztomocan quando vio a revolta per todalas partes do

ar-

arraial, perguntou aos arrenegados que cousa era aquella. Os quaes cortados da culpa de seus peccados, sem as palavras de esforço, com que ante animavam a todos, disseram que lhes parecia que o Capitão mór queria commetter entrar a fortaleza á escala vista; e se assi fosse, soubesse certo que onde os Portuguezes punham o rostro, depois que bebiam o vaso da furia que os movia, tudo levavam nas unhas como leões; e porque aquella fortaleza estava já aportilhada na parte de baixo junto do mar, seu conselho era commetter-lhes tregua, e algum bom partido. A este tempo tambem dentro na fortaleza entre os Mouros havia já grande confusão, porque viam que os nossos navios impediam a lhe não vir mantimento algum, e tinham necessidade delles, e muito maior de polvora, e pelouros, e munições, em que estava toda sua defensão: sobre isso viam o muro roto, e que não podiam andar dentro na fortaleza com dous trabucos nossos que lhe tinham morta alguma gente; por isso quando ouvíram fallar os arrenegados em partido, lançáram orelhas a isso, e muito mais Roztomocan, que vio o negocio ordenado de maneira pera o tomarem ás mãos. Finalmente posto este caso em prática de todos, assentáram que commettessem tregua, e no tem-

tempo della lhe moveria algum bom partido; e ante que dalli sahissem com o temor do alvoroço dos nossos, mandou Roztomocan arvorar huma bandeira branca naquella parte onde D. Garcia estava, que era a que elles mais receavam, e o arrenegado que a trazia começou de chamar por João Machado. D. Garcia quando vio este final, e ouvio o que diziam, por João Machado não ser presente, mandou saber per Bastião Rodrigues, que sabia alguma cousa da lingua do tempo que o cativáram na morte de D. Lourenço, o que queriam. O qual trouxe recado da parte de Roztomocan, que elle queria estar em tregua com o Capitão mór por alguns dias, e neste tempo teriam prática em alguma cousa que fosse em proveito d'ElRey de Portugal, e do Hidalcão seu Senhor. D. Garcia mandou logo este recado per o mesmo Bastião Rodrigues a Affonso d'Alboquerque, o qual recado teve muitas contradições; porque entre os Capitães houve differentes votos, apresentando muitas razões, huma das quaes era que Roztomocan não pedia esta tregua a mais fim, que pera dobrar o muro, que lhe a nossa artilheria começava a romper. Todavia eram tanto mais os pareceres da tregua com logo mover partido, e execução delle por lhes não dar tempo a se pode-

derem repairar, que lhes foi concedida per João Machado, que foi com Bastião Rodrigues, levando estes apontamentos. Que lhe entregasse elle Roztomocan a fortaleza assi como estava com toda a artilheria nossa, que fora tomada em o navio naquelle passo Benestarij, quando a Ilha foi entrada per elles da primeira vez, com todolos navios, e fustas nossas, e suas, e mais os cavallos que tinham comsigo: e sobre tudo os arrenegados que de nós se passáram a elles, e que livremente leixaria ir suas pessoas com a fazenda que tivessem. Dados estes apontamentos, Roztomocan se mostrou mui livre na concessão delles: todavia pera estas cousas tomarem algum termo de concerto, elle deo dous Turcos em refens, e da nossa parte estavam com elle João Machado, e Bastião Rodrigues, que hia, e vinha a Affonso d'Alboquerque com recado do que elle queria conceder. Finalmente elle se resumio nisto, que entregaria a fortaleza assi como estava com toda artilheria, e munições de guerra; e quanto aos arrenegados, (em que elle muito insistio,) estes entregaria com condição de elle Affonso d'Alboquerque lhe dar a vida, o que lhe foi concedido por isto ser o principal. O qual negocio ordenou elle de modo, que se acabou de noite pera fazer o

que

que fez, desapparecer de antre os seus, passando-se secretamente da banda da terra firme com suas mulheres, e fazenda, sem o saberem os outros Capitães; dando depois per desculpa por os leixar assi, que o fizera por não ser presente á entrega dos arrenegados, porque como já os mais delles eram convertidos a sua lei, havia ser grande escrupulo de sua consciencia ser elle a pessoa que os entregasse. Na qual passagem levou comsigo hum destes chamado Fernandinho entre os nossos, por ser mui acceito a elle. Os outros arrenegados quando souberam o concerto da entrega, e que haviam de ir ter ante Affonso d'Alboquerque, quizeram escapulir; mas como os Capitães do Roztomocan víram que a salvação de suas vidas estava na entrega delles, tiveram mão, e entregáram-os a Bastião Rodrigues, que os segurou, e consolou no que temiam de Affonso d'Alboquerque. Todavia por não ficarem sem castigo, posto que não perdêram a vida, perdêram as orelhas, narizes, mão direita, e dedo pollegar da esquerda, que lhe Affonso d'Alboquerque mandou cortar tanto que tornou pera Goa; e postos em lugar público dos moços, e gente do povo, recebêram vituperios, e dahi os mandou vir pera este Reyno em as náos daquelle anno. Hum dos quaes per nome Fernão Lo-

Lopes se leixou ficar na Ilha Santa Elena com hum negro, que lhe os Capitães deram, o qual pelo tempo em diante foi mui proveitoso ás náos que alli vam fazer sua aguada á vinda da India; porque com a creação de porcos, cabras, gallinhas, e ortaliça que lhe as náos deram, e elle creou, e semeou, quando chegam acham este refresco, que dá vida aos homens de tão comprida viagem, em tanto que a náo, que não toma esta Ilha, traz muita gente morta por falta de agua, e deste refresco, de que Fernão Lopes foi o author. Passados alguns annos nesta vida solitaria, em que fazia penitencia, veio a este Reyno, e daqui foi a Roma a pedir reconciliação, e absolvição plenaria de seus peccados; e vindo de lá, se tornou á mesma Ilha, onde ainda estava em penitencia no tempo que escreviamos esta historia. Affonso d'Alboquerque tanto que soube per Bastião Rodrigues, que levou estes homens, como Roztomocan era ido, e que os Mouros que ficavam na fortaleza, eram na confiança de sua palavra conforme aos apontamentos, por ser alta noite, leixou a entrada pera pela manhã, como fez, abrindo-lhe os Mouros principaes as portas, confiados na concessão dos apontamentos. A qual confiança não teve a mais da gente baixa: cá esta, tanto que víram en-

trar

trar os nossos per as portas da fortaleza que hia pera o arraial, começáram com temor de fugir pelas outras, lançando-se a nado pera passar á terra firme, parte dos quaes se afogáram. Affonso d'Alboquerque quando vio que o temor da sua entrada os fazia fugir, em que tambem entravam alguns Mouros de cavallo, ao cabo dos quaes ao tempo do andar se apegavam outros de pé, mandou lançar pregões, que ninguem fugisse sob pena de morte, por quanto elle queria dar embarcação a todos pera passarem sem perigo, e poderem levar suas fazendas, segundo tinha concedido nos seus apontamentos; e que em quanto não fossem passados á terra firme, qualquer Portuguez, ou pessoa que fizesse algum damno a algum Mouro, que morresse por isso; com os quaes pregões os Mouros ficáram sem aquelle assombramento, que os fazia fugir; e finalmente nas embarcações que lhe Affonso d'Alboquerque mandou dar, passáram suas pessoas, e fazendas, leixando o casco da fortaleza com toda artilheria, e cavallos que Rozmocan tinha. As quaes cousas Affonso d'Alboquerque tomou pera ElRey, por a fortaleza se entregar a partido, e algum movel que os Mouros leixáram, ficou pera despojo da gente miuda, principalmente o mantimento, que naquelle tempo era de muita estima.

CAPITULO VI.

De algumas couſas, que Affonſo d'Alboquerque paſſou com Roztomocan; e aſſi da paz que aſſentou com o Çamorij de Calecut, e da vinda do Embaixador do Preſte João, e de outro d'ElRey de Ormuz a eſte Reyno na Armada que aquelle anno partio da India.

TAnto que Affonſo d'Alboquerque ſe metteo de poſſe deſta fortaleza, a primeira couſa em que entendeo foi mandar viſitar per Baſtião Rodrigues a Roztomocan, eſpantando-ſe delle não o eſperar na fortaleza pera ſe verem ambos, couſa que elle muito deſejava; porque huma tal peſſoa, como elle Roztomocan era, ſe havia de ir muitas jornadas polo ver, quanto mais eſtando á ſua porta, e per eſtes termos outras palavras. Entre as quaes foram algumas offertas que elle Affonſo d'Alboquerque lhe promettia pera ſegurança da peſſoa delle Roztomocan, em quanto não tinha recado do Hidalcão ſeu cunhado: cá ſegundo lhe diziam, elle lhe tinha eſcrito o eſtado em que eſtava naquelle cerco, pedindo-lhe ſoccorro pera ſe não perder aquella fortaleza, ou modo que havia de ter. Ao qual recado elle Hidalcão não reſpondêra;

e que

e que como os Principes ás vezes ſe indignavam indignamente de ſeus Capitães nos taes negocios, e iſto quando não ſabem a verda[illegible]e tem á ſua ilharga peſſoas, que t[illegible]odio ás partes, e elle Roztomocan ti[illegible]a alguns emulos por razão de ſeus honrados feitos, per ventura com eſte concedido por ſe mais não poder fazer, como são todolos caſos da guerra, e não por ſua vontade, en[illegible]aria a do Hidalcão, por o não tratar como elle merecia, por quão prudentemente, e como cavalleiro ſe tinha havido no modo que teve com Pulate Can, e na defensão daquella fortaleza. Roztomocan, poſto que Affonſo d'Alboquerque lhe tocou neſtas couſas, que em verdade elle temia, não lhe reſpondeo a ellas, mas a outro propoſito em modo de aggravo, pedindo-lhe os cavallos, que lhe ficáram na fortaleza: cá ſua tenção, quando concedêra leixar os cavallos, não fora os da Perſia, e Arabia, ſó[illegible]ente os da terra. Finalmente deſta vez, e [illegible] outras, depois que Affonſo d'Al[illegible]querque ſe foi pera Goa, andáram entre elles tantos recados, té que ſe víram ambos no meſmo lugar de Beneſtarij, cada hum pera a ſeu propoſito; porque Affonſo d'Alboquerque queria-o fazer temer do Hidalcão, offerecendo-lhe da parte d'ElRey D. Manuel mercê, querendo-ſe vir pera ſeu

ſerviço; e que entretanto em ſeu nome elle lhe daria as terras firmes pelo modo que as déra a Melráo, dando por ellas hum tanto, e o mais ficaria a elle Roztomocan pera ſua peſſoa, e pagamento da gente que havia de trazer na defensão dellas. E Roztomocan por ſaber a tenção de ſeu cunhado, da ſua parte largava as Ilhas derredor de Goa, como couſa que ſe não podia defender de nós; e quanto as terras firmes, que o Hidalcão mandaria que os mantimentos, e couſas que nellas havia, ſe deſſem como amigo, e vizinho per modo de commutação de outras, que a terra haveria miſter da Cidade Goa, e niſto lhe fazia grande amizade, por quanto ella ſe não podia manter ſem ellas, como era notorio, e elle Affonſo d'Alboquerque teria experimentado. Affonſo d'Alboquerque, poſto que Roztomocan movia neſta prática algumas couſas, de que elle pudéra lançar mão, em quanto não via couſa movida pelo Hidalcão, a quanto eſte Roztomocan dizia não lhe dava credito, e por iſſo não ſe determinou com elle em alguma. Sómente polo aſſombrar, em quanto elle andava derredor da Ilha já hum pouco desbaratado, porque a gente o leixava, fortaleceo a fortaleza Beneſtarij, e poz nella hum Capitão com gente em guarda daquelle paſſo, e em cada

hum

hum dos outros, que já dissemos, tambem fez torres, e forças pera defensão daquella entrada, e guarda da Ilha com pessoas ordenad... isso, a qual cousa desesperou os M...ros de mais entrarem nella, como fi...ram duas vezes. Em quanto Affonso d'Alboquerque entendia nestas cousas, era tão necessaria sua pessoa ser presente em Goa, que importando muito a carga da especiaria, que aquelle anno havia de vir pera este Reyno, não pode ir a Cochij a isso, e mandou lá, acabado o feito de Benestarij, seu sobrinho D. Garcia de Noronha, ao qual deo todolos seus poderes pera isso, vendo quanto fundamento ElRey D. Manuel fazia delle. Cá o mesmo D. Garcia na via das cartas que levou, levava huma, em que ElRey dizia a elle Affonso d'Alboquerque, que havendo respeito ás qualidades da pessoa de D. Garcia, e ao descançar em alguma maneira dos trabalhos da governança da India por ser seu sobrinho, havia por bem que ficasse lá com o cargo de Capitão mór do mar, por a qual razão D. Garcia ficou na India. E quando foi fazer esta carga das náos a Cochij, levou os mais dos navios pequenos que havia delles pera ficarem de Armada sobre os portos de Calecut, pera não leixarem entrar, nem sahir náos de Mouros, e outros pera serem corrigidos

do

do damno, que recebêram naquelle rio de Goa no tempo do cerco. E aproveitou tanto ficarem estes navios sobre Calecut, que como D. Garcia foi em Cochij, logo teve recado do Principe de Calecut chamado Naubeadarij sobre tratos de paz; porque vendo ElRey de Calecut a prosperidade de nossas cousas, e em quão breve tempo Affonso d'Alboquerque se tinha feito senhor de duas Cidades tão notaveis, como eram Malaca, e Goa, deo licença a este seu Irmão, que como cousa movida per elle, por sempre se mostrar nosso amigo, folgaria de fallar na paz entre elle, e o Capitão. Sobre o qual negocio se passáram muitos recados, e descontentamentos d'ElRey de Cananor, e d'ElRey de Cochij: cá elles pezava-lhes muito estarmos em paz com Calecut, por perder na entrada, e sahida das mercadorias grande renda, pola muita cópia de pimenta, gengivre, e outras especiarias que tinha em Calecut, e havia de abater no proveito delles. Porém teve Affonso d'Alboquerque tanta prudencia em os saber contentar, soldando entre elles odios das guerras passadas, que os satisfez; e finalmente D. Garcia vendo-se em Cranganor com o Principe Naubeadarij, e com o Senhor de Chálle chamado Cheneachena Coripa, e dous Mouros per nome Nambear, e Pocaracem grandes nossos

ami-

amigos, todos assentáram esta paz per capitulações. A principal das quaes era que ElRey de Calecut havia de dar lugar, onde Affonso d'Alboquerque quizesse, pera fazer huma fortaleza, em que havia de estar hum Capitão com gente de armas que a guardasse, e feitoria pera o negocio do commercio, e que pera eleição do lugar, e mandar fazer esta obra, elle Affonso d'Alboquerque poderia mandar a Calecut homens pera isso, como mandou, (segundo adiante veremos.) Neste tempo teve Affonso d'Alboquerque nova per hum Portuguez de alcunha Tavares de Alcacere do Sal, que fora cativo em Cambaya, que em Dabul estava hum homem, o qual lhe dissera, sabendo ser elle Portuguez, que vinha a elle Capitão mór da parte do Rey dos Abexijs pera o enviar em as náos da especiaria, por quanto levava huma embaixada a ElRey de Portugal. O qual, posto que não tinha communicado a causa de sua vinda com alguem, temendo que receberia algum damno dos Mouros, todavia o retiveram alli em Chaul, dizendo elle por dissimular ser hum mercador de dentro do estreito do mar Roxo, que vinha resgatar hum filho, que os Portuguezes cativáram em huma náo, o qual diziam estar em poder do seu Capitão mór Affonso d'Alboquerque. E porque elle tinha

nha ordenado a Garcia de Soufa com quatro navios pera andar naquella paragem de Dabul, por caufa de impedir não entrarem per alli, por fer porto do Hidalcão, os cavallos que vinham da Perfia, e Arabia, que elle queria que foffem a Goa, tanto que teve efta nova, efpedio logo Garcia de Soufa, mandando-lhe que trabalhaffe muito por faber parte defte Embaixador, e lho enviaffe em hum dos navios, e elle ficaffe com os outros fazendo arribar as náos dos cavallos a Goa. O qual negocio elle fez com tanta diligencia, que depois de fua partida a poucos dias entrou em Goa efte Embaixador, onde por reverencia do Lenho da Cruz, que trazia em prefente a ElRey Dom Manuel, foi recebido com folemnidade de procifsão, levando efta fanta Reliquia em huma Cuftodia de prata, e Pallio de feda, e foi pofto na Igreja; fobre o qual recado defte Principe Chriftão, Fr. Domingos de Soufa da Ordem de S. Domingos, que fervia de Vigairo geral naquellas partes, fez hum devoto Sermão. Affonfo d'Alboquerque, paffado efte primeiro dia de fua chegada, quiz informar-fe particularmente das coufas do Rey da Abexia, a que nós chamamos Prefte João, e affi da caufa da vinda defte feu Embaixador chamado Mattheus, homem de reverenda prefença, alvo, e não

das

das cores, e cabello dos Abexijs, por não ser natural da terra Abexia, mas do Cairo; e segundo se depois soube, era mercador da linhagem dos Mouros, homem que a Rainha Ilena madre do Preste chamado David, trazia em negocios de o mandar a diversas partes, por seu filho David neste tempo ser pouco mais de doze annos de idade, e ella governava o Reyno. E posto que elle Mattheus não deo conta destas cousas a Affonso d'Alboquerque, bastou pera se acreditar com outras que lhe disse, assi da causa de sua vinda, como principalmente que na terra do Preste estavam alguns Portuguezes, hum havia muitos annos mandado per hum Rey de Portugal chamado Joanne, e dous que havia pouco tempo serem lá lançados, e segundo elles diziam, foram postos em terra no Cabo de Guardafu, per mão de hum Capitão de outro Rey de Portugal chamado Manuel, que era aquelle a que elle Mattheus era enviado. Hum dos quaes Portuguezes se chamava João Gomes, e ao outro João Sanches, e em sua companhia fora tambem hum Mouro per nome Cide Mahamed, e delles não trazia carta alguma por testemunha de ser elle Mattheus Embaixador: cá sua vinda foi subita, e não quiz ElRey que se soubesse. Porque como sua terra he rodeada dos Mou-

ros,

ros, principalmente os portos de mar, onde elle Mattheus havia de embarcar pera vir á India, e na Corte d'ElRey continuadamente andam muitos Mouros, se á noticia delles viera a vinda delle Mattheus, fora morto, pois a causa principal della era destruição delles, polas instrucções, e cartas, que levava pera ElRey de Portugal, (como per ellas elle Capitão mór podia ver,) huma das quaes era d'ElRey David, e outra da Rainha Ilena sua madre. E porque ellas vinham em lingua Chaldea podia-as mandar trasladar per pessoa fiel: cá per ventura no Reyno de Portugal não haveria quem as soubesse interpretar, e per ellas veria à tenção d'ElRey seu Senhor, e a causa da vinda delle Mattheus. Affonso d'Alboquerque por os sinaes que lhe deo dos homens, que havia pouco tempo que andavam naquellas partes, os quaes elle mesmo poz em terra no Cabo Guardafu a este fim de se communicar este Principe per nós chamado Preste João das Indias com ElRey D. Manuel, cousa que elle tanto desejava, e tanto sempre encommendou a seus Capitães, (como atrás fica,) houve que a vinda daquelle homem, segundo os perigos per que passou naquelle caminho, que Deos milagrosamente o trouxe ante elle, pera effeito de communicarmos este Principe Christão met-

mettido no interior da terra do Egypto, e cercado havia tantas centenas de annos de Mouros, e pagãos. E da sua communicação se conseguiria tamanho serviço de Deos, como era destruição da casa de Méca, e secta dos Mouros, segundo elle David prométtia em suas cartas, as quaes Affonso d'Alboquerque mandou trasladar em Portuguez per hum Judeo chamado Samuel natural do Cairo, do qual se servia nestes negocios de interpretar por saber muitas linguas. E porque ao diante particularmente havemos de tratar do effeito que houve a vinda deste Mattheus, e assi do estado, e cousas deste Rey da Abexia que o enviou, baste ao presente saber, que Affonso d'Alboquerque mandou este Embaixador aquelle anno em as náos que vieram com especiaria. O qual anno foi neste Reyno hum dos mais prosperos, e de maior prazer que elle vio por causa da India: cá não sómente vieram muitas náos, e bem carregadas de especiaria, mas ainda novas da tomada de Malaca, e do feito de Benestarij, esta embaixada do Preste, outra d'ElRey de Ormuz, (como já dissemos,) muitas cartas, e presentes de outros Principes de todo aquelle Oriente, assi como ElRey de Sião, d'ElRey de Pegu em resposta dos mensageiros, que Affonso d'Alboquerque lá enviou, cartas

tas do grão Çamorij, como dava fortaleza em Calecut, e de todolos outros Principes do Malabar com requerimentos como ſubditos deſte Reyno. E pelo meſmo modo vieram cartas d'ElRey de Narſinga, do Hidalcão, d'ElRey de Cambaya, e de Melique Az Capitão de Dio, todos pedindo paz, e amizade, e mandando mui ricos preſentes em ſinal della a fim de ſeus intereſſes, como neſte ſeguinte Capitulo veremos; tanto abalo fez no animo deſtes infiéis as vitorias que Affonſo d'Alboquerque houve naquellas partes, que parecia contenderem a quem primeiro conſeguiria eſta amizade que deſejavam.

CAPITULO VII.

Do que Affonſo d'Alboquerque fez depois da tomada do Caſtello Beneſtarij: e como, aſſentadas as couſas de Goa, partio pera o eſtreito do mar Roxo com huma Armada de vinte vélas: e o que paſſou té chegar á Cidade Adem, e ſe determinar de a tomar per força de armas.

TOdolos Reys, e Principes da India, principalmente os Mouros, a quem a entrada que nella tinhamos feito, mais tocou, que ao Gentio, ſe alguma eſperança tinham de perder eſta dor, era com lhe pare-

recer que nos contentavamos de andar efpancando o mar, e roubar todalas náos do eftreito de Méca, por havermos efpeciaria, fem querer fazer affento na terra pera nella habitarmos, o qual modo lhe parecia não mui certo, e duravel, por fer differente do que elles tiveram na entrada della, com que fe fizeram fenhores do feu maritimo, e depois de parte do fertão conquiftado dos Gentios, fem mais tornar á patria donde cada hum era. Porém quando elles víram a fegunda tomada de Goa, e depois a de Malaca Cidade por caufa do commercio tão celebrada naquellas partes, e o affento que os noffos nella fizeram, fegundo a ordenança em que Affonfo d'Alboquerque a leixou, e ao prefente ter vencido tão grande poder de gente á força de fogo, e ferro em o feito do Caftello de Beneftarij, e quanto Affonfo d'Alboquerque trabalhava por fortalecer aquella Ilha com as fortalezas, que mandou fazer nos paffos della, começáram perder a efperança que diante tinham. Porque com ifto fe ajuntavam duas coufas, em que elles tinham pofto olho, como finaes de noffa habitação, ver os modos que Affonfo d'Alboquerque tinha em cafar os homens com a gente da terra, e o Gentio della converfar a noffa Fé, por razão das quaes coufas recebiam de

nós

nós boas obras, com que os tinhamos ganhado por amigos; o que era pelo contrario nelles polas tyrannias, e injuſtiças com que os tratavam. Sobre as quaes couſas o que lhe fez determinarem-ſe a ſeguir caminho mais ſeguro que o das armas, foi virem algumas náos de Ormuz á propria Cidade Goa com té quinhentos cavallos das partes da Arabia, e Perſia, por Affonſo d'Alboquerque ter ordenado alguns navios armados, que andaſſem na coſta de Chaul pera baixo, e fizeſſem arribar todalas náos de cavallos a Goa, e pera nenhuma outra parte dava licença que os pudeſſem navegar ſenão pera Goa. Tudo a fim de a nobrecer, e fazer ſenhora do principal poder, e força, com que os ſenhores do ſertão, que era ElRey de Narſinga, e os Capitães do Reyno Decan, ſe faziam poderoſos huns contra os outros, que eram eſtes cavallos que lhe hiam de Perſia, e Arabia. E chegou eſte negocio dos cavallos a tanto, que não ſómente os Mouros, mas ElRey de Narſinga Gentio, e ElRey de Biſa por ſer ſeu vaſſallo, enviáram logo ſeus Embaixadores viſitar Affonſo d'Alboquerque, requerendo-lhe paz, e amizade com alguns apontamentos ſobre a entrada deſtes cavallos per ſeus portos. O primeiro dos quaes foi o Hidalcão, temendo que ElRey de Narſinga Gen-

Gentio, com quem ſempre andava em guerra, tiveſſe o meſmo requerimento; e eſte negocio não commetteo logo de propoſito como principal, mas como couſa que havia de pender de paz, e amizade, que queria aſſentar com elle ſobre a guerra paſſada, e feito de Beneſtarij. Affonſo d'Alboquerque, porque eſtava de caminho pera ir ao eſtreito do mar Roxo, como lhe ElRey mandava, poſto que não tinha communicada eſta ida com peſſoa alguma, ſómente com ſeu ſobrinho D. Garcia, tirando os dous Embaixadores que na Armada daquelle anno vieram a eſte Reyno, como diſſemos, a todolos outros reſpondeo que elle per ſeus menſageiros mandaria determinação do que podia fazer nos requerimentos que traziam, e com eſte deſpacho os eſpedio. A qual reſpoſta não careceo de artificio; porque como elle mandava prover todalas náos, e navios da frota, que eſperava levar ao eſtreito, e eſte apercebimento era público, fazia temor a todos aquelles Principes, a que reſpondia que per os menſageiros, que eſperava mandar a elles, lhe enviaria a reſpoſta de ſeus requerimentos, porque cada hum ficava com receio ſe eſta Armada iria ſobre ſeus portos, e eſta ſuſpeita faria ſerem bem reſpondidos os menſageiros que mandaſſe a elles. Os quaes logo

go mandou nas coſtas dos Embaixadores, a Cambaya Triſtão de Gá, a Narſinga Gaſpar Chanoca, ao Sabayo Diogo Fernandes Adail de Goa e por lhe compfazer em quanto Diogo Fernandes fez a elle, mandou a Garcia de Souſa, que andava com os quatro navios d'Armada ſobre Dabul, que lhe largaſſe a navegação delle, pera poderem entrar, e ſahir náos, e navios com ſuas mercadorias. E ao negocio da fortaleza que o Çamorij dava lugar que ſe fizeſſe em Calecut, mandou Franciſco Nogueira, o qual havia de ficar por Capitão della, e com elle Gonçalo Mendes pera Feitor, com aviſo que não a dando em Calecut no lugar do Cerame, não lha acceitaſſe, por quanto o Çamorij havia de trabalhar muito que a fizeſſem em o porto de Challe, que he abaixo de Calecut tres leguas: cá nos concertos ſempre inſiſtio niſſo, como fez depois que eſtas duas peſſoas lá foram; porém nunca Franciſco Nogueira, e Gonçalo Mendes a quizeram acceitar ſenão no lugar do Cerame, onde ſe fez, (como adiante veremos.) Eſpedidas eſtas peſſoas, e poſtas as couſas do governo de Goa em eſtado ſeguro, e o mais que convinha pera guarda das outras fortalezas da coſta da India, como Affonſo d'Alboquerque tinha já apercebido as vinte vélas da frota, em que eſperava ir

ao

ao mar Roxo, foi-se embarcar na barra de Goa, onde primeiro que se fizesse á véla, mandou chamar estes Capitáes della: Dom Garcia de Noronha, Pero d'Alboquerque, Lopo Vaz de Sampaio, Garcia de Sousa, D. João d'Eça, Jorge da Silveira, D. João de Lima, Manuel de la Cerda, Diogo Fernandes de Béja, Simão d'Andrade, Aires da Silva, Duarte de Mello, Gonçalo Pereira, Fernão Gomes de Lemos, Pero d'Affonseca, Ruy Galvão, Jeronymo de Sousa, Simão Velho, e João Gomes. Aos quaes Capitães, e assi a alguns Fidalgos principaes que eram presentes, disse como ElRey D. Manuel per muitas vezes lhe tinha escrito que trabalhasse por entrar no mar Roxo, e que pelas cartas daquelle anno lhe mandava estreitamente que o fizesse, se o já não tinha feito. E por quanto as cousas do estado da India, (segundo elles viam,) estavam seguras, lhe notificava que todolos apercebimentos daquella frota, que viam verga d'alto, eram a fim deste caminho, o qual lhe parecia ser mui necessario fazer-se polo muito que importava ir fechar aquellas portas do estreito com huma boa fortaleza, como lhe ElRey mandava que fizesse; porque lançado hum tal ferrolho naquelle lugar, não tinham os Mouros sahida, nem entrada per elle, com que o esta-

do da India ficava mais pacífico, e sem os sobresaltos de ouvirem cada hora: *Vem Rumes.* E com tudo, porque os juizos dos homens eram mui differentes, e entre taes pessoas como alli estavam por razão de sua prudencia, cavalleria, e muita experiencia que tinham das cousas da guerra, e convinha ao estado della, e bem do Reyno de Portugal, lhe pedia que cada hum em seu juizo examinasse este caso, pera que havendo razão mais principal contra elle, se fizesse: cá ElRey seu Senhor nas cousas que lhe mandava fazer, principalmente as da guerra, não era absoluto, mas sobmettido ao que mais importava á conservação do que naquellas partes tinha ganhado. Propostas estas palavras, quasi todolos Capitães mais foram no louvor deste caminho, que em contradições de o impedir, com o qual conselho Affonso d'Alboquerque ao outro dia, que eram dezoito de Fevereiro do anno de quinhentos e treze, deo á véla. Na qual frota levava mil e setecentos Portuguezes, e oitocentos Canarijs, e Malabares: pondo a prôa em atravessar aquelle golfão, que jaz entre a terra da India, e a outra de Africa, pera tomar o rosto do Cabo Guardafu, fugindo da costa da Arabia, por não ser visto, e dar aviso á Cidade Adem. Porém como os tempos eram bonanças, de-

deteve-se tanto nesta travessa, que lhe conveio por falecimento de agua ir tomar o porto do Soco na Ilha Çocotorá, onde tivemos fortaleza, no qual lugar estavam obra de cincoenta Mouros Fartaquis, que começavam levantar algumas casas, e fazer hortas, como quem queria tornar a povoar o que leixámos. Os quaes havendo vista da frota, desampparáram tudo recolhendo-se á serra, que foi polo contrario nos Christãos da terra: cá estes vieram-se lançar aos pés de Affonso d'Alboquerque, pedindo-lhe amparo, e que tornasse a reformar a fortaleza pola vexação que já começavam receber dos Mouros, antes que se tornassem fazer senhores da terra, como eram quando elle lhe tomou a fortaleza que alli tinham feita. Affonso d'Alboquerque por em alguma maneira satisfazer a seu requerimento, mandou derribar, e destruir quanto os Mouros alli tinham feito, e mais mandou-lhes dar pannos, e arroz, e outras cousas, de que aquella pobre gente tinha necessidade, com que em alguma maneira ficáram consolados. E a primeira cousa que Affonso d'Alboquerque fez em chegando áquelle porto, foi espedir João Gomes, que na sua caravella fosse ao porto de Calancea, que era em huma ponta da mesma Ilha, e visse se achava algum navio, ou barco de Mouros,

 e lho

e lho trouxesse. João Gomes chegado a Calancea, onde não achou cousa alguma, por os ventos lhe não servirem pera tornar onde Affonso d'Alboquerque estava, começou andar ás voltas ao mar, e á terra, nas quaes foi dar com huma náo de Chaul, que hia pera o estreito, que tomou, e servio muito naquella viagem a Affonso d'Alboquerque. Porque como não levava Piloto, que soubesse bem aquella navegação, sómente hum Martim Mendes que já fora em Canarij, que será vinte leguas de Adem na mesma costa, foi-lhe o Piloto Mouro desta náo mui proveitoso. Per conselho do qual, posto que Affonso d'Alboquerque levava em proposito de tomar terra do Cabo Guardafu, e ir correndo ao longo daquella costa té ser na parage de Adem, e dahi atravessar a ella, logo daqui atravessou á terra de Arabia por causa dos tempos. E a primeira terra que tomou, foi huma serra, a que os da terra chamam Darzina, que vai fenecer em Adem, e sería dalli pouco mais de quinze leguas, e ao seguinte dia com tempo fresco foi ter ao seu porto. E temendo não ser limpo pera surgir com tamanha frota, e tambem não darem humas náos per outras, mandou amainar todalas vélas com fundamento de pairar aquella noite. Mas porque Pero d'Alboquerque seu sobrinho
veio

veio á ſua náo em hum batel, dizendo que achava fundo de trinta e ſinco braças, de que o meſmo Affonſo d'Alboquerque logo vio experiencia na ſonda que mandou lançar; çarrando-ſe a noite, fez ſinal ás náos que ſe fizeſſem á véla com traquetes, e ſonda na mão, e foram cortando per aquelle parcel té chegarem a quatorze braças, junto do porto de Adem, donde já eram viſtos. Por a qual cauſa deſejando os Mouros de ſe a Armada perder, ou eſcorrer o porto, mandáram-lhe fazer fogos em huma ponta bem abaixo contra as portas do eſtreito: cá governariam a elles, parecendo-lhes ſer alli a povoação da Cidade. Porém Affonſo d'Alboquerque não ſe fiando nos fogos, nem menos no fundo que achava, mandou lançar ancora, e ao outro dia pela manhã foram tomar pouſo diante da Cidade, o qual dia todo houve miſter pera ſegurar a ancoragem da Armada, e nelle foi viſitado do Capitão da Cidade chamado Miramirzan, Abexi de nação já feito Mouro, mandando-lhe perguntar ſe mandava alguma couſa de provisão pera ſua Armada. Ao que Affonſo d'Alboquerque reſpondeo, que elle era Capitão geral daquellas partes da India per mandado d'ElRey D. Manuel ſeu Senhor, que vinha alli em buſca da Armada dos Rumes, por lhe dizerem ſer partida de

Suez

Suez por mandado do Soldão do Cairo; e este caminho fizera por não dar trabalho a elles de o irem buscar á India; e ante elle, quando os não achasse, determinava entrar o estreito pera se ver com elles, e esta era a principal causa de sua vinda. Partido o Mouro, que o veio visitar, com esta resposta, tornou logo com hum presente de carneiros, gallinhas, limões, laranjas, e outras fruitas da terra, o que Affonso d'Alboquerque duvidou receber delle, dizendo que seu costume era não receber as taes cousas senão das pessoas com que tinha assentado paz, e amizade. Ao que o Mouro respondeo, que Miramirzan não sómente lhe offerecia aquelle refresco, mas toda a Cidade, se cumprisse a serviço d'ElRey de Portugal, polo desejo que elle tinha de sua amizade. Affonso d'Alboquerque lhe disse que olhasse o que dizia, porque sobre aquella sua palavra acceitava o refresco; e em resposta delle, disse que dissesse a Miramirzan, que se elle queria estar na graça, e amizade d'ElRey de Portugal seu Senhor, abrisse as portas, e recebesse sua bandeira, e se sobmettesse á sua obediencia, como faziam os Principes da India, que com elle queriam estar em paz. E sobre este recado, per hum batel mandou dizer a todalas náos que estavam no porto, que todo senhorio,

ou

ou Capitão se recolhesse a ellas; e aquelle que o não fizesse, encorreria em perdimento da náo. Miramirzan com estes recados ficou mui confuso, por ser de mais conclusão do que elle quizera; e por dilatär com Affonso d'Alboquerque aquelle dia, mandou-lhe dizer que a terra, e Cidade era d'ElRey seu Senhor, e seu officio delle Capitão era defender-lha, e não consentir mão poderosa entrar nella sem sua licença, que isto faria logo saber. Que quanto a pessoa delle Càpitão, com ella teria menos conta, e se aprouvesse a elle Capitão mór, elle lhe viria fallar á ribeira com vinte homens, não trazendo elle mais comsigo. Ao que Affonso d'Alboquerque respondeo, que era escusado verem-se em outra parte senão dentro na Cidade, com resposta do qual recado não tornou mais o mensajeiro, sómente dos mercadores das náos que ainda estavam na Cidade, lhe enviáram dizer em resposta da notificação que lhe elle Affonso d'Alboquerque mandou fazer, que não ousavam de se vir a ellas com temor da sua gente de armas, em cujo poder ellas já estavam, e que ante queriam perder a fazenda, que pessoas, e ella. Affonso d'Alboquerque, porque no modo da Cidade lhe pareceo que com pouco custo a podia tomar, mandou trazer duas barcaças grandes, que estavam

em

em ſecco, (as quaes ſerviam a Cidade no deſcarregar a fazenda das náos que alli vinham,) e aſſi alguns bateis que eſtavam ao longo da ribeira, pera nelles poiar gente em terra, por ter poucas vaſilhas; e na defensão que os Mouros niſſo puzeſſem, veria que gente tinha a Cidade, ſe era tão pouca como lhe parecia. Tomadas eſtas barcaças, e bateis, ſem alguem os defender, notáram os Capitães que Affonſo d'Alboquerque a iſſo mandou, que algumas portas do muro da Cidade, que vinham ter á ribeira, eſtavam cheas de eſterqueira, como que ſe não cerravam de noite, e que naquelle dia ſe affaſtou o eſterco dellas pera ſe fecharem; e aſſi notáram que quando foi ao tomar das barcaças, tirou hum Mouro, de muitos que eſtavam em cima do muro, com huma frecha á gente do mar que andava neſte trabalho, o qual á viſta dos noſſos foi pelos outros mui bem eſpancado, como gente que lhes pezava de os indignar, temendo commetterem entrar na Cidade. E porque com todo eſte temor elles não vieram a concluſão pera Affonſo d'Alboquerque leixar de a commetter, primeiro que eſcrevamos o modo que niſſo teve, convem deſcrevermos a ſituação, e força della.

CAPITULO VIII.

Em que se descreve o sitio, e postura da Cidade Adem, e as cousas della.

ADem he huma Cidade situada na costa de Arabia feliz em altura do pólo Artico de doze gráos e hum quarto, e segundo a situação da taboa de Ptolomeu, parece ser aquella, a que elle chama Modócam, e a serra que está sobre ella Cabubarra, a que ora os Mouros chamam Darzira, a qual he toda de huma pedra viva sem arvore, nem herva verde. Porque além de não ter cousa, em que huma herva lance raiz, faz-se dous, e tres annos que não chove per toda aquella Comarca, e quando vem esta agua, he de trovoada que passa logo; e ainda que houvesse algum arvoredo na parte contra o mar, he tão lavado dos ventos do Levante que entram pelas portas do estreito, que tudo sería escaldado como nascesse. A Cidade está situada ao sob pé desta serra, quando se mette no mar, onde se fazem dous portos, hum tem o rosto na ribeira do mar per onde se a Cidade serve, a que elles chamam Focáte, o qual fica abrigado de alguns ventos com huma ilheta, que tem diante chamada Lyra. O outro porto chamado Uguf, he á ma-

maneira de bahia, do qual a Cidade se serve pouco em navegação, por ser quasi á maneira de esteiro alagadiço tão baixo, que não entram nelle senão barcos pequenos, e isto ainda té hum certo lugar, o qual tornea a serra em que a Cidade jaz, tanto pelas costas della, que parece quer ella leixar em Ilha, e desapegar do espinhaço da serra grande, que corre do interior do sertão. Porque té este lugar vem a serra Darzira, ou Cabubárra, como lhe Ptolemeu chama, de mui longe, e aqui fez a natureza a serra tão assellada, e escachada, té o andar do mar, que se espraia este esteiro per aquella planicie, que he á semelhança de manga, o fim da qual he quasi como varzea. De maneira que contra o mar fica hum muro alto de viva pedra toda em picos, ao sob pé do qual a Cidade está situada; e quando della se querem servir pera a terra firme, cujo caminho fazem quasi pelo cume da serra grande, atravessam aquelle alagadiço per huma ponte de pedra de muitos arcos, onde está huma povoação de pescadores chamada Rubarca, e obra de quinze, ou dezeseis poços. O qual porto Uguf fica assi communicavel em vista com o outro da costa, que jaz ao longo dos muros da Cidade, que per huma ilharga de hum ao outro se vem as gaveas das náos, que estam surtas na entra-

trada de cada hum, e assi se vê deste principal quem vem da terra firme pelo caminho da serra, por ser alto. A Cidade do sitio, e parecer de fóra he cousa mui formosa, porque além da parte que jaz ao longo da ribeira, ter bons muros, torres, e muitos edificios, e casarias altas de sobrados, e cirados, toda aquella chapa de serra que jaz na vista do mar té o seu cume he huma pintura della obra da Natureza, e o mais dã industria dos homens. Porque como esta serra he pedra viva, vai toda em picos tão crespos, e dobrados, que tem semelhança de fortaleza, e sobre elles edificáram muitos castelletes, e torres, e de huns aos outros onde ha quebrada, lançáram muro, como defensão della. Em si não tem mais agua, que algumas cisternas, e a nadivel de que bebe fica-lhes na outra face daquelle muro, quando querem descer pera a ponte, que dissemos ser serventia da terra firme, a qual per carreto lhes he trabalhosa de trazer: cá sobem da povoação té o alto dos castellos da serra, e depois tornam a descer ao pé della a hum chafariz onde a recolhem. Esta Cidade posto que antigamente foi mui rica, e célebre, com nossa entrada na India se fez mais: cá os principaes mercadores que viviam em Calecut, Cananor, e per toda aquella costa da India,

dia, e assi de dentro do estreito do mar Roxo na Cidade Judá, se passáram alli. A causa foi, porque ante que navegassemos aquelles mares, eram navegados pelos Mouros sem temor de lhos alguem impedir, e partiam do porto de Judá com as mercadorias do Cairo, e daquelle estreito nos mezes da navegação, em que cursam os Ponentes, que lançavam pelas portas do estreito fóra caminho da India sem terem necessidade de tomar a Cidade Adem, e quando tornavam da India per o mesmo modo, passavam por esta Cidade, e entravam as portas do estreito com os ventos Lestes. Porém tanto que per nossas Armadas lhes foi impedida esta liberal navegação, como quem navegava a temor faziam este caminho a pedaços, tomavam o porto de Adem, quando queriam entrar na India, e sabiam primeiro de nossas Armadas, e segundo a nova assi faziam seu caminho, e muitas vezes não passavam, mas faziam commutação, e commercio com as cousas que alli achavam da India. As quaes eram vindas em náos do Malabar tambem furtadas das nossas Armadas, muitas no cabo da monção dos ventos, com que aquelle golfão se navegava, por não ousarem sahir dos portos onde carregavam, de maneira que assi estas náos que vinham do Malabar, e as de toda

da a costa da India, Cambaya, e Ormuz, como as d'estoutra costa de Melinde com temor de nossas Armadas vieram a fazer da Cidade Adem huma escala de Ponente, e Levante, ao modo da Ilha Calez em Hespanha, dando alli carga, e tomando outra. Com o trafego da qual per commutação, e commercio se fez nobre, e rica, e com nosso temor mui forte, e defensavel com hum baluarte, que defendia a entrada da ribeira, onde tinham assestado muita artilheria, e era assi alcantilado o lugar delle, que as náos tinham alli seu prois. E ao tempo que Affonso d'Alboquerque chegou a esta Cidade, era senhor della hum Xeque, a que alguns chamavam Rey, cujo nome era Hamed, o qual o mais do tempo estava dentro no sertão, por ter guerra com hum seu vizinho, que era Rey do Reyno Saná, cuja metropoli he huma Cidade assi chamada, de que elle se intitulou, mui antiquissima, a que Ptolomeu chama Sanaregea. Por razão da qual necessidade tinha elle nesta Cidade Adem o Capitão Miramirzan, que dissemos, o qual determinou de a defender, como fez, e não entregar a Affonso d'Alboquerque, como veremos neste seguinte Capitulo.

CAPITULO IX.

Como Affonso d'Alboquerque commetteo tomar a Cidade Adem á escala vista: e o que nisso passou, per onde não houve effeito tomalla de todo.

AFfonso d'Alboquerque visto o sitio desta Cidade Adem, posto que lhe pareceo mui differente pera a determinação que trazia do modo de a commetter pela informação que lhe tinham dado della, todavia determinou-se no conselho que sobre isso teve com os Capitães, de a combater, e sahir em terra em amanhecendo sabbado vespera de Pascoa, por não dar tempo aos Mouros recolherem mais gente da terra firme, da que recolhêram naquelle dia, e noite, por ser logo appellidada. Sómente no modo do combate neste conselho ordenou ser de outra maneira do que tinha assentado em Çocotorá, porque nesta Ilha repartia a gente em tres, ou quatro partes, com fundamento que per tantas havia de commetter a Cidade, e mais havia de ser em chegando sem se metter mais espaço, que em quanto se embarcavam nos barcos. Porém como ao tempo de sua chegada á este porto de Adem, por o mar andar furioso, teve naquelle dia bem que fa-

zer

zer em se amarrar, e segurar toda a frota, e tambem o sitio da Cidade requeria outro modo de repartição da gente, não fez o que trazia ordenado, e tomou o que lhe o caso deo; e foi ficar com toda a gente em hum corpo pera combaterem a Cidade á escala vista, per hum lanço de muro que corria ao longo do mar, onde se fazia huma praça comprida entre ambos. O qual corpo da gente, que era de mil e quatrocentos homens, mil Portuguezes, e quatrocentos Malabares, hia repartido em duas capitanías, huma que elle levava, e outra D. Garcia seu sobrinho; e na sua hiam estes Capitães, D. João de Lima, D. João d'Eça, Jorge da Silveira, Duarte de Mello, Aires da Silva, Manuel de la Cerda, Garcia de Sousa, Diogo Fernandes de Béja, Antonio Raposo, e João Gomes. E com D. Garcia hiam Lopo Vaz de Sampayo, Fernão Gomes de Lemos, Simão d'Andrade, Ruy Galvão, Pero d'Affonseca de Castro, Simão Velho. Ordenou mais Affonso d'Alboquerque João Fidalgo Capitão da Ordenança com Henrique Homem, que servia por Ruy Gonçalves tambem Capitão da Ordenança, por estar doente, que ambos com sua gente, que seriam seiscentos homens, trabalhassem por tomar o alto da Cidade ao longo do muro té chegar

a se

a ſe fazerem ſenhores da ſerventia, que per aquella parte ella tinha da terra firme, porque com iſto faziam duas couſas, tolher que não entraſſem nella os Barbaros da terra, que eram já appellidados, e mais ficava-lhe a Cidade ao ſob pé pera darem nella á ſua vontade, depois que ſeguraſſem a entrada da ſerra. Aos quaes dous Capitães entregou as duas barcaças da Cidade que alli tomáram, pera nellas poiarem ſua gente em terra, e os outros Capitães ficáram com os bateis das ſuas nãos; levando alguns delles em modo de capitanías certas eſcadas feitas tão largas, per que folgadamente podiam ir ſeis homens juntos, per as quaes haviam de ſubir ao muro; de huma das quaes, que era a delle Affonſo d'Alboquerque, tinha cuidado Diogo Fernandes de Béja. E aſſi levavam bancos pinchados, marões, picões, polvora, e outros artificios; porque ſua tenção era não ſómente commetter o muro á eſcala viſta, mas ainda ver per alguma parte ſe o podiam picar, e com polvora dar com hum lanço delle em terra, e entrar per aquella quebrada. Dada eſta ordem como haviam de ſahir, quando veio pela manhã, todos eſtavam tão preſtes, que em breve tomáram terra ſem haver quem lha defendeſſe; porque a tenção dos Mouros foi eſperar o impe-

peto dos noſſos detrás dos muros, e não fóra delles, por duas cauſas: a primeira, porque lhe pareceo, que ſahindo elles á praça, todos haviam de ſer alli mortos com a noſſa artilheria, porque como os viſſem náos nelle deſcubertos, deſcarregariam as [illegible]s: e a ſegunda, que não ſabiam quanta gente era a noſſa, e leixando-lhe a praça franca, onde ſe elles haviam de ajuntar, podiam mui bem eſtimar quanta era, pera ſegundo a quantidade della aſſi ſe repartiriam pelos lugares do combate. Os Capitães, e principaes Fidalgos, que neſtes lugares de honra ſempre querem ſer os primeiros, vendo a praça da ribeira deſpejada, e que a gente commum que hia com elles, que havia de tirar as eſcadas, ſe embaraçára, e detinha, não ſoffrendo o vagar delles, mettêram-ſe pela agua pera tirar as eſcadas dos bateis, e com grande alvoroço, dizendo: *Ao muro, ao muro*, cada hum arvorou a ſua. Na ſubida do qual houve tanta preſſa, que ſería couſa difficultoſa determinar qual foi o primeiro: cá os Capitães, que arvoráram ſeus aguiões ſobre o muro, tanto que foram nelle, aſſi como D. João de Lima, e Jorge da Silveira, que ſubíram per huma eſcada que levavam a ſeu cargo, dizem ſerem elles os primeiros. As peſſoas que não são de qua-

lidade pera arvorar aguiões, assi como João Pereira Reposteiro que fora da Infante D. Beatriz, e hum Clerigo per nome Diogo Mergulhão, dizem que se não arvorâram aguiões, que arvorâram o Crucificio, que Diogo Mergulhão levava, bradando alta voz: *Vitoria*; o qual Cru[illegible] depois como escudo da sua salvação o [illegible]vou de não morrer onde outros ficâram, escapando elle com sete feridas: Diogo Fernandes de Béja, que levava a escada, que lhe Affonso d'Alboquerque encommendou, tambem quer ser dos primeiros; e testemunha esta verdade com ser o primeiro que veio per ella abaixo derribado com hum pelouro de espingarda, que lhe tirâram do muro, de que esteve á morte, e depois o trouxe muito tempo no corpo. Finalmente porque neste primor de subir primeiro tambem entrâram marinheiros sem nome, que levavam escadas ás costas; e contende nesta parte tanto a honra de cada hum, que ficamos sem poder julgar qual foi primeiro. Baste saber em somma, que per todalas partes onde se puzeram escadas, os primeiros que foram no muro, que á nossa noticia vieram, são os nomeados assima, e estas pessoas principaes, D. João d'Eça, Aires da Silva, Vicente d'Alboquerque, Ruy Palha, Gaspar Cam, Manuel d'Acosta Feitor

das

das prezas, Antonio Ferreira Fogaça, João Gonçalves de Castello-branco, Garcia de Sousa, D. Alvaro de Castro, Manuel de la Cerda, João de Meira, Henrique Figueira, João de Caminha, Balthazar Monteiro. Os quaes como em sua companhia levâram muita gente, e o alvoroço de todos era grande por subir, e os degráos da escada largos, como dissemos, foi tamanho o pezo da gente, que quebráram as escadas, ficando desta cahida os debaixo mal tratados, e os acima nomeados em cima do muro. Os Mouros como víram as escadas quebradas, e quão poucos ficavam em cima, repartíram-se em partes, huns correndo ao longo do muro, que da banda de dentro era mui baixo, por ser entulhado, com que fizeram recolher a hum cubello alguns dos nossos; e outros ficáram sobre o lugar das escadas, por defenderem esta subida. E posto que elles faziam em os nossos assás de damno, por lhes tudo servir de armas, pedras, páos, alcatrão, enxofre, ardendo té cortiços de abelhas, muito maior lhe fizeram as mesmas escadas: cá tornadas a concertar per mandado de Affonso d'Alboquerque, que acudio a isso, quando soube serem quebradas, tornáram outra vez a quebrar com o alvoroço que a gente tinha de subir, por serem todos

tão cubiçoſos deſta honra, que ficou em deſordem com morte, e ferimento de muitos. Porque vendo Affonſo d'Alboquerque, que atando com cordas os troços quebrados da eſcada, não ficava muito ſegura, mandou aos alabardeiros de ſua guarda, que com ſuas alabardas a ſuſtentaſſem; e quando com o pezo, e alvoroço de ſubir tornou a quebrar, não ſómente dos alabardeiros, que eſtavam debaixo, ficáram eſmagados, e mal feridos, mas ainda muitos dos cahidos ſe vieram eſpetar nas alabardas, que foi couſa piedoſa de ver. Neſta ſegunda ſubida ficáram em cima do muro perto de quarenta homens, que fizeram ſaltar os Mouros em baixo, e Garcia de Souſa foi tomar poſſe de hum cubello, por ſe alli fazer forte té ſubir mais gente; e porque Affonſo d'Alboquerque os houve por perdidos com eſte deſaſtre das eſcadas, mandou em continente duas couſas. Huma repairar dous troços da eſcada pequena; e porque não chegavam ás ameas per cordas que foram atadas nellas, mandou aos que eſtavam em cima que ſe deſceſſem; e a outra mandou deſtapar duas bombardeiras raſas do muro, e aſſi huma de hum baluarte tirando della com muito perigo huma bombarda, que os Mouros alli tinham poſta, per onde mandou entrar alguns béſteiros, e eſpingardei-

ros,

tos, e com elles João d'Ataíde, não consentindo entrarem primeiro alguns Fidalgos que o quizeram fazer, por não terem mais armas que sua lança, e espada, e com as béstas, e espingardas se apartariam os Mouros da boca das bombardeiras, onde logo acudíram. Porém foram naquella primeira chegada tão escozidos das espingardas derribando alguns, que fizeram bom terreiro, e muito maior quanto dos nossos, que estavam em cima do muro, descêram a elles. De que eram os principaes Aires da Silva, Jorge da Silveira, Vicente d'Alboquerque, D. João d'Eça, João de Caminha, Ruy Palha, e João de Meira. Os Mouros como se víram apartados, leixando o terreiro quasi como cilada, mettêram-se pelas tranqueiras das ruas, por espalharem os nossos; ao qual tempo acudio Miramirzan a cavallo com outros que o seguiam tambem a cavallo, e por o lugar ser espaçoso naquelle terreiro feríram alguns dos nossos. Os quaes como eram poucos, e não podiam resistir a tanto pezo de gente, parte se tornáram recolher pela bombardeira, e os outros foram demandar o pé do cubello, onde Garcia de Sousa estava recolhido, ficando daquella feita Jorge da Silveira morto, assi das pernas que lhe jarretáram, como dos pés dos cavallos que lhe acabáram

de

de trilhar os offos; e com elle ficáram tambem mortos cinco homens, que acabáram como cavalleiros, e foram daqui feridos Aires da Silva, João de Caminha, João de Meira, e o meftre da náo Magdalena, e a Miramirzan da mão delles. Garcia de Soufa, que eftava no cubello recolhido, quando vio vir eftes Fidalgos que aqui efcapáram, e fe acolhiám ao sob pé do feu cubello, houve que tivera bom confelho em não fahir dalli; porque ao tempo que eftoutros defcêram do muro pera dar nos Mouros, elles o convidáram, e os que eftavam em fua companhia; mas não o quizeram fazer, por haver fer aquelle cubello peça da vitoria, por fer lugar principal da força da Cidade. O qual primor de honra que elle tinha de cavalleiro lhe cuftou a vida: cá vendo os Mouros quão pouco eram, e que eftavam embatefgados fem fe poderem dalli mover, e porém tão acanhados que não podiam entrar com elles, tomáram por armas pera os matar grandes feixes de palha, pondo-lhes o fogo, o grande fumo da qual foi que lhes deo a vida. Porque ficou o fumo entre elles, e os Mouros affi groffo, e efcuro, que tiveram maior parte dos noffos modo de fe efcoar delles, vindo correndo ao longo do muro té chegarem onde fóra eftava Affonfo d'Alboquer-
que,

que, que com troços, e cordas atadas lhes ordenou perque desceſſem, parte delles trazendo alguns feridos ás coſtas, por não ſe poderem mover. A eſte tempo não ficáram por deſcer mais que Garcia de Souſa, que eſtava no cubello com té dez peſſoas, de que os principaes eram Gaſpar Cam, Diogo Eſtaço de Evora, e hum irmão baſtardo delle Garcia de Souſa, que no feito da entrada de Goa na eſtancia de Aires da Silva ſalvára ás coſtas, como eſcrevemos atrás: aos quaes Affonſo d'Alboquerque, que eſtava de fóra ao pé do cubello, mandou que ſe deſceſſem per humas cordas, que Dom Garcia de Noronha lhes lançou com aſtes de lanças atadas. E fallando Affonſo d'Alboquerque contra Garcia de Souſa, que ſe deſceſſe per aquellas cordas, perque os outros deſciam, diſſe: *Senhor, não ſou eu o homem pera deſcer ſenão como ſubi; e pois me não podeis valer ſenão com huma corda, valha-me Deos com ſeu favor, que em lugar eſtou pera iſſo.* Parece que o eſpirito lhe revelava quanta conta ElRey D. Manuel tinha com elle Garcia de Souſa, pois com tanta conſtancia quiz ſuſtentar eſte cubello; porque nas primeiras náos, que depois deſte feito chegáram á India, ſem ElRey o ſaber, lhe mandava a capitanía da fortaleza que Affonſo d'Alboquerque fizeſſe

neſ-

nesta Cidade. E ainda parece ter elle alguma palavra d'ElRey desta mercê, porque a noite que se faziam prestes pera sahir em terra, chamou elle o Mestre da sua náo, e tirando huma cadea do pescoço de cincoenta cruzados de ouro, lançou-lha, e mais deo-lhe cinco Portuguezes, moeda de ouro, que naquelle tempo havia de a dez cruzados cada hum, dizendo-lhe: *Mestre, a minha honra está na vossa diligencia: peço-vos que assi seja tudo tão prestes, e ordenado, em o batel, em que havemos de poisar em terra, que seja eu o primeiro que a tome, e isto vos dou em sinal do que vos hei de fazer se me esta honra derdes.* Assi que se póde por elle Garcia de Sousa dizer comprar a morte com ouro; e com outro ouro que deo ao irmão comprou a fama dos feitos que fez no acto de morrer: cá vindo elle a este Reyno, foi testemunha, que tanto que elle Garcia de Sousa respondeo a Affonso d'Alboquerque, virou-se pera dentro, e como quem se offerecia ao que Deos fizesse delle, tomou hum relicario, que trazia ao pescoço, e disse a este irmão bastardo, que (como atrás escrevemos) era mulato: *Esta péça te dou por herança se me Nosso Senhor levar; e levando-te Deos ao Reyno de Portugal, dize a ElRey Nosso Senhor quanto trabalhei por sustentar este*

cu-

cubello, que em seu nome tomei; e se alguma mercê lhe por isso mereço, em ti será bem empregado. Ditas as quaes palavras, sem mais convidar algum que o seguisse, remetteo aos Mouros que os perseguiam com zargunchos, e outros tiros de arremesso, na qual sahida do cubello em baixo no muro fez maravilhas de sua pessoa, té que o matáram com hum dos zargunchos de arremesso, que lhes atravessou a garganta. A determinação, e furia do qual ante de o matarem déo vida aos outros de sua companhia, porque tiveram tempo de sahir do cubello, e ir correndo ao longo do muro té chegarem á parte mais baixa per que se pudéram lançar com ajuda dos de fóra; e porém delles tão feridos, que quando saltáram, da força da quéda arrebentáram as feridas em fluxo de sangue, de que morrêram, hum dos quaes foi Gaspar Cam com mais huma perna quebrada. Neste mesmo tempo no muro abaixo do cubello de Garcia de Sousa estava D. João d'Eça com alguns de sua companhia sem fazerem mais que defender-se dos tiros, que lhe os Mouros tiravam do chão, por não poderem vir a elles, esperando que de fóra lhe dessem modo pera se descer; ao qual D. João os nossos diziam que se lançasse tambem per outras cordas que lhe deram; e porque Manuel

nuel de la Cerda o apreſſava muito que o fizeſſe, reſpondeo-lhe D. João que não era elle filho, nem neto de homens pera deſcer per taes degráos. Finalmente D. João ſe deteve tanto neſta opinião, que lhe ordenáram huns troços de eſcada, per que ſe deſceo, quaſi no tempo que matáram Garcia de Souſa, ſem ficar dos muros a dentro cá no baixo da Cidade, per onde as eſcadas foram poſtas, vivo algum dos noſſos. Sómente no alto della, o qual Affonſo d'Alboquerque mandára tomar pelos Capitães da Ordenança, havia parte deſta gente que deſcia desbaratada, e lançava-ſe pelo muro; por alli ſer muito baixo, e a cauſa foi, porque tanto que elles tomáram aquelle alto dos picos da ſerra, e torres per ellas poſtas, era tanta a pedrada, e galgas de pedra, que vinham ſaltando per cima das cabeças deſta gente de Ordenança, que os deſbaratou logo, ſem darem por brados de ſeus Capitães. Vendo Affonſo d'Alboquerque que aſſi neſtes, como na gente nobre houve mais deſordem, que ordenança, e que havia quatro horas que continuavam eſte combate, em que os deſaſtres tiveram mais poder, que a reſiſtencia dos Mouros, no primeiro impeto com que commettêram ſubir aos muros, e que a maré que enchia vinha-os arrimando ao muro, de que podiam

diam receber muito damno, e a calma era grande, e os feridos muitos, e a gente mui quebrada do alvoroço com o desastre que lhe aconteceo; e sobre tudo duas bombardas, que os Mouros tinham postas nas bombardeiras do muro, por sahirem rasteiras, lhe faziam muito damno; vistas todas estas cousas, determinou de se recolher ás náos, o que fez ainda com trabalho, porque como a maré alli espraia hum pouco, pera tomar os bateis, foram todos pela agua, dandolhe por meia perna. No qual recolher Manuel de la Cerda quasi como offendido do que lhe D. João d'Eça respondeo, quando lhe diziam que se lançasse pela corda abaixo, não quiz ser dos primeiros que embarcáram, mas hum dos derradeiros, recebendo bem de affronta por isso, por mostrar que não era elle o homem que se recolhia, senão quando era tentar a Deos.

CA-

CAPITULO X.

Como recolhido Affonso d'Alboquerque ás náos, por algumas razões que importavam, leixou de segunda vez commetter a Cidade, e dahi se partio pera as portas do estreito, onde chegou.

REcolhido Affonso d'Alboquerque ás náos, a primeira cousa que mandou fazer, foi commetter hum baluarte com huma torre, que os Mouros tinham feito no cabo de hum molde, onde se descarregavam as náos, de que as da sua frota, em quanto elle andou no combate da Cidade, recebiam assás damno com muita artilheria que tiravam. E como a náo de Manuel de la Cerda, por estar mais perto delle, era a pior tratada, o seu Mestre per nome Alvaro Marreiro em vingança deste damno, sendo em companhia dos outros mareantes, a quem Affonso d'Alboquerque commetteo este feito, foi o primeiro que entrou no baluarte, donde trouxeram trinta e sete bombardas de ferro, em que entravam peças, que lançavam pelouros quasi de palmo em diametro, ficando o baluarte em nosso poder sem muito trabalho, por não haver nelle quem o defendesse, senão alguns Mouros que tiravam com a artilheria, que foram

ram mortos á espada. Affonso d'Alboquerque, tirado este impedimento ás náos, entrou em conselho sobre o mais que deviam fazer ácerca do que tinham passado; e posto que muitos Capitães, e a maior parte da gente de armas era, que tornassem commetter a Cidade, levando alguma artilheria grossa pera darem com hum lanço de muro em terra, representando algumas razões, porque todas vinham a concluir a serem senhores da Cidade, onde se mostrava terem mais respeito ao esbulho della, que á tenção que ElRey tinha quando mandou a Affonso d'Alboquerque que a tomasse, sendo-lhe cousa facil, respondeo elle a estes Capitães com a tenção d'ElRey. A qual era não querer sustentar tão grande cousa, como era aquella Cidade, pera que haveria mister mais de quatro mil homens, por estar mui remota da India, e mais na boca daquelle estreito, e com as costas na flor de toda Arabia, sómente queria a obediencia della ao modo de Ormuz com ter alli huma fortaleza favorecida de algumas vélas, que podiam andar de Armada defendendo aos Mouros a entrada daquelle estreito. E pois hiam pera o entrar, nas portas delle, ou na Ilha Çamatra, ou em algum porto de Preste João se poderia fazer: cá ElRey ácerca da fortaleza que desejava ter naquella par-

parte, em todas eſtas lhe apontava, e a eleição do lugar leixava a elle Affonſo d'Alboquerque, que havia de ver o ſitio deſtes quatro. E porque além do negocio da fortaleza, correo mais a prática ſe combateriam ainda a Cidade com artilheria, como no primeiro conſelho os mais delles apontáram, deo tambem Affonſo d'Alboquerque ſuas razões como não era ſerviço d'El-Rey, por eſtar no cabo da monção dos levantes com que haviam de entrar o eſtreito, que importava mais que quanto esbulho a Cidade tinha. Porque perdendo a monção, convinha ir invernar a Ormuz, por dalli té lá não haver outro lugar ſeguro, com as quaes razões, e outras mui evidentes, todos foram que leixaſſem o caſtigo daquella Cidade pera outro tempo. E porque em tres dias que ſe Affonſo d'Alboquerque alli deteve no exame deſtas couſas, e tambem em mandar queimar as náos dos Mouros, que eſtavam naquelle porto depois de esbulhadas, ſempre o vento lhe foi quaſi traveſsão, e temia durar muitos dias, ás toas per bateis mandou tirar todalas náos do porto, as quaes poſtas no largo, fez-ſe á véla caminho das portas do eſtreito. O quàl como he perigoſo de navegar, principalmente com náos grandes, e Affonſo d'Alboquerque não levava Pilotos delle, e ás

ſuas

ſuas portas eſtá huma povoação toda de Pilotos pera eſta navegação, ao modo dos Pilotos dos bancos de Frandes, cujo officio he tirar, e metter as náos daquelles perigos, mandou diante a náo de Chaul, que tomou a João Gomes com vinte homens dos noſſos, que lhe foſſe deſcubrindo a coſta; e tanto que abocaſſe ás portas, lhe houveſſe tres, ou quatro daquelles Pilotos, a que elles chamam roboões, e os retiveſſem té ſua chegada. Partida a náo com eſte recado, quando Affonſo d'Alboquerque chegou a ella, tinha já reteúdos dous Pilotos, per a pilotagem dos quaes toda a Armada tomou pouſo em hum porto logo á entrada da porta do eſtreito da parte de Arabia, porque eſte canal he o mais geral. Por feſta da qual entrada mandou Affonſo d'Alboquerque embandeirar a frota, e tirar toda a artilheria. Á imitação do qual, pois elle Affonſo d'Alboquerque foi o primeiro que navegou aquelle eſtreito té aquelle tempo tão encuberto aos mareantes da Chriſtandade, queremos entrar no octavo Livro deſta noſſa ſegunda Decada tambem com outra pompa de eſcritura, relatando ſua natureza, navegação, e portos, como Affonſo d'Alboquerque entrou pompoſo de náos, bandeiras, e eſtendartes, por celebrar a feſta de ſua entrada.

DE-

DECADA SEGUNDA.

LIVRO VIII.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que Affonso d'Alboquerque fez depois que partio da India pera o mar Roxo, té tornar a ella.

CAPITULO I.

Em que se descreve o mar Roxo: e todalas povoações, e portos do maritimo delle.

A FIGURA do estreito do mar Roxo quer parecer ao corpo de hum lagarto, cujas portas são o lugar do collo, onde elle he mais delgado, e a cabeça podemos dizer que he o mar que jaz fóra dellas entre o Cabo Guardafu, e de Fartaque. O lançamento desta figura das portas té o fim della, que he a povoação de Suez, jaz quasi per o rumo, a que os mareantes chamam Nornoroeste, e haverá neste comprimento espaço de trezentas e cincoenta leguas. Os Mouros, que o navegam, repartem a largura delle em doze jó-

mos,

mos, em que haverá pouco mais de trinta e ſeis leguas no mais largo delle, a qual medida jómo ácerca delles quer dizer oitava parte de vinte e quatro, dando por ſingradura entre dia, e noite outras tantas partes de caminho, a razão de farçanga por hora, tres das quaes farçangas fazem hum jómo, medida antiga dos Parſeos, a que os Gregos corruptamente chamáram paraſanga. Repartem mais os Mouros eſtes doze jómos em tres partes de longo a longo, com que o mar fica dividido em tres faixas: á faixa do meio, que he o lombo deſte lagarto, chamam mar largo, por ſer limpo, e navegavel de dia, e de noite, começando das portas do eſtreito té quaſi o fim delle, não deſcendo a ſua altura de vinte e cinco braças, nem ſubindo de cincoenta. O que não tem as outras duas faixas que vam pelas ilhargas, huma ao longo das praias de Arabia, e outra da terra Africa, a que elles chamam Ajam, e por outro nome Abaſia, porque ambas eſtas duas coſtas fazem o mar mui çujo de ilhetas, reſtingas, e baixos com canaes retorcidos, per que ſe navega de oito té quinze braças, tão temeroſos aos navegantes, que como he Sol poſto lançam ancora. Pera a qual navegação, por ſer mui perigoſa, ſervem os Pilotos chamados Rebões, que diſ-

ſemos viverem nas portas deſte eſtreito ; e de levarem dellas té o porto de Judá huma náo, levam vinte e cinco té trinta cruzados, e navegam eſte mar com dous ventos geraes , que são Levante, e Ponente ; e quando não são mui tendentes , ventam alguns terrenhos , e porém poucas vezes. Em todo elle não entra rio de agua doce que ſeja notavel ; porque a terra de Arabia, depois que entram as portas do eſtreito , he mui ſecca, e eſteril ; ſómente tem hũm rio, a que elles chamam Baraillo, que quer dizer branco , e preto por ſe ajuntar de dous pequenos ribeiros, hum dos quaes tem a agua branca , e o outro preta. O qual rio ſe vem metter no mar quatro leguas acima de hum lugar chamado Baháor, e dez de Judá ; e he a ſua agua tão pouca, que primeiro que chegue ás praias, já vem ſalgada da maré, que a vai receber hum bom pedaço per dentro da terra. Os que naſcem das ſerranias , que correm ao longo deſte mar da parte da Abaſia , a Natureza provida os mais notaveis , e cabedaes encaminhou que foſſem entrar em o rio, a que os da terra chamam Tagazij , que ſe vai metter em outro maior chamado per elles Abauhij, que quer dizer pai das aguas, e ambos já em hum corpo entram em o Nilo pera regarem a terra do Egypto , pois

não

não tem outra chuva pera dar ſuas novidades. Alguns pequenos rios que vertem pera eſte mar Roxo por a terra das ſerranias donde elles naſcem té as praias ſer mui eſteril, e hum pouco ſolta com pedregulho, primeiro que entrem no mar, ſe ſumem per baixo no veram; donde os navegantes, quando vam ao longo deſta coſta, conhecem já as madres dos taes rios, que no inverno ſam poderoſos, e cavando na area, e pedregulho, acham a agua do rio que corre furtada per baixo. Geralmente os Mouros chamam a eſte mar Bahar Corzum, que quer dizer mar cerrado, peró que elle nome dam elles mais propriamente ao mar Caſpio, por não ter entrada alguma; e outros lhe chamam mar de Méca, por a caſa que alli tem da abominação do ſeu Mahamed, e todos ſe eſpantam de lhe chamarmos mar Roxo. A cauſa do qual nome Roxo querendo Affonſo d'Alboquerque entender neſte tempo que o navegou, diz em huma carta que ſobre iſſo eſcreveo a ElRey D. Manuel, que lhe convem muito eſte nome Roxo, por ſer mui cheio de manchas vermelhas; porque querendo elle abocar com a frota que levava ás portas delle, vio ſahir per ellas huma vea groſſa de agua vermelha, a qual ſe eſtendia contra Adem, e pera dentro das portas quan-

to hum homem podia diviſar do capiteo da náo, era deſta côr vermelha; e depois que entrou ao largo deſte mar, muitas vezes o via manchado da meſma côr. E perguntando aos Mouros Pilotos a cauſa della, diſſeram-lhe ſer revolução das aguas de baixo ao tempo das marés, e aquellas manchas corriam com a juſante, e montante daquelle eſtreito, por não terem as aguas outra corrente ſenão entrar, e ſahir per as portas delle; e por ſer apparcellado, e mar de pouco fundo, que ás vezes quando o vento era teſo, corriam eſtas aguas á vontade delle, e que então faziam aquella revolução debaixo em alguma couſa daquella côr que o mar tinha por laſtro. D. João de Caſtro filho de D. Alvaro de Caſtro Governador da Caſa do Civel que foi em Lisboa, ante que foſſe á India por Governador, e Viſo-Rey della, andando lá no tempo que D. Eſtevão da Gama filho do Conde da Vidigueira D. Vaſco da Gama era Governador della, e foi a eſte eſtreito té chegar ao porto de Suez, como ſe verá em ſeu tempo, trabalhou muito por ſaber as cauſas deſte nome Roxo com muita prática que teve com Mouros Pilotos, e alguns homens letrados, da qual viagem fez hum roteiro, em que notou portos, mares, alturas do pólo com todalas outras cou-

ſas

ſas que pertencem á navegação, tudo mui particularmente, como quem neſta arte da navegação era douto, e mui diligente. O qual diz neſte Roteiro, que pera nenhuma outra couſa daquella entrada do eſtreito teve mais alvoroço, que pera notar as cauſas deſte mar ſer chamado Roxo; e como homem eſtudioſo traz o que eſcreve Plinio, e outros Coſmografos ácerca da opinião daquelle tempo, (como largamente trataremos em a noſſa Geografia,) e per derradeiro dá ſeu parecer fundado nas obſervações que ſobre iſſo fez; e o modo que pera iſto teve foi eſte. Indo aquella Armada que Dom Eſtevam da Gama levava ao longo da coſta da Abaſia, (porque na Arabia não tocou ſenão do Toro pera baixo,) como era de navios de remos, que podiam correr per cima de muitos baixos, e reſtingas, que aquelle mar tem tanto, que elle D. João via agua chea de manchas vermelhas per muita diſtancia, e ás vezes agua tão baixa que tocava o catur em terra, ſurgia logo, e mandava com baldes tomar daquella agua, a qual vinda acima, via ſer muito mais clara, e cryſtallina, que a do mar fóra das portas do eſtreito. Não contente com iſto, mandava mergulhar alguns marinheiros, e traziam-lhes do laſtro do chão huma materia vermelha á maneira de coral ao modo

do de ramos, e outras eram cubertas de huma lanugem alaranjada; e em outra parte onde o mar fazia manchas verdes, traziam-lhe outra especie de pedras assi em ramos, a que commummente lá chamam coral branco, com outra lanugem verde á maneira de limo, e onde a agua era branca traziam arêa mui alva. E não sómente nestes lugares baixos a superficie da agua em cima representava estas côres [illegible] da terra, mas ainda em fundo de vinte braças por a agua ser mui pura, e crystallina; e o mar, onde achou mais cópia destas manchas, foi da Cidade Çuáquem té o porto Alcocer, que he caminho de cento e trinta e tantas leguas, por ser mui cheio de restingas. Do Toro pera baixo, que he já na costa da Arabia, onde ella vizinha com a de Egypto, ajuntam-se aqui ambas estas duas costas com dous cabos que se oppõe hum defronte de outro, que não haverá entre elles mais distancia que de tres leguas: passados os quaes cabos, torna-se logo a terra encurvar com enseadas, e pontas té chegar á povoação de Suez ultimo seio deste mar Roxo. Na qual distancia diz Dom João não ver alguma das manchas do outro mar atrás, sómente vio neste espaço huma differença, ser aqui o mar empollado, e de fervura, porque como a costa he aqui

mais

mais descuberta de serrania, e patente aos ventos do Norte, com pequena força delles logo o mar he posto nesta furia, como que não cabe em tão pequeno lugar, como lhe a terra alli fez, donde se causa fazer huma maneira de aguages, que sahem de baixo do mar anaçadas em grande alvura do movimento delle. Conta mais Dom João, que sahido deste estreito fóra das portas tanto avante como o cabo de Fartáque, vio o mar coalhado de malhas vermelhas, que parecia serem alli degollados alguns bois; e mandando tomar agua com hum balde, quando lha trouxeram assima, vio-a mui clara; onde lhe pareceo que a vermelhidão hia per baixo, e não pela superficie da agua, e que sería algum parto de baleas, por naquella paragem haver muitas. A opinião de alguns Pilotos Portuguezes ácerca do nome Mar Roxo, ante que fizessem esta entrada nella, era, que as ventanias que se levantavam na terra Arabia traziam poeiras vermelhas da côr da terra, as quaes vinham lançar no mar, de que elle ficava tinto; e outros diziam, que sería porque a ribeira delle toda era chea de barreiras vermelhas. A qual opinião reprovando elle D. João, diz que em toda aquella viagem nunca vio poeiras, nem barreiras vermelhas, que fosse cousa notavel; e

com

com tudo punha todalas opiniões per a cada hum tomar a que mais racional lhe pareceſſe, conformando-ſe com as experiencias que elle com tanta diligencia fez. Nós conformando-nos com o que Affonſo d'Alboquerque vio, e razão que lhe deram os Mouros, e com a diligencia que elle Dom João ſobre iſſo fez, e diſcurſo de todalas navegações que ante, e depois per elle fizemos, toda outra opinião de Gregos, e Romanos reprovamos, pois não andáram com o aſtrolabio, e ſonda na mão per eſte, e per todolos outros mares per que navegámos, como os noſſos mareantes tem feito, e acceitamos eſta côr vermelha ſer por cauſa do laſtro da terra, como D. João diz; e por ſer per tanta parte deſte mar os que antigamente o navegáram, lhe dariam nome de vermelho, e não d'ElRey Erythreo que o ſenhoreou, cujo nome Erythreo ácerca dos Gregos quer dizer Roxo. Sómente queremos tirar hum eſcrupulo, que D. João leixa do parto das baleas que conta, de que me muito eſpanto cahir alguma dúvida em tão grave barão, tendo dentro no eſtreito feita tanta experiencia pera obſervar eſta verdade. Porque quem notar o que Affonſo d'Alboquerque diz, quando abocou ás portas do eſtreito, que vio ſahir per elle hum fio groſſo deſta vermelhidão

e de

e de dentro das portas quanto se podia divisar do capiteo da náo em que hia, tudo era daquella côr vermelha, e assi o que lhe contáram os Mouros, entenderá que isto eram balsas daquelle lastro de coral arrincadas com a força do impeto do mar quando os Nortes tesos lhe anação as aguas de baixo acima. E como he cousa pezada, não as traz á face da agua, e com a corrente della, passada a furia do tempo, as encaminha pera fóra das portas deste estreito com a jusante, e quando vem abocar esta estreiteza, o tesão da agua córta a grandeza, e largura destas balsas, fazendo aquelle fio grosso, que Affonso d'Alboquerque vio sahir; e depois que se acha em mar mais largo, torna derramar-se em balsas, fazendo aquellas manchas, que parecêram a D. João parto, ou movito de baleas, por ser fóra do lastro que elle dentro no estreito notou. E quem vio quantos dias as nossas náos córtam pera çargaço, vindo da India quando vem demandar as Ilhas Terceiras, o qual córte he nestas balsas da parte da terra nova do Norte, donde os mareantes chamam a este caminho a volta do Çargaço, não haverá por causa estranha estoutras balsas de coral que correm no estreito, por ser cousa mui commum todo mar baixo, e çujo com restingas, e ilhetas

crear

crear eſtas balſas, as quaes muitas vezes de Malaca por diante, onde o mar he çujo, e navegando per canaes, dam trabalho aos noſſos no levar das ancoras: cá travam na rama deſte genero de coral de maneira, que ás vezes fica a ancora, ou trazem nella hum pedaço da balſa. Peró tem huma differença, que eſtas balſas de coral, por ſerem de materia pezada, não ſurdem acima pera ſe ver o corpo, e vam per meia agua per que transluze a côr: e o çargaço como he materia leve de rama, andam os marinheiros com baldes, tomando aquellas ramas; e ſem ſer çargaço, por a ſemelhança que tem com elle, lhe deram o ſeu nome, ſem ſe ſaber a cauſa de que procede, nem o lugar donde vem, ſómente córtam per elle, como no mar Roxo pelo coral, que lhe deo eſte nome. E poſto que em alguma parte delle ſe achem manchas verdes do laſtro verde que D. João vio, por o vermelho ſer muito maior quantidade, deram-lhe a denominação do mais, e não do menos. Acham-ſe tambem neſte eſtreito, por cauſa dos baixos que tem, algumas peſcarias de aljofre, principalmente em o circuito da Ilha Daláca, que he na coſta Abaſia, e vam abrir eſta oſtraria ao Sol, pera lhe tirar o aljofre em outra Ilha a ella vizinha chamada Mua, e aſſi ſe acha

em

em outra Ilha chamada Arfax na costa de Arabia. De pescado não he mui creado este mar, parece que a Natureza próvida na creação dos animaes não os dá senão onde se podem manter, segundo seu genero: e porque as praias daquelle mar são esteriles sem undação de rios que tragam cevo pera mantença do pescado, ha alli muito pouco. Ás portas deste estreito os Mouros lhe chamam Babelmande, e segundo os nossos que per vezes lhe tomáram a altura do Norte, estam em doze gráos, e hum quarto, posto que Ptolomeu as põe em dez. Haverá da ponta desta terra Arabia, a que elle chama promontorio Posidio, á outra terra fronteira de Africa, em que elle situa a Cidade Dire, obra de seis leguas, a qual distancia he occupada com sete Ilhas, que parece quererem fechar aquella entrada, principalmente seis que jazem mais vizinhas á terra de Africa. Porque quando os navegantes de longe as vem demandar, assi enganam a vista, ajuntando terra a terra, que mostram não ter transito pera dar passagem; e quando se vam chegando áquella abertura que fazem, he tão temerosa, que parece mais pera entallar navios, que dar-lhes passagem: peró entrando per ellas, mostram mui formoso, e largo canal. A mais notavel dellas he a chegada á terra de Arabia,

a qual

a qual per excellencia entre os Mouros, dizendo a Ilha das portas, se entende por esta, posto que os naturaes per proprio nome lhe chamem Mehum. Terá em comprimento legua e meia, lançada ao longo das correntes das aguas que sahem, e entram do estreito, a terra da qual da parte de Arabia he mui alta, e soberba, toda escalada dos ventos, que vertem per aquella garganta do estreito; e á parte que faz contra a terra do Abexij, tem huma angra abrigada delle, onde se póde agasalhar huma grande frota de náos, e della á terra firme de Arabia haverá obra de huma legua, e este canal he o principal per que aquelle estreito se mais serve; e pegado com terra firme, faz á terra hum mamillo alto, que de longo quer parecer fortaleza, que no tempo da maré chea fica torneado de agua, no qual lugar vivem os Pilotos daquelle estreito. De dentro, e de fóra destas portas tem as náos bom surgidouro em angras que a terra faz, com que ficam abrigadas de huma parte do Levante, e da outra do Ponente. Começando destas portas, a terra maritima que jaz ao longo das praias de Arabia quasi té Ilha Camaram, que podem ser quarenta e quatro leguas, he d'ElRey de Adem, sem ter no maritimo desta tão grande terra alguma Cidade, ou no-

nobre lugar, por todos estarem dentro pela terra firme, sómente os portos de Mocá, e outros pouco nomeados. E desta Ilha Camaram pegada á terra firme té Gezam lugar nobre, de que he Senhor hum Xerife intitulado delle, haverá sessenta leguas, na qual distancia estam estes portos, Celiba, Cubit, Holhedia, Macobam, Culi, Halhor, Homara. De Gezam té a Villa Imbo, que serão de costa cento e trinta leguas, he tudo do estado do Xerife Barac Senhor de Méca: ás quarenta e duas está Zidem lugar mui notavel, e nesta distancia ficam os portos de Malábo, Gobaalcarne, Bocá, Gudufi, Magaxá. E de Zidem a trinta e seis leguas está Judá, Cidade peró que em edificios, em trato, e commercio, por aqui concorrerem quasi todalas náos que vem da India, he mui célebre, e a mais nobre povoação de toda esta costa de Arabia dentro do estreito. Da qual á Méca, que está mettida no sertão, onde jaz o corpo de Mahamed, haverá pouco mais, ou menos quinze leguas, na qual distancia de trinta e seis leguas estam estes dous portos notaveis Badea, e Corom; e de Judá té Imbo, que dissemos, haverá per costa cincoenta e duas, entre os quaes dous termos estam estes portos, Bahaor, Rabá, Hejar. Da Villa Imbo té outra

tra chamada Tor, e per nós Toro, em que haverá per costa sessenta e oito leguas, posto que toda a terra que atrás fica he esteril, esta muito mais, e por isso não tem senhor proprio: o sertão della he de Alarves, que andam em cabildas a roubar os Mouros, que vam em romaria a Méca, (como já atrás escrevemos,) e sómente nesta distancia ha hum só porto notavel chamado Maluy. Na Villa Tor ha mais alguma policia assi nos edificios, como no modo do tratamento das pessoas, do que se acha em todalas povoações que nomeamos, por ser povoada a maior parte de Christãos Gregos da cintura, onde ha alguns Frades em hum Mosteiro, que alli tem da vocação de Santa Catharina, por razão da vizinhança do outro Mosteiro, que elles tem em Monte Sinay, onde está o corpo desta Santa Virgem, que poderá ser deste lugar obra de dezoito leguas. Entre os moradores deste lugar Tor he fama que per alli passou Moysés o povo de Israel vindo fugindo de Faraó, porque aqui se vizinham as duas terras de Arabia, e do Egypto per distancia de tres leguas, e tanto foi (segundo elles dizem) o transito do mar. D. João de Castro no Roteiro que fez da navegação deste mar Roxo, diz, que esta Villa Tor lhe parece ser a Villa Ellana,

na, de que todolos Geografos fizeram menção, donde a enseada, que se faz adiante, se chama Ellanitica; posto que Ptolomeu ponha esta Villa em vinte e nove gráos, e hum quarto da altura do Norte, e elle D. João tomou a do Tor em vinte e oito e hum sexto. E entre outras razões que dá pera approvar este seu parecer, he, que daqui té a povoação de Suez, que serão quarenta leguas, não ha entre os Mouros memoria de situação de algum lugar, que naquella distancia em que Ptolomeu a põe, houvesse, nem o maritimo da costa mostra poder ter povoação, por a maior parte della ser de serranias quasi té Suez, e mui esteril sem agua alguma; e nesta Villa Tor ha muita disposição, assi por haver nella agua, e ter hum campo que começa onde estam doze palmeiras obra de hum tiro de bombarda da Villa. O qual campo se vai estendendo hum bom pedaço té ir dar ao pé de huma serra, que vem acabar alli de mui longe donde elle corre, atravessando toda aquella terra de Arabia, com que faz a divisão destas duas partes della, a que chamam Felix, e Petrea; e ante de chegar ao porto de Suez obra de tres leguas dizem os Mouros estarem huns poços, que elles affirmam abrir Moysés depois que passou o mar Roxo, por o clamor que lhe

o po-

o povo fez da agua que lhe falecia, os quaes poços elles entre si tem por cousa mui santa. Hum Venezeano comitre de huma galé, que foi na Armada de Solcimão Baſſá Capitão do Turco, quando foi á India combater a noſſa Cidade Dio no Reyno Guzarate, (como veremos em ſeu lugar,) fez deſta viagem hum Roteiro de todolos portos que Solcimão Baſſá tomou neſta coſta da Arabia; e diz quê o lugar donde Moyſés paſſou da parte do Egypto á outra de Arabia, he hum chamado Corondolo, que ſerá de Suez quinze leguas, e vinte e cinco do Tor. E porque ſeria couſa mui eſtranha ſahirmos do curſo da noſſa hiſtoria pera concordarmos eſtas opiniões do tranſito, e paſſagem de Moyſés, em o Commentario da noſſa Geografia o faremos, por ſer mais proprio lugar, por iſſo paſſaremos avante com noſſo intento, que he tornar caminho das portas deſte eſtreito pola outra coſta do Egypto, e Abaſia. O qual caminho começaremos do ultimo termo deſte eſtreito, que he a povoação de Suez, poſta em altura do Norte vinte e nove gráos e tres quartos, tomada per D. João de Caſtro, e per muitos Pilotos que foram naquella Armada: e ſegundo as razões que elle D. João dá, parece que neſta povoação de Suez foi a ſituação da Cidade dos He-

Heroas, peró que Ptolomeu a ponha diſtante do mar. Eſta povoação Suez ao preſente não he habitada de mais gente, que de officiaes de fazer navios pera as Armadas que o Soldão fazia, e ora o Turco faz pera a India, e de gente que eſtá em guarda deſtas vélas. A terra em ſi he mui eſteril, ſem agua, e toda a que ſe alli bebe ſe traz em camelos perto de duas leguas, e ainda tão ſalobra, que he mais pera os camelos que a trazem, que pera homens: e o que confirma o parecer de D. João ſer alli a Cidade dos Heroas, he que naquelle ſitio ſe moſtram algumas ruinas dos edificios della meios cubertos de arêa, e grande número de ciſternas mais cheas della, que de agua. As quaes, ſegundo parece, ſe enchiam da agua do Nilo no tempo de ſeu creſcimento per huma aberta á maneira de larga levada, que vinha delle té eſta Cidade, a qual o tempo, e os Barbaros a tolheram, ſegundo a opinião da gente do Cairo, da qual ainda em algumas partes apparecem os ſinaes. Deſta povoação de Suez á Cidade Cairo Metropoli de Egypto ha tres dias de andadura de camelo contra Ponente, que podem ſer vinte leguas; e começando della a conta da diſtancia que tem os portos, e povoações da outra coſta deſte mar, haverá ao porto Corondolo, que diſ-

ſemos , quinze leguas, e daqui a Alcocer quarenta e cinco. O qual Alcocer he hum lugar notavel naquella coſta, não por a mageſtade de ſeus edificios, e policia dos moradores, porque tudo he conforme a huns poucos de Alarves que nelle habitam: ſómente por ſer huma aberta das ſerranias que té aqui correm ao longo do mar ; e per eſte porto aquella parte de Egypto, a que elles chamam Rifa , vaſa todalas ſuas novidades, e mais grande parte dos Mouros deſte Ponente , quando vam á ſua romaria de Méca, por não deſcerem abaixo ao Cairo, vem demandar eſte porto. Junto da qual povoação obra de duas leguas eſtam humas ruinas de habitação , a que os Mouros chamam Alcocer o velho : e diz D. João de Caſtro no ſeu Roteiro , que lhe parece ſerem eſtas ruinas da Cidade Philoteras , e que ſe deſpovoou por ter roim ſerventia, e povoou-ſe Alcocer: daqui ao rio Nilo haverá dezeſeis leguas, e eſte porto de mar he o mais perto delle. Eſtá eſte lugar em altura do Norte vinte e ſeis gráos e hum quarto ; e nas ſerranias que cahem ſobre a ribeira do mar, e eſtam entre eſte lugar Alcocer , e Suez, ha dous Moſteiros de Frades da Ordem de Santo Antão, hum chamado Santo Antonio quaſi na paragem de Corondolo , e outro per nome

S.

S. Paulo na fronteria do Toro , e efte he mais vizinho do mar que o outro ; porém longe das praias , e pofto no alto das ferras , ambos povoados de Chriftãos de varias nações , que alli fazem penitencia , os quaes fe communicam com outros da mefma ordem que ha per aquella região do Egypto. Tornando a noffo caminho defte lugar Alcocer a cento e trinta leguas eftá a Cidade Çuáquem em altura de dezenove gráos , e hum terço , na qual diftancia ha eftes portos , Tuna , Goalibo , Xoana , Xacara , Xamelquiman , Somol , Igidid , Faraterio , Çalacal , Fuxa , Dradáte , e outros , os quaes não são povoações , fómente portos dos marcantes , ou (por melhor dizer) aguadas que elles alli fazem. A Cidade Çuáquem he o melhor porto de todo efte eftreito , porque o mar entra per hum boqueirão , e paffado hum pequeno efpaço neftá eftreiteza , faz depois huma grande lagôa , no meio da qual eftá huma ilheta , que quafi não tem mais terra que quanto occupa a Cidade , toda de pedra , e cal com cafas nobres ao modo de Hefpanha , e tem Rey per fi. E ao tempo que D. João de Caftro notou efta Cidade , que foi no anno de quarenta e hum , D. Eftevão da Gama com a Armada que levava a deftruio , (como fe verá em feu tempo ,) e della em

diante té Maçuá haverá ſetenta leguas, na qual diſtancia eſtá o porto de Xabáque, e outros ſem nome que á noſſa noticia vieſſe. Eſta povoação Maçuá he huma Cidade, que tomou o nome da Ilha, em que ella eſtá ſituada, tão vizinha á terra firme, que ſerá de eſpaço tiro de huma eſpingarda; e a vizinhança que tem neſta terra firme, he hum lugar chamado Arquico, que he do Preſte João. Tem eſta Cidade Maçuá hum Xeque, que he Senhor dá terra, o qual ſenhorea a Ilha Dalaca, que aſſima diſſemos, onde ſe peſcava aljofre, e aſſi outras Ilhas a eſtas vizinhas, e eſtá em paz com os Abexijs povo do Preſte João polo grande proveito que recebe delles em o negocio do commercio, porque per eſte porto de Arquico ſahem todolos mantimentos, onde ha grande cópia, de que a maior parte deſte eſtreito principalmente da coſta da Arabia ſe mantem. Deſta Cidade Maçuá ás portas do eſtreito, onde começámos eſta deſcripção, haverá oitenta e cinco leguas; a qual ribeira, paſſada a Ilha Daláca, por ſer mui pejada, e çuja com ilhetas, e reſtingas, não tem tantas acolheitas, e portos; e ſe os tem, não he couſa célebre a que navegantes acudam, porque tambem o ſertão da terra naquella paragem he monſtruoſo. A gente que habita ao longo deſta

ri-

ribeira do mar, tirando os lugares célebres, he mui agreste, e barbara, a que os mesmos Mouros chamam badois, como cá dizemos campestre, e montanheza, a qual toda vive de saltos, e rapina, e quando podem, commettem as povoações. Per detrás das serranias, em que esta gente agreste vive, as quaes correm ao longo da ribeira desta costa, ficam as terras do estado do Preste João, que contra o Cairo não descem mais que té a paragem da Cidade Çuáquem, e dahi pera o Meiodia, e Ponente se estendem per muita distancia, e de tanta terra sómente tem hum porto de mar, que he Arquico. E se D. Estevão da Gama, quando per alli passou, lhe não leixára D. Paulo seu irmão com quatrocentos homens em seu favor contra os Mouros, que havia treze annos que se tinham feito senhores da maior parte de seu Reyno, já não houvera reliquias daquella christandade, que N. Senhor alli depositou tantas centenas de annos, tão desamparada dos Principes da Igreja. Com o qual desamparo se podem chamar homens de muita fé, pois mettidos no coração daquella Ethiopia sobre Egypto, cercados de tanta idolatria de Gentio, e blasfemia de Mouros, tem viva aquella luz de fé do nome de Christo nossa Redempção: peró que seja de mui-

tos

tos errores, em que se não conformam com a Igreja Romana, de que elles estam tão remotos, como ella esquecida delles, do estado dos quaes ao diante faremos copiosa relação.

CAPITULO II.

Como Affonso d'Alboquerque entrou dentro no estreito, e o que passou té invernar na Ilha Camaram.

AO seguinte dia, depois que Affonso d'Alboquerque tomou o pouso dentro das portas do estreito, (como no fim do precedente Livro dissemos,) elle se fez á véla com toda sua frota, levando por Pilotos daquelle estreito os Mouros que lhe tomáram, e ao outro dia houve vista de huma Ilha chamada Gibel Çocor, onde elles o quizeram levar. E receando elle que nella não haveria pouso pera tão grande frota como levava, tomou ante a parte da costa Arabia, onde surgio á vista da Ilha; porque como não tinha Piloto Portuguez, que soubesse aquella navegação, e os Mouros pelo modo com que os houve lhe eram suspeitosos, em tudo o que lhe diziam dava resguardo, e queria ir de vagar sempre com o prumo na mão, e tomár o pouso com Sol. Peró com todos estes resguardos de-

depois de tomar duas náos, que hiam de Barbora, e Zeila com mantimentos pera Judá, as quaes mandou queimar, quando veio ao feguinte dia, fazendo feu caminho via da Ilha Camaram, pera alli fazer fua aguada por a falta que levava de agua, querendo os Mouros metter a náo delle Affonfo d'Alboquerque em huma enfeada, onde eftava hum lugar chamado Luya, deo em huma reftinga de arêa, que lhe fez dar com as vélas de alto a baixo, e a náo foi dando algumas pancadas. Mas por efte parcel fer ao modo de alfaques, fahio a náo do banco com ajuda de Lopo Vaz de Sampaio, D. João d'Eça, Pero d'Affonfeca, Fernão Gomes, e Simão Velho, que por irem na fua efteira todos lhe acudíram com diligencia; e os outros Capitães, que não puderam fer com elle, mandáram feus bateis de maneira, que a náo atoada a outra fahio do perigo, do qual cafo ficáram aos baixos nome de Santa Maria da Serra, que era o da náo. E affi deo caufa a que elle Affonfo d'Alboquerque, depois que foi em Goa, por a falvação que lhe N. Senhora deo daquelle perigo, a quem fe elle encommendou nelle, edificou em huma das portas da Cidade huma cafa em feu louvor, intitulada de *N. Senhora da Serra* do nome da mefma náo, a qual cafa depois

pois lhe servio de sua sepultura, onde ora jaz, (como adiante veremos.) Fazendo-se á véla sua via de Camaram, mandou diante D. Garcia de Noronha com alguns Capitães em os navios pequenos, e bateis pera lhe rodearem a Ilha, que os moradores se não passassem á terra; e com tudo quando chegáram, por terem per terra nova de sua ida, eram todos passados, e não houveram delles mais que as geluas em que passáram; que são barcos de remo com huns poucos de Mouros, de que alguns eram Pilotos. E entretiveram té chegada de Affonso d'Alboquerque duas náos, que queriam sahir do porto caminho de Judá, huma das quaes era do Soldão do Cairo, e ambas carregadas de mui rica fazenda; e a fóra estas estavam no porto outras duas de mercadores Mouros, e Judeos de Judá, que na chegada de Affonso d'Alboquerque foram tambem tomadas. Esta Ilha Camaram está em altura de quinze graos da parte do Norte, e tão vizinha á terra firme de Arabia, que está vista della per espaço de huma legoa; he terra muito baixa, e parte della alagadiça, e nestes alagadiços cria algumas arvores, a que chamam mangues de madeira rija, e reversa de lavrar; a qual commummente se acha em Guiné naquelles alagadiços. Todo o mais da Ilha he sem creação

de

de alguma arvore, sómente dá huma herva curta tão substancial, que o gado miudo que nella anda, he bem creado, e assi os camelos de que os moradores se servem, faz com a terra firme, (porque a ampara dos ventos que alli mais cursão,) hum dos melhores portos daquelle estreito, e mais frequentado dos navegantes, por causa da muita agua que tem, onde todos assi á entrada, como sahida do estreito concorrem fazer sua aguada. Segundo se mostra nas ruinas de alguns edificios, antigamente houve nella povoação nobre, da destruição da qual os Mouros não sabem a causa; e os que nella habitavam, e fugíram ao tempo que Affonso d'Alboquerque chegou, viviam ao modo de alarves em choupanas, e parece estarem alli mais por causa de algum proveito que recebiam das náos que vinham fazer aguada, que por folgar de habitar a terra. O maior despojo que os nossos houvêram delles, foi gado miudo que tomáram a cosso, e matáram ás espingardadas, e assi alguns camelos de que fizeram refresco, e assi acháram alguns Mouros, que não puderam passar á terra firme. Entre os quaes foi hum homem de idade, e de nobre sangue, o qual (segundo dizia) fora já Xeque, e senhor das Ilhas Dalaca, e Maçuá, de que fallámos, que estam pegadas na outra

tra

tra costa da Abasia, o qual fora despossado deste senhorio per hum seu sobrinho, a quem elle matára o pai, e isto com favor do Xeque de Adem com pacto que havia de ficar seu tributario. Porém elle durou pouco no estado, porque o mesmo Rey de Adem teve modo como o mandou matar, e poz por Governador da terra hum seu escravo com gente de guarnição, e assi se fez senhor da terra, de que ElRey de Adem tinha huma grande renda, principalmente da pescaria de aljofre que se alli faz. Ao qual Mouro Affonso d'Alboquerque fez honra, e mercê, e leixou em sua liberdade; porque na prática que teve com elle mostrava ser quem dizia, e delle soube Affonso d'Alboquerque muitas cousas daquelle estreito, e principalmente do Preste João, a que elles chamam Rey de Abasia, por a muita communicação que teve com os seus naturaes quando era Xeque na Ilha Maçuá tão vizinha á povoação Arquico, que (como escrevemos) he do Preste. Affonso d'Alboquerque, porque em chegando a esta Ilha Camaram, lhe acalmáram os levantes pera ir a Judá, (como era seu intento,) foi-lhe necessario deter-se alli sete dias, no fim dos quaes os Mouros Pilotos lhe promettêram poder navegar, porque esperavam ver sahir huma estrella entre elles mui co-

nhe-

nhecida por nome Taria, que era final mui certo de tornarem a ventar levantes. Porém vinda a estrella, elles ventáram tão poucos dias, que sahido do porto com toda a frota, não pode ir mais avante que té humas Ilhas, que estam já no mar largo, onde os ponentes lhes deram de rosto, e o detiveram alli vinte e dous dias, no qual tempo mandou João Gomes na sua caravela té a Ilha Ceibam, parecendo-lhe, que como esta Ilha está mais no meio do mar quasi enfiada com as portas do estreito, podiam aqui ventar os levantes, ou qualquer outro vento, com que pudesse navegar. João Gomes como o tempo tambem lhe era contrario, com assás trabalho ás voltas chegou lá, e achou que todo o tempo era geral, sómente quando acalmava havia alguma bafugem de outro rumo, mas era pera mover hum batel, com a qual nova se tornou a Affonso d'Alboquerque. Elle porque a agua lhe começava a fallecer, conveio-lhe arribar á Ilha Camaram, onde achou duas náos chegadas á terra firme despejadas de quanto tinham, e recolhido tanto dentro della, que não pudessem os nossos lá ir. Feita aguada, tornou Affonso d'Alboquerque outra vez commetter o caminho donde vinha té chegar ás proprias Ilhas: estando no qual lugar víram contra a parte onde se o Sol punha,

que

que era da terra do Preſte, hum ſinal de Cruz no Ceo de côr vermelha mui reſplandecente, e de largura de huma braça, e o comprimento em proporção della. Á viſta da qual, que foi per hum bom eſpaço, todos ſe aſſentáram em giolhos adorando-à, e Affonſo d'Alboquerque levantando ás mãos a ella em alta voz começou dizer: *O' ſinal de noſſa redempção, ó ſinal de noſſas vitorias eſpirituaes, e temporaes, ornada, e decorada com o precioſiſſimo Sangue de Chriſto Jeſus: ó arvore Divina, cujo fruto remio o peccado do fruto, que nós trouxe a morte, eu confeſſo ſerdes o ſinal, em que eſtá a eſperança de noſſas vitorias: nós te confeſſamos, reconhecemos, e adoramos, pedindo-te que per mar, e per terra ſejas noſſa defenſor.* Com as quaes palavras toda a gente foi poſta em lagrimas de devoção, e fervor de fé, levantando-ſe em todalas náos huma grita, dando gloria a Deos, que parecia romperem os Ceos, no fim da qual grita tangêram as trombetas, e tirou toda a artilheria, em meio do qual tempo huma nuvem branca foi cubrindo aquelle ſinal. Do qual caſo Affonſo d'Alboquerque mandou tirar hum eſtromento, que enviou a El-Rey D. Manuel; e tanto animou aquelle ſinal a todolos noſſos, que lhes fez perder o nojo de quão enfadados andavam, eſpan-

can-

cando aquelle mar sem fazer viagem, parecendo-lhes ser N. Senhor servido daquelles trabalhos que levavam, e que lhes dava tal mostra pera os consolar. E porque nesta paragem estiveram tantos dias, que se passou o mez de Maio, em que os Pilotos se determináram serem os levantes passados, tornou-se Affonso d'Alboquerque a Camaram, com fundamento de invernar ahi, e espedio a João Gomes, que fosse á outra banda da terra do Abasij, com regimento que trabalhasse por tomar os portos das Ilhas Maçuá, e Dalaca, e lhas descubrisse com toda a informação que dellas pudesse haver, e isto sem fazer damno; e quando tornasse, se pudesse haver á mão alguma gelua das que navegam per aquelle mar, que a tomasse, pera dos Mouros della saber alguma nova, e pera esta ida lhe deo hum dos Pilotos Mouros que trazia comsigo, o qual negocio João Gomes fez, trazendo as Ilhas arrumadas como jaziam sem mais outra cousa.

CA-

CAPITULO III.

Do que Affonſo d'Alboquerque paſſou em quanto invernou na Ilha Camaram: e depois que ſe partio della té chegar á Cidade Adem.

A Eſte tempo, que Affonſo d'Alboquerque eſteve invernando neſta Ilha Camaram, de alguns Mouros que acudiam á terra firme ſoube como o Xeque de Adem eſtava junto de huma Villa chamada Zebit, que he do ſeu ſenhorio, ao qual quiz mandar huma carta. E pera ſer certo de lha darem, e haver reſpoſta, mandou-a per hum Mouro mercador, que já em outro tempo fora ſeu cativo, e a rogo de Melique Az Senhor de Dio lhe dera liberdade juntamente com outros que foram tomados em huma náo; e chegando áquella Ilha, o tornou outra vez tomar, e a ſua mulher, e filhos, e pelo conhecimento que delle tinha, e eſtes lhe ficarem em poder, o mandou, promettendo-lhe liberdade ſe foſſe, e vieſſe com recado. Na qual carta elle Affonſo d'Alboquerque eſcrevia ao Xeque como tinha ſabido que em ſeu poder eſtavam cativos certos Portuguezes, que vieram ter ao ſeu porto, que lhe pedia houveſſe por bem de os reſgatar, ou a troco de

dos Mouros de muitos que elle trazia cativos daquella Ilha, e outros que houvera de algumas náos que tomou naquelle mar, ou per qualquer outro modo de resgate. Estes cativos sobre que Affonso d'Alböquerque escreveo esta carta, eram aquelles cinco Portuguezes do bargantim de Gregorio da Quadra, que esgarrou da Armada de Duarte de Lemos, (como atrás fica,) na liberdade dos quaes o Mouro que levou a carta, não fez cousa alguma. Ante quando tornou á terra firme defronte da Ilha Camaram, mandou dizer a Affonso d'Alboquerque; que não podia vir a elle, porque o Xeque o mandava vir alli em poder de certos homens, que o traziam prezo, não pera lhe trazer recado, sómente pera ver se com elle podia resgatar sua mulher, e filhos. Sobre o qual resgate de huma parte, e d'outra foram, e vieram recados, sem o Mouro tomar conclusão alguma no que prometteria, sómente mandou de presente a Affonso d'Alboquerque algum refresco de carnes, e fruta da terra; e dos Mouros que se alli tomáram, sabendo elles a causa por que Affonso d'Alboquerque mandára este ao Xeque, veio elle saber novas destes homens. As quaes foram, que havendo todos hum barco á mão, se mettêram no mar caminho da India, e ao segundo dia foram

to-

tomados, e circumcidados com todalas ceremonias de Mouros per mandado do Xeque: e este auto lhe fora feito, estando elles quasi sem sentimento do que lhes faziam com huma certa semente, que moida em agua lhe deram a beber. E assi soube mais delles, depois que os veio a communicar, que em Suez, em quanto Mir Hocem andou na India prospero com a morte de Dom Lourenço d'Almeida, o Soldão por favorecer aquella sua empreza, mandára começar quinze navios de remo, os quaes estavam meios feitos, e eram guardados per té cincoenta Mamelucos, por os não queimarem os Alarves, e que cada dia lhe aguavam os costados por não esvaccerem, sem haver hi mais outro sinal de Armada pera a India senão aquelles cascos por acabar, sem haver official pera isso. A qual cousa se causára de duas, a huma fora por ser tomada huma somma de madeira, que lhe vinha pera fazer mais navios, que haviam de ir em companhia destes, e (segundo diziam) esta tomada fizera huma Armada dos Cavalleiros de Rodes; e a outra fora ser Mir Hocem desbaratado, com que tudo se esfriou, e que elle Mir Hocem estava recolhido em Judá. E que nesta Cidade houve tanto temor, como se soube da entrada delle Affonso d'Alboquerque, que os mer-

mercadores puzeram toda sua fazenda fóra, e Mir Hocem não entendia em mais que fortalecella: e tambem do dia que elle combateo a Cidade Adem a quinze dias per dromedarios se soube a nova no Cairo, per os quaes o Xeque senhor della escreveo ao Soldão, pedindo-lhe ajuda contra os Portuguezes; ao que elle respondeo, que guardasse bem sua Cidade, porque elle teria cuidado de mandar guardar seus portos. E que no Cairo havia grande revolta, e o Soldão estava mui receoso; porque sobre este recado do Xeque soubera como elle Affonso d'Alboquerque entrára no estreito, e tinha por nova que da Christandade partia huma grande Armada pera vir tomar Alexandria; e assi tinha nova que o Xeque Ismael Rey da Persia hia sobre Aleppo. E por elle Soldão neste tempo ter morto tres grandes Capitães daquelles, que per ordenança do Reyno o podiam succeder nelle, e hum que tinha por Governador da Cidade Damasco, com temor de lhe fazer outro tanto, não quiz ir a seu chamado, e estava levantado com favor do Xeque Ismael, eram para elle todas estas cousas huma grande confusão, porque em nenhuma confiava; e diziam que esta oppressão das Armadas da Christandade procedêra do movimento que elle Soldão teve com

o recado que per Fr. Mauros mandou ao Papa sobre a destruição do Templo de Jerusalem, e Reliquias santas da terra de seu estado, segundo atrás escrevemos. Affonso d'Alboquerque com estas, e outras novas já no fim do inverno espedio dalli hum homem, que sabia bem o Arabigo, a ElRey D. Manuel; e por simulação o mesmo homem em hum batel com huma braga de ferro, como cativo, se passou á terra firme, o qual veio a este Reyno, e per elle soube ElRey do que Affonso d'Alboquerque tinha passado naquelle estreito té sua partida, e o que lhe parecia ácerca de fazer fortaleza naquellas partes, e a partida pera este Reyno. Se todolos da Armada souberam Arabigo, menos temêram o trabalho do caminho, que os que alli passavam; porque o tempo que alli estiveram, padecêram grandes necessidades, além dos trabalhos de repairar navios, e todos houveram ser aquelle lugar hum purgatorio: cá ácerca da fome na Ilha não ficou cousa viva de gado, camelos, asnos, que se não comesse, té hum palmar que Affonso d'Alboquerque logo no princípio quiz guardar, parecendo-lhe que podia fazer alli fortaleza, não ficou delle raiz alguma. E assi deste mantimento, como de huma sorte de peixe á maneira de cações, o cen-

contolas, e cangrejos mais azues, e verdes, que da côr que ha nestas partes, se causou em toda a frota hum genero de enfermidade, que estando hum homem rindo, e jogando ás cartas, ou enxadrez, cahia da outra parte morto; que fez hum grande espanto, e terror em todos, por se haverem por defuntos per morte subitania. No qual tempo aconteceo hum caso, que tambem assombrou a gente, e foi, que fallecido desta morte hum homem d'armas, lançáram-o no mar, sepultura dos que nelle morrem; e estando de noite os que vigiavam seus quartos em vigia de huma náo, ouvíram grandes pancadas nella, e parecendo-lhe que fundiava em alguma cabeça de arêa, acudíram per fóra com hum batel ver o lugar onde sentíram as pancadas, e acháram o defunto pegado com as mãos na quilha junto do leme. Tirado daquelle lugar, foi enterrado em terra; e quando veio ao dia seguinte, foi achado sobre a cova. Ao qual misterio acudindo Fr. Francisco Prégador, e parecendo-lhe estar aquelle defunto em alguma excommunhão, o absolveo; e tornado a enterrar, ficou pera sempre. Com estas, e outras cousas, de que a gente andava quebrantada no espirito, e no [illegible]po tinha Affonso d'Alboquerque gran- [illegible]querimentos que se sahisse daquelle purga-

gatorio ; porque ainda que ao tempo que alli se detinham chamavam invernar , não era por razão de haver chuva , cá muitas vezes naquellas partes passam tres, e quatro annos que não chove , e quando vem alguma agua , he ao modo de *trovoada*, que vem do mar, e passa logo : sómente chamam invernar, quando não podem navegar pera fóra do estreito com os Levantes, que cursam per algum tempo, e lhes dam por davante. Peró vindo os Ponentes, que começáram a quinze de Julho , sahio Affonso d'Alboquerque com toda a frota, leixando aquella Ilha Camaram sem herva verde, nem cousa viva, e assolado quanto nella havia sem ficar pedra sobre pedra; porque quantos edificios dos antigos estavam em pé, todos per mandado de Affonso d'Alboquerque foram arrazados per terra , por não dar causa a que os Mouros de Judá alli fizessem alguma força, pera que tornando alguma Armada nossa , lhe fosse impedida a sahida em terra. Affonso d'Alboquerque chegado ás portas do estreito, porque á entrada não tinha notado o sitio da terra , principalmente a Ilha Mehum, onde ElRey D. *Manuel era informado que* se podia fazer huma fortaleza, foi-se a ella; e a primeira cousa que fez, foi mudar-lhe o nome barbaro que tinha com outro

mais

mais digno de memoria, chamando-lhe *Ilha da Vera Cruz*, o qual nome procedeo desta obra. Mandou arvorar huma Cruz feita em hum masto, o qual sinal era tão notavel por sua altura sobre o canal da parte da Arabia, que se via de huma legua; e ao tempo que se arvorou, tirou toda artilheria, e a gente trás ella foi posta em hum clamor com os olhos no Ceo, dando cada hum louvor, e gloria a Deos, pois lhe aprouvera naquellas partes çafaras per gentilidade, e infieis per crença daquelle Divino sinal, serem elles os primeiros que o levantáram em gloria, e exalçamento de sua Fé, e per elle tomavam posse de todo o que se continha dentro daquelle estreito. Notadas as cousas, de que atrás já escrevemos, partio-se Affonso d'Alboquerque via de Adem, espedindo dalli Ruy Galvão em o seu navio, e com elle João Gomes na sua caravella a descubrir a Cidade Zeila, que está na outra costa de Africa. E nesta ida, porque a gente della não quiz sómente dar-lhe falla, e sobre isso sahio muita á praia a cavallo, e a pé, toda armada, mostrando estarem prestes pera defender a terra, se nella quizessem sahir, conformando-se Ruy Galvão com o Regimento que lhe Affonso d'Alboquerque deu depois que notou o sitio da Cidade, e

o por-

porto, queimou-lhe as náos que eſtavam nelle, no qual tempo ſe lançou com elle hum Abexij, com que Affonſo d'Alboquerque, quando lho apreſentáram, muito folgou, por dizer ſer eſcravo de hum Feitor que alli eſtava do Soldão do Cairo; e das couſas que era perguntado aſſi da terra da Abaſia, e do ſeu Rey Preſte João, dava mui boa razão.

CAPITULO IV.

Como chegado Affonſo d'Alboquerque á Cidade Adem, eſteve alguns dias ſobre ella fazendo-lhe o damno que pode: e do mais que alli fez té ſe partir.

AFfonſo d'Alboquerque ao tempo que Ruy Galvão chegou a elle, eſtava já ſobre Adem, a qual achou muito mais forte, que quando a combateo; porque os Mouros em quanto elle andou no eſtreito, não trabalháram em outra couſa, e não ſómente no repairar o damno que lhe a noſſa artilheria fez, mas ainda a que elles houveram pera ſe defender de nós, que era tão groſſa, que com os pelouros de camellos, com que Affonſo d'Alboquerque lhe mandava tirar, reſpondiam por retorno, como que tinham artilheria daquelle cano. Com a qual, e aſſi com hum trabuco,

vinha lançar a pedra entre as nossas náos, fizeram damno em ellas, peró o trabuco não durava muito: cá duas vezes lho quebrou hum João Luiz bombardeiro, e fundidor de artilheria. E porque o natural tempo da partida daquelle porto pera a India, (segundo a navegação dos Mouros pera tomar os ventos geraes,) he quatro dias depois da Lua de Agosto, foi necessario deter-se alli Affonso d'Alboquerque dez dias. No qual tempo elle quizera commetter a Cidade, ou ao menos queimar certas náos, que os Mouros tinham em estaleiro pegadas ao muro, o qual caso posto em conselho reprováram os mais dos Capitães, vendo quanto menos forças de gente, e de munições tinham, que quando a primeira vez a commettêram, e nella havia muito mais ao presente. E que quanto a commetter queimar as náos, nisso se aventurava morrer alguma gente, e hum só homem que fosse, importava mais que todalas náos, a qual contradição não aprouve muito a Affonso d'Alboquerque; e como quem queria mostrar aos Capitães que não foram no seu parecer, quanto menos era queimar as náos do que elles cuidavam, ordenou com homens do mar, o governo dos quaes dependia de Fernando Affonso Mestre da sua náo, e Domingos Fernandes Piloto della,

e Bar-

e Bartholomeu Gonçalves tambem Meſtre de outra. Os quaes em bateis partíram de noite, e elle Affonſo d'Alboquerque nas ſuas coſtas chegou té onde elles deſembarcáram, por os favorecer no caſo, o qual não houve effeito como elle deſejava, por as náos eſtarem cheias de arêa, e molhadas per todalas partes de maneira, que nunca o fogo ſe pode atear nellas. Ao qual rebate aſſi a gente que as guardava, como outra que ſahio per hum poſtigo da porta da Cidade, ouſadamente ſe envolvêram com os mareantes, em que houve de ambalas partes bem de ſangue, onde foi morto o Condeſtabre, e hum bombardeiro da náo de Affonſo d'Alboquerque, por ſerem os que levavam os artificios pera pôr fogo. E porque elle Affonſo d'Alboquerque que tinha defezo per todalas náos que nenhum homem de armas foſſe em companhia dos mareantes, nem acudiſſe a eſte negocio, paſſáram elles muito mal, e todavia alguns homens de armas eſcondidamente, como aventureiros embuçados, que queriam ir ver o que faziam os mareantes, chegáram té elles deſembarcarem, e leixaram-ſe eſtar, por ver em que parava o feito. Peró quando víram que haviam miſter ajuda, ainda que lhe era defezo ſahirem em terra, deſembainhando ſeu ferro contra os imigos, entre os [illegible]

foi

foi hum moço da Camara d'ElRey natural de Béja, cujo nome não veio á noſſa noticia, e metteo-ſe tão animoſamente com os Mouros, que em duas, ou tres voltas que fez, os fez deſpejar o lugar da embarcação, que queriam tomar aos mareantes, com que ſe recolhêram. Do qual feito elle ficou bem ferido, e pela cura que ſe nelle fez, veio Affonſo d'Alboquerque ſaber quem era, o que elle muito ſentio, poſto que ſoube ſer pera ſeu louvor, dizendo elle que mais ſe devia hum homem gloriar de obedecer a ſeu Capitão, que de qualquer honrado feito que fizeſſe contra ſua defeza. E poſto que eſta ſahida cuſtou a vida daquelles dous bombardeiros, e muito ſangue de outros que o acompanhâram, dos Mouros ficou o terreiro acompanhado de mortos, no qual tempo por ſer de noite, cuidando na Cidade que os noſſos a eſcalavam, foi tamanha a revolta de todos ſe quererem ſalvar na terra, que em as noſſas náos ſe ſentia o rumor de gente. Affonſo d'Alboquerque paſſado eſte caſo, em quanto o tempo lhe não dava lugar pera ſe partir, por lhe não ficar couſa alguma por fazer, pera mais affirmadamente poder eſcrever a ElRey D. Manuel o lugar onde podia fazer a fortaleza, que deſejava naquellas partes, ordenou de mandar deſcubrir o porto Uguf, que eſta-

va

va nas costas de Adem, por ter informação pelos cativos que alli tomou, ser melhor que aquelle em que estava. Ao qual negocio mandou estes Capitães: Manuel de la Cerda, Simão d'Andrade, Pero d'Affonseca de Castro, e Simão Velho, todos em bateis com gente, e apercebimento pera qualquer cousa que sobreviesse, os quaes descubríram a terra, e notáram o que nella havia, que eram as cousas que atrás na descripção desta Cidade escrevemos, e acháram no porto cinco navios, a que elles chamam marruazes, com mantimentos que traziam das Cidades Barbora, e Zeila. Tomando delles os mantimentos que pudéram recolher, puzeram fogo aos cascos, e assi deram em huma Aldea de pescadores, nas quaes cousas, e assi em esbombardear os caminhos per onde a gente da Cidade se servia na passagem da ponte pera a terra firme, se andáram detendo tres, ou quatro dias, té que per recados de Affonso d'Alboquerque, que os mandou chamar, se partíram. Simão d'Andrade, ou porque ouvio primeiro o recado, que os outros Capitães, ou porque o seu batel se remava mellior, partio diante de todos. E quando sahio daquella enseada, onde andavam abrigados do mar da costa, andava elle tão empollado com o vento que era por davante

len-

[illegible] do porto de Uguf aonde Affonſo d'Alboquerque eſtava, caminho de tres leguas com as torturas, e ancos que fazia aquella enſeada, o qual ſe póde com bom tempo andar em tres horas, detiveram-ſe nelle tres dias ſem comer, nem beber, onde todos houveram de perecer. Porque chegou a ſede a tanto, que com ella chegou de todo hum Luiz Machado filho do Doutor Lopo d'Arca, e a lhe Deos fazer muita mercê, vieram dar em huma furna onde ſe mettêram, por ſe abrigar da mareſia, e buſcar algum mariſco, onde achâram cangrejos, e lapas, que por razão da humidade que ao comer lhe achavam, por matar a ſede, mettêram-ſe tanto nelles, que houveram de morrer, como o eſtomago começou entrar no reſcaldo do ſal que levava aquella humidade. Finalmente elles houveram todos de eſpirar, ſenão ſobrevieram os outros Capitães, que lhes deram a vida com o mantimento que traziam, e ainda com aſſás trabalho chegáram aonde Affonſo d'Alboquerque eſtava. O qual pela informação que teve delles ſobre o ſitio do porto Uguf, acabou de ſe determinar em conſelho que ſobre iſſo teve com os Capitães, que em nenhuma deſtas tres partes, Adem, Ilha da Vera-Cruz das portas do eſtreito, nem Camaram ElRey podia ter fortaleza,

por

por muitas causas que alli foram apontadas. Sómente segundo a informação que elle Affonso d'Alboquerque tinha da Ilha Maçuá tão pegada na terra do Preste João, nesta lhe ficava esperança de poder ser, por terem este Principe Christão nas costas com ajuda de gente, e mantimentos, como elle mandava prometter per o seu Embaixador Mattheus, que Affonso d'Alboquerque tinha mandado a este Reyno, posto que ElRey D. Manuel a eleição do lugar pera se fazer fortaleza naquella entrada do estreito leixava a elle Affonso d'Alboquerque, elle a não quiz tomar sobre si té lhe fazer saber estas cousas, de que esperava haver resposta, ora fosse pola chegada de Mattheus Embaixador do Preste a este Reyno, ora pelo homem que espedio de Camaram: cá se lhe bem fosse, podia dar seu recado ante que as náos partissem pera a India. Quanto mais que pera haver effeito o fazer da fortaleza, e elle dar huma vista á Cidade Judá, como lhe ElRey D. Manuel encommendava, era necessario partir elle da India muito mais cedo, por não chegar ao estreito no cabo da monção dos ventos, com que o havia de navegar. E pera mais confirmação deste seu fundamento de fazer a fortaleza na Ilha Maçuá, vieram lançar na frota tres Abexijs da terra do Preste,

que

que os tinham os Mouros cativos, os quaes deram grande esperança a Affonso d'Alboquerque, de quão proveitosa cousa sería assi pera ElRey D. Manuel, como pera o Preste, fazer fortaleza em Maçuá. Affonso d'Alboquerque a derradeira cousa que quiz fazer, ante que se partisse daquelle porto, foi queimar as náos de mercadores que estavam nelle, esperando com ellas fazer este negocio, que era dallas polos cinco cativos, que elle de Camaram mandou pedir ao Xeque; e quando vio que tão mal lhe respondêram esta segunda vez, como a primeira, mandou fazer seu officio de fogo ás náos, com que foram queimadas.

CAPITULO V.

Como Affonso d'Alboquerque partio de Adem, e chegou ao porto da Cidade Dio, onde se vio com Melique Az senhor delle: e dahi se partio pera Chaul, onde chegou, e achou Tristão de Gá, que elle tinha mandado a ElRey de Cambaya.

VIndo o tempo da Lua, que Affonso d'Alboquerque esperava, segundo a pilotagem dos Mouros daquellas partes, partio-se a quatro de Agosto com toda sua frota via da India. E como os tempos eram ainda hum pouco verdes, naquella passagem

foi

foi com tanta força delles, que abrio a náo de Pero d'Affonſeca, por ſer velha, e já de Camaram vir arrochada; e aprouve a Deos que ſe ſalvou toda a gente, e parte da fazenda, por lhe logo acudirem D. João de Lima, e Manuel de la Cerda. Seguindo ſua viagem, quando veio aos dezeſeis dias de Agoſto houveram viſta da coſta, onde o rio Indo entra no mar, e como mais adiante ſe faz huma enſeada mui penetrante chamada de Jaquete, por razão de hum ſolemne templo de Gentios, que eſtá na ponta de hum cabo, onde a enſeada começa, a qual tem muita ſemelhança com a outra mais adiante de Cambaia; com a cerração do tempo, cuidando o Piloto de Affonſo d'Alboquerque que dobrava o cabo de Jaquete, achou-ſe a ré delle. E as outras vélas da Armada, por irem mais a la mar, paſſáram avante, e alguns delles foram ſurgir diante do porto da Cidade Dio, que Affonſo d'Alboquerque muito ſentio, porque a foram eſpertar de ſua vinda, e por iſſo ſuſpendeo os Capitães das capitanías por algum tempo. Melique Az ſenhor de Dio quando vio Affonſo d'Alboquerque com tamanha frota ante ſeus olhos, couſa que elle muito temia, como era homem ſagaz, com grande diligencia mandou encher muitos barcos de refreſco, de carnes, pão,

ar-

arroz, fruta, e verdura, e juntamente com estas cousas o mandou visitar, dizendo, que os homens que andavam no mar com nenhuma cousa mais folgavam, que com verdura, e refresco da terra, que lhe mandava aquella como seu servidor que era. Ao que Affonso d'Alboquerque respondeo com doces palavras do contentamento que tinha de chegar áquelle porto, por se ver com elle Melique Az, e lhe dar muitos abraços, como ao maior amigo que tinha naquellas partes, sem o ter visto, sómente per cartas. E pósto que Affonso d'Alboquerque vinha armado contra a prudencia, e sagacidade de Melique Az, em quanto alli esteve nunca pode acabar com elle que se vissem ambos, fazendo-lhe crer que cada hora estava pera o ir ver, e enchia estas simulações com mandar refresco em abastança, e muitas péças, não sómente pera a pessoa de Affonso d'Alboquerque, mas pera todolos Capitães; e aos que lhe eram mais acceitos, dobrava no presente, tratando cada hum segundo a qualidade de sua pessoa. E ainda pera os mais contentar em particular houve licença que poucos, e poucos fossem á Cidade, o que Affonso d'Alboquerque permittia, porque per olho delles poderia ter melhor informação della; e elle Melique Az de manhoso nenhuma outra cousa lhe mostrava,

se-

ſenão os ſeus armazens cheios de armas, munições, e artilheria. Finalmente por as grandes offertas que Melique Az fazia de ſua peſſoa, e da Cidade pera negocio de commercio, leixou Affonſo d'Alboquerque nella por Feitor com alguma fazenda a Fernão Martins Evangelho, e por ſeu Eſcrivão Jorge Correa, e a náo Enxobregas pera a elles carregarem de biſcoito, e outros mantimentos, e couſas que ſe haviam miſter pera as feitorias d'ElRey. Fazendo Affonſo d'Alboquerque fundamento que per meio deſte commercio viria tomar hum pé de entrada naquella Cidade, e depois com o favor d'ElRey de Cambaya, ſegundo as eſperanças que Melique Gupi lhe dava, podia alli fazer huma fortaleza com titulo de Feitoria, ſobre o qual negocio Melique Az trabalhava em contrario com ElRey de Cambaya, como logo veremos, mandou dizer a Affonſo d'Alboquerque, e depois lho diſſe per ſi, que nenhuma couſa mais deſejava, que ter alli huma Feitoria d'ElRey de Portugal, e que de boa vontade daria lugar pera ſe fazer, mas que temia não a querer ElRey de Cambaya conceder. Affonſo d'Alboquerque depois que vio que em tres dias que ſe alli deteve, Melique Az não ſe confiava delle pera o ir ver, partio-ſe huma manhã; peró o Mouro era tão ſagaz,

e gran-

e grandioſo em ſi, que guardou ver-ſe com elle pera aquella hora, e não quiz que foſſe eſtando elle ſurto no porto, porque não pudéra elle moſtrar-ſe em mais que chegar com hum par de fuſtas a bordo da náo, e por eſte modo moſtrou a grandeza de ſeu eſtado. Sahio com huma frota de té cem navios de remo, todos tão apercebidos de louçainhá, que parecia irem a vodas, e tão provídos de artilheria, e munições de armas, como ſe houveſſem de pelejar. Affonſo d'Alboquerque quando ſoube por huma fuſta que elle mandou diante como o hia ver, voltou ſobre elle com toda a frota ao receber, e os abraços que houve de huma, e de outra parte, foram de quanta artilheria cada hum trazia, porque os das proprias peſſoas aſſi de malicioſo, como de honrado, não quiz Melique Az que foſſem de mais perto, que eſtar Affonſo d'Alboquerque encoſtado no bordo de ſua náo, e elle em baixo em huma fuſta. E dalli diſſe tanta diſcrição a Affonſo d'Alboquerque ſobre o não vir ver em quanto eſteve em o porto de Dio, que diſſe Affonſo d'Alboquerque depois por elle, que nunca víra melhor homem de paço, nem mais pera enganar hum homem diſcreto, e per derradeiro ficar contente delle. E quanto ás outras couſas do negocio ſobre que tratáram

per recados, assi o achou cauteloso, que disse por elle aquelle dito Portuguez, que se diz polos homens maliciosos: *Eu te entendo, que me entendes, que te entendo, que me enganas.* Finalmente elles se despedíram os maiores amigos do Mundo no exterior, e na vontade cada hum se vigiava do outro, e por espedida Affonso d'Alboquerque lhe deo quatro Mouros homens nobres, além de lhe já leixar em Dio duas náos, que tomáram de preza naquella travessa com toda a gente, e fazenda, por ser da terra, o que elle muito estimou. E muito mais estimára elle Affonso d'Alboquerque saber, ante que se delle espedíra, o que soube em Chaul, onde chegou, porque foi a tempo que havia poucos dias que alli era vindo Tristão de Gá, que alli tinha mandado a ElRey de Cambaya, em companhia do qual vinha hum seu Embaixador. E per elle Tristão de Gá soube que Melique Az trazia grandes requerimentos com ElRey, que em nenhuma maneira concedesse aos apontamentos que elle levava delle Affonso d'Alboquerque, sobre a fortaleza que pedia em Dio, representando-lhe mil inconvenientes por parte de seu serviço, e pera effeito deste negocio peitava muito aos privados d'ElRey; mas parece que neste caso prevaleceo mais a valia de Melique Gupi competidor del-

delle Melique Az. Porque ElRey de Cambaya escreveo a elle Affonso d'Alboquerque, que por desejar a paz, e amizade d'ElRey de Portugal, e por amor delle seu Capitão mór, pessoa tão illustre, e vitoriosa, concedia as mais das cousas que lhe mandára pedir por aquelle seu mensageiro; pera confirmação das quaes, e assi de outras que elle esperava delle, mandou aquelle seu Embaixador, ao qual podia dar credito ao que lhe de sua parte requeresse. E quanto ao que elle Affonso d'Alboquerque mandava pedir, principalmente ácerca da fortaleza, que ElRey de Portugal desejava ter nas suas terras para assentar alli feitoria, e se tratarem entre elles as cousas do commercio, elle se reportava ao que Melique Gupi lhe escrevia, a quem elle dera a resolução de seus requerimentos. E com esta resposta lhe mandou algumas peças ricas pera ElRey, e pera elle, e hum cavallo acubertado de laminas de aço, que era de sua pessoa; e ao tempo que espedio Tristão de Gá, ficava em campo nos confins do Reyno Mando, com hum grande exercito de muita, e limpa gente, pera fazer guerra a este Reyno, no qual exercito Tristão de Gá notou grandezas, e potencia d'ElRey, porque vio, que com difficuldade hum Principe destas partes da Europa poderia ajuntar tanta gen-

 te

te de cavallo. E como homem poderoſo, e confiado, que a fortaleza que Affonſo d'Alboquerque pedia, lhe não podia dammificar, eſcreveo Melique Gupi a elle Affonſo d'Alboquerque, que dizia ElRey, que era contente de lhe dar lugar pera em Dio fazer fortaleza, pois não era contente da Ilha junto de Góga, nem de Maim polas razões que ſeu menſageiro apontára; e quanto a não ſerem Rumes recolhidos em ſuas terras, elle proveria como o não foſſem. Com eſta reſpoſta vinham os ſeus requerimentos, e eram, que elle Affonſo d'Alboquerque lhe havia de mandar tambem dar lugar em Malaca, onde os Mouros Guzarates de ſeu Reyno tiveſſem huma caſa forte pera guarda de ſuas mercadorias quando lá foſſem, e aſſi que lhe mandaſſe dar a náo Merij, que lhe fora tomada. E poſto que Affonſo d'Alboquerque, quanto ao que tocava á tenção d'ElRey, entendia ſer aſſi iſto que lhe ElRey mandava dizer, o que entendia por parte de Melique Gupi ácerca de dar fortaleza em Dio, e pedir caſa em Malaca, tudo procedia de ſeu particular intereſſe. Porque como elle era imigo capital de Melique Az, deſejava haver em Dio huma fortaleza noſſa, polo ver mettido em alguma revolta comnoſco: cá ſegundo elle trabalhava com ElRey que a não houveſſe, e

mo-

modos que tinha comnosco, e havia de ter, como alli a fortaleza estivesse, estava certo que lhe haviam de custar suas cautelas alguma cousa; e quanto á feitoria, e casa de Malaca, como elle Melique Gupi era o principal que lá tratava, tudo era a fim de seu proveito, e não do bem commum dos Guzarates de Cambaya. E posto que Affonso d'Alboquerque sentio estas cousas, levemente as concedeo, com o mais que o Embaixador requereo, e logo dalli o quizera espedir, mas elle não se quiz ir, dizendo que ElRey seu Senhor lhe mandava que se não fosse sem levar a náo Merij; e que havendo delle Affonso d'Alboquerque ante da entrega della qualquer outro despacho, que lho mandasse per homens que comsigo trazía pera isso. Affonso d'Alboquerque vendo sua determinação, consentio nella, e logo dalli por a pessoa que o Embaixador mandou com recado do que tinha feito, elle escreveo a ElRey, e a Melique Gupi, ficando o mesmo Embaixador pera lhe ser entregue a náo que pedia, que estava em Cochij, onde Affonso d'Alboquerque a mandou metter no rio, esperando que com ella havia de fazer alguma boa troca. E parece que o espirito lhe dizia que havia de ser cedo, porque em partindo de Dio, espedio tres Capitães, Ruy Galvão, Jeronymo de

Sousa, e Antonio Raposo, hum a Goa, outro a Cananor, e o outro a Cochij como elle hia: cá pola experiencia que tinha de sua ida a Malaca de quanta má nova davam, tambem nesta do estreito haviam os Mouros de ter semeado outras taes; e entre outras cousas que mandou encommendar ao Capitão de Cochij, foi mandar-lhe que logo repairasse esta náo Merij, porque além do que o espirito moveo pera ter esta lembrança, parte se causou da prática que teve com Meliqûe Az.

CAPITULO VI.

Como Affonso d'Alboquerque houve certas náos de Mouros, que com hum temporal carregadas de especiaria arribáram á costa da India, indo pera o estreito do mar Roxo; e partindo de Chaul, chegou a Goa, onde achou novas serem vindas náos deste Reyno, de que era Capitão mór João de Sousa de Lima: e o mais que fez té o despachar com carga de especiaria.

EM quanto Affonso d'Alboquerque esteve em Chaul, entre muitas cousas que soube do estado da India, foi, que aquelle anno se perdêram muitas náos carregadas de especiaria; e outras com o temporal, que fez perder estas, eram arribadas per es-

esses portos de toda a costa da India. E a causa deste damno foi, que sabendo os Mouros que navegavam o mar Roxo, pera onde ellas hiam carregadas, como elle Affonso d'Alboquerque era dentro, temendo de o encontrar, partíram dos portos da India, onde tomáram carga quasi no fim da monção do tempo, parecendo-lhes que a este seria elle sahido do estreito; e por fugirem do caminho que elle podia trazer, que havia de ser ao longo da costa da Arabia, navegáram pelo mar largo, lançando-se contra a Ilha Çocotorá, onde lhes deo o temporal. E as que arribáram foram ter a estes portos, onde ainda estavam, por ser já passado o tempo de sua navegação, Danda, Dabul, Zanguiçar, Cintacora, Baticalá, Mangalor, Calecut. Affonso d'Alboquerque como soube estes lugares onde estavam, determinou que de caminho, indo correndo a costa, as levaria comsigo; e partido de Chaul, lhe foi entregue em Danda huma carregada de pimenta. Porém em Dabul duas, que ahi achou o Capitão da Cidade, não quiz fazer entrega dellas, sem primeiro o fazer saber ao Hidalcão, cuja a terra era; e porque na ida, e vinda havia de haver detença, e Affonso d'Alboquerque andava em trato de pazes com elle Hidalcão, partio-se, leixando alli em guar-

guarda dellas Lopo Vaz de Sampayo com mais tres navios, e recado, que se o Hidalcão lhas mandasse entregar, que se fosse com ellas, e quando não, que se leixasse estar té seu recado. Finalmente assi estas náos de Dabul, como todalas outras, que estavam nos portos de Hidalcão, posto que entre elle, e Affonso d'Alboquerque, depois que elle foi em Goa, houve recados sobre a entrega dellas, todavia vieram a nosso poder, ao menos a maior parte da fazenda que tinham, por em alguma maneira Affonso d'Alboquerque querer comprazer ao Hidalcão. E pelo mesmo modo houve as outras per estes Capitães que a isso mandou, Fernão Gomes de Lemos, e Antonio Raposo: sómente duas, que deo a ElRey de Calecut, por lhe mandar dizer serem suas, ao qual elle queria tambem comprazer por causa da paz que com elle queria assentar, como logo veremos. E tambem por razão da carga da especiaria, que havia de dar ás náos, que eram idas deste Reyno aquelle anno de treze; das quaes ao tempo que elle Affonso d'Alboquerque estava em Dio, chegáram á India duas, e estavam em Cochij, partindo deste Reyno tres sómente. Das quaes era Capitão mór João de Sousa de Lima filho de Fernão de Sousa, e com elle hiam por Capitães

das

as outras Henrique Nunes de Leão filho de Nuno Gonçalves de Leão, e Francisco Correa filho de Braz Affonso Correa Corregedor de Lisboa, o qual se foi perder nas Ilhas de S. Lazaro em hum baixo, onde se salvou com toda a gente, e daqui em jangadas foram ter a Melinde, onde acháram João de Sousa, e Henrique Nunes. E ainda aqui a fortuna não leixou a Francisco Correa; porque indo de terra pera a náo em hum esquife com Henrique Nunes, andava o mar tão alevantado, que soçobrou o esquife, e todos se salváram, senão elle. Affonso d'Alboquerque, porque o tempo era breve, e elle havia de mandar aquelle anno com carga cinco vélas de especiaria, estas náos de João de Sousa, e tres, em que haviam de vir por Capitães D. João de Lima, e Manuel de la Cerda, que foram com elle ao estreito, e mais Balthazar da Silva em hum navio; logo como chegou a Goa, (a fóra os recados, que sobre isso mandou ao Feitor, e mais ter boa parte da carga em as náos, que houve dos Mouros,) despachou seu sobrinho D. Garcia de Noronha pera Cochij dar aviamento a estas cousas. E além de ir a este despacho, tambem lhe mandou Affonso d'Alboquerque que trabalhasse com El-Rey de Calecut sobre o fazer da fortaleza,

on-

onde leixára ordenado quando se partio pera o estreito, pera a qual obra mandára Francisco Nogueira, e Gonçalo Mendes, e por então não houve effeito. Porque como o Çamorij vio elle Affonso d'Alboquerque partido, por temor de quem a elle concedia, e tambem por outros induzimentos, delles da parte d'ElRey de Cananor, delles per meios d'ElRey de Cochij, (ainda que não se descubrisse nisso,) aos quaes pezava desta fortaleza ser alli feita, polas razões que atrás apontámos, poz o Çamorij tantos inconvenientes, que morreo elle sem nisso consentir. Ao qual posto que succedesse seu irmão Naubeadarij, que andára nisso, mostrando não desejar outra cousa, e elle mesmo com D. Garcia assentára este negocio com elle em Cranganor, (como atrás fica,) quando D. Garcia chegou ao porto de Calecut, que lhe mandou dizer ao que vinha, sem o querer vir ver, se espedio delle publicamente per recados, escusando-se de dar lugar a que a fortaleza se fizesse, sómente que folgaria de estar em paz, e amizade com ElRey de Portugal, e que esta assentaria com elle. Porém per pessoa, de que elle Naubeadarij se confiava, lhe mandou dizer que o seu animo com a dignidade que tinha de Çamorij não era mudado pera o que elles tinham assentado

em

em vida de ſeu irmão; mas como elle andava occupado em aſſocegar muitas couſas daquelle Reyno, que ſe movêram com a morte de ſeu irmão, e mais achava o animo de muitas peſſoas principaes contra dar elle alli fortaleza, e pera eſte negocio havia miſter remover elle todos eſtes inconvenientes, lhe pedia não houveſſe por eſtranho o que lhe mandára dizer em público, e no mais elle cumpriria todo o que ambos aſſentáram. A qual palavra elle ante da partida das náos pera eſte Reyno cumprio; e nellas pera retificação do que aſſentava com Affonſo d'Alboquerque, mandou ſeu Embaixador a ElRey D. Manuel com mui grandes preſentes, pedindo confirmação dellas. Porém primeiro que eſte negocio houveſſe effeito, ſe teve niſſo muito trabalho, não com o novo Rey de Calecut, ſenão com o de Cochij, e Cananor, que trabalhavam por não ſe aſſentar eſta paz com elle, nem haver fortaleza, moſtrando-ſe por iſſo mui aggravados a Affonſo d'Alboquerque, repreſentando quantas perdas, e damnos nas guerras paſſadas, e em todo tempo tinham recebido do Çamorij paſſado, tudo por a lealdade que ſempre guardáram a ElRey de Portugal. Mas Affonſo d'Alboquerque donde eſtava, e D. Garcia em Cochij trabalháram tanto, principalmente com

com ElRey de Cochij, que nisto mais insistia, que o de Cananor por as razões de seu proveito, que já apontámos, houveram por bem todos esta paz, a qual durou muitos annos; e na fortaleza que se fez por o trabalho que nella leváram, Francisco Nogueira por Capitão, e Gonçalo Mendes Feitor, e seu Escrivão João Serrão; e assi lhe ordenou Affonso d'Alboquerque mais os officiaes, e gente de armas, como a cada huma das outras fortalezas. E porque Nambear guazil, que fora do Çamorij passado, por causa nossa era lançado do Reyno, e depois em Cananor, onde tambem servia a ElRey deste cargo, elle o espedio, tudo por nosso respeito; quando Affonso d'Alboquerque assentou estas cousas da paz com o novo Çamorij, trabalhou com elle que tornasse a restituir em seu officio a Nambear, o que elle fez. E não sómente em as náos, que Affonso d'Alboquerque despachou com carga pera este Reyno, veio o Embaixador do Çamorij com grandes presentes pera ElRey D. Manuel; mas ainda elle lhe mandou outros, que todolos Principes daquellas partes lhe tinham enviado. E tambem lhe mandou alguns cativos, e cativas que houvera de diversas partes, principalmente no estreito, pera per elles ter informação daquellas terras; e com elles

enviou os Abexijs, que em Adem se lançáram na Armada pera confirmação do que lhe tinha escrito das cousas do Preste João, e abonação do seu Embaixador Mattheus, que elle cuidava estar já neste Reyno, e a náo de Bernaldim Freire em que elle vinha, com outra de Franco Pereira Pestana estavam em Moçambique, por invernarem alli, e vieram em companhia das...deste anno. Per as quaes, além das cousas que lhe mandava, tambem lhe escreveo as cousas do estado da India, e dos Principes della, como do Soldão do Cairo, entre as quaes não sómente lhe escreveo as que soube delle no estreito do mar Roxo, (segundo atrás vai relatado,) mas como tinha cartas de Fernão Martins Evangelho, que elle leixára por Feitor em Dio, que per Cambaya eram passados Embaixadores pera os Reys, e Principes daquellas partes, principalmente pera o Rey de Cambaya, e o do Decan. Os quaes Embaixadores vinham em nome do Çadij do Cairo, que naquelle tempo representava em dignidade do pontificado dos Mouros o que eram os Califas de Arabia, que já não havia; e segundo a opinião dos Mouros, este vinha do real sangue dos antigos Reys do Cairo. E peró que a succesão do estado real andava per modo de eleição, segundo seu uso, aos des-

desta linhagem ficou o sacerdocio da sua secta; e este era o que assentava o Rey eleito na cadeira Real, e o confirmava naquelle estado per huma certa ceremonia de benção. E o negocio, a que estes Embaixadores eram vindos, procedêra da entrada delle Affonso d'Alboquerque no estreito, e commetter ir a Judá; e a substancia de sua embaixada era representar quanto damno todolos Mouros daquellas partes tinham recebido de nossa entrada na India, e como os mares eram cheios de nossas Armadas; e não nos contentando com navegar os da India, novamente entrára huma mui grossa no estreito do mar Roxo, e commettêra querer ir ao porto de Judá. Mas fora impedida com ventos contrarios, o que Deos permittíra por meritos do seu profeta Mahamed, por sua santa casa de Méca não receber alguma offensa; e que estas cousas da ousadia nossa tudo eram descuidos de tanto Rey, e Principe, como havia naquellas partes. Porque não era cousa pera se crer, nem estava em razão, tão poucos homens, como lhe diziam, andarem naquella Armada, poderem escapar o poder de hum só Principe daquellas partes, quanto mais tantos, e tão poderosos, cuja potencia era per conquistar o Mundo; e que bem se vio na chegada que fizeram em Adem; o pe-

que-

'queno poder que tinham, pois não estando apercebida, mas mui descuidada, e o senhor della fóra, sómente hum seu Capitão os lançára dalli. Finalmente per estes termos suas exhortações eram lançar-nos fóra da India, e pera isso traziam grandes indulgencias a todos que nisso fossem; e a pessoas notaveis huma vestidura, a qual diziam vir benta per elle Çadij com palavras do Alcorão, promettendo-lhe, que vestindo-as contra nós, além de serem vencedores, salvariam suas almas. E neste mesmo tempo tambem chegou hum Judeo do Cairo, que dizia ser Portuguez de nação, e viver em Jerusalem, e apresentou a Affonso d'Alboquerque humas contas, e huma campainha com huma carta da parte do Guardião de S. Francisco, debaixo da custodia dos quaes está o templo de Jerusalem, o qual era vindo ao Cairo ao chamado do Soldão pera lhe fazer saber outro tal assombramento que queria destruir aquella casa, como fez ao Padre Fr. Mauros, que veio a Roma, como escrevemos. As quaes contas dizia serem tocadas em todalas reliquias daquella Cidade de Jerusalem, e a campainha fora de huma Capella de N. Senhora, com a qual se tangia ao alevantar a Deos á Missa quotidiana, que se naquella Capella dizia; e com seu tinido

do denunciára alguns milagres, que acontecêram naquelle acto do alevantar a Deos, e por ſer mui antiga no ſerviço daquelle ſanto acto, e tida em grande veneração, lha enviava; as quaes peças com as mais novas que lhe mandava do eſtado daquellas partes, e movimentos do Soldão, Affonſo d'Alboquerque enviou tambem a El-Rey D. Manuel. E o Judeo, que as apreſentou a elle Affonſo d'Alboquerque, ſendo tão imigo da cauſa porque aquellas peças eram eſtimadas, as trouxe em guarda té as entregar, porque com ellas eſperava de fazer ſeus negocios ante elle Affonſo d'Alboquerque, por cuja cauſa fora ter á India. Tanto he o amor que os homens tem aos bens deſta vida, que aborrecendo eſte Judeo eſtas peças polo que repreſentavam, as eſtimou em muito, porque podiam ſer meio de acquirir bens temporaes, que levam trás ſi a maior parte dos homens, eſtimando o que não crem por haver o que deſejam, como fez eſte Judeo.

DECADA SEGUNDA.

LIVRO IX.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que se fez em Malaca depois que Affonso d'Alboquerque se veio della: e o que elle fez na India o anno de quatorze té se partir pera Ormuz.

CAPITULO I.

Como o Jáo Pate Quetir, que vivia na povoação Upi, depois que Affonso d'Alboquerque partio da Cidade Malaca, continuando a guerra, mandou tomar certa artilheria, onde matáram Affonso Pessoa, que estava em guarda da tranqueira, donde se causou ir Fernão Peres d'Andrade sobre elle, e lhe queimou a povoação.

SEGUNDO atrás escrevemos, ao tempo que Affonso d'Alboquerque se partio da Cidade Malaca, Pate Quetir casado com huma filha de Utimutiraja ficava alevantado contra a nossa fortaleza, commettendo algumas vezes, depois que passou o pri-

primeiro insulto de queimar a Cidade da parte da habitação della, de a querer outra vez commetter a fogo, e sangue, com que obrigou a Affonso d'Alboquerque, em quanto lá estava, mandar fazer huma tranqueira no cabo da Cidade té entestar em hum esteiro, que a vinha cercando pela parte do sertão. Em guarda da qual tranqueira leixou Affonso Pessoa com té setenta homens; e onde se fazia hum cunhal que tinha duas faces, huma ao longo do mar, em que começava a povoação da Cidade, e outra que fazia a mesma tranqueira; neste canto, por ser lugar de suspeita, e vizinho a Affonso Pessoa, mandou pôr huma barcaça com hum camello, e outras seis peças pequenas de metal, que tiravam ao longo destas duas faces, da qual era Capitão Affonso Chainho. Pate Quetir porque quando a sua gente vinha commetter a tranqueira recebia mais damno do camelo, e peças desta barcaça, por varejarem ao longo della, que dos espingardeiros de Affonso Pessoa, huma ante manhã ao tempo que a gente estava mais quebrantada da vigia de toda a noite, per mar de que os nossos se não temiam por té então não terem commettido per alli, mandou dous calaluzes, a gente dos quaes assi veio calada, e subita, que matáram Affonso Chainho, e os

que

que com elle eſtavam, ſómente ficou hum bombardeiro que tirava com o camelo que leváram pera ſe ſervir delle neſte miſter. O qual caſo aconteceo a tempo que Fernão Peres d'Andrade Capitão do mar era ido ao rio de Muar, cinco leguas além de Malaca em buſca de Lacſamana Capitão mór da Armada do Rey que fora de Malaca, o qual ſe mettia alli pera com rebates daquella parte ajudar a Pate Quetir: peró daquella ida Fernão Peres não pelejou com elle, por lhe eſcapar como Capitão aſtucioſo que era. Chegado Fernão Peres a Malaca eſta manhã que Affonſo Chainho foi morto, achou a Cidade poſta em grande triſteza por eſte deſaſtre, e muito mais quando ſouberam como Lacſamana queria guerrear a Cidade, e não pelejar com elle Fernão Peres. Finalmente logo aquella manhã poſto elle em conſelho com os Capitães que trazia, e com Ruy de Brito Capitão da fortaleza, aſſentáram que elle Fernão Peres com ſua Armada, em que levaria té duzentos e cincoenta homens, e Affonſo Peſſoa per terra com os ſeus ſetenta eſpingardeiros deſſem juntamente na povoação de Upi, onde Pate Quetir eſtava recolhido em huma fortaleza de madeira. Partido Fernão Peres per mar, foi Affonſo Peſſoa ao longo da praia igual delle com os ſeus ſetenta eſpin-

gardeiros , e em ſua companhia mais de quinhentos homens da terra dos de Mina Chetu , e das outras peſſoas principaes, a que Affonſo d'Alboquerque tinha dado os mais honrados cargos da Cidade. E porque ante de chegar ao lugar Upi ſe fazia hum eſteiro, que de maré vazia ſe paſſava a pé, era tão má eſta paſſagem por cauſa da vaſa, que ſe deteve Affonſo Peſſoa tanto, que primeiro que elle chegaſſe, tomou Fernão Peres terra, e porém com aſſás perigo. Porque Pate Quetir tinha feito huma cerca de madeira mui forte com entulho de terra per dentro , e cava per fóra, e ficava eſta parte de dentro tão ſoberba ſobre a cava com o entulho que ſobia té o meio da madeira, que lhe ſervia em lugar de hum forte muro com muita artilheria aſſeſtada onde convinha. E além deſta cerca que era grande, tinha dentro outra pequena feita á maneira de fortaleza , onde ſe elle recolhia, a qual era tão apartada do mar, e mettida na terra , quanto ſe eſtendia o circuito da grande, e per derredor era a terra retalhada em eſteiros feitos á mão. De maneira que eſta fortaleza per ſitio era brigoſa de commetter, e per repairos muito forte pera entrar: cá a madeira da primeira cerca era de ferro, porque os noſſos páo ferro chamam áquelle genero de madeira por razão

da

da ſua fortaleza, e ſer tão duravel, que Sol, nem agua lhe faz damno, a qual commummente chamam barbuſano. Sómente a ſegunda cerca, onde eſtava o apoſento de Pate Quetir, era de ſandalo branco, e vermelho, e os páos tão groſſos, como ſe elles naſcêram pera aquelle miſter, e não pera ſe moer em hum almofariz de boticairo pera as mezinhas em que uſamos delle: tão groſſo era o cabedal daquelle Jáo Utimutirája ſogro deſte Pate Quetir, que as couſas de mercadoria aſſi as tinha em quantidade, que podia fazer huma cerca de ſandalos, como de madeira do mato, que elle tinha por vizinho. E com eſta confiança das forças que tinha feito, eſtava Pate Quetir tão ſeguro, que lhe parecia couſa impoſſivel poderem os noſſos entrar dentro; e por iſſo quando lhe diſſeram que Fernão Peres tomára a terra, polo muito que havia de fazer na entrada da primeira cerca, e depois de enxotar o grande número de gente que comſigo tinha, que poderia ſer té ſeis mil almas, não fez muita conta delle, e leixou-ſe eſtar, mandando ſeus Capitães que acudiſſem á praia, os quaes com a grande multidão da gente que traziam, em chegando ao lugar onde Fernão Peres commetteo querer entrar, deram-lhe tanto que fazer, que per hum grande eſpaço o detiveram de fó-

ra

ra da primeira cerca, no qual tempo cada hum dos nossos Capitães trabalhava por fazer alguma entrada torneando a cerca, por os Mouros acudirem todos ao lugar onde Fernão Peres commettia querellos entrar. Jorge Botelho, a quem elle tinha assinado hum lugar per onde mandou que fosse diante, correndo ao longo da cerca da parte do estreito que Affonso Pessoa passava, foi dar junto da outra segunda cerca; e como era lugar fóra da fronteria da ribeira, acertou de achar alli os páos não mui firmes, e tanto esteve aloindo nelles, que fez entrada. O qual cuidando que hia bem aviado, foi-se metter em lugar com que se houvera de perder, e vinte e tantos homens que levava: cá a este tempo Fernão Peres tinha entrada a primeira cerca, e ás lançadas hia encurrelando pera a segunda hum grande número de Mouros, ao encontro dos quaes polos entreter Pate Quetir sahia donde estava. Peró quando elle sentio nas costas a revolta de outros, com que Jorge Botelho pelejava dentro, por se melhor segurar, não curou de ir de rosto onde elle andava, e foi-se escoando pera aquella parte, onde tinha huma pequena porta pegada no mato, que vinha dar na tranqueira per que se elle esperava recolher quando se visse naquella necessidade. No qual tempo veio

dar.

dar com Jorge Botelho, que andava esgarrado dos outros Capitães, hum golpe de gente de refresco per huma ilharga, em que vinham dous Elefantes grandes armados á sua guisa, e huma Elefanta pequena, que ao modo de genete vinha diante mui ligeira no commetter. Com a qual chegada Jorge Botelho, e os seus se houveram por perdidos, porque tinham Mouros de rosto com que pelejavam, e estes tomavam-lhes huma ilharga, de maneira que tomáram por remedio encostar-se a huma parte da cerca, por segurar as costas, e lhes ficarem todolos imigos diante. E quiz sua boa fortuna, que no revolver que fizeram ficou a Elefanta dianteira a geito que hum Francisco Machado Christão novo alfaiate natural de Torres novas encarou nella com huma espingarda, e deo-lhe em parte, que deo a Elefanta dous urros, e duas voltas em redondo, ficando morta em terra, e os outros postos em fugida, e parte da gente que os seguia. E posto que entre elles houve esta revolta, nem por isso ficou Jorge Botelho tão desabafado, que não houvesse mister soccorro, por andarem todolos de sua companhia bem sangrados, principalmente Francisco Cardoso, que depois foi Almoxarife dos mantimentos do armazem de Lisboa, Bartholomeu Soares do Algarve Mestre

tre do ſeu navio, e o Condeſtabre delle, e Pedralvares do Cartaxo, que fora moço de eſporas d'ElRey D. Manuel, hum dos valentes homens que andáram naquellas partes. Os quaes ficariam alli mortos com os mais que andavam naquelle trabalho, ſe lhes não acudíra Fernão Peres, que vinha já com a vitoria da primeira cerca; e como entrou na ſegunda, não ſómente livrou a elles, mas acabou de enxotar toda a gente que havia nas cercas, que a fio ſe recolhia no mato, onde Pate Quetir ſe ſalvou. Fernão Peres como ſe vio ſenhor da fortaleza, não quiz mais ſeguir os imigos, porque ſe recolhêram elles em parte na eſpeſſura do mato, onde lhe podiam fréchar toda a gente, ſem lhe elle poder fazer damno. Sómente áquella parte per que elles podiam tornar á fortaleza, mandou pôr nella fogo pera ficar por defensão entre elle, e os imigos, em quanto os noſſos a esbulhavam, temendo que andando neſte fervor de esbulhar tornaſſem ſobre elles; mas como todos levavam mais cuidado em ſalvar as vidas, qua na fazenda que lhes ficava, tiveram os noſſos largo tempo de prear á ſua vontade. E quando foram dar com o camelo, que elles tomáram aquella manhã, o qual tinham poſto no lugar per onde Fernão Peres entrou, acháram o cepo delle todo cheio

de

de ſangue, e ſegundo ſe ſoube, era por cortarem alli a cabeça ao noſſo bombardeiro. E a cauſa foi, porque apparecendo Fernão Peres a tiro delle, mandáram-lhe os Mouros que tiraſſe; e porque o não quiz fazer, poſto que o ameaçavam com o que lhe fizeram, quiz ante ſalvar a alma que a vida. Além da artilheria, e munições, foi tanta a outra fazenda que havia, aſſi de movel do ſerviço de Pate Quetir, como de toda ſorte de mercadoria, que não ſómente ſe carregou a noſſa gente, e os Mouros, e Gentios, que foram em companhia de Affonſo Peſſoa, mas ainda outros da Cidade que concorrêram áquelle esbulho. Foram os Capitães que ſe acháram com Fernão Peres neſte feito, Pero de Faria, Lopo d'Azevedo, Vaſco Fernandes Coutinho, João Lopes d'Alvim, Jorge Botelho de Pombal, e Affonſo Peſſoa, que já nomeámos, e tanto o número dos Mouros mortos que ſe não contáram, e ſe dos noſſos não houve algum, de feridos foram aſſás, porque o feito foi mui bem commettido, e pelejado, e hum dos honrados que em Malaca ſe fez, com que Pate Quetir ficou mui quebrado.

CAPITULO II.

Como Fernão Peres d'Andrade Capitão mór do mar foi commetter a fortaleza de Pate Quetir, e depois de ter vitoria delle, ao embarcar lhe matáram gente nobre: e do que passou com Lacsamana Capitão mór do mar d'ElRey Mahamud.

PAte Quetir como era homem muito industrioso, e sabia que os nossos mui poucas cousas commettiam á borda da agua, que não levássem na mão, polo que lhe víra fazer na tomada de Malaca, tinha dentro daquelles matos nos lugares, a que elles chamam duções á maneira de nossas quintas, recolhido suas mulheres, e o mais principal de sua fazenda, e assi as pessoas nobres, que estavam com elle. Porque a estes duções estava elle mui confiado que os nossos não podiam ir: cá não tinham mais largo caminho, do que he huma vereda, indo hum homem ante outro, por tudo o mais ser mui espesso de aspero arvoredo. E tanto que houve esta quebra, por se tirar da vizinhança de Malaca, por a sua povoação (como escrevemos) ser arrebalde della, onde os nossos podiam ir per terra pelejar com elle, e mais os juncos que esperava da Jauha com mantimentos, ha-

viam

viam logo de ser tomados da nossa Armada; e sobre tudo geralmente os Mouros tem por grande agouro tornar a povoar o sitio onde huma vez foram desbaratados: foi-se mais abaixo obra de huma legua contra o cabo Rachado fazer de novo outra fortaleza de madeira dentro em huma enseada, onde havia melhor disposição, assi pera se defender, como pera recolhimento dos juncos, que lhe viessem com provimento. E como isto determinou, escreveo a El-Rey Mahamud, que fora de Malaca, dando-lhe conta da fortuna que tivera naquella entrada, que os nossos fizeram na sua povoação, e a causa donde procedêra irem a elle, e a mudança que fazia de sua vivenda, e as razões porque: pedindo-lhe, pois estes trabalhos que padecia eram polo servir, e sustentar sua opinião, mandasse a Lacsamana seu Capitão mór do mar, que não sahisse dos dous estreitos, o de Sabam, e o de Cingápura, e ás vezes désse huma vista no rio de Muar. Porque com andar per estes lugares, fazia duas cousas: a huma não vir junco per cada hum daquelles dous estreitos, que não fosse tomado per elle, pois que traziam a Malaca mantimentos, e mercadoria a seus imigos; e mais os juncos, que elle Pate Quetir esperava da Jauha, viriam mais seguros de nossas

ſas Armadas; e a outra daria cauſa a que ellas acudiſſem áquella parte, e entretanto teria elle tempo pera fazer ſua fortaleza ſem eſtar ſempre com a lança na mão, e tambem podia dar hum ſalto em Malaca, como ſe fez na tomada da barcaça com a artilheria, ſendo a noſſa Armada no rio de Muar. Ruy de Brito Patalim Capitão da fortaleza de Malaca, porque huma das couſas em que mais trabalhava era em trazer entre eſtes imigos peſſoas, que ſoubeſſem parte de qualquer movimento delles, e neſtas intelligencias, e aviſos gaſtava muito, veio ſaber parte deſta carta de Pate Quetir; e porém foi a tempo, que tinha elle já feito a ſua fortaleza de madeira no lugar que elegeo, que foi acabada em poucos dias com a muita gente que tinha. E tambem alguns dos juncos de mantimento que eſperava da Jauha eram já vindos; os quaes tantos que chegáram, e foram deſpejados, em quanto lhe não fazia tempo pera ſe tornar, ordenáram-ſe logo pera ſe defender, temendo noſſa Armada. E porque o lugar per onde os noſſos podiam commetter entrar na fortaleza era de vaſa, e a teſta do ſecco da terra ſoberba a modo de alcantilada, puzeram os juncos com as popas em ſecco hum junto do outro de maneira, que ficavam hum baluarte com muita artilheria

que

que tinham. Sabendo Ruy de Brito, e Fernão Peres como Pate Quetir já estava fortalecido, e provído de mantimento, e que isto respondia ao que tinham sabido da carta que diziam elle ter mandado a ElRey Mahamud, houveram que todo o mais della era verdade, e que se urdia huma tea trabalhosa pera desfazer, ou cortar se fosse mais avante. *Finalmente havido conselho com todolos Capitães, assentáram que* Fernão Peres fosse commetter aquella fortaleza, e trabalhasse por a desfazer: e prazeria a Deos que lhe seria mais leve de tomar, do que foi a outra que lhe queimou, com que acabariam de destruir este Jáo, que os inquietava. Partido Fernão Peres com todolos Capitães a este feito, quando vio o sitio, e modo como os juncos estavam, e que commettellos de rosto era cousa mui perigosa, afastou-se hum pedaço da fronteria delles, e sahio mais a baixo com toda sua gente em hum corpo. Ao encontro do qual, depois que foi em terra, (porque de industria ao desembarcar não o quizeram impedir,) sahíram huns poucos de Jáos ao modo de cilada de dentro de hum palmar, os quaes tanto que os nossos começáram ferir, foram-se recolhendo pera o palmar, mostrando temor. E como os tiveram bem afastados da ribeira, e engodados na

vitoria, ſahio do palmar hum corpo de gente groſſa, e aſſi apertou com os noſſos, que os fizeram vir recolhendo té que paſſado aquelle primeiro ſubito, tornaram a elles já em modo de vingança, com que os fizeram logo recolher delles ao palmar, e outros á fortaleza. A qual per o circuito de fóra, além de ſer terra alagadiça, e retalhada em eſteiros á mão, per dentro tambem era feita hum labyrintho com levadas, cavas, e paliçadas de madeira, per onde os Mouros andavam tão leves, como per hum campo mui deſpejado, e os noſſos carregados de armas, ſe queriam dar hum ſalto, cahiam no meio da vaſa. Fernão Peres, depois que á ponta do ferro deſpejou hum terreiro da primeira cerca, quando entrou na ſegunda, onde havia eſtes impedimentos, não quiz metter a gente naquelle labyrintho, e mandou pôr fogo a hum lanço da fortaleza, e que ſe recolheſſem, por não vir o fogo, e lhes fazer algum damno. E andando já o fogo ateado nella, e aſſi em humas lancharas mettidas em hum eſteiro, acertou de ſe embarcar com Ruy d'Araujo em hum paráo tanta gente, que não pode nadar, e como a maré vaſava, ficou envaſado na vaſa. Os Mouros como vinham ladrando trás os noſſos, (por eſte lugar ſer alcantilado,) ven-

do de cima como os do paráo eſtavam prezos, começáram de frechar, e alancear nelles, ſem perder lança, nem frécha. Fernão Peres que eſtava mais em baixo já embarcado pera vir do mar pôr fogo aos juncos, quando vio o que padeciam eſtes do paráo, mandou remar contra elles, bradando aos outros paráos, que eſtavam pouco carregados, que acudiſſem áquelle: chegando os quaes, foi tamanha a revolta dos que eſtavam no paráo pera ſe paſſar a elles, que ſe mettiam bem pela agua. Ruy d'Araujo, cujo era o paráo, querendo-ſe tambem paſſar aos outros, travou-lhe da ſaia de malha que trazia hum tolete do remo, com que foi retido pera ſempre: cá neſte deſempeçar veio huma lança de arremeſſo, que o matou, e foi cauſa de morrerem outros; porque cobráram os Mouros tanto animo neſte embaraçar dos noſſos, que deſcêram abaixo, mettendo-ſe na agua ás lançadas com elles; na qual revolta morrêram eſtes Capitães, Chriſtovão Maſcarenhas, Antonio d'Azevedo, Jorge Garces filho do Secretario Lourenço Garces, e aſſi matáram Chriſtovão Pacheco, e outros té número de doze peſſoas. O qual deſaſtre favoreceo tanto a Pate Quetir, que dahi em diante começou de querer per terra commetter a tranqueira da Cidade, onde eſtava Affonſo

Peſ-

Peſſoa, ao qual Ruy de Brito per morte de Ruy d'Araujo proveo de Feitor, por os trabalhos que neſte lugar tinha levado. ElRey Mahamud como ſoube de Pate Quetir eſta vitoria que houvera, começou de pôr em obra o que lhe elle per ſua carta mandára pedir, ácerca de o favorecer com a Armada de Lacſamana per os lugares que lhe apontára, o que té então não fizera, parecendo-lhe que ficára daquella feita, que Fernão Peres lhe queimou a povoação Upi, tão quebrado, que não levantaria mais cabeça. E não paſſáram muitos dias depois da morte deſtes noſſos, que Lacſamana não veio ao rio de Muar, onde Fernão Peres determinou de o ir buſcar: cá pelo que tinha ſabido dos aviſos que mandavam a Ruy de Brito, ſabia ſer elle vindo alli pera favorecer a Pate Quetir. Porém Lacſamana como era ſabedor na guerra, e não queria haver rompimento com Fernão Peres de batalha de peſſoa a peſſoa, ſómente andar ladrando derredor daquella Cidade, e polla em cerco de lhe não virem mantimentos, tanto que teve aviſo que elle partia de Malaca, ſahio-ſe do rio de Muar pera ſe metter per o eſtreito de Cingápura, cá por não ſer ſabido inda dos noſſos iſto lhe faria não ouſarem de entrar per elle. Mas não ſe pode tão preſtes acolher, que Fernão Peres o

não

não alcançasse junto de hum esteiro largo, e que entrava muito pola terra, onde se este Laclamana recolheo, pera ter favor de alguma gente, que havia em terra. E tanto que foi dentro no lugar melhor dispósto pera se defender, varou quasi em secco todas suas lancharas, e calaluzes, que seriam mais de cincoenta peças, todos navios subtis, que demandão pouco fundo á maneira de fustas, e bargantis, parte dos quaes estavam com as proas em terra, e o mais na agua, assi juntos em bastida, que pareciam hum solhado de madeira, que se podia andar por cima, todos com sua artilheria posta em ordem. E arredados destes, mandou pôr algumas lancharas das maiores atrevessadas, que emparassem as outras, e dar-lhes furos, com que se enchêram de agua, pera que quando os nossos o viessem demandar, não pudessem chegar com esta defensão. Fernão Peres quando o achou posto nesta ordem, vendo que lhe não podia chegar com as lancharas alagadas, as quaes ficáram á maneira de recife de pedras com canaes retrocidos, pera os nossos bateis se atravessarem, poz-se com hum navio, e huma galé, de que eram Capitães Jorge Botelho, e Pero de Faria, hum pouco de largo, temendo que lhe ficassem em secco, por começar a maré a descer, e com a mais

Armada, que tudo eram bateis, e outros navios de remo dos da terra, chegou-ſe ás lancharas, que eſtavam alagadas. E poſto que logo em chegando não as poder paſſar, tanto que a maré as começou deſcubrir, e os noſſos víram per onde podiam andar de humas em outras, foram dar com as que eſtavam por fortaleza; na chegada dos quaes houve tanto tiro de huma, e da outra parte, que andava o ar, e o mar coalhado de ſettas, e fréchas. Porque além de Lacſamana trazer comſigo muita gente, a maior parte della Jáos, homens mui atrevidos em commetter, e animoſos em eſperar, da terra concorreo alli muita gente; e poſto que ſe não metteſſe nas lancharas de Lacſamana, por não poderem caber nellas, era tão perto delles aos noſſos, que com as fréchas hiam fréchar a gente dos navios, que eſtavam afaſtados. A artilheria dos quaes não tirava de fóra, temendo que poderiam fazer damno aos noſſos dos bateis, que andavam envoltos com os imigos, e tão travados, que não havia entre elles mais eſpaço, que o comprimento de arma, com que ſe feriam. Peró como a maré era já tanta, parte della vaſia, que eſtes noſſos que pelejavam, temêram que podiam ficar em ſecco entre as lancharas alagadas, e as da terra com que contendiam, alargáram-ſe

del-

dellas pera o mar, trazendo alguns calaluzes dos imigos, que puderam tomar, aos quaes puzeram fogo entre as lancharas alagadas, por se atear nellas; mas os Mouros o apagáram logo, e com este despejo a nossa artilheria começou a jogar. A qual lhe fez tanto damno, que senão sobreviera a noite, muito mais houvera de lavrar nelles do que lavrou o ferro dos nossos em espaço de tres horas, que mão por mão pelejáram com elles; posto que a peleja foi tão crua, que houve dos nossos muitos feridos. Lacsamana, posto que tambem teve feridos, e mortos, todo seu cuidado daquella noite foi ordenar-se como poderia escapar de não pelejar outra vez; porque nas tres horas da peleja daquelle dia passado experimentou que vinda a manhã, tornando Fernão Peres a commettello, não lhe ficaria homem vivo, vendo que tanto damno lhe fazia o animo dos nossos em commetter, como dos seus Jáos em esperar, offerecendo-se á morte como salvagens por se vingar. Finalmente com a muita gente que tinha, aquella noite assi os navios alagados, como por alagar, elle os varou todos em terra; e diante delles com madeira, e terra fez hum repairo tão forte, como o pudera fazer muito de vagar em tres, ou quatro dias. Fernão Peres per sua

parte tambem curados os feridos, á maneira de pescador que atravessa o rio com sua rede, por não perder o peixe que corre, com todolos navios que tinha de terra a terra atravessou todo o rio, temendo que Lacsamana aquella noite não se lhe fosse pera fóra. Porém quando amanheceo, que elle vio a maneira da força que elle Lacsamana tinha feita, ficou espantado, e teve-o por homem de grande espirito, e industria: cá não sómente fez cousa que havia mister muita gente, e munições pera a commetter; mas ainda foi tão caladamente, que de o não sentirem cuidava elle Fernão Peres que fugíra pelo rio assima com parte da frota. E o que ainda lhe deo presumção desta ida foi, porque ante manhã acabada a obra, como quem repicava em salvo, mandou Lacsamana tanger todolos seus sinos, que são de metal ao modo de bacias grandes, e dellas taes, que o seu tom quando são muitas em huma frota, se ouvem no mar huma legua. A qual alvorada Fernão Peres cuidou que dava a gente da terra áquelle tempo per industria delle mesmo Lacsamana, porque cuidassem os nossos estar elle alli, e que de seguros disso não o iriam commetter senão manhã clara, e elle com isto teria mais tempo pera remar pelo rio acima. Vendo Fernão Peres o mo-

do que eſte Capitão teve no recolher-ſe naquelle rio, furtando a volta a Jorge Botelho, que cuidava que quando entrou primeiro nelle, lhe tomava adiante, pera ſe não poder acolher per elle aſſima, e aſſi a induſtria tão incontinente que teve no alargar das ſuas lancharas por lhe não chegarem, e o que fez aquella noite, teve conſelho com os Capitães, e aſſentáram não ſer a força que elle tinha feito couſa pera commetter, por não terem gente, nem munições pera iſſo, e que aventuravam perderem-ſe todos, e mais quantos ficavam em Malaca, pois a vida dos que lá eſtavam pendia da defensão delles, fazendo conta de o tornar a buſcar apercebidos de outra maneira, pera o commetterem em qualquer parte que ſe recolheſſe: com a qual determinação por eſpedida mandou Fernão Peres esbombardear-lhe os navios per todo aquelle dia, e de noite partio-ſe pera Malaca onde chegou.

CAPITULO III.

De algumas cousas que Fernão Peres fez, e passou: e da grande fome que houve em toda a terra: e como com o soccorro que Affonso d'Alboquerque mandou da India, Fernão Peres destruio Pate Quetir, o qual fugio pera a Jauba.

PEra os nossos não ficarem magoados, e meio injuriados de leixarem aquelle imigo sem maior castigo, e mais glorioso polo não commetterem naquella força que fez, permittio Deos que achassem em Malaca tres navios, que eram vindos da India com toda a munição, e provimento necessario áquella fortaleza, e com cento e cincoenta homens, dos quaes navios eram Capitães Francisco de Mello, Jorge de Brito, e Martim Guedes. O qual soccorro que Affonso d'Alboquerque mandava, animou tanto a todos, que se pudéra ser logo aquelle dia, os que vinham com Fernão Peres quizeram tornar, pera cumprir o que assentáram com elle de tornarem mais providos do que hiam pera castigar aquelle Mouro que ficava soberbo. Porém como Pate Quetir naquelle tempo o andava mais polos nossos Capitães, que morrêram na sua povoação; e tanto que Fernão Peres partio em

bus-

busca de Lacsamana, não sómente mandou per terra dar rebate de noite na tranqueira de Affonso Pessoa, mas ainda com balões, que são barcos subtis, mandava entrar os esteiros, que cércam a povoação da Cidade daquella parte, a pôr fogo, e prear qualquer pessoa que podiam haver á mão: quiz Ruy de Brito Patalim, primeiro que Fernão Peres tornar-se em busca de Lacsamana, ter geral conselho, que cousa convinha mais fazer-se por então, conformando-se tambem com as cartas que Affonso d'Alboquerque escrevia da India. A substancia das quaes era, que em nenhuma outra cousa entendessem, senão em segurar a fortaleza daquella Cidade; e que em quanto podia correr perigo de per alguma maneira poder ser tomada, ou a povoação da Cidade de a queimarem, ou destruirem de maneira, que os moradores a despovoassem, e se fossem viver a outra parte, per nenhuma necessidade o Capitão mór do mar Fernão Peres se apartasse della. E que pera ir aos estreitos de Sabam, e Cingapura em favor das náos, que costumavam vir á Cidade com mercadorias, e assi contra Lacsamana Capitão mór d'ElRey Mahamud, ou a outra qualquer necessidade, elle mandava aquelles tres Capitães, e gente, e mais Officiaes pera corrigerem quaesquer navios, e fazerem seis

ga-

galés, a qual Armada se podia repartir em duas partes, huma pera ficar em guarda da Cidade, e a outra parte pera acudir ao de fóra. Assi que havendo respeito a estas cousas, por alguns dias não se entendeo em outra senão em repairar os navios que tinham necessidade de corrigimento, e concertaremse alguns navios da terra que suppríram em quanto não havia galés. No meio do qual tempo assi por causa da gente que veio da India, como por não virem os juncos da Jauha, que só hiam trazer mantimentos á Cidade, os quaes Lacsamana tomava no caminho, começou ella de se ver em tamanha necessidade delles, que vieram os nossos a não comer mais que huma vez no dia, e isto muito pouca quantidade de arroz cozido em agua, sem mais outra cousa. E entre os Mouros, e gente da terra era tamanha, que a gente pobre se achava morta pelas ruas, e os mais delles senão morriam á fome, eram mortos per as tigres do mato, onde esta pobre gente hia buscar alguma fruta agreste, e tallos de hervas pera comer, a qual necessidade tambem Pate Quetir padecia em sua povoação. Finalmente em todos era tão grande fome, que ella veio fazer tregua ante elle, e os nossos de maneira, que cada hum andava mais occupado em buscar de comer, que pelejar; e o

que

que cauſou tambem eſta neceſſidade foi por não ſerem os mezes de monção, e tempo pera os irem buſcar á Jauha, porque toda a terra vizinha de Malaca, e ella de lá ſe mantem. Vindo eſte tempo que podiam ſahir, aſſentou Ruy de Brito com Fernão Peres que repartiſſe a Armada que tinha em duas partes, a dos maiores navios ficaſſe em guarda da Cidade, ſegundo Affonſo d'Alboquerque eſcrevia, e a outra de navios de remo levaſſe elle, e foſſe fóra do eſtreito de Cingapura em buſca de alguns juncos de mantimentos, por ſer o tempo que ſe elles navegam da Jauha. Aſſentada eſta ida, partio Fernão Peres com dez, ou doze navios dos redondos, Capitães Jorge Botelho, e Martim Guedes, e Pero de Faria na ſua galé, e os outros eram navios de remo da terra, levando comſigo o Tamungo da Cidade, que era hum Mouro principal, homem fiel, e que por tal lhe dera Affonſo d'Alboquerque aquelle officio de Tamungo, que he quaſi como patrão da ribeira. Porque como era homem que ſabia bem a navegação daquella parte, e Fernão Peres havia de entrar pelo eſtreito de Cingapura, que não era mui navegado, convinha-lhe quem o levaſſe per lugar ſem perigo: cá eſte eſtreito o he tanto, que em parte as entenas da náo vam dando pelas ramas

mas do arvoredo, que eſtá ao longo da agua. E em verdade eſte lugar a que elles chamam eſtreito he mais eſteiro, que córta huma ponta de terra daquella parte de Malaca, que algum eſtreito notavel; e o outro de Sabam, que vai ao longo da Ilha Çamatra, he muito maior, e por iſſo mais navegado. E ante que Fernão Peres chegaſſe a outro, indo per hum canal, que vai dar no de Sabam, como Pero de Faria hia diante na ſua galé, foi dar com hum junco grande que eſtava ſurto, o qual entreteve ás bombardadas té chegar toda a frota, com que ſe elle rendeo. Entrado eſte junco, ſoube Fernão Peres do Capitão delle que hia pera Pate Quetir carregado de mantimento, armas, e munições; e porém não ſoube então como vinha alli hum filho de Pate Quetir, e que elle fizera que ſe rendeſſe; e a cauſa foi, porque eſperava de ſe ſalvar per manha, vendo que o não podia fazer per armas. Fernão Peres como tinha a preza que deſejava, que eram mantimentos, e mais tomados a ſeu imigo, quiz logo ſegurallos; porque como ſabia que os Jáos tem por coſtume, quando ſe vem tomados, alagam parte da náo, por não cahir neſte perigo, veio a cahir em outro maior, com que houvera de perder a vida. E foi que baldeados os mantimentos em o navio

de

de Martim Guedes, em que elle eſtava, e no de Jorge Botelho, recolheo comſigo o Capitão, e principaes peſſoas que andavam no junco, a que mandou tomar armas, e permittio que andaſſem ſoltos pelo navio. Os Jáos como he gente deſeſperada, e que não temem que os matem, depois que commettem o crime, que elles deſejam commetter, com criſes pequenos, armas á maneira de noſſas adagas, que lhes ficarem ſecretas, determinÁram de matar quantos pudeſſem em o navio, e primeiro que todos o Capitão. Hum dos quaes a que era commettido eſte feito em começar nelle, não eſperou mais que vello apartado da gente; e eſtando Fernão Peres encoſtado ao propáo do navio, per detrás deo-lhe com o cris pelas coſtas: peró quando veio a ſegunda, que Fernão Peres teve tempo de ſe reſguardar delle, acudio gente não ſómente ſobre eſte, mas ſobre os outros que começavam per o navio de fazer ſua obra. Finalmente ſem fazerem mais damno foram prezos huns delles, e os outros ſe lançáram a nado, e ſalváram-ſe em terra, por ſer perto della. Acabado eſte alvoroço, e Fernão Peres curado, mandou metter a tormento o Capitão do junco, que ficou tomado com os outros, que ſe não puderam ſalvar a nado, e fez-lhe perguntas com que fundamento commet-

mettiam aquelle feito, e se eram da Jauha partidos mais juncos em favor de Pate Quetir, e outras cousas que convinham pera sua informação. O qual respondeo, que seu fundamento era a natureza dos Jáos matar quem os cativa, ou a pessoa de que recebem mal; e quanto a se eram partidos juncos da Jauha, em sua companhia vieram tres, os quaes ficavam no estreito de Cingapura, donde não haviam de partir té verem recado seu, porque elle vinha diante em maneira de descubridor, temendo podello topar, e que entre aquelles tomados estava hum filho de Pate Quetir. Fernão Peres tanto que teve esta informação, mandou arrecadar estes cativos, e partio-se com aquella preza pera Malaca, e dahi mandou Jorge Botelho, e Lopo d'Azevedo em seus navios buscar os juncos onde lhe disseram o Capitão Jáo, os quaes elles tomáram levemente, e trouxeram á Cidade. E neste mesmo tempo chegou de Pegu outro junco de mantimentos, no qual vinha Gomes da Cunha, que Affonso d'Alboquerque lá enviou assentar paz com o Rey da terra, notificando-lhe a tomada de Malaca, e que seguramente podia mandar seus juncos, e vassallos a ella pera o negocio do commercio, como sempre fizeram. E porque com a tomada destes juncos, que vinham pera Pate Que-

Quetir ella ficou mui quebrado, e com muita dor por causa do filho que lhe cativáram, (posto que dahi a poucos dias o mancebo fugio da prizão, e se foi pera elle,) e os nossos ficáram com as forças restituidas da fome passada, assentou-se em conselho entre todolos Capitães, que ante de Pate Quetir se prover, dessem sobre elle, porque com elle destruido perderia ElRey Mahamud a esperança que tinha de cobrar Malaca com sua ajuda, e Lacsamana não viria dar os rebates que dava. Partido Fernão Peres com toda a sua frota, e a mais gente que pode levar, e outra per terra pela maneira que Affonso Pessoa foi duas vezes, deo-lhe Deos tal vitoria que matáram muita gente a Pate Quetir, e queimáram-lhe aquella força, e elle acolheo-se ao mato com mui poucos, e desta feita ficou tão destruido, e quebrado no animo, que não ousando esperar alli mais, em dous juncos que alli estavam da Jauha, se partio pera lá com determinação de não tornar mais a Malaca; e no modo de sua partida teve tanto segredo, e astucia, que havia tres dias que era partido sem se saber em Malaca. E parecendo-lhe a Fernão Peres que o podia alcançar, foi trás elle té vazar fóra do estreito de Sabam, per onde elle havia de fazer seu caminho, e em lugar delle topou com Lacsa-

ma-

mana, que andava alli eſperando os juncos, que vinham per Malaca: peró não houve entre elles peleja, poſto que Fernão Peres o ſeguio huma tarde toda, peró que côm a vinda da noite Lacſamana eſcapulio per entre aquellas Ilhas ſem mais delle haverem viſta. Vendo Fernão Peres que andar lá mais dias era tempo perdido, e mais governando pela pilotagem dos Mouros da terra, porque ainda os noſſos Pilotos não tinham navegado daquelle eſtreito por diante, tornou-ſe pera Malaca, onde achou quem lhe contou daquella navegação, que foi Antonio d'Abreu, que Affonſo d'Alboquerque tinha mandado ás Ilhas de Maluco, (como eſcrevemos.) Da viagem do qual, e do que elle, e Franciſco Serrão, que hia em ſua companhia paſſáram, adiante faremos relação, quando começarmos a tratar em o deſcubrimento das Ilhas de Maluco, onde elles eram enviados. E ſegundo o tempo em que elle Antonio d'Abreu veio, que foi andando Lacſamana atraveſſando os mares per fóra das bocas daquelles dous eſtreitos, Cingapura, e Sabam, e aſſi ſer partido Pate Quetir pera a Jauha, pelo qual caminho elle Antonio d'Abreu vinha, foi grão dita não o toparem, e muito maior partir-ſe naquelle meſmo tempo Pate Quetir; porque ſe dilatára ſua partida vinte

dias,

dias, ſe Deos milagroſamente não defendêra Malaca, houvera-ſe de perder, polo que ſuccedeo com huma groſſa Armada que veio da Jauha, como ſe verá no ſeguinte Capitulo.

CAPITULO IV.

Em que ſe deſcreve a Ilha Jauha: e como hum Principe della chamado Pate Unuz fez huma mui groſſa Armada pera vir ſobre Malaca: e o que os noſſos ſobre iſſo fizeram.

A Terra Jauha he huma Ilha, que eſtá ao Oriente de Çamatra, tão vizinha a ella que entre ambas fica hum eſtreito, que ſerá de largura té quinze leguas. O lançamento deſta Ilha Jauha he quaſi pelo rumo de Levante, e Ponente; tem a primeira ponta Occidental em altura de ſeis gráos do pólo do Sul, e em ſete e meio a outra Oriental, e aqui faz outro boqueirão, porque ſe vam continuando a eſta primeira huma corda dellas grandes, e per grande eſpaço contra o Oriente. Terá de comprimento eſta Ilha Jauha cento e noventa leguas, e da largura não temos certa noticia, por aquella face do Sul não ſer ainda por nós navegada; e ſegundo fama dos naturaes, toda a coſta daquella parte por razão do grande golfão do mar do Sul, he

de

de poucos portos, e estes que habitam a parte do Norte, não se communicam com o Gentio daquella costa: cá per meio da Ilha ao comprimento della corre huma corda de serrania que os impede, e todavia dizem que a largura desta Ilha será o terço de seu comprimento. Geralmente he povoada de povo idólatra, a que chamam Jáos do nome da terra, gente da mais policia daquellas partes, a que segundo elles dizem veio alli povoar da China; e parece dizerem verdade, porque no parecer, e no modo de sua policia imitam muito aos Chijs, e assi tem Cidades cercadas, e andam a cavallo, e tratam o governo da terra como elles. Porém depois que Mouros de Malaca navegáram a ella, de mercadores pouco, e pouco se fizeram conquistadores, tomando posse das Cidades portos de mar, com o que o Gentio ficou sem navegação; e por causa da guerra que lhe os Mouros faziam, começáram de se recolher pera dentro da terra ao pé da serra, que dissemos. E entre alguns Mouros da mesma linhagem dos Jáos, (porque per doutrina dos Malayos se convertêram muitos Jáos,) ao tempo que nós tomámos Malaca, era o principal Senhor da Cidade Japára hum per nome Pate Unuz, o qual depois se fez Rey da Çunda, como veremos adiante. Este como

mo era homem poderoso, e aparentado, e que per modo de cossairo se tinha feito senhor da terra, tomou pensamento de vir sobre a Cidade Malaca, vendo que a maior parte dos moradores della eram Jáos, em os quaes elle havia de ter muito favor. Finalmente com este pensamento começou de mandar fazer hum junco, que sería em carga do tamanho de huma das nossas náos de quinhentos toneis, ao qual mandou lançar outro costado, e sobre este outros té número de sete, com hum certo betume de cal, e azeite entre costado, e costado, a que elles chamam lapes, com que o junco ficou de tres palmos de grossura de maneira, que em qualquer parte que o puzessem podia servir de hum forte baluarte. Fazendo elle Pâte Unuz fundamento, que quando na primeira chegada, com a muita gente que esperava levar, não pudesse tomar a Cidade, com este junco em modo de fortaleza se leixaria estar sobre ella defendendo não entrar, nem sahir cousa alguma, com que a tomaria á fome; e além deste junco fez outros navios, na qual obra se deteve sete annos. E quando soube que Affonso d'Alboquerque com menos Armada, e gente do que elle esperava levar, tomára a Cidade, cobrou maior animo, concebendo esperança de nos lançar fóra, porque os mes-

mos Malayos em odio nosso seriam em sua ajuda. E porque já com esta côr de nos lançar de Malaca, podia encubrir seu principal intento, começou de ter algumas intelligencias com os principaes Jáos que viviam em Malaca, principalmente com Utimutirája em quanto viveo, e depois com Pate Quetir, e Çuria Deva, que eram os mais poderosos, os quaes liberalmente lhe fizeram offerta de suas pessoas, e o feito mui leve de acabar, apressando-o muito que viesse a elle. Finalmente elle se fez prestes com noventa vélas, de que a maior parte eram navios pequenos de remo de toda sorte, e os mais juncos, em que entravam além deste notavel que dissemos, outros mui grandes, assi como hum em que vinha hum Jáo mui poderoso Senhor da Cidade Polimbam, que era a segunda pessoa desta Armada, ao qual chamavam Timungam. E em outro junco vinha hum seu sobrinho, que por ser homem de sua pessoa era temido naquellas partes, e assi outros Jáos principaes, trazendo todos voz que nos vinham lançar da terra, sem algum delles saber a tenção de Pate Unuz, sendo elles convocados per elle com a voz que todos traziam, na qual Armada, (segundo fama,) viriam doze mil homens, com muita artilheria feita na Jauha, por serem grandes homens de fun-

fundição, e de todo lavramento de ferro, e outra que houveram da India. A nova da vinda deste Pate Unuz, posto que se encubrio muito tempo aos nossos, foi sabida em Malaca na entrada de Janeiro do anno de quinhentos e treze, a tempo que Fernão Peres estava de todo prestes pera se partir pera a India com as tres náos carregadas da Armada de Diogo Mendes de Vasconcellos, que por serem de armadores, per ordenança de Affonso d'Alboquerque, (como atrás fica,) haviam de vir a este Reyno com carga de especiaria. Sobre o qual caso, sem ter mais noticia do número, e poder das náos, sómente por lhe certificarem alguns mercadores que tinham nova da vinda deste Jáo em ajuda de Pate Quetir, Ruy de Brito, e Fernão Peres com todolos Capitães em conselho assentáram ser serviço d'ElRey ir Fernão Peres com toda a Armada esperallo ao estreito de Sabam, onde se podia melhor ajudar delle. Partido Fernão Peres a este caso, não achou em todo o estreito nova, nem noticia de tal Armada; e porque os nossos sempre andavam suspeitos com as novas que davam os Mouros, por as mais vezes serem falsas, tornou-se Fernão Peres a Malaca acabar de se aperceber pera a India. E havendo cinco, ou seis dias que elle era vindo daquelle

estreito, tendo já fóra toda a artilheria que levava da fortaleza, e estando quasi de todo carregado, e de verga d'alto pera fazer sua viagem, eis-aqui apparece contra o Cabo Rachado, que he de Malaca obra de tres leguas contra a India, todo o mar coalhado de vélas da Armada de Pate Unuz. O qual de industria por dar de subito sobre a Cidade, tanto que passou o estreito de Sabam, foi-se cozendo com a terra de Çamatra, que está defronte de Malaca, mettendo-se per entre as Ilhas por se encubrir, té que veio sahir por o rio chamado Cyaca, e dalli atravessou a terra de Malaca, e descahindo com as aguas, vinha demandar a Cidade per aquella parte por segurar os nossos: cá se fosse visto cuidariam que eram vélas da India, que ficava daquella parte do Ponente, onde elle apparecia, e não da Jauha, que jaz ao Levante de Malaca. Vista tão grande frota, entendêram os nossos ser Pate Unuz, e logo em continente tiveram os Capitães conselho, no qual entre Ruy de Brito Capitão da fortaleza, e Fernão Peres houve algumas palavras, dizendo Fernão Peres a Ruy de Brito, que se queria metter na nossa Armada como pessoa principal, que elle se fosse a sua fortaleza, de que tinha dado menage, e leixasse a elle usar de seu officio de Capitão mór do mar.

To-

Todavia naquelle primeiro conselho, como quem acode a hum fogo geral, porque o tempo não dava lugar a mais, todos se armáram, e mettêram em os navios, Ruy de Brito em a galé de Pero de Faria, e Fernão Peres na sua náo, leixando em guarda da fortaleza Aires Pereira Alcaide mór della, Pero Pessoa Feitor, e Antonio d'Abreu por doente, que havia poucos dias que viera de descubrir Maluco, e com elles té vinte homens. Seriam as vélas que se apercebêram contra Pate Unuz dezesete, de que eram Capitães Fernão Peres, João Lopes d'Alvim, Lopo d'Azevedo, Francisco de Mello, Jorge de Brito, Joannes Impoia senhorio da náo em que hia, Jorge Botelho, Martim Guedes, Vasco Fernandes Coutinho, Christovão Mascarenhas, e Pero de Faria, com quem se metteo Ruy de Brito, e Tuam Mahamed Tamungo de Malaca, homem fiel, e cavalleiro em hum junco da China seu, na qual frota iriam té trezentos e cincoenta Portuguezes, e alguns naturaes da terra homens havidos por fieis. Partida esta frota contra onde vinha Pate Unuz, metteo-se hum pouco ao mar por lhe darem a elle a parte da terra, por verem que se cozia com ella, como quem não queria perder aquella posse, levando ante si abrigados da nossa frota todolos na-

vios

vios miudos. Porém como vio o navio de Jorge Botelho, que por ser pequeno, e veleiro se adiantou das outras vélas, espedio de si obra de vinte navios de remo, que lho viessem tomar; mas elles acháram tal salva nelle, que se tornáram a recolher, com o qual temor Jorge Botelho cobrou mais animo de se chegar a elles té vir a tiro dos juncos mais principaes. Na esteira do qual por se remar bem, foi a galé de Pero de Faria, e assi servíram ambos com artilheria ao junco de Pate Unuz, que começou elle de se abrigar com os juncos que levava junto de si, té que chegou o corpo da nossa Armada, que fez maravilhas nelles, não sómente com os pelouros, mas ainda com as rachas da madeira que faziam nos juncos, que matou muita gente; sem em todo este tempo Pate Unuz tirar, sómente levar sua Armada como hum esquadrão cerrado ao longo da terra, té que em se cerrando a noite tomou o pouso defronte da povoação Upi, e parte ao longo da Cidade, como quem queria ter communicação com ella, e os nossos foram tomar o seu defronte da fortaleza.

CA-

CAPITULO V.

Como Pate Unuz não ousando commetter a nossa Armada, nem menos sahir em terra, por conselho que teve, se partio: e Fernão Peres foi trás elle, e o desbaratou.

AInda que a noite, aos que per armas contendem de dia, he hum grande remedio pera tomar folego do trabalho passado, cada huma destas frotas teve aquella noite tanto que fazer em se aconselhar, e prover, que não houve algum homem de armas que a dormisse, quanto mais os Capitães, e pessoas notaveis, de quem dependia a conclusão do que se havia de fazer. E entre os nossos houve ainda maior trabalho, que ácerca dos imigos: cá estes tratavam como se haveriam naquelle caso, e elles tinham contenda de paixões de jurdição, donde foram as palavras de Fernão Peres com Ruy de Brito Patalim, o qual aquella noite com todolos Capitães em a galé de Pero de Faria teve conselho, sem Fernão Peres querer ir a elle. No qual conselho, posto que houve muitos, e differentes pareceres, todavia se resumíram neste: que Fernão Peres devia mandar pera a India as nãos de armadores, que estavam carre-

regadas de especiaria a pedir soccorro, e que neste tempo podiam soster-se em cerco; porque ainda que aquelle Jáo não fizesse mais que tellos cercados, mais risco corriam por causa dos mantimentos haver na fortaleza muita gente, que pouca. E que com navios pequenos que ficassem, Fernão Peres se devia pôr na boca do rio pegado na ponte, por as lancharas dos imigos não fossem pelo rio acima a poiar gente em terra, pera vir cercar a fortaleza, e a combaterem: e que elle com o abrigo da ponte, onde se faria huma tranqueira, ficava seguro, se o viessem commetter; e quando não pudesse sustentar a força dos imigos, ficava-lhe lugar pera se acolher á fortaleza. Da qual determinação se fez hum Auto assinado per todos em modo de requerimento, que Ruy de Brito per hum Escrivão mandou a Fernão Peres: a tanto chegam as paixões de competencia em casos de honra entre Portuguezes, que quando os outros se estam armando, estam elles em requerimentos, e protestos de papel, e tinta. Fernão Peres a este de Ruy de Brito respondeo, que elle tinha dito o dia d'antes sobre aquelle caso o que esperava fazer com aquella Armada, de que era Capitão mór, que era pelejar com aquelle Jáo: e elle Ruy de Brito devia estar em a fortaleza, de que de-

dera menage, e defender-se com a gente, que pera ella lhe fora ordenada, se os Jáos a quizessem combater. E que deste seu voto ser o principal, que convinha a estado d'ElRey, e honra de quantos alli estavam em seu serviço, elle tomára já experiencia a tarde passada no modo da vinda da Armada dos imigos, em que entendeo que Pate Unuz mais conta fazia de tomar a terra, e de se ajudar do favor dos da Cidade, que de pelejar no mar, por isso elle esperava em Deos de o lançar dalli, e sua determinação era dar nelle em rompendo a Lua. Ruy de Brito quando vio esta resposta de Fernão Peres, em que tambem se assináram alguns Capitães da sua Armada, que com elle estavam, confirmando o que elle dizia, ordenou em terra aquella noite quanto se pode fazer. Huma das quaes cousas foi, mandar derribar da ponte do rio, per que se passava da povoação dos Mouros á fortaleza, a maior parte dos páos que puderam, e alguns ficáram dependurados, pera as lancharas dos imigos, ainda que quizessem ir pelo rio assima, o não pudessem fazer: e assi fez huma tranqueira no fim da ponte da parte da fortaleza, porque os Mouros não pudessem vir a ella, temendo que se Pate Unuz tomasse a Cidade, todos se haviam de ajuntar com elle. Fernão

não Peres tambem não pera se defender, mas commetter os imigos, toda a noite gastou em ordenar artificios de fogo, e dar ordem aos Capitães como se haviam de haver no commettimento daquelle feito. Tomando por conclusão, que tanto que rompesse alva, dar sobre os navios pequenos, que lhe ficavam mais vizinhos, e lançáram-lhe dentro huma chuva de panellas de polvora, bombas, e rocas de fogo pera os queimar; porque como estavam apinhoados, primeiro que se apartassem huns dos outros haviam de arder muitos. E leixando estes em poder do fogo, e em favor delle os seus navios pequenos, que com a artilheria desatinassem os Jáos, pera o não poderem apagar, com as outras vélas grandes iria elle demandar os principaes juncos, onde despenderiam quanta polvora tivessem, e per derradeiro os iriam abalroar, e o mais o tempo daria conselho, e Deos teria cuidado delles, pois confessavam o seu nome. E porque temeo que os imigos de noite os viessem commetter, além da vigia que elle Fernão Peres encommendou aos Capitães, mandou-lhes que estivessem todos com as ancoras a pique a volta de cabrestante, porque não os tomassem prezos nellas. Pate Unuz tambem onde estava teve seu conselho não sómente com os Capitães que tra-

trazia, mas com alguns Jáos da Cidade, de que logo foi visitado, que eram aquelles, com que tinha prática sobre sua vinda, o principal dos quaes era Curia Deva. E posto que estes o animáram muito pera aquelle feito a que vinha, quando soube delles como Pate Quetir era partido pera a Jauha, e o modo como foi desbaratado, ficou mui triste, e confuso, porque no conselho delle tinha posto grande parte de sua esperança, e como homem novo na terra achou-se manco de todo. E tinha elle nisto razão, porque Pate Quetir era cavalleiro, e homem astucioso, costumado a soffrer nossas armas; e sem dúvida se elle não fora ido, ou Pate Unuz o topára no caminho, tornando com elle, muito mal nos houvera de fazer. Mas permittio Deos sua ida, e que se não encontrasse com elle, por livrar os nossos de tanto perigo, e mais ser causa delle Pate Unuz fazer o que fez, com que Fernão Peres houve delle vitoria per modo não cuidado. E o que tambem caussou a Pate Uunz temor foi o grande damno que recebeo no seu junco, que elle cuidava ser huma rocha, e que não havia artilheria contra elle, porque alguns tiros de esperas o tomáram per parte que lhe entrou dentro o pelouro, que lhe matou muita gente. E além deste damno que recebeo, vio

vio a fortaleza das noſſas náos, e o animo daquelles que hiam nellas, que tão ouſadamente, ſendo tão poucos, commettêram a grandeza da ſua frota; de maneira, que com a experiencia teve maior opinião de nós, e menos eſperança do que trazia, e não tanta facilidade, como Çuria Deva, e os outros Jáos lhe promettiam per cartas. Finalmente havido conſelho ſobre o modo que teriam em commetter a noſſa Armada, e mais a fortaleza, paſſadas muitas dúvidas, e debates, o meſmo Çuria Deva vendo algum receio nos principaes Jáos, que vinham com Pate Unuz, lhe repreſentou a reſolução do que devia fazer, por alguns inconvenientes que elles apontáram, e principalmente por elle ſegurar ſua fazenda, temendo a natureza dos Jáos, que ſahindo em terra, o poderiam ſaquear por eſpedida, ora lhe ſuccedeſſe bem, ou mal no caſo. A qual reſolução foi, que a elle Pate Unuz lhe não convinha ſahir em terra a tomar a fortaleza; porque ainda que tiveſſe certo poder-ſe fazer, corria a ſua Armada riſco de os noſſos a queimarem, e ſendo aſſi, elle ficava o cercado, e desbaratado, e nós os vencedores; porque como a vida daquella Cidade era os mantimentos que lhe vinham pelo mar, tanto que lhe puzeſſem a mão na garganta da entrada delles

les não tinha mais folego. Tambem pelejar com as nossas náos a elle não parecia bem, por sermos a mais ousada gente que elle tinha visto, sem ter conta com muitas, ou poucas vélas, nem se eram grandes, ou pequenas, porque qualquer das nossas náos commetteria abalroar com o seu junco. E pois qualquer destes modos que elle commettesse, por causa do grande apparato que trazia, desesperava os nossos, com que lhe dava dobrado animo do que tinham; devia elle Pate Unuz commetter este negocio não tanto á força de braço, mas com parte de prudencia, e de vagar, e não tão apressado como vinha. E pera não cahir nestas cousas que apontava, lhe parecia que elle Pate Unuz se devia tornar ao rio de Muar com toda sua frota, e na entrada delle leixar todolos juncos grandes, por ser lugar estreito, onde os nossos não se haviam de metter, e esta Armada estava alli segura, e os nossos com temor de a terem nas costas, não haviam desamparar a sua por acudir á fortaleza. E com as outras vélas mais pequenas podia vir de noite, e sahir em terra na parte de Ilher, onde tinhamos a fortaleza, e elle Çuria Deva com todolos que alli estavam, e outros muitos de sua valia, que havia na Cidade, pelo rio assima, onde não fossem vistos em jan-

jangadas se passariam a ella pera juntamente commetterem a fortaleza. E quando a fortuna lhe fosse tão contraria, que per combate, ou per fome a não pudesse tomar, e vendo-se elle em alguma grande necessidade per terra, lugar que os nossos não haviam de commetter, se recolheria na sua principal frota, que leixava em o rio Muar; e os navios pequenos, por serem leves com se acharem despejados, á força de remo em huma apertada dos nossos navios levemente se podiam recolher a elle. Praticado este conselho de Çuria Deva, achou Pate Unuz que era o melhor que podia ter, segundo via a disposição das cousas, e nisso assentáram todolos seus Capitães. E porque os nossos não sentissem sua partida, toda aquella noite houve na frota delles tanto tanger dos seus sinos, e instrumentos de guerra, e grande vozaria de cantares, que estrugiam as orelhas dos nossos; e quando veio ante manhã, que lhe a maré começou a servir, que elle leixava o pouso por ser menos sentidos, foi tamanha a grita delles, que cuidou Fernão Peres que parte da Armada tinha tomado terra, e a grita era sinal que a outra o viesse commetter. E de Fernão Peres, e toda a sua Armada estarem com o tento em terra por causa destas gritas, e em si mesmo pera o que sobreviesse, teve

Pa-

Pate Unuz tempo pera se alargar ao mar, enfiando-se no caminho que havia de levar. Porém como isto era ante manhã, e a luz d'Alva mostrou a sua Armada que ainda hia á vista dos nossos, entendeo Fernão Peres que os tangeres de toda a noite, e grita d'ante manhã fora artificio, por não serem sentidos que se queriam partir; e por final que levavam temor, vio muitas ancoras ficar no pouso, que não puderam levar. E porque quem dá costas, dá animo a seu imigo, foi tanto alvoroço em os nossos, que juntamente assi na fortaleza, como na Armada, começáram bradar: *Vitoria, vitoria, fogem*; e desferindo Fernão Peres a sua véla, dizendo: *Sant-Iago, a elles*, foi cousa maravilhosa o que nisso cada hum fez; e seria a nós mui difficultosa escrever a ousadia, animo, diligencia, e astucia, que cada hum teve naquelle feito. Baste saber em summa, que assi se haviam os nossos poucos navios entre aquelle grande número de vélas, como se hão os lobos em hum pegulhar de ovelhas; porque os nossos não faziam mais que chegar aos navios pequenos, e lançar-lhes dentro fogo com os artificios que tinham feito, e passar avante, e os imigos sem modo de defensão, sem fazerem caminho do rio de Muar com olho no junco de Pate Unuz, que poz a proa

pe-

pera o eſtreito de Sabam caminho da Jauha, todos o ſeguíram. E ainda por ſegurar ſua peſſoa, quando vio que da ſua frota parte ardia em fogo, e outra era mettida no fundo, mandou aos principaes juncos que levava, que ſe achegaſſem a elle, temendo ſer abalroado, ou ao menos mettido no fundo com a artilheria, por mais lapes que o coſtado do ſeu junco tinha. Fernão Peres quando vio o modo que Pate Unuz tinha em ſe fechar entre os juncos, e que ſegundo a grandeza do ſeu, não lhe podia fazer damno ſenão com a artilheria, poz a proa no ſegundo junco da frota, que era do Timungão Senhor da Cidade Polimbam, e em chegando a elle, o enveſtio per hum coſtado; e como á ilharga delle hia ſeu ſobrinho, que diſſemos por ſua cavalleria ter grande nome entre os Jáos, tanto que vio Fernão Peres afferrado com o tio, afferrou-o elle pelo outro coſtado de maneira, que ficou Fernão Peres com a ſua naveta entalado entre ambos. Peró elle não ſentio a entrada que eſte Jáo fez nella, por andar já na popa do junco do tio ás lançadas, no qual tempo pela proa do meſmo junco entrou Franciſco de Mello. O Jáo mancebo como era cavalleiro, vendo que eſtes dous Capitães cada hum per ſua parte entráram o tio, e andavam pele-

lejando com elle, sem fazer conta da náo de Fernão Peres, senão como que lhe servia de ponte, com alguns que o seguíram per ella, passou-se ao junco do tio, onde entre todos andava a peleja tão travada, que não se sabia determinar quem era senhor dos juncos, nem os senhores das navetas dos nossos, por todos andarem já misturados. No qual tempo Jorge Botelho acertou de vir em a sua caravella; e vendo a náo de Fernão Peres entalada entre os juncos, entrou per bordo do sobrinho do Timungam, e veio-se encontrar com Fernão Peres, que acudia á sua náo, que lhe entravam muitos Jáos nella. Finalmente todas estas cinco vélas bordo com bordo, e os Capitães mão por mão andáram huns dentro, e outros fóra tão travados entre si per hum grande espaço, té que não podendo os Jáos soffrer mais o ferro dos nossos, começáram de se baldear em lancharas, e pangajoas que traziam derredor de si; e os que não puderam haver á mão vasilha, lançáram-se ao mar, com que os juncos ficáram vazios delles, e cheios de muitos mantimentos, que os nossos leváram pera Malaca, depois que os juncos foram queimados naquelle lugar. Fernão Peres tanto que houve a vitoria destes dous juncos, que eram os principaes, seguio a Pate Unuz, com

fundamento de ás bombardadas o metterem no fundo, ou ao menos deſtruir-lhe a mareagem, com que ficaria decepado pera o tomarem ás mãos. Peró não houve effeito ſua tenção, porque veio ſobre a tarde huma trovoada tão furioſa, que ante elles quizeram contender huns com os outros como andavam, que com ella; porque como veio ſubita, e tomou a todos deſcuidados, e mais mettidos em pelejar, que no temor della, ſe os noſſos tiveram algum ſalvamento foi por não trazerem as mãos cortadas do temor, e do ferro, como as traziam os Jáos, e por iſſo foram mais leſtes em marear ſuas vélas. Finalmente Fernão Peres com ella correo pera Malaca com a maior parte de ſua frota, e outros per ellas abrigadas de rios; ſómente Jorge Botelho, e Tuam Mahamud Tamungo de Malaca, que ſe acháram ambos contra aquella parte pera onde correo Pate Unuz, ao qual não puderam fazer mais damno, que queimar-lhes cinco, ou ſeis pangajoas que o ſeguiam, porque tinham já deſpeza toda a polvora, com que o podiam offender. Jorge Botelho vendo quão desbaratado eſte Jáo ficava, e que tornando ſobre elle com polvora o podia metter no fundo, veio-ſe logo a Malaca dar conta diſſo a Ruy de Brito, por Fernão Peres não ſer ainda lá; e poſ-

posto que Ruy de Brito o não queria prover de polvora, e cousas que elle pedia, havendo que sua tornada aproveitaria já pouco, porque o Jáo nesta sua demora de ir, e vir seria posto em salvo, todavia lhe mandou dar o necessario, e isto a requerimento do Gentio Nina Chetu, que disse que daria polo junco de Pate Unuz dez mil cruzados. Peró com quanta diligencia Jorge Botelho nisso fez, correndo mais de quarenta leguas, já não achou Pate Unuz, o qual se poz em salvo na Jauha em a Cidade Japára, e alli mandou varar o junco por memoria de sua pessoa, dizendo que bastava pera a ter por muitos tempos verem como aquelle junco ficára da peleja que teve com os Portuguezes. Os quaes ainda que tiveram esta tão illustre vitoria delle, não foi sem custa de muito sangue, que todos naquelle alcanço derramáram: cá não houve Capitão que não abalroasse junco, e fizesse assás de sua pessoa, onde morrêram alguns dos nossos, principalmente com João Lopes d'Alvim, e Martim Guedes, que se víram em grão perigo com os juncos que abalroáram. E muito maior Fernão Peres, que foi derribado, e ferido, estando hum bom pedaço meio atordoado de hum arremesso, que lhe fizeram de cima dos castellos do junco; e polo ajudar, morreo Simão

mão

mão Affonſo, que foi a peſſoa mais principal que naquelle feito pereceo. Finalmente elle foi tão notavel, que aſſombrou todo aquelle Oriente, e nelle acabou a guerra que tinhamos com os Jáos, dos quaes Malaca ficou deſaſſombrada, porque como he gente mui vizinha a ella, e são ſenhores de todolos mantimentos, de que ſe ella mantem, e mais são homens cavalleiros, e poderoſos, todolos outros rebates que tiveram d'ElRey Mahamud pelo tempo em diante, tiveram em pouco em reſpeito do perigo que paſſáram por cauſa deſtes dous Jáos Pate Quetir, e Pate Unuz. Fernão Peres como eſtava meio carregado pera ſe partir pera a India, (ſegundo diſſemos) em poucos dias ſe tornou a perceber de todo, e entregue a capitanía mór do mar a João Lopes d'Alvim, a quem Affonſo d'Alboquerque proveo della, partio de Malaca com tres vélas carregadas de eſpeciaria, elle em huma, e nas duas Lopo d'Azevedo, e Antonio d'Abreu, que vinha de deſcubrir Maluco. E pera dar maior contentamento a Affonſo d'Alboquerque com ſua chegada, além de ir carregado das vitorias que houve naquellas partes, e de eſpeciaria, ſendo tanto avante como os baixos de Capacia, topou Antonio de Miranda d'Azevedo, que vinha do Reyno de Sião, com

que

que levou tambem outra carga de todalas novas que elle Affonſo d'Alboquerque eſperava daquellas partes, onde mandára ſeus menſageiros, e deſcubridores ante que ſe partiſſe de Malaca. Aſſi como Antonio d'Abreu com Franciſco Serrão deſcubrir Maluco, e Gomes da Cunha a ElRey de Pegu, que era já vindo em o navio que trouxe mantimentos a Malaca, (como fica atrás,) o qual hia com elle Fernão Peres, e Antonio de Miranda com Duarte Coelho a Sião; o qual Antonio de Miranda, poſto que não vieſſe em companhia delle Fernão Peres, e fizeſſe ſeu caminho pera Malaca, mandou-lhe cartas per elle, o qual chegou a ſalvamento á India. E porque em outro lugar, (ſegundo já apontámos,) ſe ha de fazer relação do caminho, e couſas que Antonio d'Abreu fez naquelle deſcubrimento de Maluco, leixamos de a fazer aqui, e tambem o que fizeram eſtoutros em Pegu, e Sião, porque a diſpoſição das couſas da hiſtoria tem lugar proprio, por guardar a qual ordem leixamos o que ora occorreo na chegada de Antonio de Miranda, e procederemos ainda hum pouco nas couſas de Malaca té quaſi todo o tempo que Affonſo d'Alboquerque governou.

CA-

CAPITULO VI.

Como a fortaleza de Malaca per astucia de hum criado d'ElRey Mahamud esteve em termo de ser tomada : e do que se mais passou té chegada de Jorge d'Alboquerque, que foi servir de Capitão della.

ElRey Mahamud, que foi de Malaca, sabida a vitoria que os nossos houveram de Pate Unuz, posto que em alguma maneira o desesperou de se tornar restituir em seu estado, vendo Pate Quetir destruido, em que elle tinha tanta confiança, e assi ser destruida tamanha potencia como este Pate Unuz trazia, era a elle argumento que todo o poder daquelle Oriente não poderia lançar-nos de Malaca. Per outra parte teve grande contentamento da destruição de Pate Unuz, porque entendeo que a sua vinda tão poderosamente a Malaca, não era pera elle Pate Unuz lha entregar, senão pera se fazer senhor della, porque entre elles ante deste feito não precedêram recados, nem obras pera delle esperar tamanha amizade, que por causa delle Mahamud fizesse tão grande despeza. Confessando publicamente querer ante que estivesse Malaca em nosso poder, que dos Jáos : cá por serem tão vizinhos tinham as forças mui perto

pe-

pera ſuſtentar aquella Cidade; e nós ainda que tiveſſemos mais poder nas armas, o adjutorio das outras couſas pera continuar guerra per muitos annos hia deſte Reyno de Portugal, que he no fim da terra tantas mil leguas de Malaca, a qual couſa lhe dava eſperança que em hum tempo, ou em outro ſe havia de reſtituir. Com o qual fundamento ſempre andou derredor da Cidade avexando-a, ora com rebates de ſuas Armadas, ora com lhe tolher os mantimentos, e mudando o aſſento de ſua peſſoa, té que per derradeiro ſe foi aſſentar de vivenda em huma Ilha defronte de Cingapura chamada Bitam, nome que os Malayos chamam á Lua, por a meſma Ilha ter a feição da Lua quando he meia. E porque á força de armas tinha per muitas vezes tentado comnoſco ſua ventura, quiz experimentar que tal a teria per modo de ardil, em que o metteo hum Tuam Maxeliz Mouro Bengala de nação, e homem mui ſagaz, e aſtucioſo, muito acceito a elle, como hum dos mais principaes que lhe governava ſua caſa. O qual ardil foi, que elle Tuam Maxeliz havia de fugir delle Rey Mahamud com titulo de aggravos, e ſe havia de ir a Malaca, moſtrando que queria alli viver entre nós, em companhia dos quaes elle ſe podia vingar dos aggravos

que

que tinha recebidos; e depois que fosse acceito na terra, e tivesse entrada com o Capitão mór, trabalhasse per qualquer modo que pudesse de se metter na fortaleza; e pera o ajudar naquelle caso, da sua parte désse conta a Tuam Colascar, que era o principal Jáo Senhor da povoação Ilher na parte da fortaleza. Assentado este ardil entre ambos, sem pessoa alguma o saber, porque não houvesse suspeita da partida delle Maxeliz, começou ElRey publicamente de lhe fazer alguns aggravos per espaço de dous mezes, mostrando ter sabido que o roubava, e andava em tratos comnosco. Finalmente como os aggravos foram tão públicos que se haviam por mui certos em Malaca, veio elle ter a ella em huma lanchara, simulando que vinha fugindo da ira d'ElRey por más informações que delle tinha, e foi-se aposentar per licença de Ruy de Brito na povoação de Ilher, mostrando ter antiga amizade com Tuam Colascar. E por não perder tempo, como vinha provído de joias, e brincos, que dam entrada em toda parte, ora com elles, ora com dar ardijs a Ruy de Brito contra ElRey Mahamud, começou logo lavrar sua peçonha de maneira, que entrava, e sahia na fortaleza mui familiarmente com Ruy de Brito. E tomou logo por cautela de não ser senti-

tido ir a sua casa pela sésta, quando a mais da gente se recolhe a repouso, e mais andar sempre mui acompanhado, mostrando que se temia de ElRey Mahamud dentro em Malaca o mandar matar, por elle ser homem que sabia parte de seus segredos. Tanto que este Maxeliz teve segura esta entrada com Ruy de Brito, deo logo disso conta per suas cartas a ElRey, o qual lhe respondeo, que a tantos dias da Lua commettesse o caso, porque pera este tempo lhe mandaria soccorro com sua Armada, e que entretanto bastava o favor de Tuam Colascar. Vindo este dia, como Maxeliz tinha aquella facil entrada na fortaleza, pela sésta foi-se a ella levando seus homens, que costumavã trazer em guarda de sua pessoa, e chegando á porta, que lha o porteiro abrio como a pessoa familiar, entreteve-se hum pouco, mostrando que espedia os seus, e queria metter tres, ou quatro, hum dos quaes era mancebo de bom parecer, e vinha vestido como mulher, dizendo que leixasse entrar aquelles que levavam aquella moça pera o Capitão. No qual entreter de porta aberta remettêram os criados de Maxeliz, e entráram dentro, mettendo-se ás crisadas com o porteiro; e tres, ou quatro homens que estavam no pateo da fortaleza, e elle subio com alguns delles pela esca-

cada acima caminho da torre da menagem, onde pousava o Capitão; e por acharem a porta fechada, por Ruy de Brito a fechar sobre si, quando sentio a revolta debaixo, discorrendo elles pelas casas dos Officiaes, foram dar na do Alcaide mór Aires Pereira, que não teve outra salvação senão lançar-se per huma janella por ir soccorrer a Ruy de Brito, e nesta casa matáram a Mestre Jorge Fysico, e dous homens de serviço que estavam com elle. E os que ficáram em baixo no pateo, matáram quatro homens, e Pero Pessoa, que foi o primeiro que acudio á porta, o qual estava com o ferrolho na mão pera a fechar aos Jáos, que Maxeliz trazia nas costas em sua ajuda. Ruy de Brito a este tempo, ainda que em pé, andava bem doente, e logo naquelle primeiro rebuliço cuidou ser mais, peró quando vio que sómente dez, ou doze homens o faziam, assi como pode acudio com alguns que acordáram, e jaziam per essas casas dormindo por ser pela sésta, os quaes fizeram fugir Maxeliz, e os seus, vendo que não puderam tomar a torre da menagem, que era seu principal intento. Tuam Colascar que estava esperando com sua gente junta esta hora, tanto que ouvio repicar o sino da fortaleza, acudio logo, parecendo-lhe que Maxeliz estava em poder da torre:

re: peró quando chegou á porta da fortaleza, e soube elle ser acolhido, dissimulou a vinda, dizendo de fóra a Ruy de Brito, que cousa era aquella que vinha alli por ouvir repicar, que mandava sua mercê que fizesse com aquella gente que trazia. Ruy de Brito peró que entendeo ser elle sabedor do caso, agradeceo-lhe sua tão breve diligencia, e assocegou todo o alvoroço da Cidade; porém depois quizera elle per justiça ao modo de Utimutirája matar este Tuam Colascar, e ante delle Çuria Deva polo que fez com Pate Unuz; mas os Capitães, e Fidalgos, com quem elle sobre este caso teve conselho, não lho consentíram, dizendo, que por serem as principaes cabeceiras da Cidade, com sua morte se despovoaria, que naquelle tempo se havia de dissimular com elles té as cousas da Cidade tomarem mais assento do que tinham. Eram neste tempo idos a Bintam com duas caravellas, e tres lancharas com té cincoenta homens de peleja, Jorge Botelho, e Vasco da Silveira pera ver se podiam fazer algum damno ás Armadas que ElRey trazia naquella paragem, impedindo não virem vélas a Malaca, e fazellas arribar a Bintam, onde elle esperava fazer todo o trato que fazia nella; o qual quando vio estas nossas vélas sobre seu porto, por ser no tempo em que el-

elle estava esperando recado do seu Tuam Maxeliz, creo verdadeiramente que o caso era descuberto ao Capitão Ruy de Brito, e que por esse respeito mandava aquelles navios sobre seu porto pera offenderem a Armada que elle havia de mandar em favor do caso, a qual elle tinha de todo prestes; e não ousou de a mandar sahir de dentro, temendo que a nossa Armada era toda ida áquelle feito, e que lhe lançavam aquellas cinco vélas diante pera elle lançar a sua fóra. Jorge Botelho, e Vasco da Silveira vendo o sitio onde ElRey tinha feito huma fortaleza, e que a sua Armada estava dentro de huma estacada, que de maré vazia os navios ficavam mettidos na vasa, e as estacas de maneira que parecia hum labyrintho o canal que ficava entre ellas per onde entravam, e sahiam os navios, não lhe pareceo cousa que pudessem commetter por a pouca posse que levavam, e tornáram-se a Malaca. Ruy de Brito quando per elles soube a força que ElRey tinha feita, e quão brigosa, e defensavel era, assi polo sitio, como pela industria, e trabalho dos homens, e que segundo lhe alguns Mouros diziam, estava aquella Ilha Bintam em paragem que se podia fazer outra Malaca, com ElRey trazer alli Armada, que fizesse arribar as náos a ella, dobrou a Armada

que João Lopes d'Alvim trazia pera ás vezes a repartir em partes, porque não houvesse algum daquelles dous canaes Cingapura, e Sabam, onde se não achassem nossos navios contra a Armada d'ElRey de Bintam, pera lhe defender aquelle arribar de vélas que fazia. Com o qual modo atormentou tanto a ElRey, que como homem desesperado pola muita fome que padecia com lhe tolhermos prover-se de mantimentos, mandou pedir a Ruy de Brito concerto de paz. E como elle attribuia a causa de sua destruição a seu filho, e genros, em não consentirem que elle assentasse paz com Affonso d'Alboquerque quando chegou a Malaca, houve entre elles tanta differença sempre, que neste tempo da paz que mandou pedir, dizem que afogou o filho com huma touca. ElRey de Campar, posto que fosse seu sobrinho, e genro, polos modos que lhe via ter, e principalmente ácerca do odio que tinha a seu proprio filho o Principe Alodim, não quiz seguir suas cousas, ante por segurar as proprias, e não viver assombrado de nós como genro seu, (segundo escrevemos,) estando Affonso d'Alboquerque em Malaca, com hum presente que lhe enviou, se offereceo querer viver em Malaca como vassallo d'ElRey de Portugal, á vinda do qual por então não houve

ve effeito. Peró ſabendo elle o que ſe dizia como afogára ſeu filho, determinou de ſe vir logo pera Malaca, temendo a maldade do ſogro, e pera iſſo não fez mais que como homem ſeguro ſem cautela alguma metter-ſe com Pero de Faria, que com huma Armada andava no eſtreito de Sabam. O qual chegou a Malaca na entrada de Julho do anno de quinhentos e quatorze, a tempo que era vindo da India Jorge d'Alboquerque filho de João d'Alboquerque pera Capitão da Cidade, e eſtava já em poſſe della, e Ruy de Brito eſperando tempo pera ſe vir pera a India. E porque Jorge d'Alboquerque levava recado de Affonſo d'Alboquerque do modo que havia de ter com eſte Rey de Campar, ſe lhe mandaſſe commetter que ſe queria vir viver a Malaca, polo que já tinha paſſado com elle, quando ſe mandou offerecer pera iſſo, em ſua chegada fez-lhe muita honra, peró não ficou ElRey de Campar daquella vez em Malaca, ante ſe tornou logo como praticou algumas couſas com Jorge d'Alboquerque do modo que ſe havia de ter com elle vindo aſſentar ſua caſa em Malaca. Em quanto eſte recado foi á India, e tornou reſpoſta de Affonſo d'Alboquerque, elle eſteve em Campar, a qual reſpoſta foi mandar elle a Jorge d'Alboquerque que déſſe a

este Rey o officio que Nina Chetu Gentio tinha. E a causa por que lho mandava tirar, tendo tanto beneficio feito a Ruy d'Araujo, por cujo respeito o elle houve, foi porque a gente nobre de Malaca soffria mal serem governados per elle, que era homem de pouca sorte; e se em algumas cousas lhe queriam ir á mão, ás taes pessoas mandava-lhes dar hum certo genero de peçonha, com que engasecia, e em mui pouco tempo morria, o que se soube ter feito a tres, ou quatro mercadores principaes, e polo muito serviço que tinha feito na salvação de Ruy d'Araujo, e dos outros cativos, e assi na tomada da Cidade, dissimulavam com elle té vir este recado de Affonso d'Alboquerque. Nina Chetu como por suas culpas andava vigiado de o tirarem do cargo, tinha suas intelligencias, tanto que chegava algum navio da India pera saber se mandava Affonso d'Alboquerque bulir com elle; e como foi certificado do recado que vinha, teve maneira que por espaço de oito dias se não denunciasse que o mandavam tirar do officio. No qual tempo em hum terreiro grande mandou fazer hum cadafalso de madeira cuberto, e toldado de muitos pannos de seda, e ouro, e delle té sua casa foi a rua toldada da mesma sorte, e á huma parte do cadafalso no chão

man-

mandou pôr huma mui grande quantidade de sandalos brancos, vermelhos, e lenho alóes, pera arder tudo quando fosse tempo de lhe pôrem fogo. Acabado todo este apparato pera o derradeiro dia que se lhe acabava o termo que pedia, convidou todolos seus amigos, e ajuntou sua familia, que era grande, toda vestida de festa, e elle dos mais ricos pannos de ouro que pôde haver, e partio de sua casa, indo por aquella rua toldada, a qual áquella hora estava cuberto o chão de todalas flores, e cheiros do campo. Chegado com esta pompa ao cadafalso, onde era quasi toda a Cidade ver aquelle acto, de que ainda não entendiam o fim, subio-se a elle, e começou em mui alta voz dizer as cousas que per nós fizera, e os perigos que por isso elle passára, por meritos das quaes cousas Affonso d'Alboquerque lhe dera o officio que tinha de Bendára, que elle té aquella hora servíra, o qual, (segundo lhe era dito,) elle mandava que elle nunca o servisse mais, e fosse dado o officio a outra pessoa. E porque elle não queria ver aquella injuria executada em a sua, era alli vindo pera mostrar que o fogo que todos viam accendido naquelle sandalo, era mais poderoso que todolos Principes do Mundo, porque elles podiam tirar officios, e vida; e o fogo se

quei-

queimava o corpo, recebia em si a alma; e como era espirito, e creatura de Deos, elle a hia apresentar a seu Creador, onde tinha perpétua gloria; e quanto mais affligida nesta vida, maior a tinha lá, e esta lhe não podia tirar o grão Capitão Affonso d'Alboquerque por mais poderoso que fosse na India, e com isto se leixou cahir no fogo, onde se fez cinza.

CAPITULO VII.

Como Jorge d'Alboquerque Capitão de Malaca mandou per Abedelá Rey de Campar pera servir officio de Bendára: e quanto ElRey de Bintam trabalhou polo elle não ser, té que foi causa de sua morte.

ACabado este acto da gentilidade, que fez grande admiração a todos ver a constancia com que aquelle Gentio morreo por honra, foi logo sabido per toda a terra como ElRey de Campar havia de ser Bendára de Malaca, que entre os Malayos se tinha por tanta dignidade no tempo que prosperava Mahamud Rey della, que haviam ser maior cousa que Rey de Campar, cujo estado não era mais que ser senhor de huma povoação, a que elles chamam Cidade, a qual era mettida per hum rio grande, que entra por a terra da Ilha Çamatra,

e diftará de Malaca contra o Oriente pouco mais de trinta leguas na entrada do eftreito Sabam. ElRey de Bintam feu fogro tanto que foube que elle era eleito pera Bendára, e que efte era o fim pera que elle fe déra á noffa amizade, e a caufa do prefente que mandára a Affonfo d'Alboquerque; e depois ir em peffoa a Malaca ver-fe com o Capitão della, ordenou logo de lhe impedir que não foffe, e pera iffo convocou outro feu genro, e vaffallo, que era Rey de Linga, huma Ilha vizinha á de Bintam, onde elle Mahamud affentára fua vivenda; (como diffemos.) Os quaes fogro, e genro fizeram huma Armada de té fetenta vélas de remo, em que iriam dous mil e quinhentos homens, na qual Armada o proprio Rey de Linga foi; e entrado pelo rio de Campar, acháram Abedelá Rey da Cidade já provído de tranqueiras, e forças; com que refiftio como homem animofo a feu imigo, pofto que ElRey de Linga naquellas partes era havido por muito cavalleiro. O qual vendo que per algumas vezes que deo combate a Abedelá não o podia entrar, ordenou-fe em modo de o ter cercado, e tomar á fome: no meio do qual tempo elle foi foccorrido de nós fem o elle efperar, per efta maneira. Pelo reçado que Affonfo d'Alboquerque mandou, e morte

de

de Nina Chetu, ordenou Jorge d'Alboquerque de mandar por este Rey de Campar pera vir servir o officio de Bendára, de que elle já era sabedor, e pera isso se fazia prestes, quando ElRey de Linga deo sobre elle; e polo mais honrar, mandou Jorge Botelho que o trouxesse em o seu navio, e com elle tres navios de remo, Capitães Julião de Figueiredo, Alvaro Vaz, e Diogo Dias. O qual Jorge Botelho entrando no estreito de Sabam, achou alli nova em hum Mouro seu amigo chamado Meana, que ElRey de Linga estava dentro no rio de Campar, e tinha cercado a ElRey Abedelá com huma Armada de setenta vélas com muita gente, e munições de guerra, por isso olhasse onde se hia metter. Jorge Botelho por este Mouro ser homem certo, e seu amigo, espedio logo dalli hum dos Capitães, que viesse a Malaca dar esta nova a Jorge d'Alboquerque, o qual a grão pressa espedio estes Capitães em soccorro de Abedelá, Tristão de Miranda, Antonio de Miranda d'Azevedo, Aires Pereira de Berredo, e Francisco de Mello, todos em navios redondos, e mais algumas lancharas de remo Capitães moradores da Cidade. E porque nenhum levava a capitanía mór de toda a frota, quando se ajuntáram com Jorge Botelho, que se haviam de ordenar pe-

ra commetter a Armada dos imigos, começou entre elles haver differença, a qual apagáram com elegerem por Capitão a Antonio de Miranda d'Azevedo, per ordenança do qual entráram pelo rio acima té onde se fazia hum esteiro, dentro do qual obra de meia legua estava a Cidade Campar. O qual esteiro como era estreito profundo, e com ribas tão altas que ficava em partes a terra sobre agua perto de duas lanças, tornáram-se os nossos abaixo ao rio largo; porque como não sabiam a terra, temêram que viessem os imigos, e de cima ás terroadas, quando não tivessem outra cousa, os metteriam no fundo, fazendo fundamento de os ter alli encerrados, e em tão estreito cerco como elles tinham ElRey Abedelá. Postos neste lugar largo, como entre alguns Capitães havia huma frieza do caso, por cada hum não ser o eleito em Capitão mór, e tambem alli não faziam mais que ter fechada aquella entrada, por onde os imigos se serviam, estavam hum pouco descuidados, como quem não tinha que temer, gastando o dia em lançar a barra, e lança, e outros passatempos em terra. ElRey de Linga por escuitas que trazia ao longo do rio, foi avisado deste descuido; e como homem cavalleiro que era, determinou dar nelles, e caladamente veio-

se

se com toda sua frota pelo rio a baixo, e elle diante todos, por ter huma forte, e formosa lanchara do comprimento de huma galé, mui armada, e guerreira com té duzentos e tantos homens, com tenção de abalroar com o Capitão mór da nossa frota. E sendo onde a terra fazia hum cotovelo, ao longo do qual com a maré que descia, a agua corria mais teza, deo de subito com Jorge Botelho, que estava alli amparado do tesão da agua em huma lanchara das de sua companhia com té vinte homens; o qual apartando-se do corpo da Armada, onde tinha o seu navio, determinou naquelle de remo por ser leve saber o que hia dentro. E quando vio a ponta da lanchara delRey que começava apparecer detrás do cotovelo, de improviso sem saber o que vinha detrás, deo huma grita com os seus, e mandou desparar a artilheria que trazia, a qual ainda que era miuda, ella, e as espingardas dos seus derribáram logo alguns dos remeiros da lanchara d'ElRey. Na qual por o caso ser subito, e mais cuidando que alli estava toda nossa frota, por ainda não descubrirem o anco que fazia a terra, houve entre todos tanto temor, que do remoinhar dos remadores não sabendo o que haviam de fazer, ficou a lanchara d'ElRey sem governo, e com o tesão da

agua

agua ficou a galé atravessada no esteiro, que como era estreito, e ella comprida, não pode ir diante, nem atrás, e todolos que vinham apôs ella encalhavam de maneira, que ficou o rio cuberto, e travancado sem dar passagem. Os nossos que estavam em baixo da maneira que dissemos, quando ouvíram os tiros que Jorge Botelho tirou, remettêram todos aos bateis, e lancharas que tinham, e remo em punho a quem chegaria primeiro, em mui breve espaço foram com elle, principalmente Tristão de Miranda, João Pereira, e Francisco de Mello, por estarem mais dentro pelo rio acima que os outros, e foram a tempo que acháram já Jorge Botelho dentro da lanchara d'ElRey, donde tinha despejado boa parte da gente; mas com a chegada delles toda se lançou ao mar, e per derradeiro o seu Rey, aos brados do qual elles não obedeciam. Finalmente chegados todolos outros Capitães, puzeram os imigos em desbarato, muitos dos quaes se salváram, mettendo-se per esses esteiros, com que a terra he retalhada; porque em quanto os nossos não puderam passar com a lanchara d'ElRey atravessada, tiveram elles tempo de o fazer. Com a qual vitoria chegáram onde ElRey de Campar estava, sem esperança daquelle remedio; e recolhido elle com sua

fa-

familia, leixando a terra entregue a ſeus Governadores, foi trazido com aquella honra a Malaca, e entregue do officio de Bendára, pera que era vindo. Da chegada do qual a ſeis dias Jorge d'Alboquerque mandou aquella Armada aſſi como viera, contra ElRey de Bintam, parecendo-lhe que o podiam deſtruir, como fizera a ſeu genro ElRey de Linga, e mais naquella conjunção em que elle perdêra lancharas, e gente com munições de guerra; a capitanía mór da qual Armada, em que iriam duzentos homens Portuguezes, levou João Lopes d'Alvim, que ſervia de Capitão mór do mar; mas não fizeram couſa alguma, por ElRey eſtâr de maneira fortalecido, que havia miſter maior poder de gente. Havendo quatro mezes que eſtas couſas eram paſſadas, e ElRey de Campar ſervia ſeu officio, não com nome de Bendára, mas de Macobume, que ácerca delles he como entre nós Viſo-Rey, e iſto por honra da dignidade real que tinha, a olho começou Malaca de ſe nobrecer, tornando-ſe muitos homens nobres viver a ella, que, por cauſa de não quererem ſer Governados per Nina Chetu, eram idos a viver á Jauha, e a outras partes, com a vinda dos quaes começáram de vir mercadores, e a terra ſe reformar. ElRey de Bintam quando vio que em tão breve

tem-

tempo com a ida de ſeu genro Malaca ſe tornava povoar, e que muitos Malayos homens de eſtima, que com elle eſtavam em Bintam, o leixáram, e ſe vinham pera ella; ordenou, como homem ſagaz que era, huma aſtucia pera iſto não ir mais avante, e ſeu genro perder a vida, ou ao menos o credito, e officio, que tinha, vendo que ſe nelle muito eſtava, quantos homens o ſeguiam, todos o haviam de leixar, de maneira que ſem os Capitães de Malaca lhe fazerem guerra, eſta baſtava pera o deſtruir. A qual aſtucia foi mandar a todolos ſeus Capitães, que trazia per eſtes portos da terra de Malaca, que qualquer barco que tomaſſem dos moradores Malayos de Malaca, que lhe levaſſem todolos cativos, aos quaes como eram ante elle, fazia gazalhado, e mercê, bradando com os Capitães, porque lhe levavam cativos os ſeus naturaes vaſſallos, que outra hora não fizeſſem tal couſa, ſenão que os caſtigaria; ante lhes mandava que como achaſſem Malayo morador em Malaca, que o trataſſem como aos de Bintam, pois todos eram vaſſallos, e filhos, e os de Malaca mais, pois era ſua propria natureza; e que bem abaſtava aos coitados as perrarias, que ſoffriam daquella cruel, e perverſa gente Portuguez. Porém elle eſperava em Deos ante de pouco

co tempo de os remir daquelle trifte cativeiro per meio de feu filho Abdelá Rey de Campar, o qual elle tinha pofto em Malaca diffimuladamente, pera que como viffe tempo, lhe dar a Cidade; e que pera ajuda de o poder melhor fazer, lhe mandava algumas peffoas principaes de Bintam com titulo que fe tornavam a viver a Malaca: por iffo lhe rogava que quando feu filho ElRey de Campar fe levantaffe com a fortaleza, que foffem todos em fua ajuda, e affi o pediffem a feus parentes, e amigos da fua parte, e todos tiveffem efte negocio em fegredo. Com eftas, e outras palavras enchia as orelhas daquella gente innocente, a qual como era em Malaca, de orelha em fegredo foi ter á praça, andando efte rumor entre os Mouros, té que per meio dos filhos de Nina Chetu foi ter a Bartholomeu Pereftrello, o qual havia pouco que chegára a Malaca, e fervia de Feitor, que communicando efte negocio com feu irmão Rafael Pereftello deram conta a Jorge d'Alboquerque. E pofto que houve contradicções no cafo, principalmente de Jorge Botelho, reprefentando a Jorge d'Alboquerque as aftucias d'ElRey Mahamud, e bondade de Abdelá Rey de Campar, por a muita communicação que tinha com elle, todavia baftou pera fe dar fentença que morref-

fe,

ſe, ſerem trazidos alguns homens daquelles que ouvíram a ElRey de Bintam o que atrás diſſemos. Finalmente elle morreo degollado na praça com ſolemnidade de publicação de ſentença, a innocencia do qual ainda que Jorge Botelho a clamou, depois o tempo a deſcubrio; e ſe o povo tem licença de julgar, porque Bartholomeu Pereſtrello foi grande accuſador deſta condemnação á inſtancia dos filhos de Nina Chetu, e elle não viveo mais depois que ElRey de Campar foi degollado, que dezeſete dias, dizia o povo de Malaca, que a alma do morto chamára a do vivo. E ainda parece que eſte clamor da juſtiça dos actos humanos chegou a mais; porque fez a morte deſte Rey tanto eſcandalo no animo de todos, que poucos, e poucos começáram os principaes homens da Cidade fugir della, e hiam viver a outra parte com temor de alguma ſentença; e como elles eram os miniſtros de virem á Cidade todalas mercadorias, e mantimentos, foi poſta em tanta neceſſidade de fome, qual té então não tinha paſſado, em que claramente ſe vio de quanto mal fora cauſa a morte de Abedelá. E certo que na de Nina Chetu, e em a ſua ſe póde ver huma pintura dos actos humanos quão differentes frutos dam de huma propria raiz, pois hum officio matou dous ho-

homens: hum Gentio homem de pouca ſorte, que uſando mal de ſeu officio, deſpovoou a Cidade, e ſem ſer julgado, elle ſe condemna á morte; e outro Mouro com titulo de Rey, e que reſtitue as ruinas do outro, ſem culpa vem a morrer per condemnação de outrem.

DECADA SEGUNDA.

LIVRO X.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que Affonso d'Alboquerque fez na India, e no Reyno de Ormuz té o seu falecimento.

CAPITULO I.

Como Affonso d'Alboquerque por algumas cousas o anno de quatorze esteve provendo as fortalezas, no qual tempo mandou Pero d'Alboquerque de Armada a Ormuz, e a Diogo Fernandes de Béja a ElRey de Cambaya, e a João Gonçalves de Castello-branco ao Hidalcão: e da Armada que deste Reyno partio, Capitão mór Christovão de Brito, que chegou a Goa em Setembro.

EM quanto em Malaca passáram as cousas, de que no Livro precedente fizemos relação, as quaes vam continuadas do Janeiro do anno de doze, que Affonso d'Alboquerque se partio della té o

fim

fim do anno de quatorze, fez elle algumas na India, depois que veio do estreito do mar Roxo, que convem enfiarmos na ordem de nossa historia. As quaes cousas ainda que não sejam de conquista, e milicia, foram do governo do estado da India, que não são de menos merito, muitas das quaes deram maior cuidado, e paixão a Affonso d'Alboquerque, que as da guerra: cá os trabalhos della acabam na gloria de vencer os imigos; e os do governo fenecem em odio, se quereis fazer justiça nos erros dos subditos. E peró que isto seja regra universal ácerca daquelles, que querem usar bem de seu officio, particularmente Affonso d'Alboquerque o experimentou depois que veio do estreito, querendo emendar alguns desmanchos que achou assi entre os Capitães das fortalezas, como solturas nos Officiaes da fazenda d'ElRey; porque como tinha feito duas viagens mui compridas, que foram a do mar Roxo, em que se deteve muito tempo, assi per novas falsas que os Mouros davam de sua morte, como por as licenças que os homens tomam em ausencia de seu superior: partidas as náos da carga da especiaria pera este Reyno, Capitão mór João de Sousa de Lima, começou fazer correição per as fortalezas. E depois que acabou, em que se deteve em Goa,

par-

partio-se pera Cananor, onde se deteve na mesma obra alguns dias, e dahi passou per Calecut a ver a obra que se fazia na fortaleza, a qual achou já posta em boa altura pola muita ajuda que o Çamorij pera isso mandou dar. O qual tanto que soube que Affonso d'Alboquerque era alli, se veio ver com elle, e nesta vista ambos acabáram de confirmar a paz, que tinham assentado; porque depois que elle Çamorij deo licença pera se fazer a fortaleza, assinando todalas capitulações da paz, algumas pessoas notaveis do seu Reyno, e principalmente modos que ElRey de Cochij nisso teve, o faziam tornar atrás do que estava assentado. Assi que nesta vista, e na que Affonso d'Alboquerque teve com ElRey de Cochij depois que lá chegou, se acabáram todalas cousas de Calecut; e no que elle Affonso d'Alboquerque levou mais trabalho foi em contentar ElRey de Cochij, porque não havia remedio pera consentir assentar-se paz com Calecut, tudo por causa de seu interesse, dando-lhe entender os Mouros que com a fortaleza feita em Calecut se havia de passar lá todo o negocio do nosso commercio, com que perderia grande rendimento. Mas elle não dava entender que contrariava a paz por este fim, sómente por respeito dos costumes que o Gentio tem en-

tre

ere si em modo de religião, que he não assentar a parte offendida paz com seu contrario, senão depois que he satisfeita de todos males, damnos, e perdas que recebeo; e que o Reyno de Cochij, além de perder os Principes que lhe matáram, e tanta gente nobre, tinha perdida muita fazenda. E repetio elle tantas vezes nestes males, e damnos, que foi necessario a Affonso d'Alboquerque trazer-lhe á memoria a morte de Aires Correa, e do Marichal, té vir a lhe mostrar o braço esquerdo, que não mandava bem, dizendo que quem havia de pagar a ElRey seu Senhor os males, e damnos daquelles mortos, e tanta fazenda quanta tinha gastada, e a elle a aleijão de seu braço, tudo por vingar as cousas que o Çamorij passado tinha feito ao Reyno de Cochij. Com as quaes razões ficou ElRey contente da paz, (segundo já dissemos,) quanto ao que mostrava de fóra, posto que no peito lhe ficava outra cousa, como adiante se verá. Acabando Affonso d'Alboquerque de satisfazer a ElRey de Cochij per esta maneira, começou de entender em prover no mais a que viera dar vista áquella fortaleza, e principalmente a se prover pera tornar outra vez ao mar Roxo, pera que lhe convinha repairar náos, e fazer alguns navios de remo, por andar minguado delles.

les. Porque com ter mais duas fortalezas, que eram as de Malaca, e Calecut, e mais as que elle esperava ter no mar Roxo, e Ormuz, crescia tanto a obrigação do provimento dellas, e de outras muitas cousas do governo daquelle estado da India, que assentou aquelle anno, que era de quatorze, não entender em outra cousa, pera o de quinze, (querendo Deos,) estar prestes. Porém porque a gente além de andar cansada, tambem estava pobre, e vindo o inverno não se poderia bem manter, se a tivesse toda junta em huma fortaleza, ordenou de dar sahida a huma pouca, e a outra repartir per essas fortalezas. Com o qual fundamento ordenou desta maneira, que D. Garcia de Noronha invernasse em Cochij com parte da gente, pera com ella dar favor á nova fortaleza de Calecut, por as cousas della estarem ainda mui frescas, e convinha dar resguardo á pouca verdade que os Mouros tratam, e principalmente ácerca daquella fortaleza feita a pezar de tantos; e com outra parte de gente elle Affonso d'Alboquerque iria invernar a Goa; e outra, a que queria dar sahida, era em huma Armada de quatro vélas pera andar na boca do mar Roxo entre o Cabo Guardafu, e o de Fartaque. A capitanía mór da qual deo a Pero d'Alboquerque seu sobri-

nho

nho filho de Jorge d'Alboquerque, e os outros Capitães eram Ruy Galvão de Menezes filho de Duarte Galvão, Jeronymo de Sousa filho de Ruy Mendes de Vasconcellos, e Antonio Raposo de Béja, ao qual Pero d'Alboquerque deo regimento, que, passados os mezes que podia andar naquella parage, se fosse a Ormuz arrecadar as páreas, que ElRey devia do anno passado, e tratar com elle sobre as cousas da fortaleza, que elle Affonso d'Alboquerque tinha começado, e dahi fosse descubrir a Ilha Baharem, que está no seio do mar da Persia pegada na costa da Arabia. E nesta viagem que Pero d'Alboquerque fez, tomou dez náos de preza, na fazenda das quaes em Ormuz, onde a vendeo, fez muito dinheiro, e dahi commetteo ir descubrir a Ilha Baharem, e por causa dos tempos não pode ir avante, e naquelle caminho houve certas terradas d'ElRey de Ormuz, que lhe tinha tomado hum Capitão do Xeque Ismael per nome Mir Bubac, que trazia navios armados per aquelle estreito, o qual estava em Rexet, huma Villa porto de mar na costa da Persia. E levemente concedeo este requerimento de Pero d'Alboquerque, por ser Capitão d'ElRey de Portugal, com o qual elle sabia que o Xeque Ismael seu senhor desejava ter amizade. E quando El-

Rey de Ormuz houve as terradas, não esqueceo a Pero d'Alboquerque dizer-lhe que per alli veria quanto tinha ganhado em se fazer vassallo d'ElRey seu Senhor, pois a seu rogo aquelle Capitão do Xeque Ismäel dera o que lhe tinha tomado, e mais assentára com elle de não fazer damno em cousa sua. E isto dizia Pero d'Alboquerque a ElRey, e ao seu Governador Raez Nordim, porque davam escusas a se alli tornar fazer fortaleza, e que bem bastava ser elle vassallo d'ElRey, e pagar-lhe cada anno tributo, e que a fortaleza era materia de escandalo, dando a isto muitas razões. Finalmente recebidas as pareas, Pero d'Alboquerque, (passado o inverno,) se partio pera a India, onde chegou a salvamento. Neste mesmo tempo que Affonso d'Alboquerque espedio Pero d'Alboquerque com esta Armada, mandou Diogo Fernandes de Béja a ElRey de Cambaya assentar as cousas da fortaleza, que lhe tinha concedido em Dio, o qual Diogo Fernandes hia bem acompanhado com té vinte encavalgaduras, que havia de tomar na Cidade de Currate, de que era senhor Melique Gupi nosso amigo. E a pessoa segunda desta ida era Jemes Teixeira, que havia de succeder, vindo caso pera isso, e Francisco Paez era Escrivão da embaixada, e hum Duarte Vaz lingua com

ou-

outros homens, todos gente limpa, e bem tratados, como quem hia ao mais poderoſo Principe Mouro daquellas partes da India. O qual, poſto que fez muita honra a Diogo Fernandes, não lhe concedeo a fortaleza em Dio, dizendo, que ſe Melique Gupi eſcrevêra a Affonſo d'Alboquerque que elle a dava, tal não era, caſa de feitoria ſi, e a fortaleza em Currate que o meſmo Melique Gupi tinha, ou em cada hum deſtoutros dous lugares, Maim, e Bombaim. E porque ao tempo que Diogo Fernandes andava na Corte d'ElRey de Cambaya, achou Melique Gupi fóra da ſua graça, e Melique Az á força de peitas, e com muitas razões ante ElRey impedia iſto, ſegundo o meſmo Melique Gupi diſſe a elle Diogo Fernandes quando com elle ſe lá vio, não pode haver outro deſpacho, e com eſte veio pera a India. E em retorno de muitas peças ricas, que elle Diogo Fernandes levou a ElRey, além de outras que màndou a Affonſo d'Alboquerque, foi huma alimaria, a maior que a natureza creou depois do Elefanta, grande ſua imiga, e fereo com hum corno, que tem direito ſobre o nariz de comprimento de dous palmos, groſſo na raiz, e agudo na ponta, á qual os naturaes da terra de Cambaya, donde aquella veio, chamam Ganda, e os Gregos, e Latinos

Rhinoceros, e Affonſo d'Alboquerque a mandou a ElRey D. Manuel, e veio a eſte Reyno, e perdeo-ſe em huma náo caminho de Roma, mandando-a ElRey de preſente ao Papa. E quando Diogo Fernandes ſe embarcou em Çurrate, foi Melique Az tão aſtucioſo, que mandou Cide Alle com quatro atalaias, que são barcos de remo, que foſſe trás elle manquejando, como que o não podia alcançar té Goa, e entregaſſe a Affonſo d'Alboquerque hum grande preſente que lhe mandava, dizendo elle Cide Alle, que Melique Az lhe mandára que foſſe dar eſtas couſas a Diogo Fernandes pera lhas trazer, e chegando a Çurrate achára ſer já partido; e não ouſando tornar a Melique Az com tal recado, tomára licença de vir té onde achaſſe Diogo Fernandes, e que lhe não pezava deſte deſaſtre, por ſer azo de ir ver ſua Senhoria. E eſte artificio de Melique Az era a dous fins, a ver Cide Alle per ſi que Armada fazia Affonſo d'Alboquerque; e o outro, querer ſaber como elle tomava a nova, que lhe Diogo Fernandes levava de lhe não ſer concedida a fortaleza em Dio, ao qual elle logo eſpedio, porque entendeo vir por eſpia, e não a mais, dando-lhe retorno do preſente. Tambem neſte tempo mandou ao Hidalcão João Gonçalves de Caſtello-branco com dez enca-

cavalgaduras, e oitenta peães da terra; e a causa de sua ida era sobre as terras firmes de Goa, que lhe Affonso d'Alboquerque pedia a troco d'outro requerimento da entrada dos cavallos da Persia, que elle Hidalcão queria, temendo que ElRey de Bisnaga, com que elle tinha guerra, houvesse esta entrada per Baticalá, que era sem porto, sobre o qual negocio commettêra já grandes partidos a elle Affonso d'Alboquerque, e elle trazia-os ambos suspensos neste requerimento pera o conceder a quem lhe fizesse melhor partido. E havia poucos dias que a Goa viera hum Embaixador d'ElRey de Bisnaga com grande apparato, ao qual Affonso d'Alboquerque fez muita honra; e posto que mostrasse vir visitallo da sua vinda do estreito, e que se fizessem ambos em hum corpo pera lançarem os Mouros do Reyno Decan, e que ambos partiriam o ganhado, tudo per derradeiro vinha acabar nestes cavallos. Mas nenhum delles os houve da maneira que requeriam, porque nenhum concedeo o que Affonso d'Alboquerque pedia; e isto causou andar João Gonçalves com o Hidalcão muito tempo sem trazer alguma conclusão, que aprouvesse a elle Affonso d'Alboquerque.

CA-

CAPITULO II.

Como o anno de quatorze partíram deſte Reyno cinco náos, Capitão mór Chriſtovão de Brito, das quaes deſpachadas algumas, a que Affonſo d'Alboquerque mandou dar carga, elle ſe partio com huma groſſa Armada pera Ormuz, aonde chegou.

PAſſados nove mezes do anno de quinhentos e quatorze, que Affonſo d'Alboquerque deſpendeo no governo das couſas da India, e nas que fez, e ordenou no precedente capitulo; quando veio em Setembro, chegou a Goa Chriſtovão de Brito, filho de João de Brito que deſte Reyno partio por Capitão mór de cinco náos; e os Capitães de ſua bandeira eram Manuel de Mello filho de Janemendes d'Oliveira, Franciſco Pereira Coutinho, Luiz d'Antas, e João Serrão. E porque Luiz d'Antas chegou primeiro, Affonſo d'Alboquerque o mandou na meſma náo a Cambaya pera trazer algumas ſortes de mercadoria pera a carga, e perdeo-ſe neſta ida, ſalvando-ſe a gente, a qual náo ElRey mandava que ſe entregaſſe a Chriſtovão de Brito, que havia de ficar na India, e elle déſſe a ſua a Luiz d'Antas: peró com ella perdida, ficou Chriſtovão de Brito na em que foi. Aſſi que das cinco

náos

náos ficáram lá duas, e as outras foi Dom Garcia de Noronha carregar a Cochij com mais huma das que andavam lá, em que veio por Capitão Pero Mascarenhas; e neste anno veio tambem Fernão Peres d'Andrade com as suas, que trouxe de Malaca, (como dissemos.) Partidas estas náos, despejou-se Affonso d'Alboquerque de todolos outros negocios, e entendeo em os de sua partida pera hum destes lugares, aonde ElRey D. Manuel lhe mandou que fosse ao estreito do mar Roxo, ou a Ormuz. E como com Christovão de Brito fora hum Embaixador d'ElRey de Ormuz, o qual elle enviára a este Reyno com alguns requerimentos ácerca do fazer a fortaleza, e pagamento dos quinze mil xarafins de tributo, que lhe Affonso d'Alboquerque poz, e ElRey nestes requerimentos o remettia a elle Affonso d'Alboquerque; e nas cartas, que escrevia particulares sobre isso, mostrava ter mais desejo de se acabar este negocio de Ormuz, posto que quando fallava nas do estreito, per derradeiro leixava tudo em seu peito, segundo visse a disposição do tempo; quiz Affonso d'Alboquerque, estando já embarcado na Armada em a barra de Goa a vinte de Fevereiro do anno de quinhentos e quinze, ter conselho sobre isso com todolos Capitães, os quaes

eram

eram eſtes: D. Garcia de Noronha, Aires da Silva, Vaſco Fernandes Coutinho, Jorge de Brito, Lopo Vaz de Sampayo, Pero d'Alboquerque, Vicente d'Alboquerque, Simão d'Andrade, Ruy Galvão de Menezes, Pero Ferreira, Antonio Ferreira, Franciſco Pereira, Diogo Fernandes de Béja, Fernão Gomes de Lemos, Duarte de Mello, Nuno Martins Rapoſo, Antonio Rapoſo, João de Meira, João Gomes, Manuel da Coſta, Jeronymo de Souſa, João Pereira, Fernão de Rezende, Diniz Fernandes de Mello, Silveſtre Corço, Pero Corço ſeu irmão, e Ruy Gonçalves, e João Fidalgo ambos Capitães da Ordenança. E além deſtes Capitães, que haviam de ir neſta frota, eram tambem neſte conſelho D. João d'Eça Capitão da Cidade Goa, e D. Sancho de Noronha Alcaide mór. E porque o Embaixador, que ElRey de Ormuz mandou a eſte Reyno, era natural da Ilha de Sicilia, e ſendo moço fora cativo de Turcos, e levado áquellas partes de Ormuz, onde o fizeram Mouro, e com tal nome entrou neſte Reyno, e vendo o error em que andava, tornou-ſe reconciliar com a Igreja, e foi de cá com nome de Nicoláo Ferreira: quiz Affonſo d'Alboquerque per os meritos, que já tinha de fiel Chriſtão, que eſtiveſſe naquelle conſelho: e mais pela práti-

ti-

tica, que por muitos dias tivera com elle, sabia ser necessario estar elle presente. Assi que juntas estas principaes pessoas, e o Secretario Pero d'Alpoem, propoz-lhe Affonso d'Alboquerque o que lhe ElRey mandava ácerca de ir fazer huma fortaleza no mar Roxo, e tambem da posse da fortaleza de Ormuz; e que quanto a ida do mar Roxo, alli eram presentes muitos, que experimentáram os trabalhos, que o anno passado acháram naquella viagem. O que tinha sabido daquellas partes, depois que de lá vieram, era o que geralmente andava todolos annos per boca de Mouros, que vinham Rumes, o que elle havia por fabula; pelo que souberam, quando estavam no estreito, não haver em Suez mais que huns poucos de cascos começados, que, (segundo havia tempo que alli estavam,) eram mais pera o fogo, que navegar, e mais o Soldão não estava pera fazer a Armada pera a India, tendo tanto que entender em defender sua pessoa, e seu estado. Quanto ás cousas de Ormuz, alli estava Nicoláo Ferreira, o qual depois que chegára, nunca outra cousa fizera senão perguntar polo estado dellas; e o que tinha sabido per muitos Mouros Parseos, que alli andavam, era, que ElRey de Ormuz tomára a oração, e carapuça do Xeque Ismael,

mael, como homem que ſe queria entregar a elle com titulo de ſubdito. O qual Xeque Iſmael, ſe huma vez metteſſe o pé em Ormuz, como vizinho d'ante a porta, e mais tão poderoſo, que era hum freio naquelle tempo do Turco, havia de ſer mui máo de lançar fóra; e ſegundo o que Pero d'Alboquerque, que eſtava preſente, contou do ſeu Capitão Mir Bubac, que eſtava em Rexet, todo aquelle andar tomando as terradas de Ormuz, era querello aſſombrar, que ſe fizeſſe ſeu vaſſallo. Quanto o que tocava a elle Affonſo d'Alboquerque, que era fazer Armada preſtes pera cada hum deſtes lugares, que lhe ElRey mandava que foſſe, todos a viam, na qual eſtavam embarcados mil e quinhentos Portuguezes, e ſetecentos Malabares, e Canarijs; por tanto pedia que cada hum déſſe ſeu voto a qual deſtes dous lugares importava mais ao ſerviço d'ElRey ſeu Senhor acudir. Propoſtas eſtas couſas deſtes dous lugares, e examinada bem a neceſſidade que havia de acudir a cada hum delles, per voto geral foi aſſentado que primeiro ſe devia de ir a Ormuz, que ao eſtreito. Finalmente Affonſo d'Alboquerque ao ſeguinte dia, que era quarta feira de Cinza, ſe partio, levando vinte e ſete vélas, de que as quatorze eram náos de alto bordo, ſete caravellas,

las, e as outras navios de remo; e deste a vinte e hum houve vista da terra entre Maceira, e o cabo Roscalgate, onde lhe deo huma grão trovoada, e dahi a quatro dias vieram sobre a Villa Mascate. No qual lugar estava huma Armada de navios de remo d'ElRey de Ormuz, que guardava a costa por causa dos Nautaques, que da outra se passavam áquella a prear; e como houveram vista da nossa Armada, fizeram-se em outra volta com temor. Affonso d'Alboquerque, porque sabia que ElRey de Ormuz trazia alli aquellas vélas por guarda dos ladrões, não quiz mandar trás ellas, e correo de longo á Villa Curiate, onde esteve dous dias tomando agua. E aqui soube como Raez Hamet hum Mouro Parseo de nação, e sobrinho de Raez Nordim filho de hum seu irmão, o qual elle por lhe fazer bem trouxera ao serviço d'ElRey de Ormuz, estava feito hum tyranno, por o tio ser já homem de idade, com o mais que adiante diremos. Partido Affonso d'Alboquerque de Curiate mui cheio da tyrannia deste Mouro, chegou ao porto de Ormuz a vinte e seis de Março já tarde, vindo logo a elle Hacem Alle da parte d'ElRey ao visitar com presente de refresco, em companhia do qual vinha Miguel Ferreira, que elle tinha enviado ao Xeque Ismael.

mael. E a causa que moveo a elle Affonso d'Alboquerque mandar este Miguel Ferreira, tendo já por experiencia que podia correr risco de o matarem em Ormuz, ou de o não leixarem passar, como fizeram a Ruy Gomes de Carvalhosa, e ao companheiro que hia com elle, quando os mandava com outro tal recado, foi; porque chegando elle do mar Roxo em Goa, veio a elle hum Mouro Parseo, o qual viera em companhia de hum Embaixador do Xeque Ismael a todolos Capitães, e principes do Reyno Decan, que quizessem tomar a oração, e carapuça da sua secta de Alle. O qual Embaixador achando toda a India chea do nosso nome, e potencia de armas, e que ninguem podia seguramente navegar aquelles mares senão com hum salvo conduto do Capitão mór, ou dos Capitães das nossas fortalezas, e que elle havia de tornar per Chaul, onde desembarcára; pera esta passagem quiz aprazer a Affonso d'Alboquerque, e mandou-o visitar com hum presente de cousas da Persia, e offerecimentos da parte do Xeque Ismael, mostrando desejar ter amizade, e prestança com ElRey de Portugal, e com elle Capitão mór, pois estava naquellas partes da India em seu lugar. Affonso d'Alboquerque recebido o seu recado com muito contentamento, não quiz des-

despachar este Mouro em Goa, e levou-o comsigo a Cananor, e dahi o mandou a Cochij, tudo a fim que visse nossas fortalezas, e almazens cheios de artilheria, e munições de guerra; e quando despachou este Mouro, mandou ao Embaixador retorno do seu presente com grandes agradecimentos de sua visitação, pedindo-lhe que quando se quizesse tornar pera a Persia, houvesse por bem de levar em sua companhia hum seu mensageiro, que queria enviar ao Xeque Ismael; fazendo elle Affonso d'Alboquerque conta que poderia ir mui seguro com este Embaixador, e desta causa nasceo mandar elle este Miguel Ferreira. A substancia da qual ida eram offerecimentos geraes; e que ElRey de Portugal seu Senhor era tão poderoso, e tão liado com os Reys, e Principes da Christandade vizinhos ao Turco, que querendo elle Xeque Ismael fazer-lhe per sua parte guerra, elle lha faria pela sua, e assi outras cousas desta qualidade ácerca do que houvesse mister da India. E ao tempo que este Embaixador partio, a seu requerimento Affonso d'Alboquerque lhe mandou dar embarcação em Chaul, e quantos seguros, e provisões elle houve mister: donde succedeo, quando Miguel Ferreira foi ante o Xeque Ismael, fazer-lhe muito gazalhado, e muitas

tas

tas vezes esteve em prática com elle, perguntando-lhe mui miudamente por nossas cousas, assi do estado da India, como de Portugal, e de todolos Principes Christãos. E quando o quiz espedir, ordenou de vir com elle o proprio Mouro, que o seu Embaixador mandou a Affonso d'Alboquerque, o qual tambem era chegado com elle. Miguel Ferreira a Ormuz, e trazia hum grande presente a elle Affonso d'Alboquerque. E como todas estas cousas eram em accrescentamento do estado d'ElRey D. Manuel, hum tão poderoso homem como era aquelle Rey da Persia procurar sua amizade, e isto era ordenado per elle Affonso d'Alboquerque; quando vio Miguel Ferreira, teve tanto contentamento disso, como se vencêra huma grande batalha; e muito maior depois que lhe contou as cousas, que passára com o Xeque Ismael, em que vira nelle quanto estimaria ter amizade, e prestança com ElRey D. Manuel; té dizer hum dia ao seu Fysico mór, que lhe mandaria cortar a cabeça, se não désse a elle Miguel Ferreira, que acertára de adoecer.

CAPITULO III.

De algumas cousas que entre ElRey de Ormuz, e Affonso d'Alboquerque passáram, té elle ser entregue da fortaleza, que tinha começado da primeira vez que alli veio.

PAssado aquelle dia, em que Affonso d'Alboquerque foi visitado d'ElRey per Hacem Alle, que lhe trouxe o refresco, ao seguinte mandou per Duarte Vaz lingua dizer a ElRey, e a Raez Nordim como em sua companhia vinha o Embaixador, que ElRey Ceifadim seu irmão mandára a Portugal; e por quanto elle era tornado á Fé de Christo em que nascêra, e achava o Rey que o mandára, e seu Governador Coge Atar mortos, e não ousava de ir ante elle sem sua licença, lhe pedia que houvesse por bem de lhe mandar refens, hum filho, ou sobrinho de Raez Nordim, em quanto lhe hia dar sua embaixada, porque assi lhe escrevia ElRey seu Senhor que o fizesse. E tambem lhe fazia saber, que elle mandava vigiar toda a Ilha em torno pera não entrar na Cidade mais gente de fóra, sómente alguns mercadores, que trouxessem mantimentos, e mercadoria; e pera a passagem da terra firme, e serviço da agua, e outras cou-

cousas, que cada dia vinham do Mogostão á Cidade, elle ordenaria certas pessoas com terradas pera isso: por tanto que mandasse lançar pregão, que ninguem fosse, nem viesse senão nestas terradas: e mais lhe pedia que na Cidade houvesse todo assocego sem alvoroço algum, por quanto elle era vindo pera bem de todo seu Reyno. Partido Duarte Vaz lingua com este recado, não tardou com huma carta d'ElRey pera Affonso d'Alboquerque, em que lhe escrevia palavras brandas, e humildes, e que se faria quanto mandava; e entregue hum filho de Raez Nordim, que veio por refem, mandou Affonso d'Alboquerque o Embaixador Nicoláo Ferreira, acompanhado de Pero d'Alpoem Secretario, e de alguns criados d'ElRey, que o leváram honradamente. O qual levava d'ElRey D. Manuel duas cartas, em que respondia aos requerimentos, que elle Embaixador trouxera, a resolução dos quaes elle remettia a Affonso d'Alboquerque, a quem elle escrevia sobre isso, do qual podia saber sua resposta; e a outra carta era sobre hum Mouro, que viera a Portugal em companhia delle Nicoláo Ferreira, que era caçador de huma onça, que lhe elle enviára, o qual se tornára Christão, e com ella o enviára ao Papa a Roma. Chegado este Nicoláo Ferreira

ra ante ElRey, elle o recebeo com gazalhado, moſtrando ter grande contentamento de o ver; e todas eſtas moſtras de bom recebimento eram ordenadas per Raez Hamed, que eſtava á ilharga d'ElRey, per boca do qual elle dizia, e fazia tudo, ſem ouſar de accreſcentar, nem diminuir alguma couſa: tão aſſombrado o tinha aquelle tyranno. Nicoláo Ferreira, como já não era da ſua jurdição, dadas as cartas, tornou-ſe pera onde eſtava Affonſo d'Alboquerque, ao qual deo conta do que paſſára com ElRey, e o que ſentia delle ácerca da pouca liberdade que tinha, por eſtar aſſombrado de Raez Hamed; e que ſeu voto era, qualquer couſa que ſe houveſſe de fazer, ſer logo, porque aquelle Mouro não tiveſſe eſpaço de urdir alguma maldade. Affonſo d'Alboquerque, chamado todolos Capitães, fez diante delles que Nicoláo Ferreira reſumiſſe o que lhe diſſera; e praticado o modo, que teriam em começar eſte negocio da entrega daquella Cidade, aſſentáram niſto que ſe logo fez. Per Diogo Fernandes de Béja, e o Secretario Pero d'Alpoem mandou Affonſo d'Alboquerque pedir a ElRey, que lhe mandaſſe fazer entrega da fortaleza, que lhe fizera; e pera iſſo ſe abriſſe a porta, que tinha pera o mar, e foſſe fechada outra, que eſtava pera a Ci-

Cidade; e mais lhe mandasse dar humas casas vizinhas á fortaleza, as quaes havia mister pera apousento de alguns Capitães, porque elle vinha de vagar alguns mezes, e não podiam estar sempre no mar; e assi lhe mandasse os seus Governadores com o contrato da entrega, que elle fez daquelle Reyno a ElRey Ceifadim, por ser mui necessario na prática, que havia de ter com elles. Foi a resposta deste recado, que ElRey deo, que elle praticaria sobre isso aquella noite com todolos seus Governadores, e pela manhã responderia a tudo; e como homem que temia escandalizar, se tardasse, em amanheçendo mandou visitar o Capitão mór per Hacem Alle com hum presente de jarras de tamaras, e outro refresco, dizendo que podia mandar as pessoas, que lá foram, pera lhe dar a resposta do que elle Capitão mór mandára pedir, á qual elle mandou o mesmo Secretario, e Manuel d'Acosta. E porque primeiro que viesse a concluir, houve entre elles muitos recados sobre a entrega da fortaleza, que ElRey não queria dar naquelle lugar, por ser mui vizinha ás suas casas, nem menos os refens, em quanto se ella acabasse, per fim de todolos recados veio Raez Nordim seu Governador a tomar conclusão em tudo. Ao qual, por ser homem velho, e gottoso, concedeo

Af-

Affonſo d'Alboquerque que elle não ſubiſſe aſſima á náo, e deſceo a baixo a ouvir o que queria a huma galé, onde Manuel d'Acoſta fora, de que era Capitão, em que vinham muitas peſſoas nobres, que Affonſo d'Alboquerque mandára pera o trazerem honradamente. Em companhia do qual vinha Raez Hamin irmão de Raez Hamed por olheiro, e eſcuita por parte do irmão, temendo que diſſeſſe elle Raez Nordim a Affonſo d'Alboquerque a força, que lhe tinha feito, e a ſujeição em que ElRey eſtava, porque ſabia que eſte Raez Nordim ſempre ſe inclinára a noſſas couſas. Affonſo d'Alboquerque, porque foi logo aviſado diſſo por Duarte Vaz lingua, em Raez Nordim entrando na galé, o tomou pela mão, dizendo: *Vós, e eu ſomos velhos; voſſo ſobrinho, e meu ſobrinho D. Garcia são mancebos, vam fallar ambos em couſas de ſua idade, e nós fallaremos em as da noſſa*; e per eſte modo ficou ſó com Raez Nordim. E na prática que ambos tiveram, veio elle a conceder em tudo o que Affonſo d'Alboquerque pedia, conformando-ſe com os contratos, que elle aſſentára com ElRey Ceifadim, e Coge Atar já defuntos; e no fim deſtes concertos, ſegundo o coſtume da terra, Affonſo d'Alboquerque mandou veſtir a Raez Nordim huma cabaia de broca-

do, e lhe lançou hum ramal de contas grossas, que teriam cem cruzados, e ao sobrinho outra cabaia de cetim cramesim, com botões de ouro per toda a dianteira, e ao Mouro Hacem dos recados cinco covados de escarlata, e cincoenta cruzados. E pera ElRey mandou-lhe entregar hum colar de ouro esmaltado rico, e huma bandeira das armas de Portugal pera a mandar arvorar em suas casas, e ser notorio a toda a Cidade a paz, que tinham assentado; e assi lhe deo huma Provisão pera que todolos barcos, e terradas pudessem ir á terra firme trazer todalas mercadorias, e mantimentos, que quizessem, com tanto que não viesse gente de armas em nome de mercadores. Acabado este acto de paz, foi Raez Nordim tornado á Cidade com grande triunfo de bateis, e festa de trombetas, e á partida da náo tirou toda a artilheria da frota, a que respondeo a que ElRey tinha na Cidade; e depois que a bandeira foi arvorada nas casas d'ElRey, se dobrou a festa da artilheria. Affonso d'Alboquerque, como no rematar das cousas tinha hum espirito apressado, e inquieto, vendo que ao outro dia, que era sabbado vespera de Ramos, a porta da fortaleza não era aberta, quando veio ao Domingo, mandou Thomaz Fernandes mestre das obras com certos

tos pedreiros, e todo necessario a seu officio, pera abrir este portal, e no caminho acháram Hacem Alle, que vinha com recado a Affonso d'Alboquerque, que mandasse officiaes pera isso, porque os seus não se atreviam ao fazer á sua vontade, ao qual respondeo, que já os mandava. Em guarda dos quaes com gente mandou D. Alvaro de Castro, e Antonio d'Azevedo; e quando veio á noite, que soube ser o portal aberto, foi-se lá com todolos Capitães, e chegando á entrada delle, poz-se em giolhos com as mãos levantadas, dizendo: *Assi como tu, Senhor, em tal dia como hoje entraste em Jerusalem, e foste recebido de todo o povo por verdadeiro Rey, e Messias, assi apraza a ti que nós teus fieis sejamos hoje recebidos em nome d'ElRey D. Manuel, cujas armas traz em memoria das tuas cinco Chagas, com toda paz, e obediencia, pera que o teu Nome seja aqui conhecido, e venerado em sacrificio de louvor, pois te aprouve dar-nos esta Cidade sem sangue.* Vista a fortaleza, que já estava despejada de todo, e tornado ás náos, ao outro dia começou-se de pôr mãos á obra com tanta diligencia, que quando veio quarta feira de Tréyas, estava feita huma tranqueira, que os da Cidade não podiam entrar per aquella porta, e os nossos ficavam

vam

vam com a ſerventia do mar, ſem poderem ſer impedidos, porque a tranqueira era forte, e defenſavel com a artilheria, que tinha. Acabada de ſegurar eſta ſerventia, mandou Affonſo d'Alboquerque a Manuel d'Acoſta, que era Feitor de toda a Armada, que levaſſe todalas mercadorias que tinha, e ſe metteſſe na fortaleza, porque viſſem os Mouros que tambem havia de ſervir de caſa de commercio, como de fortaleza; e elle Affonſo d'Alboquerque apouſentou-ſe em humas grandes caſas, que lhe deſpejáram, que ſerviam de hoſpital, a que elles chamam madraçal, as quaes eram junto da fortaleza. E os Capitães com toda a gente de armas ſe apouſentáram em outras caſas, e dentro da tranqueira nos lugares, qne lhe deram por eſtancia, té ſe acabar a obra da fortaleza, em que ſe haviam de recolher.

CA-

CAPITULO IV.

Como Affonſo d'Alboquerque recebeo hum Embaixador do Xeque Iſmael com hum preſente que lhe trazia, e o deſpacho que houve de ſua Embaixada.

AFfonſo d'Alboquerque como em quanto durou ſegurar eſte lugar da fortaleza, foi mui occupado, e mais não queria que eſte recebimento foſſe no mar per honra da peſſoa, cuja era a embaixada, entreteve o Embaixador do Xeque Iſmael, que viera com Miguel Ferreira; e tambem de induſtria, porque viſſem os Mouros de Ormuz o preſente, que lhe mandava eſte Principe, que naquelle tempo era terror da Perſia, e a todalas Provincias ſuas vizinhas, como homem que deſejava de nos ter por amigos, e contentes. E pera eſte dia de ſua vinda a elle mandou á porta da fortaleza fazer hum cadafalſo com eſtrado alto cuberto de alcatifas, e toldado de pannos de ſeda, e a paredes a que ſe havia de encoſtar, armada de tapeceria, e hum docel de brocado com huma cadeira rica per ſua peſſoa, e outra pera o Embaixador, ambas guarnecidas de veludo crameſim, e ouro, e pelas ilhargas muitas almofadas de brocado, com todo o mais que cumpria pe-

pera aquelle acto. Ordenadas todalas cousas pera esta hora da vinda do Embaixador, assentou-se Affonso d'Alboquerque em sua cadeira, vestido segundo estado com que o recebia, e derredor delle os Capitães, e Fidalgos principaes vestidos de festa, e obra de seiscentos homens armados postos em ordenança, os quaes estavam ao longo da praia em rua, per onde o Embaixador havia de passar, e outra gente armada mais limpa em cerco do estrado; e a fóra esta gente armada havia pela praia muita gente solta do povo da Cidade. ElRey de Ormuz a este tempo com seus Governadores, e Mires, que são os nobres do Reyno, poz-se ás janellas de suas casas, que cahiam sobre a vista deste lugar, per onde entrava o Embaixador, o qual era acompanhado de D. Garcia de Noronha, como pessoa principal, e de muitos Fidalgos, e Cavalleiros, trazendo o Embaixador o presente ante si nesta ordem. Vinham dous homens a cavallo, e cada hum delles trazia huma onça, os quaes sabiam caçar montaria com ellas, e logo a estes cavallos seguiam outros acubertados com saias de malha de armas á sua usança, e trás os cavallos vinha o presente, que eram joias de ouro, peças de brocado, e de seda, pedras Turquezas por lavrar, assi como sahem da mi-

mina, o que tudo podia valer té tres mil cruzados, as quaes peças traziam homens em bacios de prata de agua ás mãos altos, todos hum ante outro, e de trás vinha o Embaixador com D. Garcia, que o acompanhava. E peró que elle era festejado com as trombetas, e atabales de Affonso d'Alboquerque, que vinham diante delle, tanto que foi na praia, desparou toda nossa artilheria, que apagou todolos instrumentos, e rumor da gente, que era quanta havia na Cidade. Subido o Embaixador ao cadafalso, onde Affonso d'Alboquerque estáva em seu estrado, elle se alevantou da cadeira, e se alargou della hum espaço; e chegado ao Embaixador, fazendo-se entre elles cortezia cada hum á sua usança, foram-se assentar nas cadeiras, e depois de o Embaixador estar assentado, metteo na mão a Affonso d'Alboquerque duas cartas, huma pera ElRey D. Manuel, e outra pera elle; a d'ElRey guardou Affonso d'Alboquerque, e a sua deo ao Secretario Pero d'Alpoem, que tinha á ilharga. Dadas estas cartas, apresentou o Embaixador o presente; e porque entre as peças vinha huma cinta de ouro, e huma espada, por comprazer ao Embaixador, que lho pedio, Affonso d'Alboquerque cingio tudo, por entre elles se haver em sinal de paz, e amor.

Pas-

Paſſado eſte acto da entrega do preſente, Affonſo d'Alboquerque começou de lhe perguntar pela diſpoſição do Xeque Iſmael, e de ſua mulher, e filhos, e aſſi outras couſas geraes daquellas chegadas, e depois pola delle Embaixador, e do trabalho do caminho. Na qual prática eſtiveram pouco eſpaço ſem tratarem de outra couſa, remettendo Affonſo d'Alboquerque o mais pera ſe verem de vagar, depois que deſcançaſſe de tão comprido caminho como fizera, e com iſto o eſpedio, ſendo levado per Dom Garcia á ſua pouſada com a meſma pompa de companhia como o trouxe, ao qual Affonſo d'Alboquerque mandou fazer toda a deſpeza de ſua peſſoa, e caſa em quanto alli eſteve. E quando veio a ſegunda viſta, que começou tratar nas couſas a que era enviado, porque a carta que elle Embaixador trazia pera elle Affonſo d'Alboquerque era ſómente de crença, paſſadas offertas geraes, que deo da parte do Xeque Iſmael, e quanto deſejava ter amizade com ElRey D. Manuel, e haver entre elle communicação de obras, entre algumas couſas que apontou, foram duas importantes ás couſas de Ormuz: hũma, que os direitos das mercadorias, que da Perſia entravam em Ormuz, foſſem delle Xeque Iſmael; e a outra, que lhe déſſe lugar a certa gente ſua pe-

pera paſſar per Bátem, e Catifa á terra de Arabia. E porque polo que ſe adiante dirá na morte de Raez Hamed, por ſua cauſa o Xeque Iſmael ſe tinha por Senhor de Ormuz, e eſte Embaixador, e preſente que mandava, era cuidando que elle Affonſo d'Alboquerque eſtaria na India, e não em poſſe delle, entendeo Affonſo d'Alboquerque que eſtas duas couſas, que o Embaixador pedia, ſerem movidas, e induſtriadas per Raez Hamed, e per Abrahem Beque hum Capitão do Xeque Iſmael, que alli eſtava com titulo de vir comprar certos cavallos de Arabia, e que o Embaixador as não trazia em ſua inſtrucção. E além deſtas duas couſas lhe pedio que lhe déſſe hum porto na India, onde os ſeus naturaes vieſſem ſeguramente fazer ſeus negocios; e aſſi ajuda per mar pera tomar hum lugar, que eſtá entre a terra de Jaſque de Ormuz, e Diulcinde, ao qual chamam Guadel, donde os Nautáques, que habitam aquella coſta, ſahem com Armadas ſaltear as náos que per alli paſſam, porquanto aquelle porto de Guadel era do ſenhorio d'ElRey de Macram ſeu vaſſallo, o qual ás vezes ſe lhe rebelava com o favor que tinha do mar. A reſpoſta das quaes couſas, poſto que não foram logo naquelle dia, Affonſo d'Alboquerque lha deo per fim do ſeu deſpacho,

di-

dizendo, que quanto aos direitos das mercadorias da Perſia, que entraſſem em Ormuz, os gaſtos das Armadas, que continuadamente andavam contra os Nautáques, eram tão grandes, e aſſi a deſpeza que ſe fazia com a gente que eſtava em guarda, e defensão das Villas, e Lugares da coſta da Arabia, que em nenhuma maneira ſe podiam alargar os taes direitos; porque a principal renda que Ormuz tinha, com que ſuſtentava ſeu eſtado, eram os direitos da entrada, e ſahida das mercadorias. Quanto a paſſagem pera a terra de Arabia, e aſſi porto na India, e ajuda pera tomar o lugar de Guadel, era mui contente, com tanto que as mercadorias que vieſſem da India pera Ormuz não lhe deſſem per o porto de Guadel nenhuma ſahida, e leixaſſem vir as náos ſua via. E com eſta reſpoſta lhe fez offerecimentos geraes, que não penhoram muito, principalmente ajuda contra o Soldão do Cairo, e o grão Turco ſeus imigos. Deſpachado eſte Embaixador quanto a ſeus requerimentos, diſſe-lhe que ao tempo de ſua partida elle Affonſo d'Alboquerque tinha aſſentado de mandar em ſua companhia hum Embaixador em nome de ElRey de Portugal ſeu Senhor ao Xeque Iſmael. E porque ante que eſte Embaixador partiſſe, o do Xeque Iſmael eſteve dous

me-

mezes em Ormuz, primeiro que digamos a partida delles, entraremos nas cousas que Affonso d'Alboquerque fez neste tempo.

CAPITULO V.

Em que se diz que homem era Raez Hamed, que tinha sujeito a ElRey de Ormuz: e como Affonso d'Alboquerque se vio com ElRey, nas quaes vistas foi morto Raez Hamed tyranno, e Ormuz despejado de todolos seus parentes, e ElRey posto em sua liberdade.

AO tempo que Affonso d'Alboquerque tomou Ormuz, reinava nelle ElRey Ceifadim, e era seu Governador Coge Atar, com quem elle assentou o contrato das pareas, que elle Ceifadim havia de pagar a ElRey D. Manuel, segundo escrevemos. Morto Coge Atar ficou Raez Nordim por Governador d'ElRey Ceifadim, ao qual per sua morte succedeo hum seu irmão homem mancebo, ficando por seu Governador o mesmo Raez Nordim. O qual como era homem já de idade, posto que tivesse filhos, por ser mais senhor do officio, e segurar sua pessoa, e mais por dizerem ser elle causa da morte do Rey passado, trouxe da Persia das Comarcas de Raxet, e Xilão, donde elle era, alguns parentes, entre

os

os quaes foi hum ſeu ſobrinho filho de hum ſeu irmão homem de trinta annos, alvo, de boa preſença, cavalleiro ſabedor nas couſas da guerra, e naturalmente ſoberbo, aſtucioſo, ao qual chamavam Raez Hamed, e era Capitão do Xeque Iſmael. Eſte, depois que vio o modo do Reyno, e ElRey ſer mancebo entregue a Raez Nordim, começou logo de ſe ordenar pera o que ao diante fez: metteo em Ormuz tres irmãos, e tantos primos, e parentes, que ſeriam té vinte peſſoas, e com ellas viriam quinhentos frécheiros, mettendo-os poucos, e poucos. Os quaes parentes pola razão que tinham com Raez Nordim, eram eſtimados de toda a Cidade, principalmente por cauſa de Raez Hamed, que já neſte tempo tinha muita parte em caſa d'ElRey. Eſte Raez Hamed como ſe vio favorecido com tantos irmãos, e parentes, concebeo em ſi dar aquelle Reyno de Ormuz ao Xeque Iſmael, cujo Capitão elle fora, parecendo-lhe que com qualquer penſão que déſſe ao meſmo Xeque Iſmael ficaria elle por Rey, com o qual fundamento começou ordenar ſuas couſas a eſte fim. E havendo hum anno que entrára em Ormuz, pedio a ElRey que lhe fizeſſe mercê da governança que Coge Atar tivera, e aſſi das ſuas caſas, e outros requerimentos, de que ElRey não ficou con-

ten-

tente, e ſe eſcuſou diſſo por então; e como era moço, vendo-ſe aſſombrado delle pola poſſe que queria tomar de ſua peſſoa, e caſa, praticou eſte caſo com Raez Nordim, e aſſentáram de o mandar por Capitão de huma Armada de terradas contra os Nautaques, a qual elle meſmo fez á ſua vontade, e pagou á gente de ſoldo. Mas tanto que partio de Ormuz, como quem tinha mais olho em ſe fazer ſenhor do Reyno, que de ſer Capitão, tornou logo de noite ás caſas d'ElRey; e polo favor que tinha de dous irmãos que lá dormiam, e ficáram ordenados pera iſſo, foram-lhes as portas abertas, e entrou com aquelle impeto de gente que levava té elle chegar onde ElRey jazia com ſua mulher, pondo-lhe huma eſpada nos peitos que o queria matar. Ao qual ElRey com muita piedade pedio que o não quizeſſe matar, e que tomaſſe de ſeus theſouros, e do Reyno quanto quizeſſe; ao que elle reſpondeo que não queria mais delle ſenão ſaber que lhe dava a vida. Finalmente per eſte modo elle ſe apoderou da peſſoa d'ElRey, e prendeo o tio Raez Nordim, e a ſeus filhos, e não quiz matar ElRey, porque não eſtava ainda tão poderoſo que pudeſſe conſeguir ſeu intento naquelle tempo, e contentou-ſe com ficar abſoluto ſenhor do Reyno, ſem ElRey ter mais

mais liberdade que hum cativo, e de ſua fazenda não lhe dava mais que cem xarafins de ouro cada anno pera ſeu folgar. Affonſo d'Alboquerque chegando a Curiate, (como diſſemos,) ſoube parte deſtas couſas, e depois que foi em Ormuz, mais particularmente outras; e ante de ter poſſe da fortaleza, não quiz ſaber de Raez Nordim ſe era verdade o que lhe diziam deſte tyranno. Porém no dia que recebeo o preſente de Xeque Iſmael eſteve com elle, do qual ſoube tudo, e ainda aqueixando-ſe do máo tratamento que lhe tinha feito, tendo-o ſempre prezo té a ſua chegada. Dizendo mais que a cauſa de algumas dúvidas que ElRey tivera ácerca do entregar a fortaleza, fora por parte delle Raez Hamed, e que ElRey deſejava muito de ſe ver fóra delle, e pedia a elle Affonſo d'Alboquerque como a pai que lhe déſſe a iſſo algum remedio. Affonſo d'Alboquerque aſſi por eſtes requerimentos d'ElRey, como porque elle Raez Hamed té então não o tinha mandado viſitar, nem mandou recado algum, paſſando-ſe tantas couſas de que elle era author, ſem moſtrar que entrevinha nellas, tomou ſuſpeita do que elle Raez Hamed trazia no penſamento, que era dar Ormuz ao Xeque Iſmael, porque vio elle Affonſo d'Alboquerque ſinaes pera iſto ſuſpeitar delle. Os

quaes

quaes eram, que por intercefsão ſua tinha ElRey tomado a carapuça delle Xeque Iſmael, e mandado que na meſma meſquita ſe diſſeſſe a ſua oração, e ſe apagaſſe toda a outra ceremonia; e aſſi achou Affonſo d'Alboquerque chegando a Ormuz Habrahem Beque Capitão do Xeque Iſmael, que tem ſuas terras mui vizinhas ás de Ormuz, homem mui principal, e eſtava alli com ſete, ou oito ſervidores, e toda outra gente ſua tinha na terra firme. E perguntando elle Affonſo d'Alboquerque que fazia alli Habrahem Beque, hum homem tão notavel, diſſeram-lhe, que era vindo a mandar quinze, ou vinte cavallos a Cambaya, e a certas couſas do Xeque Iſmael, o que lhe não pareceo couſa conveniente huma tal peſſoa vir a tão pequeno negocio. Aſſi que eſguardando todas eſtas couſas, que eram mui claros indicios, diſſimulou-os pera ſeu tempo, e por tomar conclusão com elle Raez Hamed, lhe mandou alguns recados, dizendo tambem entre outras palavras, que folgaria que ſe viſſem ambos; ao que elle reſpondeo que ſería quando ſe elle Affonſo d'Alboquerque viſſe com ElRey. O que Affonſo d'Alboquerque diſſimulou, e começou de tratar neſta viſta entre elle, e ElRey, e houve por reſpoſta, que ElRey era contente, e iſto ſería á porta de fóra das caſas d'ElRey,

onde ſe armaria huma tenda, em que ambos eſtiveſſem. Ao que Affonſo d'Alboquerque reſpondeo, que ſendo elle Capitão mór de quatro náos, ElRey Ceifadim ſeu irmão lhe viera fallar fóra de ſua caſa em hum Cerame, e que ao preſente era Governador da India, que com ſeus poderes repreſentava a peſſoa d'ElRey de Portugal ſeu Senhor, cujo vaſſallo, e tributario elle Rey era, por tanto lhe havia de vir fallar a ſua caſa, e não elle á ſua. O qual negocio chegou a tanto por parte de Raez Hamed, que quaſi ſe poz em rompimento de guerra, ante que conceder ir ElRey a caſa delle Affonſo d'Alboquerque; peró Affonſo d'Alboquerque levou tudo per pontos brandos, té que ſe aſſentou que ElRey iria a ſua caſa, e havia de ſer com condição, que nella não eſtiveſſe gente armada, ſómente os Capitães ſem armas, o que lhe Affonſo d'Alboquerque concedeo, com tanto que a outra gente de fóra das caſas havia de eſtar armada, por quanto ElRey era coſtumado por guarda de ſua peſſoa, quando ſahia fóra, levar ſeus frécheiros, e homens de armas. E tambem pelo meſmo modo os que entraſſem com ElRey na caſa onde elle Affonſo d'Alboquerque eſtiveſſe, não levaſſem armas. Ordenado o dia em que ſe haviam de ver per eſte modo, mandou Affonſo d'Albo-

boquerque armar toda a gente de armas, a qual eſtiveſſe á porta que ſahia pera a praia, e toda a outra gente de Ordenança eſtiveſſe armada em ſuas pouſadas, e tão preſtes, que em lhes fazendo hum certo ſinal de hum eirado das caſas delle Affonſo d'Alboquerque, acudiſſem á rua. E aſſi mandou aos Capitães, que haviam de eſtar com elle, que tiveſſem punhaes, e as outras armas os pajes que os haviam de aguardar á porta. Ordenadas eſtas couſas, quando veio a hora da vinda d'ElRey, porque tardava, mandou-lhe Affonſo d'Alboquerque dizer per o Secretario Pero d'Alpoem, e Alexandre d'Ataíde lingua, que eſtava eſperando por elle, e leváram comſigo as trombetas pera virem com a peſſoa d'ElRey. Aos quaes Raez Nordim, que os veio receber á porta, diſſe, pera que era tanta gente de armas como o Capitão mór tinha comſigo? Ao que Pero d'Alpoem reſpondeo, que elle não tinha comſigo ſenão gente deſarmada, e que a outra de fóra, poſto que armada eſtiveſſe, elle o podia fazer, porque aſſi ſe aſſentou, e que outro tanto podia ElRey fazer, ſómente os que entraſſem com elle. Acabadas eſtas dúvidas, e receios, ſahio ElRey de ſua caſa a cavallo com trombetas, e atabales diante, e ſeus frécheiros em ordenança; e Raez Hamed

como não lhe ſegurava o animo aquella ſahida, tomou obra de trezentos delles, e foi ter á porta de Affonſo d'Alboquerque, entrando como homem alvoroçado, e quiz metter comſigo com hum preſente que levava, obra de cincoenta homens armados de armas ſecretas, que lhe D. Garcia de Noronha que eſtava á porta não conſentio, por eſtar ordenado que entraſſe elle ſó. Ante como quem o vinha receber, e que deſpejavam a gente pera lhe dar entrada, chegou D. Garcia, e o levou nos braços; e porque elle vinha armado ſecretamente, ſegundo D. Garcia ſentio quando o abraçou, e de fóra trazia hum terçado, adaga, eſcudo, e maça de ferro, perguntou-lhe per meio de Alexandre d'Ataíde lingua, que como trazia armas, pois nenhum de quantos eſtavam dentro as tinha? o qual como homem de pouco aſſocego reſpondeo: *Iſto não he nada*, e virando-ſe pera a porta, diſſe contra ElRey que queria entrar: *Tende-vos lá, que tem gente armada.* Alexandre d'Ataíde lingua quando lhe ouvio iſto, o tomou pela mão, dizendo: *Andai cá, eu vos moſtrarei as caſas, que todas eſtam ſem iſto que dizeis*; e entrando com elle, topou com Affonſo d'Alboquerque, que o vinha receber, e em o querendo apartar pera huma parte da caſa per hum braço, ti-

rou

cou Raez Hamed per elle hum pouco tezo, e lançou mão de huma béca de veludo, que Affonſo d'Alboquerque trazia. E vendo elle que fizera iſto com pouco acatamento, ante que mais foſſe, diſſe contra os Capitães que eſtavam arredados: *Matem-no*; e dizendo eſtas palavras, foi tanto o punhal ſobre elle, que alguns Capitães ſe feríram nos dedos, por ſerem huns ſobre outros, vendo que debaixo trazia armas. No qual feito foi Pero d'Alboquerque, Lopo Vaz de Sampaio, Ruy Galvão de Menezes, Jeronymo de Souſa, Diogo Fernandes de Béja, Antão Nogueira, e outros Fidalgos. Feita eſta obra, foi-ſe Affonſo d'Alboquerque per onde entrava ElRey, dizendo aos Capitães, e gente que eſtava com D. Garcia: *Já tudo he feito*, e mandou-lhe que rijamente entretiveſſe a gente de Raez Hamed, que vinha detrás d'ElRey, a qual vendo que lhe cerravam a porta, remettêram rijo a ella, entendendo o que hia dentro. A gente de armas que Affonſo d'Alboquerque mandou eſtar na praia, porque ouvíram o rumor deſta gente de Raez Hamed, entráram dentro rijo onde ElRey eſtava com Affonſo d'Alboquerque, ao qual elle tomou nos braços, e ſe apartou a huma parte com elle fóra do impeto da gente, da qual ElRey teve temor, té que

que elle Affonso d'Alboquerque assocegou aquella furia, com que a gente de armas entrou, e a fez tornar a seu lugar, e de si mandou lançar o corpo de Raez Hamed na praia. A sua gente como vio que a porta per onde elles quizeram entrar, que era a porta da Cidade, lhe fora fechada, remettêram com machadinhas pera a quebrarem, ao que Affonso d'Alboquerque acudio, mandando fazer o sinal no eirado, que todos esperavam. Ao qual acudio tão prestes a gente de Ordenança pela rua direita per onde os mandáram vir, que atocháram toda a rua de maneira, que a gente d'El-Rey, e a de Raez Hamed, que estavam bradando á porta, cuidando ser feito algum mal á pessoa d'ElRey, ficou toda fechada naquelle lugar, sem terem per onde sahir. E porque já dentro na casa onde ElRey estava se sentia a revolta de toda esta gente de fóra, disse ElRey a Affonso d'Alboquerque que mandasse á gente de armas que não travassem guerra com os seus, pois todos estavam a serviço d'ElRey de Portugal, como vassallos seus, que eram. O que elle logo fez, tendo já a este tempo a gente da Ordenança tomado posse da porta; e pera ordenarem esta como elle queria que estivessem, além dos Capitães da Ordenança que ella tinha, Affonso d'Alboquerque mandou es-

estas pessoas: D. Alvaro da Silveira, Ruy Galvão de Menezes, e Diogo Fernandes de Béja; e leixando elle os outros Capitães, que estavam com elle na casa terrea, subio-se acima ao eirado com ElRey, e mandando lançar huma alcatifa, e pôr sobre ella huma cadeira, fez assentar ElRey que se mostrasse aos seus. Os irmãos, e parentes de Raez Hamed quando víram ElRey, e não a elle, começáram bradar que lho dessem, ou mostrassem, aos quaes Affonso d'Alboquerque mandou dizer que a cabeça lhe mandaria se quizessem. Quando elles ouvíram esta resposta, entendendo Raez Hamed ser morto, começáram de ameaçar ElRey, dizendo que elles se iriam para os seus paços, e tomariam o thesouro, armas, e os filhos d'ElRey Ceifadim, como logo fizeram, pondo-se em determinação de se defender, e puzeram artilheria em lugares pera isso. Affonso d'Alboquerque, porque aquelle dia lhe convinha tomar conclusão, e remate deste negocio, mandou logo ás mãos trazer escadas, e todo o necessario pera entrar as casas d'ElRey per força. Vendo ElRey, e Raez Nordim sua determinação, pedíram-lhe que sobrestivesse nisso, porque queriam levar este negocio per modo que não houvesse rompimento de guerra, o que lhe elle concedeo, os quaes mandá-

dáram logo chamar todolos Cacizes, e foram, e vieram com recados de huma, e outra parte, e de ſi Raez Nordim, e per derradeiro Habrahem Beque com recado de Affonſo d'Alboquerque, que ſe té Sol poſto não deſpejaſſem os paços d'ElRey pera elle ir dormir em ſua cama ſeguro, e aſſocegado, e elles ſe paſſaſſem a terra firme, promettia de não dar vida a algum. E como Habrahem Beque era ſecretamente cabeceira deſta maça, acabou com elles que ſe ſahiſſem, e foſſem, os quaes ſeriam per todos vinte e cinco caſas, que leváram comſigo perto de ſetecentas peſſoas. Peró não os leixou Affonſo d'Alboquerque ſahir ſem primeiro hum filho de Raez Nordim ſe ir entregar de toda a fazenda d'ElRey com hum Eſcrivão, e Theſoureiro, em cujo poder eſtava, a qual entrega ſe fez dentro em quatro horas, e elles todo aquelle dia, e parte da noite embarcáram com ſuas mulheres, filhos, familia, e fazenda, ſem lhes ſer feita offenſa alguma, porque aſſi o mandou Affonſo d'Alboquerque. Os quaes depois que foram na terra firme, mandáram pedir a Affonſo d'Alboquerque o corpo de Raez Hamed pera lhe darem ſepultura em ſua terrra; e elle reſpondeo que os trédores, e máos não haviam de ter ſepultura, nem lugar conhecido onde jouveſſem, por iſſo

lho não dava, e sem mais repetir se partíram. Acabado este feito, disse Affonso d'Alboquerque a ElRey, que ainda estava naquelle eirado, onde comeo publicamente ao jantar, que se podia ir pera as suas casas, que já tinha despejadas daquella má gente; ao que elle respondeo, que faria tudo o que elle mandasse, pois o tinha por pai, e amparo de sua vida, e estado. Affonso d'Alboquerque porque nestas ceremonias de honrar a pessoa o segurasse, e dar algum assocego á Cidade, quando vissem como o tratava, mandou vir todolos cavallos acubertados que ElRey tinha, e cavalgou elle, e alguns Capitães, e D. Garcia com outros, e com a gente que havia de ficar em terra, sahíram com ElRey todos a pé, e ElRey em hum cavallo vestido com humas couraças de cetim branco com sua cravação dourada, e huma fralda de malha, que elle quiz vestir, e pedio a Affonso d'Alboquerque, dizendo que desejava de vestir aquellas armas por lhe parecerem bem no corpo de hum Capitão que as trazia vestidas. E sahindo pela rua, além da porta onde cavalgou, foi ter com Affonso d'Alboquerque que o estava esperando; e porque o seu cavallo era hum pouco desassocegado com as cubertas que levava, fazia tão grande terreiro entre a gente, que não pode

Af-

Affonſo d'Alboquerque ir junto d'ElRey, e foi-ſe diante com os de cavallo, que o acompanhavam. Sería o povo que ſe ajuntou, e poz per as janellas, e eirados da rua per onde ElRey hia, paſſante de trinta mil almas; e quando o víram naquella pompa, e com maior eſtado do que nunca cavalgou, todos a huma voz em modo de louvor davam graças a Affonſo d'Alboquerque por lhes tirar o ſeu Rey do cativeiro daquelle tyranno, e o poz em eſtado de tanta honra. E certo que tinham elles niſſo razão; porque como todolos noſſos pera aquelle acto de acompanhar ElRey aſſi a pé ſe armáram das melhores, e mais freſcas armas que tinham, era couſa muito pera ver, e louvar. Chegado ElRey á porta das ſuas caſas, ſahio ao receber Abrahem Bec o Capitão do Xeque Iſmael, e o ſeu Embaixador, e deram tambem muitas graças a Affonſo d'Alboquerque do modo que tivera de libertar aquelle Principe, e da honra que lhe fazia; e muito mais o louváram, vendo com que palavras á entrada da porta ante que deſceſſe, elle entregou a Racz Nordim ſeu Governador, e a todolos ſeus Mires a peſſoa, e eſtado d'ElRey; e ſem querer entrar dentro ſe tornou á fortaleza, ficando toda a Cidade aſſocegada, como ſe nella não houvera alvoroço algum. E quan-

do

da veio ao ſeguinte dia, porque elle Affonſo d'Alboquerque ſoube que em huma fortaleza chamada Monejom das mais principaes que ElRey tinha na terra firme da Perſia, onde chamam o Mogoſtão, eſtava hum irmão de Raez Hamed, o qual com a morte do irmão ſe levantára com ella, mandou dizer a ElRey que queria mandar gente ſobre ella. Ao que elle reſpondeo com palavras de agradecimento, polo cuidado que tinha da defensão de ſeu Reyno; porém que lhe parecia melhor commetter aquelle homem per outro modo, e não per armas, que o leixaſſe fazer. O qual modo foi pôrſe com o Mouro que déſſe a fortaleza a partido de dinheiro, o que elle concedeo por vinte mil xarafins, mas ElRey os não quiz dar ſem licença de Affonſo d'Alboquerque; e peró que elle inſiſtia que ſe não deſſem, todavia concedeo por ElRey lhe mandar dizer que ſe os déſſe, que ante de pouco tempo elle ſe havia de entregar em huma náo delle, e de ſeus parentes, que ſe eſperava da India, e aſſi foi. E porque em as Armadas que ElRey trazia contra os Nautaques, andavam ainda alguns parentes, e familiares de Raez Hamed, mandou ElRey vir eſtas Armadas, que eram de navios de remo per ordenança de Affonſo d'Alboquerque, e foram deſpejadas deſta gente, e met-

e mettida outra fiel, e obediente a ElRey, e estoutra toda se passou á Persia; e aos Guazis, e Capitães que estavam da mão de Raez Hamed em as Villas, e fortalezas do Reyno de Ormuz, fez tambem Affonso d'Alboquerque tirar dellas, e entregar a homens sem suspeita da Cidade, e ainda com fiança, e escrituras em modo de menagem. Per esta maneira todalas cousas que tocavam á segurança da pessoa d'ElRey, assocego, e proveito seu, trabalhava Affonso d'Alboquerque que ante de sua partida ficassem assentadas, e mui correntes; e assi o fez tão em breve, que estando elle alli polo que se ouvia na Persia, as cafilas de mercadores ordinarios concorriam a seus tratos mais confiadamente do que se fazia em tempo de Coge Atar, e Raez Hamed, porque como eram tyrannos, não tratavam verdade aos mercadores, com que se partíram escandalizados. Affonso d'Alboquerque em quanto Abrahem Bec, e o Embaixador do Xeque Ismael estiveram na Cidade, e elle ordenou estas, e outras cousas, por segurança daquelle Reyno de Ormuz, nunca os tomou por parte nisso, ante por medianeiros, como a homens nobres tão acceitos ao Xeque Ismael, e sempre em todos aquelles negocios qualquer causa que lhe elles requeriam, folgava de fazer. Abrahem Bec, pos-

to

to que a ſua vinda alli foi a cauſa da ſuſpeita que Affonſo d'Alboquerque delle teve, depois que o vio tão ſenhor daquelle Reyno, voltou ſeu propoſito, e começou de o querer comprazer, porque como tinha terras vizinhas a Ormuz, e era ſenhor de huma Cidade chamada Draguer, eſperava que a ſua amizade lhe podia ao diante muito aproveitar. E vendo elle que o Embaixador do Xeque Iſmael ſe queria partir, veio-ſe eſpedir de Affonſo d'Alboquerque, dizendo que havia já dias que tinha acabados ſeus negocios, e que ſe detivera por ir em companhia de Bairim Bonari, (que aſſi havia nome o Embaixador,) e por amor de poder fazer algum ſerviço á peſſoa, que elle queria mandar a ſeu ſenhor o Xeque Iſmael: cá elle não ſe havia deter em ſuas terras, ſenão paſſar ſeu caminho té Corte de ſeu Senhor. Affonſo d'Alboquerque lho agradeceo muito, moſtrando ter certo a peſſoa que elle mandaſſe ſer bem deſpachada, e em toda parte ſegura, pois hia em companhia de huma peſſoa tão notavel, e acceita ao Xeque Iſmael, como elle era. Finalmente como elle Affonſo d'Alboquerque tinha já ordenado que a peſſoa que havia de mandar ao Xeque Iſmael era Fernão Gomes de Lemos filho de João Gomes de Lemos, ſenhor da Trofa, elle o deſpachou

lo-

logo, e ſe partio, e em ſua companhia iriam té quinze peſſoas, de que as notaveis eram João de Souſa, a ſegunda depois delle, e Gil Simões moço da Camara d'ElRey Eſcrivão da embaixada com hum preſente, que podia valer té ſeis mil cruzados, de muitas, e diverſas peças, dellas deſte Reyno, e outras da India. E a ſubſtancia de ſua embaixada era reſpoſta ao Xeque Iſmael do que lhe o ſeu Embaixador da ſua parte requerêra, e o lugar onde o achára, que era tomando poſſe do Reyno de Ormuz, e que havia annos que elle tinha conquiſtado, e aſſi tirar ElRey daquelle tyranno que o tinha quaſi prezo. Por quanto além de pôr em liberdade hum vaſſallo d'ElRey ſeu Senhor, como era ElRey de Ormuz, huma das couſas que lhe mandava em ſeu regimento era, que favoreceſſe todolos Reys, e Principes daquellas partes, que ſua amizade quizeſſem ter, e não conſentiſſe que lhe foſſe feita traição pelos ſeus naturaes, nem aggravo dos vizinhos, e que pera iſto quando cumpriſſe ſe oppuzeſſe com toda ſua gente em armas. E porque chegando elle a Ormuz ElRey ſe queixou de hum Raez Hamed, elle Affonſo d'Alboquerque o caſtigára da maneira que ElRey quiz; porque os tyrannos que com ſua ſoberba, e maldade ſe querem ſenhorear das peſſoas Reaes,

tal

tal castigo merecem. Assi que ao tempo que elle estava nesta obra chegou Bairim Bonari seu Embaixador, e folgou muito de o topar alli, por lhe não dar trabalho de passar o mar, e ir buscallo á India, e assi folgava de estar tão vizinho da Persia, por cada dia ter novas de sua Real pessoa, e as mandar a ElRey seu Senhor. Finalmente per estes termos, e com offertas geraes ácerca da guerra que tinha com o Turco, e Soldão do Cairo, fez huma grande instrucção a Fernão Gomes de Lemos, o qual partio em companhia de Abrahem Bec, e do Embaixador a onze de Maio de quinhentos e quinze. Da viagem do qual nós não faremos relação, por ser grande, e miuda, e dia por dia, segundo a escreveo Gil Simões Escrivão desta embaixada, sómente o que convem á nossa historia, como Fernão Gomes de Lemos foi recebido honradamente, e despachado com favor, o qual tornou á India, sendo Affonso d'Alboquerque já fallecido, e governar Lopo Soares. Peró porque este Xeque Ismael naquelle tempo em poder, e estado era maior senhor que o Turco, e havia pouco tempo que lhe dera huma batalha, e veio a grande potencia per armas, e religião de secta, e delle tem escrito alguns authores, não com verdadeira informação, aqui trataremos hum pou-

pouco de ſua origem, ſecta, e fortuna, ſegundo o temos ſabido per eſcritura dos meſmos Parſeos, e o mais de ſua potencia, e eſtado leixamos á noſſa Geografia. E ante que venhamos a elle, pera melhor entendimento, convem tratar do naſcimento, e ſecta de Mahamed, e eſta relação ſerá té ſua morte, ſegundo alguns eſcritores Latinos, e o mais ſegundo o Tarigh dos Mouros, que he da vida dos Califas que o ſuccedêram.

CAPITULO VI.

Em que ſe eſcreve o fundamento da ſecta de Hamed, e a differença que tem os Mouros da Perſia com os de Arabia ácerca della: e donde naſceo o principio das couſas do Xeque Iſmael.

A Perſeguição de Mahamed, (ſegundo o que ſe delle eſcreve,) concorreo no fim do imperio de Heraclio, anno do Naſcimento de noſſo Redemptor Chriſto Jeſus ſeiscentos e ſeſſenta e ſeis; peró que em ſua lenda os Mouros começam a ſua era no anno de Chriſto de quinhentos e noventa e tres na primeira Lua de Fevereiro. Naſceo em Itrarip lugar pequeno de Arabia, ſeu pai (ſegundo dizem os Mouros) era de huma linhagem, a que elles chamam Corax, e vem de Iſmael, e havia nome

Abe-

Abedelá Gentio, ſua mãi Enima, a qual era Hebrea, ambos peſſoas do povo, da creação dos quaes recebeo duas doutrinas, Gentilica, e Hebrea; e por morte delles ficou de mui pequena idade encommendado a Sabutaleb ſeu tio, irmão do pai. Sendo já moço de boa idade, foi cativo pelos Scenitas, gente que naquella parte de Arabia vive de latrocinio, dos quaes o comprou Abdimoneples hum groſſo mercador, que vendo ſua habilidade, o metteo em negocio do commercio, mandando-o de Paleſtina, onde elle vivia, a Egypto com mercadorias; do qual commercio, porque foi per muitos annos, ficou Mahamed acreditado naquellas partes entre Gentios, Hebreos, e Chriſtãos. No qual tempo aconteceo, que fugindo Sergio doutrinado em a hereſia Arriana, foi tér áquellas partes da Syria a caſa de Abdimoneples amo de Mahamed, por ſer homem notavel, e abaſtado com o trato do commercio; com a entrada do qual, além das doutrinas, que Mahamed tinha de ſua creação, e depois com a variação das gentes que communicava, por razão das partes a que hia com ſuas mercadorias, foi tambem inſtruido na doutrina de Arrio por eſte Sergio. Finalmente morto ſeu amo, ficando por cabeça do governo de toda ſua fazenda, elle ſe

casou com sua senhora herdeira de toda. Esta per nome Hadigia, posto que mui contente fosse deste novo marido, depois que per algumas vezes o vio tomado da dor de epilepcia, que lhe causava todos aquelles traspassamentos, e actos que faz no paciente, era mui desconsolada, e triste: á qual elle pera consolar fez crer ser o Anjo Gabriel, que o rebatava naquelle traspassamento, em quanto lhe declarava da parte de Deos cousas, que havia por bem que elle Mahamed denunciasse ás gentes no que deviam ter, e crer ácerca da Lei de Moysés, e de Christo; e como o Anjo era espirito, e elle homem mortal, não podia soffrer o seu resplandòr, e traspassava-se da maneira que ella via. A velha como era namorada delle por razão da idade juvenil que tinha, com esta fabula já o não amava como a marido, mas reverenciava como a profeta, e começou entre as vizinhas, e amigas em grão segredo denunciar esta santidade do marido: donde quando ella morreo, não sómente o leixou rico com toda sua fazenda, de que o fez herdeiro, mas ainda acreditado de santidade entre aquelle povo rustico. Com o qual credito de fazenda, e santidade, Bubac homem principal daquella parte de Arabia, lhe deo por mulher sua filha Aixa, sendo Mahamed neste

tem-

tempo homem de quarenta annos; com favor do qual sogro, e de Hómar, e Otthoman dous parentes de Bubac, elle Mahamed cresceo em tanta authoridade, e opinião, que ajuntou grande número de Arabios, e com voz de religião conquistou muitas terras dos vizinhos, em ajuda do qual era Alle seu primo, filho de Sabutaleb irmão de seu pai. Ao qual por ser muito bom cavalleiro, e Capitão, elle Mahamed casou com Fátema sua filha da sua primeira mulher Adagia. Morto Mahamed em idade de sessenta e tres annos, mandou em seu testamento, que este Alle seu primo ficasse por successor no estado, e superior de todolos que recebêram, e recebessem sua secta, e isto com este nome de Califa, e assi que este seu genro, e sua filha amortalhassem seu corpo, porque nenhuma outra pessoa era digna disso. Bubac sogro delle Mahamed, porque elle lhe morreo em casa, levantou-se contra Alle ácerca da succesão do estado, e religião, dizendo que Mahamed tudo o que ganhou, e adquirio foi com seu favor. Ao qual Alle não pode resistir, por não ter força pera isso, e elle Bubac ser mui poderoso; e tinha por favorecedores neste caso Hómar, e Otthoman seus parentes, que por serem com Mahamed na guerra, e conquista que teve em

ſua vida, tambem eſperavam ſucceder no Califado, e ante queriam Bubac por Califa, por ſer parente, que Alle, que era de outra linhagem, e mais mancebo, e podia durar muito no Califado, e Bubac tão velho, que mui cedo vagaria nelle, como vagou; e não ſem ſuſpeita que morreo ajudado dos ſucceſſores, principalmente de Hómar. O qual mais per força, que eleição tambem viveo no Califado dez annos e meio, e foi morto per hum ſeu eſcravo, eſtando elle na meſquita fazendo oração; e houve ſuſpeita que fora per induſtria de Alle, e que eſte eſcravo era Chriſtão, e havia nome Abual Alvalá. Morto Hómar, tambem á força do poder ficou por Califa Otthoman, tomando elle por aução deſta ſucceſsão não ſómente o favor que dera ás couſas de Mahamed, mas ainda ſer ſeu genro duas vezes, por caſar com Homecülſuma, e Roquia ambas ſuas filhas, de que não houve filhos, e morrêram em vida do meſmo Mahamed. Eſte tambem durou mui pouco, e foi morto em hum ajuntamento de Mouros do Cairo, e outros de Cufa. Per morte do qual foi alevantado por Califa Alle per commum conſentimento de todos, ſómente Mauhya Capitão de Otthoman, o qual eſtava nas partes de Jeruſalem fazendo guerra aos Gregos, não

quiz

quiz obedecer a Alle, dizendo que primeiro que lhe obedecesse, lhe havia de dar as cabeças de todos aquelles, que foram na morte de Otthoman seu Califa. E porque Alle se escusou disso, dizendo que não podia matar tanto número de gente como se acháram na morte de Otthoman, Mauhya começou de lhe fazer guerra com titulo que elle Alle mandára matar Otthoman, sobre o qual ambos movêram hum contra o outro, e onze mezes tiveram seus arraiaes em vista pelejando per muitas vezes, em que morreo muita gente, té que se mettèram os seus Xeques, e religiosos da secta, que os apartáram, e puzeram o caso em juizo dos velhos mais principaes. O qual juizo se havia de fazer em Méca, e Alle se havia de ir pera a Cidade Cufá, donde elle viera áquelle caso, a qual he nas correntes do Eufrates abaixo de Bagadad, e Mauhya ficasse onde estava, por todos estarem apartados assi os juizes, como os contendores; peró Mauhya atalhou a tudo, mandando secretamente matar Alle estando em huma mesquita fóra de Cufá, e aqui neste Cufá foi trazido seu corpo, e por causa de jazer alli, os Mouros chamam a este lugar Maxadalle, que quer dizer casa de Alle. Morto elle, os de Cufá levantáram por Califa Hacen seu filho mais velho, filho

lho de Fatema ſua mulher, de que houvera eſte, e outro per nome Hocen, ambos gemios; mas elle Hacen não durou no Califado mais que ſeis mezes, porque Mauhya foi ſobre elle que o fez deſiſtir da dignidade, e depois o mandou matar com peçonha. E a cauſa diſſo foi, porque eſte Mauhya ficou por univerſal Califa dos Mouros, (no qual eſtado eſteve dezenove annos, e tres mezes,) e quiz em ſua vida que juraſſem ſeu filho Yazit por Califa, e elle Hacen o não quiz jurar. Foi eſte Mauhya, (ſegundo ſe eſcreve delle,) o primeiro que entre os Mouros fez cadea, e ſe ſervio com eſcravos, e que todos eſtiveſſem em pé ante elle, e fez ſinete com que acreditava ſeus mandados, e cartas, e os Mouros o não contão no catalogo dos Califas, por ſer máo homem, e vir áquelle eſtado per morte de Alle. E do filho Yazit que o ſuccedeo, dizem que não era Mouro, ſenão Gentio, porque foi tão peſſimo homem, que depois de ſua morte, paſſados alguns annos, os ſeus oſſos foram publicamente queimados, como no principio eſcrevemos: cá eſte matou muitos ſenhores de toda Arabia, andou de amores com ſua irmã, e porque ſe prezava de trovador, fazia muitas trovas por ella; não fazia ácerca dos preceitos de Mahamed ſenão o que queria, ma-

tou

tou por esta causa a seu neto Hocen segundo filho de Alle. O qual Hocen ao tempo de sua morte hia com sua mulher, filhos, e servidores, que seriam té setenta pessoas chamados dos moradores de Cufá pera o elegerem por Califa, por a maldade deste; e sendo em hum campo chamado Carbalá, alli o alcançou hum Capitão de Yazit, que o matou; e porque ficou alli enterrado, depois por memoria de sua sepultura se fundou huma Cidade chamada Carbalá, do nome do campo. Deste Hocen ficáram estes doze filhos, Zeinal Abadim, Zeinal Mahamed, Baguer Mahamed, Jafar Cadegueg, Jafar, Musá Cazim, Musá Hali, Mucerráza Alli, Mahamed Taguij, Mahamed Hali Naguij, Alli Hacem Asquerij, Hacen Mahamed Mahadij, os quaes estam enterrados em diversas partes, huns com Mahamed seu visavô, outros com seu avô Alle, e outros nas Cidades Bagadad, e Herij no Reyno Horaçan. Sómente Mahamed Mahadij dizem os Parseos que ainda não he morto, e esperam por elle, dizendo que ha de vir mostrar-se ás gentes pera acabar de declarar a verdade de todalas leis, sectas, e opiniões, e converter a si todo Mundo em cima de hum cavallo, e ha de começar esta conversão de Maxadálle, onde seu avô Alle jaz sepultado, e por esta causa alli está

sem-

sempre hum cavallo sellado esperando por este seu Califa, o qual cavallo ao tempo que se querem accender as candeas, he trazido á mesquita a offerecer. E em huma certa festa do anno trazem este cavallo com toda a solemnidade que póde ser a offertar na mesquita onde jaz Alle em modo de precação, que mande aquelle seu neto que esperam; e em hum dia destes de tal festa se achou alli hum Portuguez, o qual nos contou ver o mór ajuntamento de gente que elle tinha visto a solemnizar esta festa. Succedeo por causa das differenças que contamos que Alle teve com Bubac, Homar, Otthoman, e Mauhya, e mortes pelo modo que foram, que entre os Mouros sempre houve contendas, não sómente per armas, mas per letras, qual destes quatro Califas primeiros foi mais legitimamente successor no Califado. Os Arabios favorecem a Bubac, Homar, e Otthoman, os Parseos a Alle, e tem que os outros o possuíram tyrannicamente, e que foram contra o testamento de Mahamed, de maneira que em vida delles sempre houve cisma, e depois da morte, que as pessoas podiam fallar ousadamente, muito maior, e per derradeiro ficou esta cisma entre os Arabios, e os Parseos. Estes tomáram por appellido Xiá, que quer dizer união de hum corpo, e os Ara-

bios

bios chamam-lhes por vituperio Raſſadij, que quer dizer gente fóra de caminho, e aſſi meſmo chamam Çunij, que he o contrario. Das quaes cabeças, que são os principaes entre os Mouros, precedêram outros membros, tomando cada hum ſua ſecta, aſſi como entre os Parſeos eſtas duas, Camarata, e Muhatazeli, os quaes não ſeguem muito o dito dos Profetas, e tudo querem provado per razão natural, e eſtes são os Parſeos convertidos de Gentios a Mouros. Porque como a gente Parſea era politica, e que antigamente contendia, e competia per armas, e letras com os Gregos ao modo dos Filoſofos, não recebem ſenão as couſas que ſe podem provar per filoſofia, e não recebem ditos de Profetas, nem algumas couſas da lei de Moyſés, que os Arabios acceitam. E ácerca deſtes ha ahi huma ſecta chamada Malahedá, a qual todalas couſas deſte Mundo ſomette a caſo, e eſtrella, e não á providencia de Deos, quaſi que querem imitar a Leucipo Filoſofo, primeiro inventor deſta opinião, e outros chamados Emozaidi não acceitam muitas couſas do Alcorão de Mahamed, os quaes ſeguem eſta doutrina de Zaidi, que foi neto de Hocen ſegundo filho de Alle, e eſtes Mouros são aquelles, que habitam toda a terra do Preſte João, e coſta de Melin-

linde. E peró que entre os Mouros alli haja estas, e outras opiniões, e seitas, em que se contradizem, (como dissemos,) as principaes cabeças são os Parseos, e Arabios, e toda a disputa entre os seus letrados he sobre dezesete conclusões que tem os Parseos, as quaes não recebem os Arabios, de que diremos algumas, pois por razão desta contenda escrevemos tudo atrás. Dizem os Parseos, que Deos he obrador de todo bem, e o mal vem do Diabo: respondem os Arabios que per esta maneira haveria dous Deoses, hum do bem, e outro do mal. Dizem os Parseos que Deos he eterno, e a Lei com a creação dos homens teve principio: respondem os Arabios, que as palavras da Lei são louvores dos effeitos de Deos, e que todalas suas cousas são eternas, como elle he. Dizem os Parseos, que as almas dos bemaventurados no outro Mundo não poderam ver a essencia de Deos, porque he espirito de Divindade, sómente veram sua grandeza, misericordia, piedade, e todolos outros bens que obra ácerca das creaturas: respondem os Arabios, que com seus proprios olhos o hão de ver assi como he. Dizem os Parseos, que Mahamed quando recebeo a Lei de Deos pera a denunciar ao povo, que a sua alma foi levada ante Deos pelo Anjo Gabriel: respon-

dem

dem os Arabios, que não sómente alma, mas o corpo. Dizem os Parseos, que os filhos de Alle e Fatema, e seus doze netos, tirando Mahamed, tem preminencia sobre todolos Profetas: respondem os Arabios, que esta preminencia he sobre todolos homens, mas não sobre os Profetas. Dizem os Parseos, que tres vezes basta fazer oração a Deos, pela manhã em nascendo o Sol chamada Sob, e a segunda Dor ao meio dia, e a terceira Magareb ao Sol posto, porque estas contém em si todalas partes do dia: respondem os Arabios, que, segundo os preceitos da Lei, hão de ser cinco vezes, estas tres, e mais duas: a primeira chamada Hácer, que he ante do Sol posto, e outra ante de lançar na cama, a que chamam Axá. Das quaes conclusões, e das outras que não recitamos, porque bastam estas pera exemplificar, sempre os Mouros letrados da Persia entre si trouxeram estas maximas de sua secta, não ousando sahir mui a campo com ellas; porque como o mais do tempo foram governados per Califas Arabios, que tem o contrario, eram havidos por hereticos, e castigados por isso. Finalmente andando estas cousas assi embuçadas entre os Parseos, que sempre por ellas tiveram odio aos Arabios, e principalmente porque foram vencidos per elles, quasi nos annos de nos-

nossa Redempção de mil e trezentos e sessenta houve na Persia hum Mouro per nome Sophij homem nobre, e senhor da Cidade Ardevel, o qual se gloriava vir da linhagem de Alle pela linha de seu neto Musa Cazin, hum filho dos doze de Hocen, que acima nomeámos. Este porque já em seu tempo os Mouros não tinham Califas, por acabarem no anno de mil duzentos cincoenta e oito annos em Mustácem Mumbilá, ao qual matou aquelle grande Tartaro Haláchu, a que Haithomo no tratado que fez dos Tartaros chama Haolono, com sua morte ficáram os Mouros Parseos da sequela de Alle algum tanto desabafados pera denunciar a opinião que tinham. E principalmente depois que víram que este Halácu perseguia a todolos da Arabia, Syria, e do Cairo, tendo com elles contínua guerra, e assi seus successores, (segundo conta o mesmo Haithomo.) E pera denotação, e sinal daquella sua secta, e nova religião em memoria dos doze filhos de Hocen, que nomeámos, de que elle vinha, do meio da touca, que os Mouros em modo de trufa de muitas voltas costumam trazer na cabeça, lhe sahe huma maneira de capello agudo no cima á maneira de pyrame repartido em doze verdugos de alto a baixo, ao qual succedeo seu filho Juné. E cobrou este tanta

au-

authoridade de religioso daquella secta, e tinha tanto nome naquellas partes da Persia, que quando aquelle Tamor Langue, a que commummente chamam Tamor Lão, hia com a vitoria que houve de Bayazit quarto Emperador dos Turcos, ao qual elle levava prezo, e trinta mil cativos, quiz elle Tamor ver a este Juné, como a hum homem santo. O qual entre algumas cousas que tratou com Tamor, foi pedir-lhe houvesse por bem não levar aquelles homens cativos: cá defendia sua lei não ser cativo Mouro de outro Mouro, ainda que fosse Senhor do Mundo, e tão poderoso Principe como elle era, que lhe pedia que lhos désse pera os converter ao verdadeiro caminho de sua salvação, que era a que elle confessava, e amoestava a muitos ácerca das cousas de Alle seu Profeta. Finalmente per este modo tanto amoestou Tamor, que lhe deo todolos cativos, os quaes ficáram alli debaixo da sua doutrina, que elles logo recebêram, e assentarem na terra vivenda, os quaes depois foram mui proveitosos a seu filho Xeque Aidar. Porque morto elle Xeque Juné, começou Xeque Aidar, que o succedeo em tudo, fazer algumas entradas nos póvos Gorgijs Christãos que tinha por vizinhos, sendo neste tempo Rey na Persia hum Mouro per nome Mirzá Geunxá, ao

qual

qual fazia guerra outro Mouro, que se levantou nas partes da Suria naquella Comarca a que elles chamam Diarbec. Ao qual Mouro per nome Hacem Bec a fortuna favoreceo tanto, que matou em campo a Mirzá Geunxá, e se fez senhor de todo seu estado. E como este Hacem Bec era homem novo sem parentesco de nobreza, e estrangeiro na terra, por melhor segurar o que ganhára, e se liar com os Principes do Reyno, casou huma filha sua com Xeque Aidar, que além de ser homem nobre em sangue, por vir da linhagem de Alle, e secta que novamente professava, com que tinha acquirido muita gente, houve Hacem Bec que a dava a huma das mais notaveis pessoas da Persia. Morto este Hacem Bec, herdou o seu estado Hiacob Bec seu filho, o qual vendo o crescimento de seu cunhado Aidar, ou que temesse, por a elle se ajuntar grande número de povo, assi por causa da religião nova, como por a rapina que faziam em algumas entradas nas terras dos póvos Gorgijs Christãos, cujo vizinho elle Aidar era, ou per qualquer outra via que fosse, Hiacob Bec o mandou matar nesta guerra, dando secretamente ajuda pera isto aos mesmos póvos Gorgijs. E além disto mandou tomar dous filhos que tinha, Ismael de idade de dez annos, e Soleimão,

e os

e os entregou a hum homem de confiança que os levasse a hum seu Capitão per nome Mansor Bec Depornà, que estava em a Cidade Xiraz, que he dalli perto de duzentas e sessenta leguas, com recado, que aquelles dous moços mettesse em o castello Çalgah, por ser cousa forte, mettido em huma serra, té lhe elle mandar outra cousa. Mansor Bec quando lhe entregáram estes dous moços em ferros, como já sabia quem eram, e a morte de seu pai, disse que não quizesse Deos que elle fizesse tanta crueza no Real sangue de Alle seu santo Califa; e não sómente os não quiz mandar áquelle desterro, mas ainda os leixou andar em sua casa com seus filhos, e mandou ensinar como a cada hum delles. Passado sete, ou oito annos, veio este Mansor Bec adoecer, e doendo-se que se morresse estes moços recebessem algum damno, ficando em poder de Cacem Bec seu filho, o qual por ser mancebo quereria na entrega delles comprazer a Rocem Bec, que já reinava, por seu pai Hiacob Bec ser fallecido, mandou vir os moços ante si, e disse-lhes estas palavras: *Eu estou, filhos, no estado que vedes, temo que se morrer vos seja feito algum mal; e porque té ora vos criei com amor de filhos, com este amor vos quero salvar do perigo a que podeis vir, vindo ter á mão*

de

de Rocem Bec vosso primo. Vedes aqui duzentos xarafins, dar-vos-hão cavallos, e companhia que vos leve a vossa madre, parentes, e criados tendes, elles vos darão modo de vida, pois eu não sou poderoso pera mais: e huma só cousa vos peço polo amor com que vos salvei, e criei estes dias que em minha casa estivestes, que vos lembreis de meus filhos, porque filhos, netos, e bisnetos sois, e ambos pessoa, e animo tendes pera acquirir estado. Os Moços, porque o tinham em lugar de pai, vendo que os espedia de si, começáram chorar não sabendo o que delles havia de ser. Finalmente partidos dalli com a companhia que lhe Mansor Bec deo, chegáram aonde sua mãi estava, com a vinda dos quaes concorreo logo a familia do pai; e como Ismael tinha grande espirito, e mais idade pera tomar armas, aconselhado do seu animo, e movido da fortuna que o chamava, disse que queria ir vingar a morte de seu pai. E depois que fez algumas entradas nos póvos Gorgijs, de que houve victoria, e começou ter nome de cavalleiro, não sómente se ajuntou a elle muito povo daquella gente que seu avô Xeque Juné pedio a Tamor Langue, (como dissemos,) mas ainda se veio ajuntar com elle hum Capitão das Comarcas chamadas Diarbec com té quatrocentos

tos de cavallo, o qual havia nome Abedi Bec. E no contrato deste adjutorio que vinha fazer a Ismael foi, que elle lhe daria huma irmã por mulher, se o ajudasse a vingar a morte de seu pai, que ainda não tinha vingada. Com estas, e outras ajudas, que a fortuna andava trazendo a este seu mimoso que queria fazer senhor de tantos Reynos, como lhe deo, elle se intitulou por Xeque Ismael herdeiro, defensor, e zelador das cousas de Alle, donde elle vinha; e pera maior denotação deste seu proposito, mandou fazer os verdugos do seu carapução muito mais altos. Finalmente elle rompeo guerra com Rocem Bec seu primo, que então se intitulava por Rey da Persia, e por elle andar em differenças com seus irmãos a quem reinaria, teve Xeque Ismael melhor maneira pera, de doze que eram, matar os mais delles, e per derradeiro lhe ficou a requesta com hum chamado Mará Bec. O qual vendo que não se podia defender deste seu imigo, foi-se pera Turquia a pedir ajuda ao grão Turco; e primeiro que a houvesse, houve o Xeque Ismael muitas victorias de outros Reys, e Principes da Persia, e matou em campo hum poderoso Rey de Tartaros, que veio sobre elle, as quaes victorias fizeram ao Turco temer dar ajuda a Mará Bec. E peró que seja hum

pouco transfverſal a relação da cauſa porque elle teve guerra com eſte grande Tartaro, póde-ſe ſoffrer, porque ſe ſaiba o que a fortuna faz quando começa, e como he pródiga com aquelles de que ſe namora. Ao tempo que Xeque Iſmael começou eſta empreza, havia em o Reyno Coraçan, ou Horaçon, (como lhe os Parſeos chamam,) hum Rey per nome Soltão Hocam Mirzá, que em quanto pode favoreceo ao Xeque Iſmael de maneira, que pola amizade que lhe eſte Hocen tinha, e obras que lhe fizera Xeque Iſmael, lhe chamava pai. O qual viveo quatro annos, depois que elle Xeque Iſmael houve vitoria dos filhos de Hiacob Bec, leixando dez filhos, hum dos quaes per nome Bedeat Hizon Mirza ficou por herdeiro do Reyno, em que eſteve pouco tempo, por elle, e tres irmãos morrerem em huma batalha, que lhe deo Xabá Han Rey dos Tartaros, que reſidia em a grão Cidade Camarcant. Havida eſta vitoria, com que o Tartaro ficou Senhor do Reyno Horaçon, e mui glorioſo della, ſabendo como Xeque Iſmael era novamente alevantado, e a opinião que tinha já de ſi, eſcreveo-lhe que leixaſſe o Reyno que poſſuia por pertencer a elle, cá ſempre os Principes de Camarcant foram ſenhores de toda a Perſia. Dos quaes recados procedeo, que o Xeque

Iſ-

Ismael matou este Tartaro em hum campo junto da Cidade Maró, e do casco de sua cabeça mandou fazer hum vaso guarnecido de ouro per que bebia nas festas: e do campo desta vitoria, querendo elle Xeque Ismael ir a Camarcant conquistar todo o estado do Tartaro, hum Astrologo, em quem elle tinha muito credito, lhe disse, que em nenhuma maneira passasse o rio Geum, que divide a Tartaria do Reyno Horaçon; porque dado que lhe achava alcançar muitas vitorias se o passasse, não achava tornada a sua pessoa. Por a qual amoestação Xeque Ismael veio ter os mezes do verão á Cidade Heric, ou Here Metropoli do Reyno Horaçon, a qual estava assentada em huma comarca mui graciosa, e fertil, por ser regada per espaço de trinta leguas de hum rio, ao qual por não ter nome proprio, que á nossa noticia viesse, per nome commum dizem o rio de Heric. E por a fertilidade della os Persas lhe chamam Xar Gulzar, que quer dizer Cidade de rosas; porque na verdade por as muitas que nella ha quando he no tempo, costumam andarem pelas ruas cargas dellas, e alugam quantas querem, pera os mimosos, e viçosos as lançarem na cama, e depois as tornam a seu dono; o que tambem costumam em Xiraz huma Cidade junto de Or-

muz, onde ha muitas. Eſtando Xeque Iſmael neſta Cidade viçoſa mais tempo do que convinha, foi chamado per Can Mahamed cunhado ſeu caſado com outra ſua irmã, que elle leixára em Tabriz por Governador, fazendo-lhe ſaber que alguns Capitães do Turco com gente de guerra, com titulo de o virem ſervir, eram entrados em Tabriz, que ſe temia não ſer iſto alguma induſtria do Turco pera depois lhe vir fazer guerra, e ter nella alguma ajuda; e que ſegundo nova elle não poderia tardar, porque Mará Bec ſeu imigo que lá andava, o apreſſava muito com a nova que tinha de elle querer paſſar a Tartaria. Com as quaes amoeſtações tornado o Xeque Iſmael a Tabriz, eſpedio ſeu cunhado Can Mahamed que ſe foſſe pera ſuas terras, que eram na Comarca Diarbec, que confina com as do Turco. E como levava muita gente coſtumada a roubos da guerra, começáram fazer algumas entradas nas terras do Turco Celim, cauſa de elle vir com grande exercito contra Xeque Iſmael, o qual foi receber com ſeſſenta mil de cavallo, em companhia do qual eram Can Mahamed ſeu cunhado, e Dormis Bec ſeu ſobrinho filho do outro ſeu primeiro cunhado Abedi Bec. E como entre eſtes dous havia competencia de privança de quem teria o primeiro

lu-

lugar ácerca do Xeque Ismael, que he a mais perigosa cousa que os Principes tem derredor de si, veio o Xeque Ismael encorrer neste perigo, em que houvera de perder a vida, e estado, per esta maneira. Tendo novas que o Turco vinha já mui perto delles, Can Mahamed como era cavalleiro, e experimentado no modo de pelejar com os Turcos, pola vizinhança que tinha com elles, disse ao Xeque Ismael: *Senhor, eu conheço esta gente; e posto que a tua seja mui destra na guerra, e animosa pera commetter maiores exercitos, que o de teu imigo, falece-te artilheria, de que se elle muito ajuda, cousa que póde offender á tua gente; e por isto não me parece que te convem pôr em campo com elle, porque como lhe deres tempo pera assentar arraial, ficas mui obrigado a este perigo. Se delle te queres em alguma maneira aproveitar, dá-me dez mil de cavallo, e com estes meus que o já conhecem, irei a hum passo, que he lugar mui estreito, per onde elle ha de passar; e se o vencer, grão louvor será teu Capitão desbaratar tão poderoso exercito; e quando a fortuna me for contraria, não perdes nisso honra, e tua pessoa não se põe a perigo de artilheria.* O Xeque Ismael, como Dormis Bec seu sobrinho lhe era mais acceito, tomou

an-

ante o ſeu conſelho , que o deſte ſeu cunhado : o qual Dormis Bec era que déſſe batalha campal, pois tantas vitorias lhe tinha dado Deos, e que não era menos poderoſo o Tartaro Xaba Ham, que o Turco, pera a eſperar delle, dando ainda em ſegredo entender ao Xeque Iſmael ſer aquelle conſelho de Can Mahamed rodeado pera honra ſua, por ſe moſtrar aos Turcos, de que era vizinho, ſendo iſto em grão vituperio de ſua peſſoa vir de tão longe buſcar ſeu imigo , e á hora de pelejar retraher-ſe diſto. O Xeque Iſmael aſſentado neſte conſelho , leixou vir o Turco té ſe aſſentar ao pé de huma ſerra diante de hum campo mui eſpaçoſo, e diſpoſto pera a gente de cavallo delle Xeque Iſmael pelejar a ſeu uſo; e em torno do arraial mandou-ſe valar, e na fronteria cercar de carretas de campo com artilheria , e além della huma groſſa cadea de ferro, de fóra da qual eſtavam quinze mil eſpingardeiros, e diante delles huma batalha pera os Parſeos virem travar eſcaramuça. O Xeque Iſmael tinha aſſentado ſeu arraial obra de tres leguas donde o Turco o eſperava; e quando ſoube que eſtava mui cercado, e tomára o pé da ſerra pera ter as coſtas ſeguras, pareceolhe que com temor de dar batalha ſe fizera alli forte. E como andava mimoſo da

for-

fortuna, com muito alvoroço fez ſua gente em tres batalhas; e tanto que chegou a elle com a primeira, desbaratou logo a que o Turco tinha fóra da cadea; e vindo com a ſegunda, anteparou nella, e no amparo das carretas, das quaes começou a artilheria fazer tal obra, que ficáram alli a maior parte dos Parſeos. Sobre o qual eſtrago ſahio o Turco com o corpo de toda a gente, e veio dar com aquelle impeto na terceira batalha, onde eſtava o Xeque Iſmael, que vinha em ſoccorro da ſegunda: e foram eſtas batalhas tão pelejadas per hum grande eſpaço do dia, té que não podendo os Parſeos ſoffrer o poder dos Turcos, foram poſtos em fugida, e o Turco por conſeguir maior vitoria, os foi ſeguindo perto de vinte e cinco leguas. Indo o Xeque Iſmael ao ſegundo dia neſta corrida já com mui pouca gente, diſſe-lhe hum Alle Soltão homem mancebo, com que ſe elle creára: *Senhor, tu vás em grão perigo; ſe te aprouver, quero-me leixar ficar com eſtes meus familiares que levo, darei azo que me tomem, e direi ſer tua peſſoa; porque he certo, que como cuidarem que te tem em poder, leixarão de te ſeguir, e aſſi podes eſcapar ſem muito trabalho.* O qual conſelho o Xeque Iſmael acceitou, e aſſi o fizeram os Turcos; e tanto que

Al-

Alle Soltão foi tomado, moſtrando ſer Xeque Iſmael, com alvoroço de tão grande preza todos paravam alli ſem ir mais avante. O Turco como lhe foi nova que o Xeque Iſmael era tomado, ordenou-ſe pera o receber com grande apparato, mandando muitos Capitães ſeus que lho trouxeſſem em modo de triunfo. Alle Soltão como eſteve ante o Turco, vendo que lhe fazia acatamento como ao Xeque Iſmael, que elle cuidou que era, diſſe-lhe: *Quem cuidas tu, ſenhor, que tens ante ti?* Ao que o Turco reſpondeo: *Ao Xeque Iſmael, cuja ſoberba, e doudice eſtá debaixo de meu poder.* Ao que elle reſpondeo: *Enganado eſtás comigo, porque Xeque Iſmael eſtá tão livre, e tão ſenhor, como ſempre foi; e eu ſou Alle Soltão Mirza o mais pequeno eſcravo, que elle tem em ſua caſa; e ſe os teus, que hiam em ſeu alcanço, ſe enganáram comigo, por lhe eu dizer ſer o Xeque Iſmael, que maior ſerviço lhe podia eu fazer, que offerecer minha vida por ſalvar a ſua?* Quando o Turco ſe vio aſſi zombado, foi tamanha a indinação nelle, que ſem mais conſideração o mandou logo alli matar, do qual feito lhe pezou depois, e aſſi a todolos Principes que eſtavam com elle, e quizeram-o ter vivo não ſómente pera lhe dar liberdade, mas ainda

lhe

lhe fazer mercê, pois tivera tanta lealdade com seu senhor. Per esta maneira se salvou o Xeque Ismael, ao qual o Turco não leixou de seguir entrando per sua terra té Tabriz, a que muitos chamam Tauris, onde foi mui bem recebido d'alguns principaes, a quem depois Xeque Ismael mandou cortar a cabeça por tal recebimento. E primeiro que o Turco entrasse na Cidade, teve algumas differenças com os Janiceros, a quem he concedido saco de qualquer Cidade que tomarem, dizendo elle que não havia de consentir que Tabriz fosse saqueada, por nella entrar pacificamente com solemnidade de recebimento, e mais que esperava fazer nella cabeça de todo o que conquistasse naquellas partes; que quanto ao que lhe era concedido do saco na entrada das Cidades que tomassem, isto se entendia em as dos Christãos, e não dos Mouros. Finalmente o negocio chegou a concerto, que os moradores deram aos Janiceros trezentos mil xarafins, e per elles ficou a Cidade livre do roubo. Entrado o Turco nella, não se deteve mais que vinte dias, por ser chamado pelo Governador de Constantinopla com nova que teve, que na Christandade se fazia huma grossa Armada pera vir sobre ella. Xeque Ismael tornado o Turco, com muita gente veio sobre Tabriz,

briz, onde fez grande eſtrago, aſſi de Turcos que alli ficáram em guarnição, como nos Parſeos, por ſe não defenderem; e havia hum anno que iſto paſſára, quando Affonſo d'Alboquerque lhe mandou Fernão Gomes de Lemos, por razão da qual embaixada fizemos eſta tão comprida digreſsão, por termos menos que dizer nas outras, que lhe depois os Governadores enviáram, e aſſi nos Commentarios da noſſa Geografia, quando viermos a fallar no eſtado que ora tem.

CAPITULO VII.

De algumas couſas que Affonſo d'Alboquerque fez em Ormuz: e do rendimento, e eſtado que tem eſte Reyno: e a deſpeza que ElRey faz em ſua peſſoa, e caſa.

DEſpachado Fernão Gomes de Lemos com eſta embaixada ao Xeque Iſmael, começou Affonſo d'Alboquerque entender no governo da terra, e dar preſſa a ſe acabar a fortaleza; a capitanía da qual deo a Pero d'Alboquerque filho de Jorge d'Alboquerque, e a Alcaidaria mór a Vaſco Fernandes Coutinho filho de Jorge de Mello, e a Feitoria a Manuel d'Acoſta de Alcacere do Sal. E porque ElRey dos annos paſſa-
dos

dos devia huma grande cópia de dinheiro, e não pagava do tributo dos quinze mil xarafins, que lhe Affonſo d'Alboquerque poz, mais que dez, e allegava que o Viſo-Rey D. Franciſco d'Almeida lhe tirára os outros cinco, como moſtrava per ſua Proviſão feita no tempo que elle Affonſo d'Alboquerque eſtivera em Cananor, e a eſte negocio viera o ſeu Embaixador Nicoláo Ferreira: foi-lhe couſa mui dura pagar eſta divida, e aſſi dar toda artilheria que tinha. A qual Affonſo d'Alboquerque lhe houve, moſtrando ter neceſſidade della pera a pôr na fortaleza, da qual dependia toda a defensão da Cidade, por razão de huma nova que viera per muitas vias de Mouros, dizendo que de Suez era partida huma groſſa Armada do Soldão, a qual era falſa, lançada a ſeu propoſito contra nós, e Affonſo d'Alboquerque com ella teve encuberta pera per bom modo lhe haver quanta artilheria tinha. Raez Nordim Governador, e todolos Officiaes da fazenda d'ElRey, por elle não ter poder em couſa alguma, e elles com Raez Hamed eram ſenhores della; ante que Affonſo d'Alboquerque metteſſe a mão nas couſas do governo do Reyno, parecia-lhe que ficavam mais abſolutos miniſtros; pera conſumirem tudo entre ſi com a morte de Raez Hamed. Porém depois que

el-

elles víram que na arrecadação do resto do tributo , que ElRey devia dos annos passados, Affonso d'Alboquerque pedia razão dos rendimentos do Reyno, a proposito de elles dizerem que não podia ElRey pagar por estar pobre, e mais que houvera toda a artilheria, e sobre tudo quiz-se informar de todolos rendimentos do Reyno, e despezas que ElRey tinha, foram estas cousas para elles huma grave dor, porque lhe parecia que toda esta diligencia de Affonso d'Alboquerque era querer passar a arrecadação das rendas do Reyno aos officiaes que leixava naquella fortaleza, e pouco, e pouco os iriam tirando da posse, e isto faziam crer a ElRey, dando-lhe a entender, que por máo homem que hum seu Governador fosse, ainda debaixo do seu governo havia de ser mais senhor do seu, que tendo alli aquella fortaleza, a qual per tempo lhe havia de consumir todo seu estado, e prouvesse a Deos que não chegasse a mais. E posto que nestas palavras que diziam a ElRey, mostravam zelar o bem de sua pessoa, estado, e fazenda, a verdade era, porque sendo assi como elles diziam, ficavam fóra do senhorio absoluto que tinham daquelle Reyno, consumindo entre si todolos rendimentos delle de maneira, que rendendo elle passante de duzentos mil xarafins, os

que

que vinham em arrecadação dos livros d'El-Rey, além de comerem outros tantos, que não vinham aos livros, destes duzentos El-Rey tinha a menor parte, e a esta ainda davam sahida per despezas do Reyno feitas á sua vontade. E pois Affonso d'Alboquerque não sómente tirou estes Reys de Ormuz de cativeiro dos seus Governadores, mas ainda os fez senhores do seu, ante que passemos adiante, convem fazermos huma particular relação do estado do Reyno de Ormuz, e seu rendimento; porque vendo-se a grandeza delle, e a tyrannia dantes, e quão pouco tributo Affonso d'Alboquerque lhe poz, se veja que ElRey de Ormuz em ser vassallo delRey D. Manuel não recebeo sujeição, mas amparo, cá segundo eram tratados per aquelles tyrannos de seus Governadores, se elle Affonso d'Alboquerque tardára hum pouco em acudir ao que estava ordenado, não houvera de ficar nenhum da estirpe de Gordunxá primeiro fundador daquelle Reyno de Ormuz. Segundo vimos per hum quaderno do rendimento, e despeza deste Reyno, a renda delle era per duas maneiras: huma per entrada, e sahida das mercadorias da propria Cidade Ormuz, e per algumas cousas do meio della; e outra renda era das novidades, tributos, e impostos das terras deste

Rey-

Reyno, assi na parte da Arabia, e Persia, como de algumas Ilhas do seu mar dentro das portas do estreito. As da entrada da Cidade eram da Alfandega, que regularmente naquelle tempo andava em cem xarafins, que são da nossa moeda trinta contos, e as outras da Cidade andavam em quarenta e hum mil e trezentos xarafins. As rendas que tem nas terras da Arabia, e Persia são de Villas, e Lugares nos portos de mar, e alguns dentro pola terra; e os principaes são como cabeça de Almoxarifado, (fallando pelo nosso uso,) aos quaes acodem todolos outros da sua Comarca, (como dissemos das tanadarias de Goa,) e aos Governadores destas principaes cabeças chamam elles Guazil, e ao officio Guazilado. O principal dos quaes na costa da Arabia he a Villa Calayate, que rende dezenove mil e duzentos xarafins, per esta maneira: o mesmo Calayate onze, Mascate quatro, Soar mil e quinhentos, Orfacam outro tanto, Daba quinhentos, Laços setecentos, Julfar, que he outro Guazilado nesta parte da Arabia com toda sua Comarca, rende sete mil e quinhentos xarafins: e aqui não entram certas barcas de pescaria de aljofre, que se alli pesca, porque são obrigadas ir pagar a Ormuz por ser perto, e o que lá pagam val mil e quinhentos xarafins, e per esta manei-

neira val o rendimento de toda Arabia vinte e oito mil e duzentos xarafins. E não dizemos aqui o rendimento da Villa Catife, nem da Ilha Barem pegada com ella do interior do eſtreito, porque neſte tempo andavam rebeladas a ElRey de Ormuz, e não era eſte rendimento couſa certa, ſendo mui groſſo, (como adiante veremos em ſeu lugar, quando fizermos a deſcripção deſte eſtreito.) Na terra da Perſia tem o guazilzado de Minao, onde ſe faz huma feira, que dura em quanto ſe acolhe a tamara do Mogoſtão, que são os mezes de Maio té Agoſto, que rende dous mil e quinhentos xarafins. Outro guazilado ha na Villa Monajam, que he dentro neſte Mogoſtão, que rende tres mil e duzentos xarafins. E o guazilado da Villa Baſturde, que eſtá ao pé da ſerra no eſtremo do Reyno, rende mil xarafins. As aldeas Rudore, Baracó, Biabem, Darduze, Dajayza, e Queringon, que eſtá no Mogoſtão, quatro mil e duzentos, e os direitos dos camelos que ſe aqui vendem, mil e quinhentos. Tem mais os portos Cuzte, que rende trezentos, Chacoa ſetecentos e cincoenta, e Brainy mil, Ducat oitocentos, Agon mil e quinhentos, e a eſtes dous derradeiros portos vem ter as caſilas da Perſia. Per eſta maneira rendem as terras da Perſia dezeſeis mil e ſetecentos

xa-

xarafins, os quaes juntos ao rendimento da parte de Arabia, e corpo da Cidade, somma toda a renda deste Reyno cento noventa e oito mil setenta e oito xarafins, sem aqui entrar o que rendiam as Ilhas que tem, porque quasi tanto gastão quanto rendem; o qual rendimento era naquelle tempo do anno de quinze, e de outros annos atrás, que quasi foram iguaes. A qual renda, porque se saiba o modo do serviço daquelles Principes, diremos como se despendia, ainda que miuda, e particularmente vá, e iremos fazendo a conta destas despezas per leques, que he número da mesma terra, e xarafins, azar, candil, e dinar que he moeda, por não sahir dos termos da folha que houvemos destas cousas, tiradas dos livros da Fazenda dos Reys de Ormuz. Hum leque contém número de cincoenta xarafins, e hum xarafin val da nossa moeda trezentos reaes, e dous azares val hum xarafin, e dez candins meio xarafin, e cem dinares hum candil. E fazendo conta per este número, e moedas, despendia ElRey cada anno em sua cozinha vinte e quatro leques; e em cardamomo, areca, e cravo, de que se faziam certos bocados com alguns cordiaes, que elles entre dia costumam tomar pera as humidades do estomago, hum leque e meio; e em melões de todo o anno,

no, outro tanto. Em agua roſada, vinagre de cheiro, e romans, dous leques; e ao barbeiro que lhe fazia a barba cincoenta azares, e quarenta em pannos, onde vem a candea cuberta, quando ſe traz pera ſe pôr ante ElRey. Em azeite, e cera pera alumiar, e ſerviço da caſa, ſeis leques, e quarenta e dous azares; e outros ſeis, e tres azares em cinco tochas, que ardem no Paço, e mantimento de outros tantos eſcravos, que as tem na mão. E de perfumes, e outros cheiros dous leques e meio, e oito cadins; e hum leque, e oitenta azares pera *algodão*, com que enchem os colchões, e *almofadas*; e em certas ordinarias que dá *de açucar hum leque*, e vinte azares; e na agua, que ſe deſpende em ſua caſa, e eſtrebaria, a qual vem da terra firme em barcas, ſeis leques. Nos veſtidos de ſua peſſoa, e algumas cabaias, que dá a Fidalgos, e Embaixadores com ſeus feitios, cento e dous leques; e hum e meio em vivos das fotas que traz na cabeça; e cincoenta azares em feitio dos carapuções. E pera veſtido de ſuas mulheres, mancebas, e eſcravas, quinze leques. Em duas paſcoas que faz o Rabadão, em que dá de comer a certas peſſoas, quatro leques; e tres em duas feſtas na Lua de Maio, e Setembro; que fazem os ſeus Cacizes; e vinte leques em certas vezes que El-

ElRey vai á caça, onde chamam Turumbaque, que he huma ponta da Ilha, na qual caça ElRey dá de comer aos que vam com elle. Em falcões, açores, e caçadores, que tem no Mogostão, nove leques; e dous, e quatro azares em huma horta que tem, onde chamam Broco; e quinze, que despende em cavallos; e trinta e seis leques em cevada para elles, e de alcacér no tempo do verde, e hum leque em ferragem; e outro em freios, cabeçadas, sellas communs pera cavalgarem escravos, que os ensinam; e quinze leques em cavallos, que ordinariamente dá a certos Fidalgos do Mogostão; e dez em mercês a pessoas de casa, e outros dez a mulheres viuvas de seus officiaes, e outras pessoas pobres que pedem á porta, cinco leques; e em outras esmolas mais grossas a Cacizes, e parentes de Mahamed, quarenta e cinco leques; e em outras esmolas pelas almas dos passados, doze. E quarenta leques, oitenta e oito azares a quarenta e seis Cacizes da sua mesquita, que tem ordenado; e tres leques, e sessenta azares a outros, que de contino estam rezando por o pai defunto. Ao seu Guazil, e Governador pera cinco cavallos que tem, de ordenado cada hum anno cincoenta leques; e dous pera agua, que o Guazil despende em sua casa; e em compra de escravos dez leques;

ques; e tres que se gastam com os Embaixadores, quando chegam ao porto de Bander Angon; e vinte, que se gastam em mercês ordinarias; e trinta e tres em comedías de escravos, e escravas dos Reys passados; e ás suas bailadeiras, cinco; e aos tangedores, que vam diante delle quando cavalga, hum leque, e doze azares; e ao seu ourives hum leque e meio; e aos atabaleiros, que estam no Paço, outro tanto; e a doze homens, que vigiam de noite a gyros, e ao Guardamór delles, seis leques, e setenta e dous azares; e aos tintureiros, cincoenta azares; e a quatro porteiros, hum leque, e cincoenta e seis azares; e em repairo de casas de pedraria, e gesso, dez leques; e a sua mãi pera vestidos, outros dez; e pera mantença sua, e de seus parentes, cento quarenta e quatro leques; e dez a cinco mancebas; e a seis amas, e pessoas da creação de seus filhos, vinte e tres leques; e de ordenado a seus officiaes, e mires, duzentos e cincoenta leques; e de certas despezas miudas, cinco; e vinte e cinco de quitas a rendeiros. E tirada esta despeza, o mais que sobejava se mettia no thesouro delRey; e senão foram algumas liberdades, que antigamente eram concedidas aos vizinhos, tivera este Reyno dobrada renda; porque o Rey da Persia, que então era o

Xeque Iſmael, ſua mulher, filhos, e Embaixadores de tudo o que tiraſſem, e metteſſem em Ormuz não pagavam direito algum. E pela meſma maneira ElRey de Lara, o de Xiraz, o de Macram, o Xeque de Baſçora, o de Gualdel, o de Rexet, nem os Portuguezes, depois que alli tivemos fortaleza.

CAPITULO VIII.

Como Affonſo d'Alboquerque deſpachou D. Garcia de Noronha pera ſe vir pera eſte Reyno com a carga da eſpeciaria: e depois de ſua partida de Ormuz adoeceo Affonſo d'Alboquerque de enfermidade, que conveio partir-ſe pera a India: e do que paſſou no caminho té o porto de Goa, onde faleceo.

AFfonſo d'Alboquerque como vio que ſe chegava o tempo de ordenar a carga da eſpeciaria, que havia de vir a eſte Reyno, e que ſeu ſobrinho D. Garcia de Noronha ſe queria vir aquelle anno, deo-lhe a capitanía mór da Armada, e deſpachou-o que ſe foſſe pera Cochij dar aviamento, porque quando as náos deſte Reyno chegaſſem, eſtiveſſe tudo preſtes, ao qual deo todolos poderes que elle Affonſo d'Alboquerque tinha pera melhor aviamento. E o dia que D. Garcia partio per vontade d'El-

Rey

Rey de Ormuz, mandou-lhe metter em a sua náo Belém todolos parentes que alli tinha cegos com suas mulheres, filhos, e criados, os quaes além de fazerem despeza a ElRey, eram causa de muita torvação na terra; e escreveo aos Officiaes de Goa, que lhes dessem casas, e todo o necessario á custa da fazenda d'ElRey. Estes cegos costumavam os Reys de Ormuz fazer naquelles de sua linhagem, assi como irmãos, e parentes, que podiam herdar o Reyno; porque como todos estavam naquella Ilha, era este berço tão pequeno pera creação de tanto Principe, que por os ter quietos, e fóra de alguns rebuliços, de que muitos foram causa, não achavam os Reys melhor modo de os amansar, que privallos da vista com huma bacia de arame accendida em fogo posta ante os olhos. Partido D. Garcia já no fim de Agosto, ficou Affonso d'Alboquerque acabando de rematar algumas cousas pera segurança daquella fortaleza, cuidando elle que se podia ainda alli deter mais dias do que se deteve; mas quando veio a quinze de Setembro, adoeceo de camaras, as quaes elle já trazia do principio de Agosto; mas como era fragueiro, e pouco mimóso de sua pessoa, não se lançava em cama senão quando mais não podia. E porque a enfermidade não era pera visitações, e onze dias apertou

mui-

muito com elle, houve ſuſpeita que era fallecido de maneira, que lhe convcio dar huma viſta de ſi a quantos o quizeram ir ver. E hum dia que ſe achou bem, por ſegurar as couſas daquella Cidade, que eſtavam mui freſcas, e fazendo Deos delle alguma couſa, podia haver entre os noſſos alguma differença ſobre a ſuccesſão, mandou chamar todolos Capitães, aos quaes propoz o eſtado em que eſtava, e a enfermidade que tinha, quão perigoſa era nos homens de ſua idade; e que olhando elle quanto cumpria a ſua conſciencia, e ao ſerviço d'ElRey ſeu Senhor, queria, em quanto tinha tempo pera iſſo, ordenar huma peſſoa, pera que ſe o Deos levaſſe, o pudeſſe ſucceder naquelle cargo que tinha, té ElRey ſeu Senhor niſſo prover. Por tanto lhe pedia como leaes a Deos, e ao ſerviço d'ElRey, eſtarem por a nomeação que elle fizeſſe, e confiaſſem delle que ſaberia fazer eſta eleição, pola experiencia que tinha, e tempo em que eſtava, em que os homens não devem mentir a Deos, e a ſeu Rey. E com eſtas palavras diſſe outras, que movêram todos a compaixão, no fim das quaes todos promettêram eſtar polo que elle fizeſſe, de que mandou fazer hum auto a Pero d'Alpoem, em que todos aſſináram, e em ſegredo, (ſegundo ſe depois vio,) nomeou a Pero d'Alboquerque

ſeu

ſeu ſobrinho. E porque a enfermidade o tornou apertar, per conſelho de Medicos determinou de ſe partir pera a India, dizendo que no mar ſe havia de achar bem: com a qual nova ElRey de Ormuz o veio ver, ſentindo muito eſta ſua partida; porque como Affonſo d'Alboquerque o tratava como filho em amor, e como a Rey em reverencia, e nas couſas de ſeu eſtado, e ordem de ſua fazenda trabalhou muito; quando ſe vio ante elle começou de chorar, dizendo quão deſamparado ficava ſem ſua preſença, e tão temeroſo de ſua vida, por as couſas de Raez Hamed, que lhe parecia não poder viver muito. Ao que Affonſo d'Alboquerque reſpondeo, que elle lhe leixava alli ſeu ſobrinho Pero d'Alboquerque, o qual o havia de guardar, e defender, e procurar por ſuas couſas, como ſe foſſem d'ElRey de Portugal ſeu Senhor, e outras palavras com que o conſolou. Eſpedido ElRey, dahi a poucos dias o quizera tornar a ver; mas Affonſo d'Alboquerque ſe eſcuſou por ſua enfermidade não ſer pera viſitação de Principes, e como quem ſe acolhia ao remedio do mar, por na terra o apertar muito a doença, hum dia pela ſéſta encobladamente ſem rumor ſe embarcou em a náo de Diogo Fernandes de Béja, por ir já tão aborrecido da converſação da gente, que entregou a

ſua

ſua náo Nazareth a ſeu ſobrinho Vicente d'Alboquerque, ao qual mandou que recolheſſe todolos Fidalgos, e criados d'ElRey, e lhe déſſe à meza que elle coſtumava dar. E mandou diante a náo Enxobregas, Capitão Simão d'Andrade que foſſe ao porto de Calayate tomar huns cavallos que ahi mandára comprar pera guarda das tanadarias de Goa, e levou comſigo Aires da Silva, que elle leixava por Capitão mór do mar em favor da fortaleza de Ormuz, com duas caravellas, e duas galeotas pera dar huma viſta áquella coſta de Calayate, onde elle fazia fundamento de chegar. ElRey de Ormuz como ſoube ſer elle partido polo modo que foi, houve rumor que o embarcáram morto; e por ſer certo diſſo, mandou duas terradas trás elle cheas de refreſco, e nellas Hacem Alle, que o viſitaſſe de ſua parte, pera ſe deſenganar ſe era verdade o que ſuſpeitava; o qual recado o foi tomar na paragem de Calayate em dia que a enfermidade lhe deo algum repouſo. E quando vio Hacem, por ſer muito ſeu familiar, e aſſi a lembrança que ElRey tivera de ſua viſitação, ficou com o prazer diſſo muito melhor de maneira, que quando Hacem tornou a Ormuz, diſſe que hia já são. Peró quando paſſou per Calayate, tornou a enfermidade outra vez apertar tanto, que eſpe-

pedio Aires da Silva, e não quiz esperar por Simão d'Andrade, pondo a proa na costa da India, na qual volta aquella tarde houve vista de huma náo, a que mandou hum bargantim que levava pera recados que lhe trouxesse o Capitão, Mestre, e Piloto. Com os quaes depois que vieram, ficou só; e porque sentio em Alexandre d'Ataíde lingua, que tinha sabido destes Mouros alguma cousa, de que não estava contente, e que podia dar a elle paixão, deo-lhe juramento nos Evangelhos que não encubrisse nenhuma cousa das que aquelles Mouros dissessem: então começou de lhe perguntar donde vinham, e que novas havia da India. Os quaes respondêram virem de Dio, e que á India eram chegadas doze náos de Portugal, e nellas vinha por Capitão mór Lopo Soares; e o que logo mais confirmou esta nova, foram duas cartas que lhe estes Mouros apresentáram, dizendo que nellas veria sua Senhoria mais certas novas do que elles podiam dar, porque huma era de Cide Alle de Dio seu servidor, e outra do Embaixador do Xeque Ismael, que estava em Cambaya. E na carta de Cide Alle não sómente nomeava Lopo Soares por Capitão mór, e Governador da India, mas ainda os Capitães das náos, e das fortalezas, e assi algumas pessoas notaveis que vinham

com

com officios. Affonſo d'Alboquerque lida a carta, temendo que eſtas novas podiam fazer alguma mudança no que elle leixava ordenado em Ormuz pera onde a náo hia, tomou-lhe quantas cartas levavam de Dio, e pera iſſo lhe mandou dar juramento, e deo-lhe outras pera ſeu ſobrinho Pero d'Alboquerque, dando-lhe aviſo do que devia fazer. Eſpedidos eſtes Mouros com mercê que lhe fez, ficou ſó com Diogo Fernandes, e Pero d'Alpoem; e tornando ler a carta de Cide Alle, quando veio a dizer, que vinha Lopo Soares por Capitão mór, diſſe: *Lopo Soares por Capitão mór á India! eſte he, e não podia ſer outro; e Diogo Mendes, e Diogo Pereira, que eu mandei prezos ao Reyno por culpas que tinham, ElRey Noſſo Senhor os torna cá mandar, hum por Capitão, e Feitor de Cochij, e outro por Secretario! tempo he de acolher á Igreja, e aſſi fico eu mal com ElRey por amor dos homens, e mal com os homens por amor d'ElRey.* E levantando as mãos a Deos, diſſe que lhe dava muitas graças, pois em tal tempo ElRey mandava Capitão mór, porque, (ſegundo o eſtado em que ſe elle achava,) ſua vida ſería mui breve. E com iſto começou tomar huma contínua de palavras, dizendo: *Tempo he de acolher á Igreja*; e quanto goſto tinha de dizer iſto,

tan-

tanto lhe aborrecia comer, e todalas couſas de folgar, e prazer, que Diogo Fernandes, e Pero d'Alpoem lhe repreſentavam, por lhe verem enfraquecer muito os eſpiritos, aſſi com a enfermidade, como com as novas que lhe deram, eſperando elle outras couſas de ſeu galardão. E o que mais o enfraqueceo, foi junto de Dabul, onde achou huma náo que fora em companhia de Lopo Soares, na qual hia por Capitão, e armador hum Joannes Impole, o qual per mandado de Lopo Soares hia a Dio a vender mercadoria, e fazer roupa pera levar a Malaca, onde per ſeu contrato havia de ir carregar. O qual Joannes mui particularmente lhe contou couſas que pera ſua ſaude foram veneno, e pera a quietação do ſeu eſpirito mui damnoſas; porque vendo elle as que ElRey cá ordenára pera o governo da India, tão contrarias ao que elle entendia que deviam ſer, e do que lhe tinha eſcrito, foram para elle huma abreviação da morte. Eſpedido Joannes, chegou ſobre a barra de Dabul já com ſinaes della, onde não fez mais detença que em quanto lhe trouxeram huns poucos de figos, rabãos, e outras verduras, as quaes fizeram nelle pouco alvoroço, por lhe tudo aborrecer, e de nenhuma couſa tinha mais ſede, que de chegar a Goa. A qual elle chamava terra

da ſua promiſsão, por a grande eſperança que ſempre teve de lhe ElRey nella dar algum galardão de ſeus ſerviços com accreſcentamento de honra: cá em algumas cartas que lhe ElRey eſcrevia ácerca do contentamento que tinha das vitorias que lhe Deos dava, iſto lhe dava entender. E poſto que as novas que elle houve de Lopo Soares lhe quebráram o animo deſta eſperança, ainda confiado na grandeza de ſeus ſerviços, deſejava em extremo ver cartas d'ElRey, porque nellas podia ver couſa que lhe deſſem mais vida, do que a enfermidade promettia. Indo aſſi com eſta agonia do eſpirito, e morte, que já com elle começava lidar, porque Diogo Fernandes, e Pero d'Alpoem viam que muita parte daquelle trabalho em que eſtava, era por não ver em ſua vida algum galardão de ſeus ſerviços, polo aliviar daquella dor do animo, fizeram com elle que eſcreveſſe alguma carta pera ElRey, quaſi como que niſſo em alguma maneira podia deſabafar. O qual, importunado delles, mandou eſcrever eſtas regras, que já mal aſſinou: *Senhor, eſta he a derradeira que com ſoluços de morte eſcrevo a Voſſa Alteza, de quantas com eſpirito de vida lhe tenho eſcrito, pola ter livre da confuſão deſta derradeira hora, e muito contente na occupação de ſeu ſerviço. Neſte*

Rey-

Reyno leixei hum filho per nome Braz d'Alboquerque, ao qual peço a Vossa Alteza que faça grande, como lhe meus serviços merecem. Quanto ás cousas da India, ella fallará por si, e por mim. Chegado á barra de Goa, onde eram todos seus desejos, parece que permittio Deos pera sua salvação não sahir em terra: cá não houve mais espaço que em quanto o Padre Fr. Domingos Vigairo geral, que elle já diante per o bargantim tinha mandado buscar, esteve com elle nas cousas de sua alma, a qual deo a Deos da chegada á barra a cinco horas hum Domingo pela manhã dezeseis de Dezembro de quinhentos e quinze, em idade de sessenta e tres annos. E té aquella hora que espirou, sempre em suas palavras, e acenos mostrou estar em perfeito juizo, e prompto em Deos, mandando que lhe rezassem a Paixão de Christo, de que elle era mui devoto; e logo naquelle dia foi tirado da náo em hum catele cuberto de brocado, e almofadas pera a cabeça, vestido seu corpo em hum habito branco da Ordem de Sant-Iago, de que elle era Commendador, com as mais insignias dos Cavalleiros della. E derredor do pescoço huma beca de veludo, e na cabeça sobre huma coifa de ouro, huma carapuça de veludo, tendo os olhos meios abertos sem aquella fealdade que a mor-

morte dá; de maneira, que assi morto todos lhe tinham aquelle acatamento, e reverencia que lhe em vida guardavam. Posto em terra, onde já estava o Capitão da Cidade D. Guterre de Monroy com todolos Fidalgos, e gente della, foi levado o seu corpo per elles com hum pallio que o cubria; e era tamanho o choro em todos, que os Frades de S. Francisco, e os Clerigos o não puderam encommendar. E como os Gentios Canarijs da terra nestes casos da morte usam de muitas gentilidades por pranto, e dó, vendo o seu rosto descuberto com aquella honra, e gravidade de sua pessoa, e alvura da barba, que a idade, e trabalhos lhe tinham dado, faziam, e diziam cousas, que não havia pessoa que se tivesse ao choro, e principalmente movidos com o pranto de quantas mulheres elle tinha casado. Com este choro, e sentimento foi enterrado em huma Capella de N. Senhora, que elle mandára fazer na porta da Cidade, a que chamam de N. Senhora da Serra, por causa da vocação da Casa que fez, pola razão que já dissemos, na qual tem Missa cotidiana, que hoje se diz por sua alma, com renda que pera isso lá ordenou. Foi Affonso d'Alboquerque filho segundo de Gonçalo d'Alboquerque Senhor de Villa-verde, e de D. Lianor de Menezes sua mulher, filha de

D.

D. Alvaro Gonçalves d'Ataíde primeiro Conde da Atouguia. Em vida d'ElRey D. João o Segundo foi seu Estribeiro mór: era homem de compassada estatura, rosto alegre, e gracioso; ao tempo que se indignava, tinha hum acatamento triste, trazia sempre a barba mui comprida, depois que começou mandar gente; e como era alva, dava-lhe grande veneração. Era homem de muitas graças, e motes, e em algumas manencorias leves no tempo do mandar soltava muitos que davam prazer a quem estava de fóra: fallava, e escrevia muito bem ajudado de algumas letras Latinas que tinha. Era sagaz, e manhoso em seus negocios, e sabia enfiar as cousas a seu proposito: trazia grandes anexins de ditos pera comprazer a gente, segundo os tempos, e qualidade da pessoa de cada hum. Era mui fragueiro, e rixoso, se o não comprazia qualquer cousa: cansava muito os homens no que lhes mandava fazer, por ter hum espirito apressado: foi de muita esmola, e devoto, no enterrar dos mortos elle era o primeiro. Nas execuções foi hum pouco apressado, e não mui piedoso, fazia-se temer muito aos Mouros, e tinha grandes cautelas pera delles levar o melhor. Não foi casado, e porém teve hum filho natural, a que leixou sua herança, e nome, ao qual ElRey D. Manuel

fez

fez mercê de trezentos mil reaes de juro, e o casou com D. Maria filha de D. Antonio de Noronha Escrivão da Puridade d'ElRey D. Manuel, e filho do Marquez de Villa Real D. Pedro de Menezes, ao qual D. Antonio ElRey D. João o Terceiro Nosso Senhor fez Conde de Linhares.

FIM DO LIVRO X. DA DECADA II.

00046066

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 25 June, 2016